Author of the bestselling *This Man* trilogy

Jodi Ellen Malpas

One Night: *promised*

'One night will never be enough…'

Ner

Disponibilização: Juuh Allves

Tradução: Ana Rosa

Revisão Inicial: Ana Rosa

Revisão Final:Ana P.

Leitura Final: Regina

Formatação: Regina

Verificação : Alessandra

Sinopse

Livy reparou nele no momento em que ele entrou no café. Ele é deslumbrante, imponente, com olhos azuis tão penetrantes que ela mal dá conta do pedido. Quando sai pensa que nunca mais voltará a vê-lo. Até que descobre a nota que ele deixou no guardanapo, assinado «M».

Tudo o que ele quer é uma noite para a amar. Sem ressentimentos, sem compromissos, apenas prazer sem limites. Olivia e Miller. São tão diferentes como o dia da noite. O desejo entre eles é inegável. Ele é distante, agradável e misterioso: sabe sempre o que quer e o quer é Livy. Ela é doce e atenta, uma jovem dos dias de hoje. Deseja ser feliz e amada, mas quando Miller entra na sua vida percebe que perdeu o controle sobre si e sucumbe à paixão desenfreada. Livy deve ouvir o coração ou a razão? Ela sabe que para o ter de corpo e alma, terá de enfrentar os segredos obscuros de Miller, mas também receia que isso lhe trará consequências devastadoras.

Prólogo

Ele havia falado. Ela sabia que ele ficaria sabendo, desde que ele tinha olhos e ouvidos em todos os lugares, mas isso não a impediu de desobedecer. Era tudo parte de um plano para conseguir o que queria.

Ela tropeçou pelo corredor escuro do clube decadente de Londres em direção ao seu escritório, ela não estava ciente de sua estupidez. Sua determinação e muito álcool a impedia. Tinha uma casa de família linda, pessoas que a adoravam e a amavam, que a fazia se sentir amada e valorizada. No fundo, sabia que não havia nenhuma boa razão para expor seu corpo e sua mente para aquele mundo sórdido e desprezível. Mas ele estava de volta naquela noite. E seria o próximo.

Ela sentiu um nó no estômago quando se aproximou da porta de seu escritório.

Seu cérebro, afogado em álcool, estava ativo apenas o suficiente para permitir que levantasse a mão e segurasse a maçaneta da porta. Soluçou novamente e mais uma vez outra perda de equilíbrio em seus saltos altos ridículos, entrou no escritório de William.

Ele era um homem atraente no final dos trinta anos, com um cabelo espesso que estava começando a ficar grisalho nas têmporas, que lhe dava uma aparência madura e distinta para combinar com suas roupas. Seu maxilar era largo e severo, mas seu sorriso era amigável, quando decidia revelá-lo, o que não era muito frequente. Seus clientes masculinos jamais o tinham visto. William preferia mostrar essa pose de durão que fazia todos os homens tremer em sua presença. Mas para as meninas seus olhos brilhavam sempre, e sua expressão era suave e reconfortante. Ela não entendia, ou fingia não entender. Só sabia que precisava dele. E sabia que William também sentia afeto por ela, então usava essa fraqueza contra ele.

O coração duro do homem de negócios amaciava com todas as meninas, mas com ela virava purê.

William olhou para a porta enquanto ela entrava tropeçando e levantou a mão para parar a conversa que mantinha com um homem alto em pé na frente da sua mesa. Uma das suas regras era que tinham sempre que bater na porta e esperar que ele permitisse a entrada, mas ela nunca o fez, e William nunca a repreendia por isso.

— Continuaremos depois com isso — ele disse e despachou seu parceiro, que saiu imediatamente, sem protestar e fechando a porta silenciosamente ao sair.

William levantou-se e alisou o casaco, quando saiu detrás de sua enorme mesa.

Mesmo através da neblina do álcool, ela poderia ver com perfeita clareza a preocupação em seu rosto. E também um ponto de irritação. Ele se aproximou dela devagar, com cautela, como se tivesse medo de sair correndo e agarrar seu braço suavemente. Ele a colocou em uma cadeira acolchoada de couro que tinha contra sua mesa e se serviu de um uísque e passou-lhe uma água fria antes de se sentar.

Ela não sentia medo na presença daquele homem tão poderoso, mesmo estando tão vulnerável. Por mais estranho que pareça se sentia segura. Ele faria o que fosse preciso por suas meninas, até mesmo castrar qualquer um que passasse de sua linha. Tinha regras específicas, e nenhum homem em seu perfeito juízo iria se atrever a ignorá-las, porque eles arriscariam muito mais que suas vidas. Ela tinha visto o resultado e não foi agradável.

— Eu disse que estava tudo acabado — anunciou William tentando não parecer bravo, embora ele apenas conseguisse adotar um tom cheio de compaixão.

—Se você não me quer, irei procurar outro — balbuciou ela.

A embriaguez tinha injetado valor em sua pequena estrutura. Ela jogou a bolsa na mesa em frente a ele, mas William ignorou sua falta de respeito e empurrou de volta para ela.

—Precisa de dinheiro? Vou te dar dinheiro. Mas não quero vê-la mais nesse mundo.

—A decisão não é sua — ela respondeu sem medo, sabendo muito bem o que estava fazendo. Seus lábios sérios e olhos cinzentos indicaram o que vinha a caminho. Ela estava apertando as porcas.

—Tem dezessete anos e uma vida inteira pela frente. William levantou-se, e rodeou a mesa e sentou em um canto na frente dela.

— Você mentiu pra mim sobre sua idade, você pulou uma série de regras e agora se recusa a deixar que eu endireite a sua vida novamente. – Ele agarrou seu queixo e levantou o rosto desafiador para ele.

— Perdeu o meu respeito e, o que é pior, você desrespeitou a si mesma.

Não sabia o que dizer sobre isso. Ele a tinha enganado, tinha armado uma armadilha para trazê-la mais para perto.

—Desculpe-me — arrastou as palavras em um murmúrio e afastou-se para dar um gole longo na água. Não sabia mais o que dizer, e embora encontrasse as palavras, nunca seria o suficiente.

Ela sabia que a compaixão que William sentia em relação a ela poderia minar o respeito que ele tinha ganhado nesse negócio de Vicio e perversão, e sua recusa em deixá-lo resolver sua situação, uma situação que ele era responsável, só comprometeria ainda mais sua reputação.

William então se ajoelhou diante dela e apoiou as grandes palmas da mão nas pernas nua.

—Qual dos meus clientes ignoraram minhas regras dessa vez?

Ela deu de ombros, decidiu não revelar a identidade do homem que a tinha seduzido para sua cama. Ela sabia que William tinha alertado a todos para não se aproximarem dela... Mas, ela tinha conseguido enganá-los, assim como William.

—Não importa.

Ela queria que William se chateasse com sua insolência, mas ele manteve a calma.

—Não vai conseguir o que pretende. — William se sentiu como um canalha por deixar escapar essas palavras duras. Ele sabia o que ela procurava— Não posso cuidar de você – acrescentou calmamente, puxando a bainha do seu vestido curto.

—Eu sei.

Ele respirou fundo e, em seguida, cansadamente. Ele sabia que ela não pertencia ao seu mundo. Ele nem tinha certeza se estava fazendo isso. Nunca tinha deixado que a compaixão interferisse em seus negócios, nunca tinham sido exposto a situações que poderiam arruinar sua posição respeitada, mas essa menina tinha colocado seu mundo de cabeça para baixo. Eram aqueles olhos azuis safira... William nunca tinha consentido que seus sentimentos afetassem seus negócios, ele não podia pagar, mas dessa vez tinha falhado.

Ele levantou sua mão enorme para acariciar a face macia de porcelana e o desespero refletido em seus olhos atravessou seu coração duro.

—Me ajude a fazer a coisa certa. Você não pertence ao meu mundo — ele disse.

Ela assentiu com a cabeça, e William suspirou aliviado. Aquela garota era muito linda e muito imprudente, uma combinação perigosa. Isso era pedir pra ter problemas. Ele estava furioso consigo mesmo por deixar isso acontecer, apesar de sua decepção.

Ele cuidava de suas garotas, respeitando-as e certificando que seus clientes também as respeitassem e sempre mantinha os olhos abertos no caso de acontecer algo que as colocasse em perigo, mentalmente e fisicamente. Ele sabia o que iam fazer antes que eles fizessem. Mas ela tinha penetrado sua guarda. Ela conseguiu enganar ele. No entanto, ele não a culpou. Ele se culpava. Sua beleza jovem tinha descentralizado uma beleza que permanecia gravada em sua mente para sempre. Ele aceitaria, e dessa vez certificaria de que ela não voltasse. Ele se preocupava demais para mantê-la lá. E isso causou uma dor escaldante em sua alma escura.

Capítulo Um

Não há nada como um café perfeito. E, claro, não há nada como preparar um café perfeito na Nave Espacial Café como a que eu tinha na minha frente.

Estou há dias observando como Sylvie, a outra garçonete, completa a tarefa sem problemas, enquanto fala pega outra xícara e entrega na ordem do caixa. Mas eu só consigo fazer uma bagunça de café em volta da cafeteira.

Reforçando a máquina de filtro um palavrão me escapa, portanto, tudo é preenchido com café moído.

—Não, não, não — Eu resmungo comigo mesma, enquanto pego o pano que carrego no bolso do meu avental.

O pano molhado é marrom, que revela as milhares de vezes que tive que limpar meu desastre hoje.

—Quer que eu faça isso? — A voz divertida de Sylvie arrastou-se sobre os meus ombros.

De jeito nenhum. Por mais que eu tente, é sempre igual. Essa nave espacial e eu não nos damos bem.

Suspiro dramaticamente e ligo a máquina de metal grande, voltando-me para Sylvie.

—Sinto muito. Essa máquina me odeia.

Seus lábios rosa intenso são separados para formar um sorriso amigável e seu arco preto brilhante se move enquanto ela balança cabeça. Você tem mais paciência do que um Santo.

—Agora você vai dominá-lo. Quer limpar a mesa sete?

Levanto, pego uma bandeja e vou para a mesa recém - desocupada com a esperança de me redimir. Ela vai me despedir — sussurro enquanto carrego a bandeja.

Eu só trabalho aqui há quatro dias, mas quando me contratou, Del disse que só iria me levar de algumas horas de formação no meu primeiro dia, para pegar o jeito da máquina que domina a parte de trás do bistrô. Aquele dia foi horrível, e acho que Del compartilha as minhas ações e opinião.

— Não, não vai - diz Sylvie. Sylvie dispara a máquina, e o som de vapor correndo de espuma no tubo enche o bistrô. — Ele gosta de você, ela chama mais alto, agarrando uma caneca, em seguida, uma bandeja, em seguida, uma colher, um guardanapo e os pedacinhos de chocolate, tudo ao mesmo tempo girando o jarro de metal de leite com facilidade.

Eu sorri olhando para a mesa e passando um pano antes de pegar a bandeja e retornando para a cozinha. Conhece-me apenas há uma semana, mas já disse que não tenho nada de mal. Minha avó dizia a mesma coisa, mas acredita que devo me valorizar um pouco mais. Porque o mundo e as pessoas que nele habitam nem sempre são bons e gentis.

Eu deixei a bandeja de lado e comecei a encher a máquina de lavar louça.

—Você está bem, Livy?

Eu voltei para a voz rouca de Paul, o cozinheiro.

—Muito bem. E você? — Disse e continuei a assobiar e esfregar as panelas.

Estou colocando os pratos na lava-louças e digo o mesmo, que tudo vai ficar bem. Se eu conseguir manter essa máquina.

—Precisa de alguma coisa até que eu vá? – Perguntei a Sylvie da porta de vai e vem.

Eu invejo o fato de que ela é capaz de executar todas as tarefas tão facilmente e entusiasmada, de lidar com essa droga de cafeteira e empilhar os copos sem sequer olhar para eles.

—Não, — virou e secou as mãos em um avental... — Vá tranquila. Te vejo amanhã.

—Obrigado. Retirei o avental e pendurei — Adeus, Paul.

—Tenha uma boa noite, Livy! — exclamou acenando com uma concha sobre a cabeça.

Após ziguezaguear para sair entre as mesas na lanchonete, eu empurro a porta para ir para a rua. De repente cai sobre mim gotas enormes.

—Grande.

Eu sorrio, cubro minha cabeça com a jaqueta jeans e saio correndo.

Saltando entre as poças. Meu Converse não ajuda em nada para manter os meus pés secos e eles espirram a cada passo apressado que dou em direção ao ponto de ônibus.

Estou em casa, saio correndo e apoio as costas contra a porta uma vez lá dentro, para recuperar o fôlego.

—Livy? –A voz rouca de minha avó melhora meu estado úmido da mente instantaneamente.

—Livy, é você?

—Sim!

Penduro o casaco encharcado, levo meus estúpidos converse e sigo em direção a copa pelo longo corredor. Encontro minha avó apoiada na cozinha, removendo um pote enorme de algo que sem dúvida é sopa.

—Olá! —Deixou a colher de pau e aproximou-se com seu balanço típico. Para quem tem oitenta e um anos, ela é incrível e é muito alerta. —Você está encharcada!

—Não é tanto assim— eu garanto sacudindo meu cabelo enquanto ela inspeciona-me de cima a baixo com os olhos focados em minha barriga enquanto eu levanto a camisa.

—Você precisa ganhar peso.

Eu rolo meus olhos, mas o mantenho atualizado.

—Estou morrendo de fome.

O sorriso que se espalha por seu rosto enrugado me faz sorrir também; então ela me abraça e eu esfrego suas costas.

—O que você fez hoje vovó? —Eu perguntei.

Eu me liberto para sentar a mesa.

—Sente-se.

Eu obedeço e imediatamente pego a colher que já estava pronta.

— Foi bom?

Olha para mim com a testa franzida.

—Bom, o que?

—O que fez hoje – falo mais uma vez.

—Ah! –pegou um guardanapo — Nada de extraordinário. Eu fui fazer compras e preparei o seu bolo de cenoura favorito. – Ela aponta para a bancada, onde um bolo estava esfriando sobre um rack de arrefecimento. Mas não era de cenoura.

—Não era bolo de cenoura? —Pergunto enquanto a observo retornar para servir duas tigelas de sopa.

—Sim, já disse que eu fiz o seu bolo preferido, Livy.

— Mas meu favorito é o de limão, vó. Você sabe.

Ela leva as tigelas para mesa sem, derramar uma gota e coloca-os sobre.

—Sim, eu sei. Então eu preparei uma torta de limão.

Dei mais uma olhada ao redor da cozinha e vi que não estava enganada.

—Vovó, isso parece com um bolo de abacaxi.

Sentou na cadeira e me olhou como se eu não estivesse bem da cabeça.

—É que é um bolo de abacaxi. —Afundou a colher na tigela e saboreou um pouco de sopa de coentro antes de pegar um pouco de pão que tinha acabado de assar – Eu fiz o seu favorito.

Eu fico confusa. Após essa breve troca, já não tenho ideia de que bolo ela fez, mas é tudo igual. Olho para minha amada avó e vejo como ela come. Parece bem e não parece confusa. Esse é o começo? Eu me inclino para frente.

—Vovó, você está bem? —Estou preocupada.

E ela estoura em uma gargalhada.

—Estou te levantando o cabelo, Livy!

—Vovó! —Eu repreendo, embora eu me sinta melhor instantaneamente—. Você não deve fazer isso.

—Ainda não perdi a cabeça. –Ela aponta a tigela com a colher... — Jante e me diga como você foi hoje.

Suspiro dramaticamente e retorno a minha sopa.

—Não consigo pegar o jeito no café, é um problema, porque noventa por cento dos clientes pedem algum tipo de café.

— O que fazer com isso — diz com confiança, como se ela fosse uma especialista sobre o uso da maldita máquina.

—Não sei. Eu não acho que irão me deixar apenas limpando mesas.

—Bem, mas fora o café, está feliz?

Eu sorrio.

—Sim, muito.

—Bem. Você pode não cuidar de mim eternamente. Uma garota como você deveria sair e se divertir, não pretende ficar aqui com sua avó. — Olhei com atenção... — Além disso, eu não preciso de ninguém para cuidar de mim.

—Eu gosto de cuidar de você — eu respondi com calma, e me preparei para a típica

conversa. Poderia argumentar isso até que eu estivesse sem fôlego e ainda ser discordado. É uma mulher frágil, não fisicamente, mas mentalmente, mesmo insistindo que está bem. Tome ar. Eu temo o pior.

—Livy, Eu não vou abandonar as pastagens de Deus até ver que sua vida está em ordem, e isso não vai acontecer se você passar o dia me dominando. Eu já estou velha, então é melhor você começar a se mover.

Eu faço uma careta.

—Eu mesmo já disse. Estou feliz.

—Feliz se escondendo de um mundo que tem tanto a oferecer? —pergunta muito séria.

— Você tem que começa a viver, Olivia. Acredite, o tempo passa. Antes de perceber, você estará colocando uma prótese e vai ter medo de tossir ou espirrar sem fazer xixi.

—Vovó! —Eu me engasgo com um pedaço de pão, mas ela não está brincando. Fala sério, desde que nos envolvemos nessas conversas.

—Baseado em fatos reais — suspira— Vá. Aproveite tudo o que a vida colocar em seu caminho. Você não é sua mãe, Oliv...

—Avó – repreendi em tom severo.

Ela encostou-0se na parte de trás da cadeira. Eu sei que fiquei frustrada, mas eu estou bem como eu sou. Eu tenho vinte e quatro anos, eu moro com minha avó desde que nasci, e assim que eu terminei os estudos, crio todos os tipos de desculpas para ficar em casa e ser capaz de vê-la. Mas embora eu esteja feliz por cuidar dela, ela não está.

—Olivia, segui com minha vida, e você também deveria fazer o mesmo. Eu não deveria mantê-la.

Eu sorri e não sabia o que dizer. Ela não estava ciente disso, mas eu precisava me manter aqui. Porque no final de tudo, eu sou a filha da minha mãe.

—Livy, dê uma alegria a sua avó. Coloque algum salto e vai se divertir.

Sou eu que agora afundo na cadeira. Ela não pode ajudar.

—Avó, não sou louca de colocar saltos altos. —Meus pés doem só de pensar.

— Quantos pares você tem desse tênis de lona? –ela pergunta passando mais manteiga no pão e entregando para mim.

Respondo sem nenhuma vergonha — doze. Mas eles são de cores diferentes. Pensei em comprar um amarelo nesse sábado.

Eu afundo meus dentes no pão e sorrio quando a vejo bufar de desgosto.

—Bem, mas saia e divirta—se. Gregory sempre te convidado para sair. Por que não aceita uma das suas ofertas constantes?

—Eu não bebo. Eu queria que ela parasse com isso. ——E Gregory me arrastaria por todos os bares gay, expliquei levantando as sobrancelhas. Meu melhor amigo dorme com homens suficientes para nós dois.

—Qualquer bar é melhor que nada. Talvez você goste. Aproxima-se e limpa um pouco de migalhas em seus lábios. Então acaricia suavemente a minha bochecha. Eu sei o que ela vai dizer: — é incrível o quanto você se parece com ela.

—Eu sei.

Apoiei a mão na sua e a deixei lá, enquanto ela refletia em silêncio. Eu não me lembro muito bem de minha mãe, mas eu vi as fotos, e sou uma cópia exata dela.

Até o cabelo loiro é semelhante às ondas caindo em cascata sobre os meus ombros, como se fosse demais para o meu corpo pequeno suportar. É extremamente pesado e só se comporta se eu o deixar secar ao ar livre. E meus olhos eram grandes e azuis escuros, como de minha avó e do meu pai, eles têm um brilho cristalino. Muitas vezes as pessoas me diziam que pareciam safiras. Não vejo isso. Eu pinto por escolha, não por necessidade, mas sempre aplico um pouco de maquiagem na minha pele clara.

Depois de dar-lhe o tempo suficiente para se lembrar, eu tiro de sua mão e a coloco próximo a sua tigela.

—Coma, vó — eu disse suavemente e continuei a tomar minha sopa.

Arrastando-se de volta para o presente, continuou com o seu jantar, mas em silêncio. Ela nunca... superou o estilo de vida imprudente de minha mãe, um estilo de vida que roubou sua garota. Já se passaram dezoito anos e ela ainda sente falta da minha mãe terrivelmente. Eu não. Como você pode perder alguém que acabou de conhecer? Mas ver a minha avó mergulhar na tristeza de vez em quando, eu acho doloroso.

Sim, definitivamente há algo a ser dito sobre como fazer a perfeita xícara de café. Eu estou olhando para a máquina novamente, mas hoje eu estou sorrindo. Já fiz isso — a quantidade correta de espuma, a suavidade como a seda e o pouco pó de chocolate, formando um coração perfeito no topo. É só uma pena que sou eu quem está bebendo, não um cliente agradecido.

—É bom? —pergunta Sylvie, com emoção. Assento com um gemido e deixo o copo cair.

—A máquina de café e eu nos tornamos amigas.

—Bom! —gritou e me deu um abraço de alegria.

Combinando com seu entusiasmo, eu ri. Olho sobre seu ombro e vejo que a porta do refeitório se abre.

—Receio que a hora do rush de meio-dia está prestes a começar — eu digo quando me separo dela — Eu cuidarei disso.

—Oh! Ela é cheia de confiança! – Sylvie ri e sai para me dar acesso ao balcão. Sorrio e me dirijo ao homem que acabou de chegar.

— O que posso fazer por você? —Pergunto, eu tenho que escrever seu pedido, mas não me responde. Levantei os olhos e o surpreendi me observando atentamente. Eu comecei a agitar nervosa, desconfortável em seu exame. — Senhor? —Eu pude falar.

Abriu os olhos arregalados.

—Eh..., um cappuccino, por favor. Para viagem.

—Claro.

Eu comecei a me afastar e deixei o Senhor olhos arregalados reunindo-se. Vou a minha nova melhor amiga, encho o filtro de café e coloco com sucesso no suporte. Por enquanto, tudo bem.

—Essa é a razão por que não vai ser demitida— sussurra Sylvie acima de meu ombro, que me faz pular.

—Cala a boca – repreendo-a enquanto pego uma xícara para viagem da prateleira e coloco-a sob o filtro antes de apertar o botão correto.

—Ele está olhando.

—Sylvie, é suficiente.

—Dê o seu número.

— "Não!" Eu digo muito alto, verificando rapidamente sobre o meu ombro. Ele está olhando para mim. 'Eu não estou interessada.

—Ele é bonito. Conclui Sylvie, e eu tenho que concordar. Ele é muito bonito, mas estou muito desinteressada.

—Não tenho tempo para relacionamentos.

Isso não é verdade. Esse é meu primeiro emprego, e antes disso, eu levei a maior parte da minha vida adulta cuidando da minha avó. Agora eu não tenho certeza se realmente preciso cuidar dela ou se é apenas a minha desculpa.

Sylvie encolhe os ombros e me deixa continuar. Eu termino, sorrindo enquanto eu despejo o leite no copo antes de soltar uma gota de poeira na espuma e fixar uma tampa. Estou muito orgulhoso de mim mesmo e é óbvio no meu rosto sorrindo enquanto eu me viro para entregar o cappuccino para Sr. grandes olhos.

—Duas libras e oitenta, por favor. Eu vou colocar o copo para baixo, mas ele me intercepta e o leva do meu lado, garantindo contato da forma como ele faz.

—Obrigado, diz ele, puxando meus olhos até os seus, com suas palavras suaves.

—De nada. —Eu tomo lentamente minha mão da sua, aceitando a nota de dez libras que ele me entrega. — —Eu vou pegar o seu troco.

—Não há necessidade. Ele balança a cabeça suavemente e examina o meu rosto. —Mas, eu não me importaria de ter o número de seu telefone.

Sylvie ouvia com deboche da mesa que estava limpando naquele momento.

—Sinto muito, mas eu tenho namorado.

Digitei seu pedido no caixa, recolhendo seu troco rapidamente, ignorando o gesto de desagrado de Sylvie.

—Claro que você é. Ele ri levemente, parecendo envergonhado. —Como estúpido da minha parte.

Eu sorrio, tentando aliviar seu desconforto. —Está tudo bem.

—Eu não peço o telefone para todas as mulheres que conheço — explica— Eu não sou uma aberração.

—Honestamente, não há problema.

Estou me sentindo envergonhado agora, e eu estou silenciosamente desejando que ele saia antes que eu jogue um copo de café na cabeça de Sylvie. Eu posso senti-la olhando para mim em estado de choque. Eu começar a reorganizar os guardanapos, qualquer coisa para me tirar da desconfortável situação. Eu poderia beijar o homem que caminha por trás, parecendo que ele está com pressa.

—Devo atender o cliente que acabou de chegar — digo apontando por cima do ombro do Sr. olhos arregalados, para o empresário com aparência de estressado.

—Claro que sim! Desculpe-me. Ele se afasta e ergue o café em forma de obrigado. —Até qualquer dia.

—Adeus. Levantei a mão, e então olhei para meu próximo cliente.

—O que gostaria, senhor?

—Café com leite, sem açúcar. E rápido — diz sem olhar para mim antes de responder ao telefone, se afastando do balcão e joga sua bolsa sobre uma cadeira.

Eu ainda estou semiconsciente da saída do Sr. grandes olhos, quando percebo as botas de motociclista e Sylvie vem apressada para mim, onde eu estou abordando a máquina de café novamente. —Eu não posso acreditar que você não quis!, sussurra duramente. —Ele foi adorável.

Apresso-me a preparar o meu terceiro café perfeito, sem dar atenção que seu espanto merece. —Ele estava bem, eu respondo indiferente.

—Sim, ele estava bem.

Eu não olhei, mas sabia que ela estava virando os olhos.

—Você é inacreditável — murmura e imediatamente sai, com sua voluptuosa bunda balançando de um lado para o outro como um macaco preto.

Triunfalmente sorrio novamente, enquanto entrego meu terceiro café perfeito. O sorriso vai embora quando o cliente estressado coloca três libras na mão, pega o café e sai sem nem dizer obrigado.

Não parei durante todo o dia. Entrei e saí da cozinha, limpando um monte de mesas e preparando dezenas de café perfeito. Durante os intervalos, eu conseguia ligar para minha avó, ganhando uma reprimenda por ser tão chata.

Perto das 17 horas, deixei-me cair em cima de uma das poltronas de pele marrom e abri uma lata de coca cola na esperança que cafeína e açúcar me trouxessem de volta à vida.

Estou morta.

—Livy, vou jogar o lixo fora, — diz Sylvie removendo o saco preto dos cubos. Você está bem?

—Maravilha.

Levanto a lata e apoio a cabeça na parte de trás do sofá, olhando as luzes do telhado para resistir à tentação de fechar os olhos. Eu não posso esperar para chegar à minha cama. Meus pés doem e preciso urgentemente de um chuveiro.

—Você trabalha aqui ou é um self—service?

Salto do sofá quando ouço o som daquela voz suave mas impaciente, e vou encontrar meu cliente.

—Desculpe—me!

Corro para o balcão, batendo meu quadril no canto da bancada e resistindo à vontade de amaldiçoar em voz alta. —O que posso fazer por você?— Eu pergunto, esfregando meu quadril enquanto eu olho para cima.

Eu cambaleio para trás. E eu definitivamente ofego. Seus olhos azuis penetrantes estão queimando dentro de mim. Profundo, profundamente em mim. Meu olhar desliza e leva em seu paletó aberto, um colete azul pálido, camisa e gravata, seu rosto é coberto por uma barba escura brotando do queixo, e seus lábios separados o suficiente. Então eu foco seus olhos novamente. É o azul mais intenso que eu já vi e eu vou em frente com um ar de curiosidade. Tenho diante de mim a perfeição encarnada e eu fico maravilhada.

—Geralmente você observa tão profundamente todos os seus clientes?— pergunta inclinando a cabeça para o lado com uma sobrancelha perfeita levantada.

—O que vai ser? —Eu pego o meu bloco e vou em direção a ele.

—Um café americano, com quatro tiros, duas de açúcar e tampa até a metade.

As palavras saem de sua boca, mas eu não posso ouvi-las. Vejo-os. Eu leio seus lábios e escrevo enquanto continuo olhando para ele. Sem perceber, que escrevo fora do bloco, e começo a rabiscar meus dedos. Ele olha para baixo intrigado.

—Olá? — pergunta impaciente novamente e levanta o olhar.

Deixo-me retornar para admirar no seu rosto. Estou atordoada. Não só porque é tremendamente impressionante, mas porque eu perdi todas as minhas funções de meu corpo, exceto os olhos, que funcionam perfeitamente e parecem ser incapazes de desconectarem-se da sua beleza impecável. Nem mesmo quando apoia as palmas descentralizadas sobre a mesa e se inclina para frente, levando um tufo rebelde de seu escuro desenfreado cabelo caindo na testa.

—Estou fazendo você se sentir desconfortável?—Perguntou. Eu li em seus lábios também.

—O que posso fazer por você? – Pergunto mais uma vez abanando meu bloco para ele novamente.

Ele aponta minha caneta com a cabeça.

—Você está me perguntando de novo. Você tem minha encomenda na mão.

Eu olho para baixo e vejo que eu tenho meus dedos manchados de tinta, mas não entendo o que diz, ou mesmo quando coloco o bloco na altura onde estava antes de desviar a caneta.

Lentamente, levanto os olhos e encontro os seus. Há um elemento de saber neles. Ele parece arrogante. Fico completamente perplexa.

Consulto as informações armazenadas no meu cérebro, nos últimos minutos, mas não acho um pedido de café, somente as imagens de seu rosto.

— Um cappuccino? — Perguntei esperançosa.

—Americano — responde suavemente com um sussurro — Com quatro tiros, açúcar e meio cheio.

—Certo! —Deixo meu estado patético de brilho e levo minha cabeça em direção à máquina de café. Minhas mãos tremem e meu coração está fora do peito. Bato o filtro contra a caixa de madeira para esvaziar as borras anteriores, com a esperança de que o barulho alto me faça voltar à sensatez. Isso não acontece. Ainda me sinto... estranha.

Joguei a alavanca do moedor e posiciono o filtro. Ele está me observando. Sinto aqueles olhos azuis preso em minhas costas enquanto eu preparo o café na máquina que acabei adorando. Embora não seja para mim agora. Ela não faz nada do que eu digo. Eu não consigo segurar o filtro no suporte; Minhas mãos trêmulas não ajudam em nada.

Respiro profundamente para me acalmar e começo de novo. Coloco o filtro e coloco a xícara abaixo. Aperto o botão e espero ela trabalhar sua mágica, mantendo minhas costas para o desconhecido atrás de mim. Durante toda a semana tenho trabalhado na cafeteria e essa máquina nunca tinha ficado tanto tempo pra fazer um café. Estou silenciosamente desejando que se apresse.

Depois de uma eternidade, pego o café, duas de açúcar a falta dele e eu tenho que adicionar a água.

—Express quatro — diz interrompendo o silêncio desconfortável com uma voz suave e rouca.

—Desculpe—me ? – Pergunto sem virar.

—Lhe pedi um quatro express.

Olho para o copo contendo apenas um e eu fecho os olhos, rezando para os deuses do café me ajudarem. Não sei quanto tempo levo para adicionar o três outros tiros, mas quando por fim vou entregar o café, ele está em um sofá, deitado de costas, com seu corpo definido esticado e batendo no braço com os dedos. O rosto dele não reflete qualquer emoção, mas percebi que ele não está feliz e por alguma estranha razão, isso me entristece muito. Estive todo o dia, perfeitamente, controlando a máquina de café, e agora, quando eu mais quero fingir que sei o que estou fazendo, eu só olho como uma idiota incompetente. Eu sou uma idiota, enquanto eu seguro o copo antes de colocá-lo em cima do balcão.

Ele olha para mim.

—Eu vou beber aqui — acrescenta com expressão séria e um tom neutro mais contundente.

Eu olho para ele e tento decifrar se ele está se fazendo de difícil ou se ele quis dizer isso. Não me lembro de ter me pedido pra levar. Tomei isso como garantido. Não parece o tipo de pessoa que se senta só para tomar um café na lanchonete do bairro. Ele parece ir a lugares mais caros para beber champanhe.

Pego uma xícara e pires. Coloco o café nela e coloco uma colher ao lado, antes de seguir em direção a ele. Por mais que eu tente, não consigo evitar o tremor da xícara no pires. Coloco na mesa de café e vejo como ele iria vira o prato antes de levantar a xícara, mas não esperava ver como ele bebia. Dei meia volta e fugi de lá.

Eu cruzo a porta de vaivém como um furacão e acho Paul colocando em seu casaco.

—Você está bem, Livy? —pergunta e me examina com seu rosto redondo.

—Sim.

Eu volto para a pia de metal para lavar as mãos suadas e, em seguida, o telefone da cafeteria começa a tocar na parede. Paul toma a iniciativa de atender quando chega à conclusão que estou determinada a esfregar minhas mãos até que elas desapareçam.

—É para você, Livy. Eu estou indo.

—Tenha uma boa semana, Paul — eu digo, e seco as mãos antes de pegar o telefone—. Diga?

—Livy, céus , você vai fazer algo hoje à noite? –Perguntou Del.

—Hoje à noite?

—Sim. Eu tenho uma degustação e havia me esquecido. Vá lá , seja uma boa menina e me dê uma mão.

—Uf, Del, eu adoraria, mas... — não sei por que eu disse que adoraria, porque eu não iria e não posso terminar a frase porque não acho a desculpa. Não tenho nada para fazer hoje à noite, além de perder tempo com a minha avó e ouvir como me repreenderá por vários motivos.

—Vamos, Livy, vou lhe pagar bem. Estou desesperado.

—Qual é o horário? —Suspiro e me apoio contra a parede.

—Você é a melhor! Das sete à meia noite. Não é difícil querida. Terá apenas que andar por lá com as bandejas de canapés e taças de champagne.

É uma droga? Ele inda está andando, e meus pés nessa fase já estão me matando.

—Eu tenho que ir para casa para ver como está a minha avó e me trocar. O que devo vestir?

—Vá de preto e esteja na entrada pessoal do Hilton on Park Lane às sete, ok?

—Ok.

Ao desligo e deixo minha cabeça cair, mas minha atenção é desviada para a porta de vai e vem quando Sylvie cruza com seus olhos castanhos arregalados.

—Você viu isso?

Sua pergunta me fez lembrar imediatamente da magnífica criatura que deixei tomando café lá fora. Eu quase ri quando coloquei o telefone no seu lugar.

—Sim, eu vi.

—Porra, Livy! Homens como esse devem vir com um sinal de aviso. – Deu uma olhada no salão e começou a abanar o rosto. —Foda-se, ele está soprando o café para esfriar.

Não preciso vê-lo. Posso imaginar.

—Vai trabalhar hoje à noite? —Perguntei tentando desviar sua saliva para a cozinha.

—Sim! —Se vira para mim—. Del chamou você?

—Sim. — Peguei as chaves que eu tinha penduradas e fechei o portão que leva para o beco.

—Tentei convencê-lo a chamar outra, porque eu sei que você não gosta de trabalhar à noite, quando sua avó está em casa sozinha. Você vai?

—Sim, eu disse que sim – lhe respondi com fadiga.

Um sorriso se forma, em sua cara séria.

—É hora de fechar. Gostaria de ir e dizer que você tem que sair?

Mais uma vez, tento controlar os tremores que vem, só de pensar sobre olhar para ele, e levo isso como um desafio.

—Sim, eu vou dizer a ele. — Eu declaro com toda a confiança que eu não estou sentindo.

Eu relaxo os ombros desenhando círculos em volta, caminho com decisão, deixando Sylvie na cozinha e eu caminho para o salão da lanchonete. Então de repente paro para ver que ele se foi.

De repente , eu sinto uma sensação estranha como de abandono. Sinto-me entre abandonada e decepcionada.

—Opa, onde ele foi?— lamenta—se Sylvie caminhando atrás de mim.

—Não sei — eu sussurro.

Então, eu me aproximo lentamente do sofá desocupado, pego o café meio bebido e três libras que ele deixou. Separo o guardanapo preso ao fundo do pirex e começo a desdobrá—lo, as linhas pretas prendem minha atenção e me apresso para abri-lo sobre a mesa com uma mão... Deixo escapar um grito abafado de espanto. Então me irrito um pouco.

“Provavelmente o pior american que minha boca já tomou .

M.”

Enrugo a cara e amasso o guardanapo, enojada. Formo uma bola com ele e jogo no copo.

Muitas vezes idiota arrogante. Eu nunca fico com raiva, e eu sei que irrita minha avó e Gregory, mas agora estou com muita raiva. A verdade é que é absurdo. Mas não sei se é... Porque não preparei um bom café para ele como tinha feito hoje, ou se é porque eu não consegui a aprovação do

homem perfeito. E o que é "M"?

Depois de cuidar da xícara, pires e guardanapo ofensivo e fechar o estabelecimento com Sylvie, finalmente chego à conclusão de que o "M" é de «Mendigo».

Capítulo dois

Del nos leva através da entrada funcionários do hotel, nos dando instruções, apontando para a área de serviço e assegurando-se que estamos cientes do tipo de clientela.

Em conclusão: alguns esnobes.

Posso suportá-los. Depois de verificar que a minha avó estava bem, praticamente me empurrou pela porta da frente e me atirando o Converse preta antes de se preparar para ir ao bingo com George e o grupo de pensionistas do distrito.

—Nunca deixe alguém com um copo vazio! — exclama por cima do ombro. —E não se esqueça de devolver todos os vazios para a cozinha para lavá-los e reutilizá-los.

Sigo Sylvie, que segue Del, ouço com atenção enquanto prendo o pesado cabelo comprido com um elástico. Não parece muito difícil, e eu adoro ver as pessoas, então essa noite promete.

—Toma.– Del ordena , nos dando uma bandeja redonda para cada uma e observando meus pés. — Não tem qualquer outro sapato preto liso?

Seguindo seu olhar, eu abaixo a cabeça e levanto um pouco a perna da calça preta.

—São pretos. – Eu mexo um pouco os dedos dentro do Converse pensando o quanto eu iria machucar meus pés se estivesse usando outro calçado.

Não disse nada mais. Revira os olhos e continua a nos guiar para o espaço caótico da cozinha, onde dezenas de pessoas do hotel estão de um lado para o outro gritando ordens um para outro. Encontrei com Sylvie enquanto nós continuávamos andando.

—Somos apenas nós? — Pergunto, de repente algo me alarmado. Muitas atividades frenéticas sugere que haverá muitos convidados.

—Não, também terá o pessoal da agência que usam frequentemente. Só somos reforços.

— Faz isso muitas vezes?

—É sua principal fonte de renda. Não sei por que ele mantém o café.

Guardo meus pensamentos para mim mesmo.

—O hotel não oferece um serviço de buffet?

—Sim, mas as pessoas que você está prestes a alimentar e dar de beber, se eles querem Del terão Del. Tem muita fama nessas coisas. Você deve tentar os canapés. — Ela beija as pontas dos dedos fazendo-me rir.

Meu chefe mostra-nos ao redor da sala onde a função está sendo realizada e introduz-nos aos muitos outros garçons e garçonetes, todos olhando entediados e incomodados. Isto é obviamente uma coisa normal para eles, mas não para mim. Estou ansioso para começar.

—Pronta? — Sylvie colocou uma última taça de champanhe na minha bandeja... —O segredo está em como segurar na palma da mão.— Levou sua bandeja com a palma por baixo e no centro. – Então a leve para cima do seu ombro, desta forma.— Com um movimento, a bandeja se move para cima e pousa na altura de seu ombro sem que qualquer copo balance. Deixa-me sem palavras. —Viu isso? – A bandeja desce do ombro até a altura da cintura. ——Quando você for oferecer os copos segure-a aqui e quando você se mover, carregue-a novamente– A bandeja sobe para seu ombro mais uma vez sem problemas. —Lembre-se de relaxar quando estiver em movimento. Não vá dura. Experimente.

Eu escorrego minha bandeja cheia pela superfície e coloco a palma da mão no centro.

—Não pesa — digo surpresa.

—Não, mas lembre-se quando as taças estiverem vazias para substituir vai pesar menos, então preste atenção quando você for trazê-la para baixo.

—Ok. –Eu giro o meu pulso e levanto a bandeja até meu ombro com facilidade. Eu sorrio amplamente para abaixá-la.

—Você nasceu para isso — ela disse rindo—. Vamos.

Coloquei a bandeja de volta no ombro, dei meia volta com minhas sapatilhas e vou em direção do som, as vozes e risadas aumentam quando chego mais perto do salão.

Entrei, meus olhos azuis se arregalaram com tanta riqueza, trajes e smoking brancos. Mas não estou nervosa. Estou tremendamente excitada. Espero uma grande sessão de observação fantástica.

Sem esperar que Sylvie me dê o sinal, eu me perco no meio da multidão crescente, ofereço minha bandeja para os grupos de pessoas, sorridente, dando-me ou não obrigado. A maioria não faz, mas não põe a prova o meu estado de espírito. Estou no meu elemento, não há nada que me surpreenda. A bandeja sobe e desce sem problema, o meu corpo se move sem esforço entre as massas de opulência, e eu vou para a cozinha ocasionalmente para me reabastecer e continuar a servir.

—Você está indo bem, Livy – diz Del enquanto eu saio com uma bandeja cheia de champanhe.

—Obrigado! —Eu cantarolo, ansiosa para voltar para a multidão sedenta. Vejo Sylvie do outro lado da sala. Ela sorri, e isso me dá mais energia ainda.

— Champanhe?— Pergunto, mostrando a minha bandeja para um grupo de seis homens de meia idade, todos eles vestindo smoking e gravata borboleta.

—Ah! Fantástico! —exclama um homem robusto com entusiasmo, enquanto toma uma taça e passa para um de seus companheiros. Ele repetiu o gesto mais quatro vezes antes de pegar a sua — Você está fazendo um trabalho magnífico, senhorita. —Sobe sua mão livre para mim, ele pega algo no bolso e pisca para mim... –É um agrado.

—Não, por favor!— Balanço a cabeça. Não aceitarei dinheiro de qualquer homem... Cavalheiro, eu já fui paga pelo meu chefe. Não é necessário — Eu tento pegar o dinheiro do bolso enquanto seguro a bandeja firmemente na palma da minha mão.— Não recebemos gratificações.

—Eu não vou ouvir isso, ele insiste, puxando minha mão do meu bolso. —E não é uma dica. É para o prazer de ver esses belos olhos.

Sinto-me vermelha como um tomate no momento e não sei o que dizer. Ele deve ter cerca de 60 anos!

—Senhor, desculpe, não posso aceitar isso.

—Que tolice!— Me despacha com um grunhido e um aceno com sua mão gordinha e retoma a conversa com seu grupo, enquanto eu me pergunto o que diabos fazer.

Inspeciono o salão, mas não vejo nem Sylvie e nem Del também, assim me apresso a servir o resto das taças e vou para a cozinha, onde encontro meu chefe colocando os canapés.

—Del, alguém me deu isso.— Deixo o dinheiro no balcão e eu me sinto melhor em admiti-lo, mas abrir os olhos para ver que é cinquenta libras. De cinquenta? Mas o que eu estava pensando?

Eu fico ainda mais chocada quando Del estoura em uma gargalhada.

—Livy, bem feito. Fique com ele.

—Eu não posso!

—Sim. Essas pessoas têm mais dinheiro do que sentimentos. Leve-o como um elogio.– Empurrou a nota de cinquenta libras para mim e continuou a preparar as pequenas pizzas.

Não me sinto melhor.

—Só lhe servi uma taça de champanhe — eu digo em voz baixa. Isso não justifica uma gratificação de cinquenta libras.

—Não, é verdade, mas como eu disse, considere um elogio. Coloque em seu bolso e continue a servir. –Ela aponta para minha bandeja com um gesto de cabeça, lembrando-me que ainda está vazio.

—Oops! Sim, claro.

Estou em andamento. Guardo a exagerada gorjeta em meu bolso, determinada a discutir o assunto mais tarde. Abasteço minha bandeja, antes de me perder novamente entre a multidão.

Para evitar o cavalheiro que me deu cinquenta libras, eu sigo em outra direção, parando depois de um vestido de seda vermelho.

—Champanhe, senhora?— Eu pergunto e olho de relance para Sylvie. Ela balança a cabeça para me dar coragem mais uma vez, sorrindo, mas não preciso mais deles. Eu estou confiante agora.

Foco a atenção na mulher vestida de seda, cujo cabelo preto, liso e brilhante, alcança seu bumbum arrebitado. Eu sorrio quando ela se vira para mim e vejo seu companheiro.

Um homem.

M.

Eu não sei como chego a evitar que a bandeja de bebidas recém-carregada caia no chão, cheia de champanhe, mas eu faço. O que não posso é apagar o sorriso em seu rosto. Tem os lábios separados como na cafeteria, seu olhar atravessa minha carne, mas o rosto requintado dele não transmite qualquer emoção. Sua barba se foi, deixando apenas uma pele impecavelmente bronzeada, e cabelo escuro um pouco bagunçado caindo de forma perfeita em cachos nas pontas de suas orelhas.

—Obrigado — a mulher diz lentamente, aceitando uma bebida e obrigando-me a deixar de lado aquele olhar estranho.

Do pescoço delicado paira um enorme diamante incrustado em forma de Cruz. A magnífica pedra descansa logo acima de seus seios. Tenho certeza que eles são… Autênticos.

—Você gostaria?— pergunta a mulher, virando—se para ele e oferecendo-lhe o copo.

Ele não responde. Apenas o aceita de sua mão, apresentando uma manicure perfeita, sem tirar seus penetrantes olhos azuis de mim.

Não há nada receptivo e muito menos quente, mas algo queima dentro de mim quando olho aquele rosto. É algo que não tinha experimentado, algo que me faz sentir desconfortável e vulnerável…, mas não é medo.

A mulher toma outra bebida, e eu sei que agora é a hora que eu vou seguir servindo, mas sou incapaz de me mover. Eu sinto que ele deveria sorrir, qualquer coisa que seja para escapar desse impasse de olhares, mas o que normalmente recebo naturalmente agora está falhando. Meu corpo parou de responder, exceto meus olhos, eles se recusam a se mover por si próprio.

—Isso é tudo – intervém a mulher com um murmúrio, eu dou um pulo. Sua delicada feição se deforma em um gesto de raiva, e seus olhos escuros escurecem ainda mais. Ela tem um rosto lindo, mesmo que agora esteja com uma carranca. — Eu disse que isso é tudo — se repete e fica entre eu e M.

«M?» Eu percebi nesse momento que o «mistério» começa com «M», porque isso é o que realmente é. Coloco a bandeja no ombro e me viro lentamente sem dizer nada. Afasto-me e sou forçada a olhar para trás porque sei que ainda está me observando e eu me pergunto como irá se explicar para sua namorada. Então eu faço e, como suspeitava, seus olhos de aço estão presos em minhas costas .

—Eh!

Dou um salto e a bandeja escapa de minhas mãos, vejo que não posso fazer nada para evitar. As taças flutuam para o piso de mármore, enquanto a champanhe é derramada. A bandeja gira no ar até que bate contra o chão duro com um ruído alto que silencia o salão. Fico congelada no lugar, rodeada por cacos de vidro que parecem não parar nunca. O barulho ensurdecedor ecoa no silêncio que me rodeia. Olho para baixo, meu corpo está tenso e sinto que todos os olhos estão em mim.

Somente em mim.

O mundo está me olhando.

E não sei o que fazer.

—Livy! —A voz em pânico de Sylvie obriga—me a levantar minha cabeça e o olhar triste que lança para mim está cheio de preocupação. — Você está bem?

Abaixo-me e me ajoelho para pegar os vidros quebrados. Faço uma careta quando sinto uma dor aguda no joelho que atravessa o tecido da calça.

—Merda!– Inspiro bruscamente e as lágrimas começam a inundar os meus olhos em um

mistura de dor e desgraça.

Não gosto de chamar a atenção e eu normalmente me obrigo a evitá-lo, mas desta vez não há nada que você possa fazer. Eu fiz uma sala com centenas de pessoas se juntarem em um silencio aterrador. Eu quero fugir.

—Não toque nos vidros, Livy!— Sylvie obriga-me a levantar e me certificar que eu estava bem.

Ela deve ter notado que eu estava prestes a desmoronar, porque me dirijo rapidamente para a cozinha, longe do meu público.

—Suba — diz batendo no balcão.

Dou um salto, ainda tentando segurar as lágrimas. Pega a bainha de minhas calças e ergue a perna para descobrir a ferida.

—Oh! —Ela encolhe ao ver o corte e levanta para me ver.— Eu fico mal com sangue, Livy. Foi por causa do cara da cafeteria?

—Sim, eu sussurro, encolhendo quando vejo Del aproximando-se, mas ele não parece irritado.

—Livy, você está bem? –Ele se abaixa e estremece e coloca sua mão no joelho ensanguentado.

—Sinto muito, sussurro. —Não sei o que aconteceu.— Certamente serei dispensada imediatamente, depois desse espetáculo.

—Hey, Hey.– Ele fica em pé, sua expressão do rosto suaviza por completo. —Acidentes acontecem, querida.

—Eu causei tal drama.

—Agora chega — corta com severidade, vira-se para a parede e pega a maleta de primeiros socorros. —Não é o fim do mundo.— Abre a caixa e procura até encontrar alguns lenços antissépticos. Eu mordo os dentes enquanto ele passa um lenço suavemente através do joelho. Sinto uma picada e fico tensa — Me desculpe, mas você tem que limpá-lo.

Eu prendo minha respiração enquanto ele continua a limpar a ferida, ele cobre o joelho com gaze e fita e eu desço do balcão.

—Você pode andar?

—Sim.– Eu flexiono o joelho e sorrio em agradecimento antes de pegar uma nova bandeja.

—O que você acha que está fazendo? –pergunta com uma careta.

—Eu...

—Oh, não, ele ri. Deus te abençoe, Livy. Vá ao banheiro e recomponha-se.— Ele diz, apontando para a saída do outro lado da cozinha.

— Mas eu estou bem — eu insisto, embora não esteja. Não porque eu machuquei o joelho, mas porque tenho medo de voltar para a multidão, ou de M. Eu vou apenas tenho que manter minha cabeça para baixo, evitar um certo olhar de aço e ver através de meu turno sem maiores percalços.

—Para o banheiro!– ordenou Del, tirando a bandeja e colocando-a novamente no balcão —Já. Coloca ambas as mãos nos meus ombros e me leva até a porta sem me dar a oportunidade de continuar protestando. —Vá.

Eu me forço a sorrir enquanto ainda estou envergonhada e deixo para trás o caos da cozinha, eu entro na sala enorme e me esforço para passar despercebida. Eu sei que não consigo. Os olhos

azuis que queimam a pele confirmam. Sinto-me inútil. Incompetente, estúpida e vulnerável. Mas, acima de tudo, me sinto exposta.

Eu caminho no luxuoso corredor acarpetado, até que cruzo duas portas e chego a uma pia extremamente extravagante, com revestimentos em mármore e ouro brilhante em todos os lugares.

Quase me dá medo usá-la. A primeira coisa que faço é retirar a nota de cinquenta do bolso e admirá-la por alguns segundos. Então eu, a amasso e jogo-a no lixo. Não vou aceitar dinheiro de um homem. Eu lavo minhas mãos e coloco-me diante do espelho gigante com moldura dourada para arrumar meu cabelo e suspiro ao encontrar-me com os olhos assombrados cor de safira. Olhos curiosos.

Quando a porta abre não presto atenção e continuou colocando alguns fios soltos do cabelo atrás das orelhas. Mas então alguém se senta atrás de mim, uma sombra na minha cara quando estou inclinada em direção ao espelho. É M. Deixo escapar um grito abafado, eu pulo para trás e vou de impacto contra seu corpo, que é tão duro e musculoso quanto eu tinha imaginado.

—Você está no banheiro feminino – falei enquanto viro-me para ele.

Eu tento colocar alguma distância entre nós, mas eu não posso ir muito longe com a pia atrás de mim. Apesar do meu espanto, eu permito-me sua proximidade, — seu terno de três peças e seu rosto barbeado. Exala um perfume masculino que parece sobrenatural, com uma essência de madeira e terra. É um coquetel tóxico. Tudo sobre ele faz a minha queda ser um terrível espiral.

Ele dá um passo para frente, reduzindo o espaço já estreito entre nós, e então me surpreende se ajoelhando e levantando suavemente a perna de minha calça. Eu fico contra o armário da pia, contendo a respiração, limitando-me a observar como seus dedos vão suavemente sobre a gaze cobrindo o corte.

—Dói?— pergunta calmamente, direcionando seus olhos azuis incríveis para o meu... Sou incapaz de falar, então sacudo a cabeça dizendo que não e vejo como sua figura é alta. Fica pensativo por um momento, antes de retornar a conversa— Eu tenho que me forçar a ficar longe de você.

Não respondo, aparentemente eu não consigo. Porque não posso desviar o olhar de seus lábios.

—Por que você precisa se forçar? —Eu digo.

Ele coloca a mão em meu antebraço, e me esforço para não me abalar com o calor excessivo através do meu corpo por sentir seu toque.

—Porque você parece uma garota muito doce, que merece mais de um homem do que a melhor foda selvagem de sua vida.

Para minha surpresa, ao invés de me sentir atordoada, sinto-me aliviada, embora ele prometa ser só sexo e nada mais. Ele também sente atração por mim, o que me obriga a ficar de frente para seu olhar.

—Talvez eu queira isso.— Eu estou incitando-o, encorajando-o, quando eu deveria estar correndo em outra direção.

Ele parece perdido em pensamentos, enquanto a ponta dos dedos suavemente acaricia meu braço.

—Você quer algo mais do que isso.

Ele está afirmando, não perguntando. Não sei o que quero. Eu nunca parei para pensar em

meu futuro, profissional ou pessoal. Eu já vivo o dia-a-dia, mas uma coisa eu sei. Eu estou pisando em terreno perigoso, não só porque esse homem sem nome parece ousado, escuro e muito perfeito, mas porque ele só disse que ele vai fazer mais nada do que me foder. Eu não sei. Seria uma verdadeira estupidez me deitar com ele só para sexo. Isso vai contra todos os meus princípios, mas não vejo qualquer razão para não fazer. Eu deveria me sentir desconfortável com os sentimentos que desperta em mim, mas não estou. Pela primeira vez na minha vida, sinto-me... Viva.

Sinto-me vibrar, algo estranho ataca meus sentidos e a vibração mais forte pressiona atacando entre minhas coxas apertadas. Eu estou latejando.

—Qual é seu nome? —Eu pergunto.

—Não quero te dizer, Livy.

Eu tenho que perguntar como sabe meu nome, mas em seguida o grito de Sylvie no salão ecoou na minha cabeça. Eu quero tocá-lo, mas quando levanto minha mão para apoiá-la em seu peito, ele recua um pouco, olhando para a palma da mão flutuando entre nossos corpos. Faço uma pausa por um momento para ver se ele desvia mais. Isso não acontece. Subo a mão e pouso em seu paletó. Isso faz com que ele prenda a respiração de repente, mas não me para; Ele simplesmente observa como suavemente acaricio seu peito por cima da roupa, me surpreende com a firmeza que está escondida por baixo.

Então, olha-me nos olhos e inclina a cabeça lentamente para frente. Sua respiração atinge meu rosto ao se aproximar, até que finalmente eu fecho os olhos e preparo—me para receber seus lábios. Está se aproximando. Seu aroma é intensificado e sua respiração aquece meu rosto em chamas.

Mas a conversa alegre das mulheres interrompe o momento. De repente me arrasta pelo corredor de banheiros e me empurra no último cubículo. Fechando a porta com um golpe, sou lançada para trás, cobre minha boca com a mão e seu rosto está mais próximo do meu. Meu corpo treme enquanto nos olhamos, ouvindo as mulheres que estão dispostas na frente do espelho, aplicando batom e perfume. Eu grito mentalmente para se apressarem para que possamos continuar de onde paramos. Eu sou quase capaz de sentir seus lábios tocando os meus e só fez se multiplicar por dez meu desejo por ele.

Passa o que parece uma eternidade, eu acho, mas finalmente o silêncio. Minha respiração ainda está agitada, mesmo agora que ele retirou a mão e me permite respirar.

Coloca sua testa na minha e fecha os olhos.

—Você é muito doce. Não posso fazer isso — ele diz.

Então me afasta da porta antes de sair às pressas, deixando-me lá com um estúpido desejo. Sou muito doce? Deixei escapar um riso zombeteiro. Novamente estou com raiva. Estou chateada e pronta para segui-lo e deixar claro que eu decido o que eu quero e o que não quero. E não é isso.

Deixo o banheiro e corro para verificar minha aparência no espelho. Antes de sair do banheiro e me dirigir para a cozinha chego à conclusão que pareço estar oprimida.

Vejo Sylvie, aparecendo na entrada da cozinha.

—Olá! Já íamos mandar uma equipe de busca – Seus olhos correm por mim e seu rosto de preocupação de brincadeira torna-se serio — Você está bem?

—Sim — digo com desdém.

Acho que minha aparência reflete o estado de espírito deprimido.

Eu não dou a Sylvie a oportunidade para insistir. Eu pego uma garrafa de champanhe e ignoro

seu olhar interrogativo. Está vazia.

—Há mais garrafas?– Peço deixando abruptamente no lugar. Eu estou tremendo.

—Sim, ela responde lentamente, e passa outro recipiente recentemente aberto para mim.

—Obrigado, eu sorrio. É um sorriso forçado e ela sabe disso, mas eu não posso ajudar porque estou me sentindo ofendida ou irritada.

—Acho que...?

—Sylvie.— Continuei servindo champanhe e respirando fundo. Viro e um sorriso sincero desenha no meu rosto com problemas. — Estou bem, sério.

Acena, convencida, mas ela me ajuda a encher os copos em vez de continuar insistindo.

—Então é melhor continuar servindo.

—Sim, eu concordo. Eu deslizo a bandeja pelo balcão e a levanto em meu ombro. E saio.

Sylvie me deixa aventurar entre as massas de pessoas, mas não sou mais tão atenciosa com os convidados como antes. Já não sorrio nem metade, quando sirvo a champanhe e não paro para olhar o salão procurando por ele. Corro para repor na cozinha para retornar entre as pessoas logo que possível e não presto a menor atenção para o que me rodeia, então eu corro o risco do ridículo pela segunda vez se essa condição provocar uma colisão com algo e eu deixar cair a bandeja novamente.

Mas não me importo.

Sinto uma necessidade irracional de vê-lo novamente... E então, algo me faz girar, uma energia invisível atrai meu corpo em direção à fonte.

Ele está lá.

Estou congelada no lugar, com a bandeja a meio caminho entre meu ombro e minha cintura. Ele me estuda, com um copo contendo um líquido escuro que paira sobre sua boca. Eu estou olhando para os lábios, os lábios que eu estava prestes a beijar.

Meus sentidos são intensificados quando lentamente levanta o copo e despeje todo o conteúdo em sua garganta antes de limpar a boca com as costas da sua mão e coloque o recipiente vazio na bandeja de Sylvie quando ela passa na frente. Sylvie olha para ele e em seguida para mim, novamente. Seus olhos grandes e castanhos param em mim brevemente e seu olhar começa a oscilar entre eu e aquele homem enigmático com uma mistura de intriga e preocupação.

Ele continua me olhando intensamente, o que deve ter despertado a curiosidade de sua companheira, porque ela se vira e segue sua linha de visão para mim. Ela sorri e levanta sua taça de champanhe vazia. Entro em pânico. Sylvie se foi, então não tenho nenhuma escolha para ir sozinha. A mulher agita a taça no ar, me dizendo para mover minha bunda e minha curiosidade, junto com minha falta de boas maneiras, impede-me de ignorá-la. Então estou me dirigindo para eles. Ela ainda está sorrindo e olhando. Finalmente chego, e eu lhes ofereço minha bandeja. Sua tentativa de fazer claramente sentir-me inferior é óbvio, mas estou muito curiosa, para me afetar.

—Não tenha pressa, querida — ela, segura uma bebida e oferece a ele, ronronando.

—Miller?

—Obrigado — ele responde em voz baixa, aceitando a bebida.

« Miller? Então ele se chama Miller?» Inclino a cabeça olhando para ele e, pela primeira vez, seus lábios estão ligeiramente curvados. Tenho certeza de que, se quisesse, poderia me matar com o seu sorriso.

—Agora você pode sair — diz a mulher.

Ela se vira e puxa Miller relutante para olhar para ela, mas seu gesto rude nunca muda minha satisfação interior. Eu dou meia volta na minha converse, e estou feliz por saber seu nome. E dessa vez eu não vou voltar.

Sylvie chega para mim como um lobo quando eu vou para a cozinha, como eu imaginava que faria.

—Ho, sua vadia!— Eu estremeço com sua linguagem e apoio a bandeja no balcão. –Ele estava te olhando, Livy. Como se fosse comer você com os olhos.

—Eu sei.— Teria que ser cega ou completamente idiota para não perceber.

—E acompanhado por uma mulher.

—Sim.

Fico feliz em saber seu nome, mas essa parte não me faz tão engraçado. Embora não tenha nenhum direito de sentir ciúmes. Estou com ciúmes? Isso é o que acontece? É um sentimento que eu nunca tinha experimentado antes.

—Oohh, eu estou sentindo alguma coisa, cantarola Sylvie, rindo enquanto começa a dançar na cozinha.

—Sim, eu também – murmuro para mim, enquanto eu vou até a porta, ciente de que observará todos os meus passos de agora em diante.

Eu o evitei durante o resto da noite, mas notei que seus olhos grudavam em mim enquanto eu serpenteava entre as pessoas. Eu estou constantemente atraída em sua direção e é difícil de evitar que meus olhos vão até ele, mas estou muito orgulhosa de mim mesma para resistir. Embora eu produza um estranho prazer para me perder em seus olhos de aço, ver ele com outra mulher pode estragar tudo.

Após me despedir de Sylvie e Del, saio pela porta dos fundos em torno da meia-noite para pegar o metrô, estou ansiosa para aconchegar-me na cama e dormir até tarde.

—É só minha parceira de negócios. —Sua voz suave atrás de mim, me para e acaricia minha pele, mas não me viro— Eu sei que você está querendo saber isso.

—Não precisa me dar explicações— Eu continuo andando, sabendo muito bem o que estou fazendo.

Ele está interessado em mim, e eu não estou familiarizado com o jogo perseguição, mas eu sei que eu não deveria aparecer desesperada, mesmo que, irritantemente, eu esteja. Eu sou sensata; Eu reconheço algo errado quando vejo, e de pé atrás de mim está um homem que poderia esmagar a minha lógica.

Ele agarra meu braço para impedir que eu vá e vira-me para me colocar na frente dele. Se você tivesse força de vontade suficiente, fecharia os olhos para não se deleitar em seu rosto requintado, mas eu não posso.

—Não, eu não tenho que lhe dar explicações, mas estou fazendo isso.

—Por quê?

Eu não tento soltar meu braço, porque o calor do seu toque passa através do tecido da jaqueta jeans, aquece a minha pele fria e faz meu sangue ferver. Eu nunca tinha sentido nada igual.

—Você realmente não quer se envolver comigo. Ele não parece convencido de si mesmo,

então ele deve estar se iludindo se ele espera que eu engula isso. Eu quero comprar isso. Eu quero para ir embora e limpar meus encontros com ele da minha mente e voltar a ser estável e sensata.

—Então deixe-me ir, atendendo à intensidade do seu olhar com o meu próprio.

O longo silêncio que surge entre nós é uma indicação clara de que não querer fazê-lo, mas tomei a decisão por ele e puxo meu braço.

—Boa noite, Miller.

Digo a poucos passos antes de virar e ir embora. É provável que essa seja uma das decisões mais sensatas que já fiz na minha vida, embora a maioria da bagunça que eu tenho cabeça me empurra para continuar com isso. Seja o que for.

Capítulo Três

A sensação estranha tomou conta de mim até sexta-feira a noite, quando desapareceu instantaneamente para ouvir a minha avó pronunciar minhas cinco palavras favoritas no sábado de manhã: «vamos» dar uma volta.

Caminhamos, descansamos, tomamos um café, caminhamos mais um pouco, comemos, tomamos mais café, voltamos a andar e, finalmente, vamos jantar em casa com um menu, para viagem, de peixe e batatas fritas da loja local. No domingo, eu ajudei minha avó a juntar os pedaços da colcha de tricô que tinha sido tecida para um soldado que serviu no Afeganistão.

Não faço ideia de quem seja, mas todos os aposentados do bairro são inscritos com algum soldado, e ela sentiu que seria bom que ele tivesse algo para protegê-lo do frio... no deserto.

—Você tem o sol escondido nas suas meias, Livy?— Pergunta minha avó, quando entro na cozinha para ir trabalhar na manhã de segunda-feira.

Olho para meu novo converse canário amarelo e sorrio.

—Você não os ama?

—Lindo!— Ela ri colocando minha tigela de cereais na mesa do café. —Como está o joelho?

Sentando—me, eu bato meu pé e pego minha colher. –Perfeito!. O que vai fazer hoje, vovó?

—George e eu vamos ao mercado comprar limões para seu bolo.

Coloca um chá na mesa e serviu-me duas colheres de sopa de açúcar na xícara.

—Vovó, eu não gosto de açúcar!— Tento retirar o copo da mesa, mas as velhas mãos de minha avó são muito rápidas.

—Você tem que ganhar um pouco de peso, ela insiste vertendo o chá e empurrando-o sobre a mesa para mim. —Não discuta comigo, Livy. Vou colocá-la sobre o meu joelho e eu vou te dar uma surra.

Eu sorrio para a ameaça. Já faz vinte e quatro anos que diz isso e nunca o fez.

—Também há limões na loja do bairro, eu indico casualmente, mergulhando minha colher em minha boca para me impedir de dizer mais. Eu poderia dizer muito mais.

—Tem razão.— Eu olho brevemente com olhos azuis escuros antes de beber chá — Mas eu quero ir ao mercado, e George se ofereceu para me levar. E a conversa terminou.

É quase impossível de segurar meu riso, mas eu sei quando é melhor ir para a rua. O velho George gosta de minha avó, embora ela seja muito seca com ele. Não sei como não se cansa dele jogar ao redor. Ela se faz de difícil e finge desinteresse, mas sei que o carinho que o velho sente pela minha avó é bastante correspondido. Meu avô faleceu há sete anos e George nunca tomará o lugar dele, mas minha avó faz muito bem em ter companhia.

Quando perdeu sua filha ela mergulhou numa terrível depressão e, apesar de tudo, vovô cuidou dela e sofreu em silêncio durante anos, assumiu sua própria perda e sua dor em particular até onde seu corpo poderia. Então, eu era apenas uma adolescente que tinha de cuidar deles, algo que não fiz muito bem no início.

Ela começa a encher a tigela com mais grãos.

—Eu vou ao clube às seis na segunda, então não estarei em casa quando voltar do trabalho. Você prepara o jantar?

—Claro — respondo ao colocar a mão sobre a tigela para não colocar mais flocos. —George também irá?

—Livy... – adverte com tom severo.

—Perdão.— Eu sorrio.

Ela olha para mim com raiva e recusa-se com a cabeça. Ondas cinza se movem em torno de suas orelhas.

—Que triste eu achar que tenho mais vida social que a minha neta.

Suas palavras suprimidas me fazem sorrir. Eu não vou entrar nessa.

—Tenho que ir para trabalhar.

Levanto-me, dou-lhe um beijo na bochecha e finjo não ouvi-la suspirar.

***

Eu salto do ônibus, esquivando-me das pessoas, e eu acelero em meio ao caos da hora do rush. Meu estado de espírito reflete a cor da minha converse: alegre e ensolarado, tais como o tempo.

Depois de caminhar pelas ruas secundárias de Mayfair, entro na Cafeteria, que está cheia, como na segunda-feira passada, quando comecei a trabalhar. Não tenho tempo para conversar com Sylvie ou me desculpar com Del pelo desastre de sexta-feira. Eles me jogam o avental e imediatamente começo a limpar quatro mesas vazias, para que em um momento estejam ocupadas novamente. Eu sorrio e os atendo rapidamente e limpo as mesas, mais rápido ainda. A verdade é que eu sou muito boa pra resolver isso com um sorriso.

As cinco horas da tarde, meu Converse amarelo já não parecem tão alegre. Machucam meus pés, minhas pernas doem e minha cabeça dói. Mesmo assim, eu sorrio quando Sylvie me dá um tapinha nas costas ao passar do meu lado.

—Só está aqui uma semana e eu não sei o que faria sem você.

Meu sorriso se intensifica, quando a vejo atravessar a porta de vai e vem em direção a cozinha, mas desaparece instantaneamente quando me viro e fico cara a cara com ele novamente. Eu não acredito no destino ou que as coisas acontecem por uma razão. Acho que somos donos do nosso próprio destino, e que nossas decisões e ações são aquelas que marcam o curso da nossa vida. Mas infelizmente, as decisões e as ações dos outros também têm uma influência nesse curso e às vezes não podemos fazer nada para evitá-lo. Talvez seja porque eu me isolei tanto do mundo, que eu me tranquei e rejeitei qualquer pessoa, situação ou possibilidade de que pudesse me arrancar o controle da minha vida. Não tenho problema em admitir isso. Decisões, más e egoístas, alguém também afetou muito minha vida. O que me preocupa é minha súbita incapacidade para continuar com a minha estratégia sensata, provavelmente no momento quando mais preciso.

E precisamente a causa desse momento de fraqueza está diante de mim.

O sentimento familiar do meu coração aumentando deveria me dizer tudo o que eu preciso saber, e faz. Eu estou atraída por ele — realmente atraída por ele. Mas o que ele está fazendo aqui?

Não gostou do meu café, e enquanto eu tenho vindo a fazer intermináveis xícaras perfeitas do material durante todo o dia, eu suspeito que mude agora.

Ele está me observando. Eu deveria me zangar, mas não estou em posição de perguntar o que está acontecendo, porque eu também estou olhando para ele. Sua expressão parece sempre impassível. Você sabe sorrir? Tem dentes ruins? Ele parece ter dentes perfeitos. Tudo o que vejo é perfeito, e eu sei que o que não vejo também deve ser. Novamente, vestindo um terno de três peças, dessa vez em um azul escuro que realça a cor dos seus olhos. Parece tão perfeito e caro como sempre.

Eu preciso falar. Isso é um absurdo, mas ainda estou em transe até Sylvie sair da cozinha e bater em minhas costas.

—Oops! —exclama, e ela agarra meu braço. Analisa minha expressão de espanto, ela se preocupa quando não respondo ou faço um movimento para me mover. Em seguida desvia o olhar e fica um pouco sem palavras. — Ah... — sussurra. Ela me solta e olha para mim novamente. —Eu vou apenas. . . um. . . esvaziar as caixas.— Ela me abandona, deixando—me para servi—lo. Eu quero gritar para ela voltar, mas, mais uma vez, a minha língua fica amarrada e eu estou olhando-o fixamente.

Ele apoia as mãos na mesa, inclinado para frente e um tufo de cabelo rebelde cai na testa, desviando-se um pouco acima de seus olhos.

—Não para de olhar para mim — murmura.

—Você está me olhando também – eu falo, encontrando minha língua. Ele realmente me observando.

—Você não está fazendo muito bem em manter distância.

Ele ignora a minha observação.

—Quantos anos você tem?— Percorre lentamente meu corpo com o olhar antes de retornar a se concentrar em meus olhos.

Não respondo, mas faço uma careta ao ver que levanta uma sobrancelha com expectativa.

—Eu fiz uma pergunta — insiste.

—Vinte e quatro — Apresso-me a responder, quando o que eu realmente quero dizer é que isso não é problema dele.

—Você está envolvida com alguém?

—Não,– eu digo para minha surpresa. Eu sempre digo que estou com alguém quando qualquer homem mostra interesse em mim. É como se fosse um feitiço.

Acena, pensativamente.

—Você vai me perguntar o que eu gostaria?

Refere-se ao que quer beber, ou pelo menos espero. Ou não? Ele vai continuar de onde paramos ontem a noite? Eu começo a girar o velho anel da eternidade de safiras que meu avô comprou para a minha avó, um sinal claro que estou nervosa. Continua no mesmo local desde que ela me deu, no dia que completei a maior idade, para o século XXI e, desde então, eu brinco sempre com ele quando estou nervosa.

—O que você gostaria?

Minha segurança da noite de sexta-feira desapareceu. Eu sou feito um pudim.

Seus olhos azuis parecem um pouco escuro.

—Um americano, com quatro express, duas de açúcar e meio cheio.

Estou totalmente desiludida, que é um absurdo. Também é absurdo que volte depois de escrever que meu café era a pior coisa que tinha provado na vida.

—Pensei que você não tivesse gostado de meu café.

— E eu não gostei.— Desvia do balcão —... Mas eu gostaria de lhe dar uma chance de se redimir, Livy.

Fico vermelha.

— Me redimir? —Eu disse.

Seu rosto é inexpressivo e sério.

Eu deveria me esforçar para encontrar esse osso ruim que vovó sempre fala comigo e mandá—lo para o inferno, mas não faço.

Eu respondo de acordo e vou para o café, eu sei que ele vai me dizer que não está bom. Tenho certeza de que seria melhor se eu não me sentisse tão observada.

Mentalmente eu rezo aos deuses do café e começo a preparar os quatro express, esforçando—me para regular a minha respiração. Desempenho as tarefas lentamente, mas segura, não importando se levará a noite toda. Por mais absurdo que pareça, eu quero que ele goste.

Do canto do olho vejo a cabeça curiosa de Sylvie, inclinando-se para fora da porta de vai e vem, e eu sei que está morrendo para saber o que está acontecendo. Observo como ele sorri maliciosamente, mesmo não estando em meu campo de visão. Espero que ela saia e interrompa esse silêncio constrangedor para conversar com ela confortavelmente, mas ao mesmo tempo não quero fazê-lo. Eu quero ficar sozinha com ele. Sinto-me atraída por ele, e eu não posso fazer nada para impedir.

Quando eu termino, encho o copo até a metade e coloco uma tampa antes de levar para ele. Ele senta-se novamente, e então eu percebo meu erro. Ainda me... testando e já estraguei tudo.

Ele olha para o copo de papelão, mas me apresso a dizer qualquer coisa antes.

—Você gostaria em uma xícara normal?

—Não há necessidade.— Olha nos meus olhos, – talvez esse seja melhor.– Sem sorrisos, mais

sei que ele quer sorrir.

Eu ando devagar, mesmo com a tampa o risco de derramar o conteúdo do copo é mínimo, vou até ele e lhe entrego o café.

—Espero que goste.

— Eu também. Olha o sofá à frente e acena com um gesto de cabeça.

—Junte-se a mim.

Retira a tampa e começa a soprar lentamente o vapor de sua bebida. Seus lábios, já por si só são apetitosos, eles parecem ser convidativos. O que ele faz com a boca é lento, de fala a soprar o café. É tudo muito deliberado e me faz pensar o que mais ele pode fazer. É descontroladamente bonito e me faz sentir raiva, embora um pouco estirado. Certo de que vai chamar atenção onde estiver.

Ele levanta uma sobrancelha e indica o oposto do sofá novo. Minhas pernas são movidas por vontade própria e sento.

—Como está o café? —Eu pergunto.

Ele da um gole lento e eu fico tensa e me preparar para ele cuspir. Isso não acontece. Com aprovação balança a cabeça e toma mais um gole. Eu relaxo aliviada ao ver que ele gostou. Ele olha para cima.

—Você deve ter notado que eu estou bastante fascinado por você também.

— "Também"? —Perguntei perplexa.

—É claro que você está fascinada. Muitas vezes em seu casulo arrogante.

—Acho que você deve fascinar muitas mulheres – respondo –Você convida todas para o Café?

—Não, só você.— Inclina—se para frente e os olhos dele quase me deixam sem fôlego. Nunca tinha sido o centro das atenções intensas. Isso é demais.

Eu quebrar o contato com os olhos e me vejo olhando para longe, mas então me lembro de algo e me forço a confrontar sua intensidade. —Quem era aquela mulher na festa?— eu pergunto, nem um pouco envergonhada de perguntar. Ele perguntou-me qual o meu status de relacionamento, então eu tenho todo o direito de saber o seu.

Ela parecia muito familiar para ser uma parceira de negócios. Eu não estou prendendo a respiração, mas eu ainda estou esperando que ele seja solteiro. A ideia de que este homem esteja disponível é ridícula, e por isso é o fato de que eu quero que ele seja — Eu quero que ele esteja disponível... para mim.

—Minha parceira — responde, e eu observo com cuidado. Seu tom suave acaricia minha pele queimando-a.

—Você é solteiro?— Eu pergunto, querendo esclarecimento completo, mas com que finalidade eu não sei. Na verdade, estou querendo saber o que o meu subconsciente está planejando, porque eu não tenho a menor ideia, nem eu estou preocupada, e que realmente deveria me preocupar.

—Eu sou.

—Ok— é tudo o que eu digo, ainda olhando para ele, sentindo-se em silêncio encantado. Agora eu quero saber quantos anos tem. Ele parece maduro e suas roupas são da mais alta qualidade a cada vez, o que indica que tem um monte de dinheiro.

—Ok — ele responde e novamente bebe lentamente o café enquanto eu o observo. É como uma massa gigante de intensidade levando-me a... alguma coisa.

—Eu gostei do café — ele diz e deixa o prato na mesa e vira-se antes de sair do sofá. Eu sigo-o com os olhos até me sentir pequena sob o olhar penetrantes de seus poderosos olhos azuis.

—Você está indo embora?— Eu digo, chocada. O que foi tudo isso? Qual era o seu ponto?

Ele se mexe desconfortavelmente e coloca sua mão para mim.

—Foi um prazer conhecê-la.

—Nós já nos conhecíamos, eu indico. —Você quase me beijou, mas afastou-se.

Suas mãos descem ligeiramente com minha palavra mordaz, rapidamente ele se recompõe e pega-as de volta.

—E então você se afastou de mim.

Por isso é um jogo? Ele está com raiva, porque eu fui a primeira que se afastou, então agora ele está devolvendo o favor, tendo a palavra final? Sua mão se aproxima e eu recuo, com muito medo tocá-lo.

—Você acha que haverá faíscas?— Ele pergunta baixinho.

Meus olhos se arregalam. Eu sei que haverá faíscas porque eu já posso senti-las. Seu tom zombeteiro injeta alguma bravura em mim e estendo minha pequena mão para encontrar a sua. E lá estão elas mais uma vez. Faíscas. Não é o tipo de eletricidade que atravessa todo o Café e nos faz lançar um suspiro e dar um salto para trás, mas aqui há algo e ao invés do que emana para fora, passa por dentro e salta sobre o meu corpo, acelerando os meus batimentos e obrigando-me a separar os lábios. Não quero liberá-lo, mas ele flexiona a palma da mão, me levando para libertá-lo.

Então se vira e sai, sem uma palavra ou um olhar que indique que ele também sentiu algo. Será sentiu isso? O que deveria ter sido? Quem é esse homem? Eu coloco minhas mãos no rosto e esfrego furiosamente, tentando recuperar o bom senso.

Eu estou muito intrigada com ele, e nenhuma quantidade de passeios ou estofar com minha avó estará me distraindo de onde meus pensamentos estão vagando, não depois desta breve, mas esclarecedora conversa.

Estou ficando em território desconhecido — um território perigoso. Depois de meus anos de evitar todos os homens, mesmo os mais decentes, estou me achando um incentivo que parece que ele deveria definitivamente ser deixado sozinho.
Há um puxão embora — uma poderosa atração. Uma atração muito intensa.

***

Fico distraída durante toda a semana. Sempre que abro a porta do Café, espero, mas ele nunca aparece. Nos últimos quatro dias, eu tenho uma dúzia de homens perguntando meu nome, me pedido o telefone ou dizendo que meus olhos são lindos.

E eu desejo que todos eles fossem Miller.

Tenho andado ocupada preparando um número infinito de café perfeitos, e na terça-feira, trabalhei como empregada para outro evento chique organizado por Del e fiquei na esperança de que ele estivesse lá . Mas ele não foi.

Eu sempre tentei manter minha vida simples, mas agora eu estou desejando uma complicação — um homem alto, de cabelo escuro, misteriosa complicação.

É sábado, e Gregory está me acompanhando por um passeio através do Royal Parks. Ele sabe que algo está errado em minha cabeça. Dou um pontapé a um monte de folhas quando nós caminhamos através do centro de Green Park, ao Palácio de Buckingham. Sinto que ele quer me perguntar, e eu sei que ele não pode resistir por muito mais tempo. Não para de falar, enquanto eu só respondi com palavras curtas. Não vou me livrar por muito mais tempo. É claro que eu estou ausente, e certamente eu poderia me esforçar em fingir que não há nada de errado comigo, mas acho que não quero. Acho que quero que Gregory me pressione a compartilhar sobre Miller com ele.

—Conheci alguém. — O fluxo de palavras saí da minha boca, interrompendo o desconfortável silêncio que tinha formado entre os dois.

Gregório parece surpreso, e é normal, porque eu também estou.

—Quem? —pergunta, puxando—me para nos parar.

—Não sei.– Encolho o ombro, sento-me no gramado e começo do inicio. —Ele tem aparecido na cafeteria, várias vezes e foi em uma festa de gala onde eu trabalhei.

Gregory senta—se ao mesmo tempo, e em seu rosto sensual é formado um grande sorriso.

—O que Olivia Taylor, interessada em um homem?

—Sim, Olivia Taylor está definitivamente interessada em um homem.– Sinto muito alivio em partilhar isso com alguém. —Eu não posso parar de pensar nele,— eu admito.

—Aaahhh! —Gregory levantar seus braços—... — Ele é quente?

—Estupidamente, sorrio. Ele tem os olhos mais incríveis. Tão azul como o céu.

—Eu quero saber tudo, declara Gregory.

—Não há nada mais a dizer.

—Bem, o que foi que ele disse?

—Ele perguntou se eu estava envolvida com alguém. Tento parecer casual, mas eu sei o que está chegando.

Seus olhos se arregalam quando ele se inclina para frente. —E você disse?

—Não.

—Já aconteceu!,— ele canta. —Graças a porra do Senhor, aconteceu finalmente!

—Gregory! –Repreendi-o, mas não pude deixar de rir também. Ele está certo, isso já aconteceu com base no bem.

—Ah, Livy.— Senta-se muito ereto e adota uma expressão muito séria... —Você não sabe quanto tempo esperei por esse momento. Eu tenho que vê-lo.

Eu bufei e coloquei meu cabelo por cima do ombro.

—Isso é improvável. Ele aparece e desaparece com velocidade suficiente.

—Quantos anos tem?

Eu nunca tinha visto Gregory tão excitado. Eu fiz o meu dia e provavelmente o mês, ou talvez até mesmo o ano. Ele está sempre tentando me arrastar para bares, mesmo para bares héteros se eu concordar em ir. Nós nos conhecemos a oito anos, apenas oito, embora pareça que seja por toda vida. Era modelo masculino do Instituto, todas as garotas vieram em torno dele e ele saiu com todas elas,

mas tinha um pequeno segredo, um segredo que o transformou em um pária quando veio à tona. Ele era gay. Ou oitenta por cento gay, como ele costumava dizer. Nossa amizade começou quando eu o encontrei no galpão de bicicleta uma vez, quando uns caras lhe deram uma surra.

—Eu acho que tenha uns vinte e poucos anos, embora pareça mais velho . Parece muito maduro. Ele sempre está de ternos, que por sinal parecem muito caros.

—Perfeito.— Ele esfrega as mãos. — Qual é o seu nome?

—M — eu respondo calmamente.

—«M»? —Gregory enruga a testa com um gesto de desaprovação — Quem é? A cabeça de James Bond?

Começo a rir alto, e sorrio para mim mesma por ver o meu amigo ansioso, esperando para lhe confirmar que meu Adônis tem um nome, além de uma letra do alfabeto.

—Assina com um «M».

—Como 'assina'?— A confusão aumenta e ainda mais rugas.

Não sei se eu deveria divulgar essa parte.

—Não gostou do meu café e decidiu me avisar por escrito em um guardanapo. Ele assinou a mensagem com um "M", mas depois descobri que se chama Miller.

—Aaaahhhh! Que sexy! Mas que sem vergonha!

Gregory fica confuso e reage de forma semelhante a que eu fiz, mais depois ele fica muito sério e olha para mim com olhos de suspeita.

— E como você se sentiu?

—Inútil — respondo sem pensar, e eu não paro lá—: estúpida, zangada, irritada.

Sorri para meu amigo.

—Conseguiu uma reação?– pergunta —Te deixou furiosa?

—Sim! —exclamei completamente exasperada. — Eu fiquei irritada como um macaco!

—Tão forte! Eu não o conheço... e já o estou adorando.— Gregory se levanta e me oferece uma mão para ajudar-me a levantar — Certamente que está cativado por você, assim, como a maior parte do homens nesse mundo de Deus.

Aceito sua ajuda e deixo que me puxe.

—Isso não é verdade.

Suspiro ao lembrar nossa breve troca de palavras, especialmente uma frase: 'eu também me sinto fascinado por você'. Com *fascinado*, quis dizer *atraído*?

—Acredite em mim, sim ele é.

De repente sinto a necessidade de cuspir tudo para ver o que Gregory acha dessa questão.

—Eu estava há um milímetro de seus lábios.

Meu amigo está morto.

—O que você quer dizer?— Suas costas se endireitam, e ele restringe seus olhos em mim. — Você o rejeitou?

—Não, eu queria — eu disse sem a menor vergonha—. Mas ele disse que ele não podia e me deixou no banheiro das meninas me sentindo como a maior idiota.

—Ele te irritou?

—Eu fiquei furiosa.

—Sim! –Suas mãos batem palmas e me pega para um abraço. —Fantástico. Conte-me mais.

Conto-lhe tudo, a bandeja no chão, a suposta parceira de Miller e como em seguida fui abordada e abandonada depois.

Quando eu termino, Gregory permanece pensativo. Não é a reação que esperava ou que eu estava procurando.

—Ele gosta de jogar. Este homem não combina com você, Livy. Esqueça-o.

Eu fico perplexa, e ele percebe a maneira que me afasto dele e meu olhar de reprovação.

—Esquecer? Você está doido? Gregory... ele me olha de uma maneira que... Quero que me olhem sempre desse jeito.— Faço uma breve pausa—... Eu quero que ele olhe para mim sempre dessa forma.

—Oh, querida...

Suspiro.

—Sim.

—Você precisa se distrair— decide, e olha meu Converse laranja. Que cor poderemos comprar hoje?

Meu olhar se ilumina.

—Eu vi um par azul céu em Carnaby Street.

—Azul céu, hein? – Coloca o braço em meus ombros, e começamos a caminhar para a estação do metrô... — Muito bom.

Capítulo Quatro

Sylvie e eu somos as últimas a sair da Cafeteria. Enquanto ela fecha, eu arrasto o lixo para o

beco e retiro o saco de lixo do recipiente grande.

—Eu vou tomar um bom e longo banho—, diz Sylvie entrelaçando o braço com o meu quando começamos a descer a rua. —Com velas.

—Não vai sair hoje à noite?— Eu pergunto.

—Não. Segundas-feiras são uma porcaria, mas as noites de quarta-feira são incríveis. Você deveria vir.— Seus olhos brilham de esperança, embora eles se apaguem instantaneamente quando me vê negando com o cabeça. —Por que não?

—Não bebo.— Cruzamos a rua para evitar a hora do rush e buzinam por não usarmos a faixa de pedestres.

—Vão dar a bunda!— grita Sylvie atraindo um milhão de olhares.

—Sylvie!— Eu a repreendo, mortificada. Ela ri e faz um gesto para o motorista.

—Por que não bebe?

—Não confio em mim. — As palavras me escapam dos lábios, surpreendendo-me e claramente surpreendendo Sylvie, porque ela me olha com seus olhos castanhos arregalados... e então, sorri maliciosamente.

—Acho que eu gostaria de saber como é Livy bêbada. Bufo em desacordo.

—Eu vou ficar aqui—, anuncio acenando para a parada de ônibus, enquanto eu coloco um pé na calçada, pronta para cruzar novamente.

—Nos vemos amanhã.— Ela se inclina para me dar um beijo na bochecha e ambas pulamos quando buzinam novamente.

Ignoro o idiota impaciente, mas Sylvie não.

—Foda—se! Mas o que acontece com essas pessoas? —exclama! — Nem se quer estamos dificultando a passagem para sua nova AMG, o casulo de Mercedes! Ela vai para o carro quando a janela do passageiro da frente começa a descer. Tenho a sensação que começará uma briga. Ela se inclina — Veja se você aprende a...! —De repente para, se vira para direita e se afasta da Mercedes preta.

Com curiosidade, eu me abaixo para ver o que fez ela se calar e meu coração pula alguns batimentos cardíacos por ver o motorista.

—Livy.— Apenas ouço Sylvie junto como o ruído do tráfego e as buzinas. Ela se afasta da calçada. —Parece que estava buzinando para você.

Estou parcialmente inclinada quando meus olhos passam de Sylvie para o carro, onde ele está sentado, relaxado, segurando o volante com uma mão.

—Entre — apenas comanda.

Eu sei que vou entrar no carro, então eu não sei por que olho para Sylvie como pedindo conselho. Ela nega com a cabeça.

—Livy, eu não faria isso. Você não o conhece.

Endireito-me e abro a boca para dizer algo, mas não encontro nenhuma palavra. Tem razão e não sei o que fazer. Meu olhar vai do carro para minha nova amiga. Nunca faço besteira, há muito tempo que parei de fazê-las, apesar de que todos os pensamentos que vêm em minha mente nesse momento indicam o contrário. Não sei quanto tempo eu gasto parada deliberando, mas deixo o meu estado de egocentrismo, quando a porta do condutor da Mercedes se abre e ele rodeia o carro, agarra

o meu braço e abre a porta do carona.

—Ei! — Sylvie tenta reclamar. — Que diabos você acha que está fazendo com minha amiga?

Ele me empurra no assento e então se vira para minha amiga desnorteada.

—Eu só quero falar com ela. —Remove um papel do interior bolso e uma caneta, escreve algo e entrega a Sylvie. — É o meu número. Ligue para mim.

—O quê? —Sylvie pega o papel de suas mãos e o lê.

—Ligue-me.

Olhando para ele com reprovação, retira da bolsa o celular e disca o número. Então, um telefone começa a tocar. Ele pega um iPhone de dentro do bolso e entrega-o a mim.

—Você tem meu telefone. Se você quiser chamá-la, responderemos.

—Pode ligar para o dela — Sylvie trava enquanto a chamada finaliza—. Que inferno? Você poderia desligá-lo, assim que você ligar o carro.

—Acho que você vai ter que confiar em minha palavra.— Fecha a porta e novamente rodeia o Mercedes, deixando Sylvie na calçada com a boca aberta.

Eu deveria sair do carro, mas eu não faço. Eu deveria protestar e insultá-lo, mas não o faço. Olho para minha amiga na calçada e aceno iPhone que Miller acabou de me entregar. Tem razão, isso não prova nada, mas isso não impede de fazer algo extremamente irresponsável. Embora eu não tenha medo. Não irá me fazer mal, exceto, talvez, para o meu coração.

Mais sinais sonoros de buzinas começam a ressoar em torno de nós quando ele entra no carro e move-se longe do meio-fio abruptamente sem dizer uma palavra. Não estou nervosa. Praticamente fui sequestrada na rua e na hora do rush de Londres e em meu interior não sinto nem um pouco com medo. Pelo contrário, sinto outro tipo de vibração. Eu o assisto discretamente e vejo seu terno escuro e seu perfil magnífico. Eu nunca tinha visto ninguém como ele. O espaço fechado que nos rodeia é silencioso, mas algo se expressa e não é nem Miller, nem eu. É o desejo. E está me dizendo que estou prestes a experimentar algo que vai mudar a minha vida. Eu quero saber onde ele está me levando, eu quero saber o que quer falar comigo, mas meu desejo de saber, não me incita a falar, e ele não parece ter a intenção de me dar qualquer tipo de informações no momento, então relaxo contra a pele macia do meu assento e permaneço em silêncio. Então ele liga o rádio e de repente encontro-me fascinada ouvindo *Boulevard of Broken Dreams*, do Green Day, uma canção que nunca poderia ser relacionada a esse homem tão misterioso.

Passamos meia hora no carro, parando e andando, seguindo o ritmo da hora do rush até parar em um estacionamento subterrâneo. Ele parece estar quebrando a cabeça enquanto ele desliga o motor e dá alguns toques com a mão no volante antes de sair e vir à minha porta. Ao abri-la, ele encontra meus olhos e vejo segurança nos olhos dele quando me dá a mão.

—Me dê a sua mão.

Minha resposta é completamente automática. Eu levanto a mão para aceitar a sua e levanto do assento enquanto desfruto da sensação familiar que alguns raios internos atravessam lá dentro, um sentimento que quanto mais experimento mais se torna incrível.

—Aí está de novo — murmura ao mudar a mão de posição para ser capaz de me segurar melhor. Ele também sente. —Dê-me sua bolsa.

Entrego minha bolsa imediatamente de maneira involuntária, sem pensar. Estou no piloto automático.

—Você tem meu celular?— pergunta enquanto suavemente fecha a porta do carro e me puxa para a escada.

—Sim — eu respondo e levanto o dispositivo.

—Chame sua amiga e diga-lhe que você está na minha casa.— Abre a porta. —E avise a todo mundo que pode estar preocupado com você.

Sobe as escadas lentamente, ainda segurando minha mão, e o sigo sem escolha.

—Deveria fazê-lo do meu telefone — digo lutando com seu iphone.

A reação de minha avó ao ver que estou chamando de um número estranho é começar a fazer perguntas. Perguntas que eu não quero ou não sei como responder.

—Como você quiser. — Encolhe os ombros definidos e continua a me puxar.

Quando passamos o terceiro andar, meus pés começam a queimar e abro a boca para tomar um fôlego.

—Em que andar você mora?— Pergunto ofegante, envergonhada pela minha forma física. Eu ando muito, mas normalmente não subo tantas escadas.

—No décimo, — responde como se fosse uma coisa normal.

A ideia de que ainda restavam sete andares acima fez meus pulmões ficarem vazios por completo e minhas pernas tremerem.

—Não há elevador?

—Sim.

—Então, por que...? — Estou sem fôlego e chiando para pegar ar.

Naquele momento me pega nos braços, e continua a subir. Sem escolha encosto-me em seus ombros, e a sensação é fantástica. Meus olhos e meu nariz se deleitam com a proximidade.

Quando chegamos ao décimo andar ele abre a porta da frente para um corredor vazio, deixa-me em pé no chão e insere a chave na fechadura de uma porta preta brilhante.

—Entre. — Afasta-se para um lado, faz um gesto para que eu passe e faço sem pensar, sem protestar e perguntar qual é a razão que me trouxe aqui.

Sinto a palma da sua mão no meu pescoço, quente e reconfortante. Atravesso lentamente a entrada e ao redor de uma enorme mesa redonda. A recepção dá para um espaço amplo, repleto de mármore com um teto abobadado e gigantescas obras de arte por toda parte, todas são imagens de arquitetura de Londres. Mas não é a grandiosidade do apartamento nem o oceano de mármore de cor creme que me deixa sem palavras. São essas pinturas; seis, para ser exata, e todas perfeitamente penduradas em locais estratégicos onde mais se destacam. Elas não são típicas ou tradicionais, e te obrigam a espremer os olhos para ver exatamente o que representam. Sem dúvida, reconheço todos esses edifícios e lugares emblemáticos perfeitamente, e ao olhar ao redor sou capaz de identificar todos sem estreitar os olhos.

Ele me guia educadamente para um sofá de couro creme, o maior que já tinha visto em minha vida.

—Sente—se. – Ele me empurra suavemente para baixo e deixa minha bolsa do meu lado – Ligue para sua amiga — ordena e me deixa olhando para o meu telefone enquanto ele se aproxima do bar e pega um copo, onde derrama um líquido escuro.

Ligo para Sylvie e chamo apenas uma vez, antes que a sua voz assustada perfure meus

tímpanos.

—Livy?

—Sou eu — respondo em uma voz baixa, e observo como Miller se vira, se encosta contra o balcão e da um lento trago em sua bebida.

—Onde você está? — Parece que ela esteve correndo, está quase sem fôlego.

—Em sua casa. Estou bem.— Me sinto incomodada dando explicações, enquanto ele observa com cuidado, mas não posso escapar de seus olhar de aço.

— Quem diabos ele acha que é? — minha amiga pergunta com descrença — E você perdeu o juízo por ter ido com ele, Livy. No que você estava pensando?

—Não sei — eu respondo honestamente, desde que é verdade que eu não faço ideia.

Deixei que me levasse me colocasse no carro e me trouxesse para um apartamento estranho. Eu sou uma irresponsável, mas mesmo agora, enquanto eu ouço a bronca de minha amiga no telefone, ele está me olhando sem expressão, e eu não estou com medo.

—Foda-se— explode Sylvie. —O que ele está fazendo? O que ele te disse? O que ele quer?

—Não sei. — Observo como toma mais um gole de sua bebida.

—Não tem nenhuma porra de ideia, não é? — cospe, e sua respiração relaxa.

—A verdade é que não— Admito. —Eu te ligo quando chegar em casa.

—É melhor que sim,— ela diz em um tom ameaçador. —Se não me ligar antes da meia-noite, vou ligar para a polícia. Eu tenho o seu registro.

Sorrio para mim mesma, agradecendo sua preocupação, mas no fundo eu sei que não é necessária. Não vai me machucar.

—Eu vou ligar—, garanto.

—Vá em frente, continua. —E tenha cuidado,— adiciona mais suavemente.

—Ok.

Eu desligo e imediatamente ligo para casa, ansiosa para terminar e descobrir para que ele me trouxe aqui. Não preciso de muitas explicações para minha avó. Como eu imaginava, fica muito feliz quando lhe digo que saí com colegas de trabalho para desfrutar de uma xícara de café.

Eu desligo e deixo os dois telefones sobre a enorme mesa de vidro em frente a mim, então começo a brincar com o anel que eu tenho no dedo, sem saber o que dizer. Limitamo-nos a olhar um para o outro, ele dando goles frequentes, e eu perdendo-me em seu olhar poderoso.

—Gostaria de uma bebida?– pergunta —Vinho, conhaque...?

Nego com a cabeça.

— Vodca?

— Não – O álcool é uma fraqueza que ele não tem por que descobrir, embora pareça que não preciso beber para terminar fazendo coisas estúpidas com esse homem. —O que estou fazendo aqui? — finalmente pergunto. Eu acho que eu sei a resposta, mas eu quero ouvir as palavras.

Batendo com os dedos no lado do copo com ar pensativo, separa seu corpo alto do balcão e começa a andar lentamente em minha direção. Ele desfaz o botão do terno, descendo para se sentar à mesa em frente a mim e deixa a bebida. Interrompe nosso contato visual um instante para ver onde deixou o copo. Ele gira um pouco e ordena nossos telefones. Meu pulso se acelera e faz isso ainda

mais, quando ele me olha e segura meus pulsos para abaixo dos joelhos, incitando-me a me inclinar para frente até que apenas alguns centímetros separam nossos rostos. Ele não diz nada, nem eu. Nossa respiração entrecortada atingindo nossas bocas fechadas diz tudo o que é preciso dizer. Nós dois estamos a ponto de explodir de desejo.

Ele move seu rosto para frente uma mecha rebelde cai em sua testa, ele não procura meus lábios, mas sim minha bochecha. Sua respiração agita sopra próximo ao meu ouvido. Toco no seu rosto involuntariamente e sinto a pressão que se estabelece entre as minhas coxas.

—Eu não consigo parar de pensar em você — sussurra, e agarra abaixo dos joelhos com mais vontade — Eu tenho tentado com todas as minhas forças, mas eu vejo você em todos os lugares, em todos as horas.

Inspiro profundamente e minhas mãos se levantam por vontade própria à procura de seus cabelos. Eu enterro meus dedos neles e fecho os olhos.

—Você disse que não poderia ficar comigo — recordo, sem saber se faço bem ou não. Não deveria mencionar sua relutância anterior, porque se ele se afastar agora vou enlouquecer.

— E eu não posso. — Desliza seu rosto pelo meu rosto confuso até que coloca sua testa contra a minha.

Espero que não tenha me trazido aqui apenas para reafirmar sua declaração anterior. Ele não pode me pegar assim, então falar comigo e depois não fazer nada.

—Eu não entendo — murmuro, pedindo a todos os santos para não parar com isso. Desenha círculos com sua testa contra a minha lenta e cuidadosamente.

—Tenho uma proposta.— Deve estar percebendo minha confusão, porque ele se afasta e analisa minha expressão. Inspiro profundamente e me preparo— Tudo o que posso oferecer é uma noite.

Não preciso perguntar o que isso significa. A ligeira dor que sinto no estômago me diz exatamente.

—Por quê?

—Não estou disponível emocionalmente, Livy. Mas eu preciso ter você. —Estica a mão pra segurar minha bochecha e começa a me acariciar suavemente usando o polegar.

—Me quer apenas por uma noite e nada mais? —pergunto, e a ligeira dor que sinto se transforma em uma intensa pontada.

Apenas uma noite? Embora, na realidade, seria um absurdo esperar outra coisa. «A melhor foda selvagem da minha vida.» Dito isso. Nada mais.

—Uma noite — confirma—. E eu estou rezando que você dê isso para mim.

Perco-me em seus olhos azuis, e desejo ardentemente que diga algo mais, algo que faça com que me sinta melhor, porque nesse momento sinto-me enganada, o que é um absurdo. Eu mal o conheço, mas a ideia de passar apenas uma noite com esse homem dilacera minha alma.

—Acho que eu não posso fazer. —Meus olhos e meu coração se escurecem — Não é justo que me peça algo assim.

—Nunca disse que era justo, Livy. —Ele agarra meu queixo e aproxima meu rosto do seu. — Eu vi algo, e eu quero. Eu costumo ter tudo o que quero, mas dessa vez eu estou te dando uma escolha.

— E o que eu ganho? —Eu pergunto. O que eu ganho com tudo isso?

— Eu te venerando por vinte e quatro horas. – Abre a boca ligeiramente e sua língua desliza por todo seu lábio inferior, como se tentando me mostrar como poderia ser aquelas vinte e quatro horas. É um desperdício de energia. Eu tenho uma ideia bastante clara de como seriam essas horas.

—Antes você disse que só poderia me oferecer uma noite.

—Vinte e quatro horas, Livy.

Quero aceitar, mas começo a negar com a cabeça. Minha integridade assume o controle. Se eu dormir com um homem, não vai ser assim. Todos os meus esforços para evitar os passos de minha mãe seriam em vão se eu concordar em fazer isso e eu não posso me decepcionar dessa forma.

—Desculpe-me, não posso aceitar isso.

Eu não deveria me desculpar por recusar seu pedido irracional, mas eu realmente sinto muito. Eu quero que me venere, mas eu não vou me expor a sofrer a devastação, porque isso seria o resultado. Estou começando a sofrer, e ele nem sequer me beijou ainda.

Desanimado, ele se afasta e quebra todo o contato entre nós. Sinto-me um pouco perdida, o que deveria reforçar minha decisão de rejeitar sua oferta. Uma noite não seria suficiente.

—Estou desapontado — suspira — Mas respeito sua decisão.

Decepciona-me que ele a respeite. Eu quero lutar mais, que me convença a dizer sim. Não penso com clareza.

—Eu não sei nada sobre você.

Pega sua bebida e bebe, atraindo meus olhos para os seus lábios.

—Se você soubesse mais, você reconsideraria sua decisão?

—Não sei.

Estou frustrada e com raiva, irritada porque coloquei esta brecha. Recuso-me a aceitar que uma proposta tão estranha deva ter uma decisão simples, mas quanto mais tempo passo com ele, por mais estranho e louco que pareça, mais quero remover minha resposta e aceitar a sua oferta de vinte e quatro horas.

—Bem, você sabe meu nome.— Seus lábios curvam ligeiramente, mas não chegam a formar um sorriso.

—Isso é a única coisa que eu sei. — eu respondo. — Não sei seu sobrenome, ou sua idade, ou o que você faz.

— E você precisa saber tudo isso para passar uma noite comigo? — Arqueia as sobrancelhas e seus lábios se curvam um pouco mais.

Espero que ele dê um sorriso completo, assim eu sentiria que o conheço melhor. Embora, deveria aumentar o meu fascínio se isso significa que eu vou me aproximar mais dele? Acho que não, assim encolho os ombros sem me comprometer com qualquer coisa e abaixo a cabeça deixando meu cabelo cair no meu colo.

—Meu nome é Miller Hart — ele começa, atraindo de novo meu olhar. Eu tenho vinte e nove...

—Para! —Levanto a mão e interrompendo—o — Não me diga. Não preciso saber.

Inclina a cabeça para um lado, levemente divertido, ainda sem demonstrar com a boca.

—Você não precisa ou não quer saber?

—As duas coisas – retruco bruscamente, e eu sinto uma estranha raiva me assumir de novo.

Ele me fez sentir irritada antes de sugerir algo tão absurdo, mas agora estou furiosa.

Levanto-me e ele se inclina na mesa e olha para mim.

—Obrigado pela oferta, mas a resposta é não.

Pego minha bolsa e meu telefone e viro em direção à porta, mas antes de chegar a final do sofá, me agarrara suavemente e empurra meu rosto contra a parede. A bolsa caí no chão de mármore e fecho os olhos.

—Não me parece muito convencida — sussurra com seu queixo no meu ombro e sua boca junto ao meu ouvido enquanto separa minhas pernas com os joelhos.

—Não estou — confesso, amaldiçoando-me por meu deslize.

A sensação de ter seu corpo preso às minhas costas é maravilhosa demais, embora eu queira desesperadamente que não seja. Tudo indica que isso não é certo, mas essa sensação absurda e incrível me impede de ouvir os sinais de alerta.

— E é exatamente por isso que não vou deixar você ir até você aceitar. Você me deseja. — Vira-me e gruda as mãos contra a parede em ambos os lados de minha cabeça — E eu desejo você.

—Mas só por vinte e quatro horas — respondo ofegante tentando controlar minha respiração agitada.

Ele concorda e desce lentamente sua boca à minha. Não tem certeza. Hesita. Vejo em seus olhos. Mas então ele se aventura e mordisca meu lábio inferior. Cautelosamente beija-me e sussurra algumas palavras que parecem infundir coragem para penetrar a minha boca com sua língua até eu relaxar e aceitar sua delicada invasão. Eu começo a gemer incapaz de evitar, me perdendo em seu beijo e me agarrando em seus ombros. Estou no céu, assim como tinha imaginado, embora eu saiba que isso vai contra todo o meu bom senso. No entanto, deixo as dúvidas em um canto de minha mente e me deixo levar. Ele está me venerando, e a ideia de passar vinte e quatro horas, assim, quase me obriga a interromper nosso beijo e gritar com alegria, mas eu não faço. Por mais que eu goste, e meu desejo crescente, concentro—me em recriar no único beijo que receberei de Miller Hart. E um beijo que vou lembrar para o resto da minha vida.

Ele rosna e bate a virilha contra minha barriga. Sinto o pulsar de sua ereção.

—Porra, você sabe que isso é bom. Diga que sim — ele murmura na minha boca enquanto mordisca meus lábios. — Por favor, diga sim.

Quero atrasar minha resposta, só para estender esse beijo requintado, mas minha força de vontade está despencando com cada segundo que passa seduzindo minha boca.

— Não posso — ofego, e me afasto para interromper o contato de nossas bocas. Eu gostaria mais.

Eu sei que quero mais, por mais absurdo que possa parecer. Eu nunca pretendi ter esse tipo de conexão com alguém, mas se tivesse, gostaria que fosse assim; uma coisa muito boa, esmagadora..., algo especial e fora de controle; algo que me faria retrair de minhas conclusões anteriores sobre intimidade. Encontrei isso por acaso, quando menos esperava, mas aconteceu e eu não posso continuar, sabendo que após esses vinte e quatro horas não haverá nada além de dor.

Ele emite um grunhido de frustração e se afasta da parede.

—Merda – Diz uma maldição e olha para o teto — Não devia ter te trazido aqui.

Recupero a sanidade e a compostura, mas eu ainda estou presa à parede para evitar um colapso.

—Não, não deveria — Eu concordo, orgulhosa de ter soado convencida disso. — Tenho que ir.

Pego minha bolsa no chão e apresso-me para a porta sem olhar para trás.

Uma vez em segurança, na escada, deixo meu corpo cair contra a parede, respirando com dificuldade e tremendo. Eu estou fazendo a coisa certa. Eu preciso repetir várias vezes essa ideia. Nada de bom poderia ter vindo disso, além da memória de um dia maravilhoso e uma noite que nunca vou reviver. Seria uma tortura e me recuso a pagar por isso, eu me recuso a provar algo fantástico, que eu sei que vai ser, apenas para tê-lo tirado de mim. Nunca. Recuso-me a ser como minha mãe. Resolvida e satisfeita com a minha decisão, eu desço as escadas e sigo até a estação do metrô. Pela primeira vez em muitos anos, eu preciso tomar uma bebida.

Capítulo Cinco

Passei uma semana sem ser eu mesma. Todo mundo tem notado e comentado comigo, mas meu estado de espírito tem feito com que parem de me perguntar, todos menos Gregory, que tenho certeza que tem falado com a minha avó, porque passou de estar curioso e interessado a preocupado e compreensivo. Ela também tem me preparado uma torta de limão todos os dias.

Eu estou limpando a última mesa, distraída, passando o pano de um lado para o outro, quando a porta da cafeteria se abre, e me encontro de frente ao Senhor-Olhos-Arregalados.

Sorri incomodado e fecha a porta com cuidado depois de entrar.

—É muito tarde para pedir um café para a viagem? —pergunta.

— Absolutamente. — Eu levo a bandeja e deixo-a no balcão antes de carregar o filtro. — Um cappuccino?

—Por favor — responde educadamente ao se aproximar.

Eu começo a fazer meu trabalho ignorando Sylvie, que passa com o lixo e para quando reconhece meu cliente.

—É bonito – ela se limita a dizer antes de seguir seu caminho.

É verdade, é bonito, mas estou muito ocupada tentando esquecer outro cara para apreciá-lo. Ele é o tipo de homem que deveria prestar mais atenção, se é que vou prestar atenção em algum tipo. Não aos taciturnos, obscuros e enigmáticos que só querem passar 24 horas com você, e depois, se te veem não se lembram.

Eu começo a aquecer o leite, agitando o frasco para o jato de vapor com esse som sibilante que está tão em sintonia com a minha mente. Eu derramo o leite, esparramo chocolate, coloco o copo e me viro para entregar o café perfeito.

—São dois e oitenta, por favor. — Estendo a mão.

O cliente delicadamente coloca três libras na palma da minha mão e eu digito no caixa com a outra mão.

—Meu nome é Luke – Diz lentamente — Posso perguntar o seu nome?

—Livy — eu respondo e jogo as moedas na gaveta sem nenhum cuidado.

—Você está saindo com alguém? —pergunta com cautela. Eu franzo a testa.

—Eu disse a você— Pela primeira vez, vejo sua aparência adorável através de minha barreira de proteção mental e imagens de Miller. Tem cabelo castanho claro em linha reta, mas não é mal e seus olhos castanhos são quentes e amigáveis — Então, por que me perg...? —Eu paro sem terminar a frase e direciono meu olhar para Sylvie, que voltou a entrar pela porta da cafeteria, sem os dois sacos de lixo.

Eu lanço a ela um olhar de reprovação, sabendo perfeitamente que foi ela quem disse a ele que estou completamente disponível.

Ao invés de ficar para suportar meu ressentimento, Sylvie foge para a segurança da cozinha. Senhor Olhos-Arregalados, ou Luke, fica um pouco nervoso e nem sequer olha para minha amiga quando ela desaparece.

—Minha amiga é uma boca grande. – Eu falo — Desfrute do café.

—Por que você mentiu?

—Porque eu não estou disponível. – Isso é o que repito a mim mesma, porque é verdade, repito embora agora seja por uma razão completamente diferente. Posso ter rejeitado a oferta de Miller, mas isso não tornou mais fácil de esquecer. Eu levo a mão aos lábios e ainda sinto os dele, me beijando, me mordendo. Suspiro. — É hora de fechar.

Luke desliza um cartão pelo balcão e bate com os dedos antes de liberá-lo.

—Eu gostaria de sair com você, então, se no final, você decidir que está disponível, eu adoraria que me chamasse.

Eu olho para cima. Ele me lança um olhar e um sorriso da cara de pau é desenhado em seu rosto.

Devolvo o sorriso e o vejo sair da cafeteria assobiando alegremente.

—É seguro? —Ouço Sylvie dizer com voz ansiosa da cozinha.

Ao me virar, vejo sua cabeça morena, olhando através da porta de vai e vem.

—Agora você vai ver, traidora!

Eu tiro meu avental.

—Escapou-me. —Ainda não se atreve a sair e permanece atrás do abrigo da porta. —Vamos, Livy. Dê-lhe uma chance.

Agora todo seu foco está em Luke, depois de sua declaração e telefonema antes da meia–noite depois que Miller me sequestrou. Não precisava lhe dar detalhes. Eu não precisei dar detalhes. Meu estado de abatimento através da linha telefônica disse-lhe o que precisava saber, sem precisar falar da proposta desconcertantes que me fez.

—Sylvie, eu não me interesso — respondi enquanto peguei meu avental e pendurei-o no gancho.

—Você não disse o mesmo com o imbecil do Mercedes brilhante. — Ela sabe que não deveria mencioná-lo, mas ela tem razão, e tem todo o direito do mundo de dizê-lo. — Caso tenha se esquecido.

Nego com a cabeça, exasperada, e passo atrás dela em direção à cozinha para buscar o meu casaco e minha bolsa. Todas essas emoções: raiva, irritação, luto, são por causa de uma coisa... Um homem.

—Nos vemos amanhã! — grito e deixo que Sylvie feche sozinha o estabelecimento.

Caminho tranquilamente até o ponto de ônibus, mas a tranquilidade, não durou muito tempo. Gregory me chama por trás. Suspiro com relutância e vou lentamente sem me incomodar em colocar um sorriso falso em meu rosto cansado.

Ele está usando suas roupas de jardinagem e tem folhas de grama nos cabelos. Quando chega até mim, envolve-me em um abraço, e puxa-me em sua direção.

—Está indo pra casa?

—Sim, o que você faz aqui?

—Vim te buscar. — Parece sincero, mas eu não engulo.

—Você veio para me levar para casa ou para me tirar informações? —Pergunto secamente, com o que me valeu uma cutucada de seu quadril contra minha cintura.

—Como você está?

Penso calmamente em que palavras usar para evitar que continue me interrogando. Ele já sabe suficiente e já atualizou minha avó. Não vou falar sobre a proposta de vinte e quatro horas, muito menos que eu agora tenho sentimentos mistos. Recusei e agora sou feita de pó, então talvez eu devesse ceder e estar cheia de pó do mesmo jeito. Mas pelo menos teria uma experiência pra recordar quando me sentir mal, algo para lembrar.

—Bem — eu finalmente respondo e deixo Gregory me guiar até sua van.

—Livy, se ele te disse que não estava emocionalmente disponível, deve ser por algo. Você fez bem ao decidir não vê-lo novamente.

— Eu sei — concordo. — Mas, por que eu não posso parar de pensar nele?.

— Porque nós sempre nos apaixonamos por homens que não deveríamos. — Ele se inclina e beija minha testa. — Dos que nos deixam tontos e pisoteiam o nosso coração. Te digo por experiência, e eu estou feliz que você cortou suas perdas, antes que a coisa foi longe demais. Estou orgulhoso de você. Você merece o melhor.

Sorrio e me lembro da quantidade de vezes que eu tive que consolar Gregory depois de ser vítima do encanto de um homem. Mas Miller não é encantador em tudo. Eu não sei muito bem o que ele tem, além de sua aparência magnífica, mas é uma sensação..., foda—se, que sensação. E o que Gregory acaba de dizer é verdade. Eu cresci sem a minha mãe por causa das más decisões que ela tomou em relação aos homens. Isso deveria ser motivo suficiente para fugir dele, mas estou cada vez mais atraída. Ainda sinto seus lábios macios sobre os meus, minha pele ainda queima ao recordar seu toque, e todas as noites, ao deitar na cama, eu tenho revivido aquele beijo. Nunca, nada me fará sentir igual.

Abro a porta, entramos em casa e nos dirigimos para a cozinha. Eu ouço as vozes da minha

avó e de George e o som de uma colher de pau a bater contra as paredes de um enorme panela de metal: uma panela para guisado. Esta noite teremos guisado. Enrugo o nariz e fico tentada a escapar para a loja de peixe e batatas fritas da vizinhança. Não suporto guisado, mas George ama e veio para o jantar, então isso é o que é.

—Gregory! —Minha avó atira contra meu amigo gay e o sufoca com seus lábios rosa pálido. — Fique para jantar. — Ela aponta uma cadeira, se dirige para mim, e também me ataca com seus lábios macios e coloca-me numa cadeira ao lado de George. — Eu adoro quando estamos todos aqui — diz alegremente. — Quem quer guisado?

Todo mundo levanta a mão, incluindo eu, embora não suporte essa refeição.

—Sente-se, Gregory — ordena minha avó.

Meu amigo obedece sem se atrever a murmurar e torce o nariz, ao ver eu e George com um sorriso de deboche depois de apreciar seu medo.

—Alguém se atreva a dizer o contrário..., — sussurra.

—Como? —Minha avó se vira, e todos nós ficamos sérios e retos, como boas crianças.

—Nada! —respondemos em uníssono.

Minha querida avó lança um olhar de suspeita para cada um de nós.

—Hum. — Coloca a panela no centro da mesa. — Sirvam-se.

George praticamente se lança dentro do recipiente. Eu picoto alguns pedacinhos de pão e os mastigo lentamente, enquanto os outros conversam alegremente.

Miller me vem à cabeça, e a memória dele me obriga a fechar os olhos. Eu consigo sentir o cheiro, e tenho que conter a respiração. Eu sinto o calor do seu toque e tremo na cadeira. Repreendo a mim mesma e me forço a apagar sua imagem, seu cheiro, seu toque e o som suave da sua voz.

Não consigo. Apaixonar-me por esse homem seria um desastre. Tudo indica que será e isso deveria ser suficiente para mim, mas não é assim. Sinto-me fraca e vulnerável, e odeio. Tampouco gosto da ideia de não voltar a vê-lo.

—Livy, você nem sequer provou o jantar.

Minha avó me tira do meu devaneio golpeando meu prato com uma colher.

—Não tenho fome. — Afasto o prato e me levanto. —Desculpe-me, mas eu vou para a cama.

Sinto seus olhares de preocupação cravados em minhas costas, enquanto eu saia da cozinha, mas eu não me importo. Sim, Lívy Taylor, a garota que não precisa de qualquer homem, se apaixonou, e se apaixonou por alguém que pode, e provavelmente não deveria, ter.

Arrasto meu corpo pesado ao andar superior pelas escadas e esparramo pela cama, sem me importar em me despir ou tirar a maquiagem. Lá fora ainda não escureceu, mas eu tapo com meu edredom grosso para esconder a luz. Eu preciso de silêncio e escuridão para poder seguir me torturando um pouco mais.

A sexta-feira me parece eterna. Eu decido não tomar café da manhã para escapar da minha avó. Eu prefiro enfrentar sua inevitável chamada de preocupação a caminho do trabalho. Estava com raiva, mas ela não podia me forçar a engolir os cereais a um quilômetro e meio de distância. Del, Paul e Sylvie tentaram sem sucesso, me dar um sorriso genuíno, e Luke voltou a passar para buscar um café, no caso de eu ter mudado de opinião relativamente ao meu estado sentimental. Ele é persistente, isso eu tenho que admitir e é bonito e bastante engraçado, mas ainda não me interessa.

Estive todo o dia dando voltas em uma coisa, e quando estou prestes a pedir-lhe, me calo, porque sei que reação eu vou obter. E não a culpo. Mas Sylvie tem seu número e eu o quero. Estamos fechando a cafeteria. Eu tenho pouco tempo.

— Sylvie ... — digo inocentemente, girando lentamente o pano no ar . Não faz sentido tentar me fazer de boazinha sabendo o que eu vou pedir.

— Livy — responde com receio, imitando meu tom cauteloso.

—Ainda tem o telefone de Miller?

—Não! — Nega com a cabeça furiosamente e corre para a cozinha. — Joguei no lixo. — Decidi segui-la. Sem desistir.

— Mas você ligou para ele de seu telefone — recordo, e bato contra suas costas quando ela se detém.

—Apaguei — solta pouco convincente. Ela vai me obrigar a implorar ou me forçar a roubar seu telefone.

—Por favor, Sylvie. Eu estou ficando louca. — Uno as mãos em frente ao meu rosto suplicante, como se estivesse rezando.

—Não — Ela me separa as mãos e as abaixa. — Eu ouvi a sua voz quando saiu de seu apartamento e eu também vi sua cara no dia seguinte, Livy. Alguém tão doce como você não precisa se relacionar com um homem assim.

—Eu não consigo parar de pensar nele — digo com os dentes cerrados, como se me desse raiva admitir.

Estou furiosa. Estou furiosa por parecer tão desesperada e mais furiosa ainda por ser verdade.

Sylvie me afasta e retorna para o salão da cafeteria. Seu cabelo preto se move de um lado para outro.

—Não, não, não, Livy. As coisas acontecem por uma razão, e se você tem que ser com... — Eu volto a bater contra ela quando ela para novamente.

—Pare, pare! — grito sentindo a frustração tomando conta de mim. — Mas que inferno...?

Desta vez sou eu quem para, quando eu olho além de Sylvie e vejo Miller de pé na entrada do café, parecendo incrível em seu terno de três peças cinza, seus cachos negros bagunçados e esses olhos azuis como cristal cravados em mim.

Aproxima—se ignorando completamente minha colega de trabalho e continua com o olhar em mim.

—Você terminou o trabalho?

—Não! — estala Sylvie, movendo-se para trás e empurrando-me com ela. — Não terminou!

—Sylvie! —Me esquivo decididamente e agora sou eu quem a empurra até a cozinha. — Eu sei o que estou fazendo — eu sussurro. Embora não seja bem verdade. Eu não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

Ela agarra meu braço e se afasta.

—Como pode alguém passar de ser tão sensata para tão imprudente em tão pouco tempo? — pergunta pairando sobre meu ombro. — Você vai ter problemas, Livy.

—Isso é coisa minha.

Vejo que está abatida, mas no final cede, mas não sem antes lançar um olhar de aviso a Miller.

—Você está louca — rosna, dá meia volta em suas botas de motoqueira, marchando indignada e nos deixa sozinhos.

Respiro profundamente e me volto para o homem que invadiu cada segundo de meus pensamentos desde segunda.

—Quer um café? — pergunto apontando para a máquina de café gigante atrás de mim.

—Não, — responde calmamente, e se aproxima até que está a apenas alguns centímetros de distância. — Vamos dar um passeio.

"Um passeio?"

—Por quê?

Olha por um momento para a cozinha. É evidente que ele se sente desconfortável.

—Pegue sua bolsa e seu casaco.

Obedeço-lhe sem pensar muito. Finjo não ver a cara de espanto de Sylvie quando eu vou para a cozinha e recolho minhas coisas.

—Estou indo — eu digo, e saio correndo enquanto a deixo reclamando com Del e Paul. Ouço como ela me chama de idiota e como Del me chama de adulta. Ambos tem razão.

Pego minha bolsa, me aproximo dele e fecho os olhos quando ele apoia sua mão em meu pescoço e me orienta para fora da cafeteria. Guia-me pela rua até a pequena praça, aonde me senta em num banco. Ele se acomoda ao meu lado, senta e vira seu corpo na minha direção.

—Alguma vez você pensou sobre mim? —pergunta.

—Todo o tempo — eu admito. Não vou fazer rodeios. Eu fiz, e eu quero saber.

—Então passará a noite comigo?

—A condição é ainda apenas vinte e quatro horas? — pergunto, e ele assente.

O coração me dá uma reviravolta, embora isso não vá me impedir de aceitar. É impossível que me sinta pior do que como já me sinto.

Ele apoia a mão no meu joelho e aperta delicadamente.

—Vinte e quatro horas, sem amarras, sem compromisso e sem nenhum sentimento além de prazer. — Ele solta meu joelho, move a mão para o meu queixo e aproxima meu rosto do seu. — E garanto-lhe que haverá muito prazer, Livy. Te prometo.

Não duvido nem por um momento.

—Por que você quer fazer isso? — pergunto.

Sei que as mulheres tendem a ser muito mais profundas neste sentido do que os homens, mas está me pedindo para fazer uma coisa que acho impossível de cumprir. Eu não sinto apenas paixão, ou pelo menos eu acho. Estou confusa. Nem sei o que sinto.

Pela primeira vez desde que eu o conheço, ele sorri. É um sorriso verdadeiro, um sorriso lindo... e eu caio um pouco mais.

—Porque eu quero te beijar de novo. — Se inclina e apoia os lábios contra os meus. — Isto é novo para mim. Eu preciso te provar um pouco mais.

Novo? O que é novo para ele? O que ele quer dizer? Que eu não sou o tipo chique coberta de diamantes que ele geralmente descarta?

— E por que não devemos deixar passar tudo o que podemos criar juntos, Livy.

—O melhor sexo selvagem da minha vida? —Murmuro contra os lábios e posso sentir seu sorriso outra vez.

— E muito mais. — Ele se afasta e me deixa necessitada. Acho que eu poderia me acostumar com essa sensação. — Onde você mora?

—Moro com minha avó idosa. —Não sei por que eu disse *idosa*, talvez para justificar que ainda vivo com ela. — Em Camden.

Uma expressão de surpresa é desenhada na testa perfeita.

—Vou te buscar as sete. Diga a sua avó que você vai voltar amanhã à noite. Me dê seu endereço.

— E o que eu digo para ela? —Perguntei de repente em pânico. Eu nunca passei uma noite toda fora de casa e não sei que desculpa dar.

—Tenho certeza que encontrará alguma coisa.

Ele se levanta e me oferece a mão. Eu aceito e o deixo que me ajude a levantar.

—Não, você não entende isso. — Minha avó não vai engolir uma desculpa — Nunca passei a noite fora, não vai acreditar em mim se eu tentar lhe dar outra coisa senão a verdade, e eu não posso falar sobre você.

Ela morreria. Ou não. Talvez chegue a dar saltos de alegria e ação de graças a todos os santos. Conhecendo minha avó, provavelmente seria o segundo.

—Nunca sai por aí? —Ele diz surpreso.

—Não, — respondo com fingida indiferença.

— E nunca dormiu fora de casa? Mesmo na casa de um amigo?

Nunca havia me envergonhado do meu estilo de vida... até agora. De repente, me sinto infantil, ingênua e inexperiente, o que é um absurdo. Tenho que encontrar a minha velha cara de pau. Ele me ofereceu um sexo fantástico, mas o que receberá em troca? Porque eu não sou nenhuma gatinha no cio que vai abalar a sua cama. Um homem assim deve ter mulheres fazendo fila na porta de sua casa, todas vestidas em cetim ou laço, com salto alto e dispostas a deixá-lo louco de desejo.

Nego com a cabeça e olho para o chão.

—Lembre-me por que você quer fazer isso.

—Se você está falando comigo, não seja rude e olhe para mim. — Ele levanta meu queixo. — Não me parece uma pessoa insegura.

—Não costumo ser.

—O que mudou?

—Você.

Essa palavra faz com que ele estremeça, parecendo desconfortável, e me arrependo imediatamente.

—Eu?

Novamente eu abaixo a cabeça.

—Não pretendia te deixar desconfortável.

—Não estou desconfortável — responde calmamente—, mas agora me pergunto se esta é uma

boa ideia.

Levanto meu olhar imediatamente assustada que ele poderia retirar a sua oferta.

—Não, eu quero fazê-lo. —Não sei o que estou dizendo, mas eu continuo falando sem pensar: — Eu quero passar 24 horas com você. —Eu toco em seu peito e olho em seus olhos, aqueles olhos em que vou me perder em breve, se eu já não tiver feito isso ainda. — Eu preciso.

—Porque precisa disso, Livy?

—Para provar a mim mesma que eu fiz coisas erradas por muito tempo.

Atrevo-me a beijá-lo e fico na ponta dos pés para colar meus lábios contra os seus com a esperança de lembrá-lo das sensações da última vez, na esperança de que sinta de novo a descarga de energia.

Antes que me dê tempo para mergulhar a língua em sua boca, me envolve com seus braços e me aperta contra seu peito, nossas bocas se fundem, nossos corpos se unem e meu coração se detém. Noto seus lábios contra os meus e seu corpo me cobrindo completamente, fazendo com que me sinta... bem.

—Tem certeza? — ele me solta, me segurando a distância de um braço e se inclina para ter certeza de que olho em seus olhos e lhe escuto. — Deixei muito claro como vai ser, Livy. Se você acha que você pode fazer isso, as próximas 24 horas serão só nossas. Meu corpo e seu corpo experimentando coisas incríveis.

Assinto de forma convincente, embora eu não esteja inteiramente certa. Percebendo dúvidas em seu rosto bonito, o que me obriga a esboçar um sorriso forçado, por medo de quebrar nosso acordo. Posso não saber o que estou fazendo, mas eu não sei o que o que faria se ele se afastasse de mim agora.

— Tudo bem — diz. Desliza sua mão por minha nuca e me puxa para si. — Eu vou te levar para casa.

Lidera o caminho com a mão ainda no meu pescoço e me empurra para frente. Levanto os olhos por um momento, apenas para verificar que ainda está ali, que não estou sonhando.

Está lá. E está me olhando, avaliando-me, certamente, analisando meu estado mental.

Deveria perguntar-lhe que conclusões está chegando, já que eu não tenho ideia? A única coisa que eu sei é que ele vai ser meu, nas próximas vinte e quatro horas, e serei sua. Só espero não me encontrar em um estado de desolação pior uma vez que o tempo se esgote. Ignoro essa vozinha gritando em minha cabeça, para não continuar com isso. Eu sei como vai acabar, e não vai ser agradável.

Mas não posso negar isso. Nem me negar.

Capítulo Seis

—Te espero aqui. — Para o carro em frente à minha casa e retira o telefone do bolso. — Eu tenho que fazer umas ligações.

Vai esperar? Vai esperar fora da minha casa? Não, não pode fazer isso. Inferno, eu tenho certeza que minha avó já farejou isso. Eu olho para fora da janela na frente da casa para ver se as cortinas se movem.

—Pegarei um taxi até sua casa — sugiro enquanto eu faço uma lista mental das coisas que eu tenho que fazer quando entrar: tomar banho, me depilar... em todos os lugares, passar creme, tomar uma bebida, me maquiar... e dizer uma mentira monumental a minha avó.

—Não. — Rejeita minha oferta sem mesmo olhar para mim. Eu espero. Pegue suas coisas.

Eu faço uma careta de aborrecimento, saio do carro e caminho de forma lenta e cautelosa até minha casa, como se minha avó iria me ouvir se eu andasse mais rápido. Introduzo a chave na fechadura pouco a pouco, giro devagar, abro a porta pausadamente, levanto o pé com cuidado, pronta para entrar, e aperto os dentes ao ouvir o ranger da porta.

«Merda».

Minha avó está a menos de um metro de distância, com os braços cruzados, batendo no tapete estampado com o pé.

—Quem é este homem? — pergunta arqueando suas sobrancelhas grisalhas. — E por que você está entrando sorrateiramente como um ladrão, hein?

—É o meu chefe — eu gaguejo rapidamente e assim começa a maior mentira da minha vida. — Trabalho hoje à noite. Me trouxe para casa para que eu me troque.

Um sombra de decepção atravessa seu rosto enrugado.

—Ah...— Se vira e perde completamente o interesse pelo homem lá fora. — Então, não vou me preocupar com o jantar.

—Tudo bem.

Subo a escada em de dois em dois para ir ao banheiro. Abro a torneira do chuveiro e tiro a roupa em velocidade relâmpago. Entro antes que saia a água quente. "Merda!" Me afasto com arrepios e tremendo incontrolavelmente. "Merda, merda, merda! Esquente!" Passo a mão debaixo d'água e desejo desesperadamente esquente de uma vez. "Vamos, vamos."

Depois de um tempo longo demais, já está quente o suficiente para poder suportar, e eu vou para baixo. Eu lavo meu cabelo a toda a velocidade, eu me ensaboo toda e me depilo... toda. Eu atravesso correndo o patamar enrolada na toalha e alcanço a segurança do meu quarto sem fôlego. Em circunstâncias normais, eu costumo levar dez minutos para me vestir, colocar um pouco de pó no rosto e secar meu cabelo. Mas agora eu quero estar bem, quero estar bonita. E não tenho tempo suficiente.

«Roupa íntima», eu me lembro e corro até minhas gavetas, abro a primeira e faço uma careta para o monte de calcinhas e sutiãs de algodão. "Eu tenho que ter alguma coisa... algo que não seja de algodão, por Deus!"

Após cinco minutos de conferir peça por peça, eu descubro que, na verdade, todos os minhas roupas são de algodão, e não tenho nenhuma renda, cetim ou couro. Eu sabia, mas pensei que talvez um conjunto sexy pudesse, por mágica, ter aparecido no meu armário para impedir essa humilhação. Eu estava errada, mas como não tenho outra opção, eu me coloco em minha calcinha branca de algodão chata combinando com sutiã. Depois, eu arrumo o cabelo, passo um pouco de pó e belisco

minhas bochechas.

Agora vejo minha mochila e me pergunto o que eu preciso levar comigo. Eu não tenho nenhuma roupa interior ou saltos Stilettos, ou qualquer coisa remotamente sensual. O que eu estava pensando? No que ele estava pensando? Eu me apoio na borda da cama e afundo a cabeça entre as mãos. Meu cabelo cai pesado para frente, formando uma cascata sobre meus joelhos. Deveria ficar aqui e esperar até que ele se canse de esperar e vá embora, porque, de repente, já não me parece uma boa ideia. Na verdade, é a pior ideia que eu tive na minha vida e satisfeita de ter chegado a essa conclusão, eu me escondo debaixo das cobertas e cubro a cabeça com o travesseiro.

É rico, é bonito, é refinado, é um pouco distante e me quer por 24 horas? Ele precisa que lhe examinem a cabeça. Estes pensamentos invadem minha mente enquanto eu me escondo do mundo, até eu chegar a uma conclusão perfeitamente sólida: ele deve ter um monte de mulheres jogando-se aos seus pés todos os dias (porra e viu uma delas) e devem estar todas cobertas de diamantes, bolsas de designers e sapatos que devem custar mais do que eu ganho em um mês, então você pode querer tentar algo diferente, algo como eu: uma empregada normal, servindo café horrível e puxando as bandejas de champanhe muito caro para o chão. Afundo a cara ainda mais contra o travesseiro e resmungo:

—Idiota, idiota, idiota.

—Não, você não é idiota.

Sento-me imediatamente e eu o vejo sentado na poltrona no canto do meu quarto, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos e os cotovelos apoiados no apoio de braço com o queixo na palma da mão.

— Mas que inferno...?

Levanto da cama em um salto, corro para a porta do meu quarto, abro-a e olho para verificar se a minha avó tem o ouvido colado na porta de madeira. Não está, mas isso não me faz sentir melhor. Ela deve tê-lo deixado entrar.

—Como você subiu até aqui?

Fecho a porta e me encolho ao ver que ecoa em toda por toda casa.

Ele não. Permanece impassível e meu nervosismo não parece afetá-lo em nada.

—Sua avó deveria levar a segurança um pouco mais a sério. — Esfrega o queixo coberto com pouca barba com o dedo indicador e analisa todo o meu corpo com o olhar.

Então eu percebo que estou apenas com roupas íntimas e cubro meu peito com os braços de maneira instintiva, numa vã tentativa de esconder o meu embaraço diante de seu olhar lascivo. Eu estou horrorizada e fico mais chocada ainda quando vejo que os cantos de seus lábios estão curvados e seus olhos brilham ao encontrar os meus.

—É melhor perder essa timidez, Livy. — Ele se levanta e se aproxima de mim calmamente ficando com as mãos nos bolsos de suas calças cinza. Coloca seu peito contra o meu, me olha, não me tocando com suas mãos, mas com todo o resto. —Embora, pensado bem, é bastante atraente.

Estou tremendo, literalmente, e sua tentativa de me tranquilizar não dá certo. Eu quero parecer segura, tranquila e descontraída, mas nem sei por onde começar. Uma lingerie adequada seria um bom começo.

Se abaixa, descendo até minha linha de visão e afasta o cabelo dos meus ombros segurando— o para que não caia em meu rosto. Levanta meu rosto, muito ligeiramente, e me encontro com o seu.

—Minhas vinte e quatro horas não começam até que tenha você na minha cama. — Eu franzo o cenho.

—Você vai cronometrar?— quero saber, me perguntando se ele realmente planeja tirar um relógio.

—Bem... — solta meu cabelo e consulta seu relógio caro. — São seis e meia. Quando chegarmos à periferia da cidade, mais ou menos lá pelas sete e meia, será hora do rush. Amanhã à noite tenho uma festa de caridade, calculei milimetricamente.

Sim, ele calculou. Então, quando o relógio marcar 07:30, ele vai me dar um chute na bunda? Irei me tornar uma abóbora? Já me sinto como se tivesse acabado, e nós nem começamos ainda, então, como eu me sentirei amanhã quando 07:30 chegar? Feito um naufrágio. Rejeitada, indigna, deprimida e abandonada.

Eu abro a boca para parar todo este plano diabólico, mas então, ouço passos subindo a escada.

—Merda! Minha avó está vindo!

Levo as mãos ao seu peito, coberto pelo terno e o empurro, guiando-o para o armário. O terror me invade, mas não impede de me deleitar com a firmeza que sinto contra minhas mãos. Isso faz com que meu coração tropece e quase saia pela boca. Olho para ele.

—Você está bem? —pergunta.

Desliza as mãos nas minhas costas e me rodeia pela cintura. Eu contenho a respiração, então ouço os passos novamente e deixo meu estado de êxtase.

—Se esconda.

Ele rosna seu descontentamento e pega meus pulsos para me afastar do seu peito.

—Não penso em me esconder em lugar nenhum.

—Miller, por favor, ela terá um ataque de coração se pegar você aqui.

Me sinto totalmente ridícula por obrigá-lo fazer isso, mas não posso deixar que minha avó entre em meu quarto e o veja. Sei que acontecerá alguma coisa, e sei que será por causa da surpresa, mas não será uma surpresa qualquer. Não, ela vai desmaiar por alguns segundos e depois dará uma festa. Deixo escapar um grito abafado de frustração, me esqueço da minha vergonha por não estar usando nada e olho para ele com olhos suplicantes.

— Ela vai se emocionar muito — explico. — Ela reza todos os dias que eu me autodescubra. — Meu tempo está se acabando. Ouço o piso ranger conforme ela se aproxima da porta do meu quarto. — Por favor. — Deixo cair os ombros, derrotada. Já é ruim o suficiente que tenha feito isso comigo mesma. Não posso fazer isso com minha avó idosa, também. Seria cruel dar-lhe esperança de algo que não está indo a lugar nenhum. — Nunca te pedirei mais nada, por favor, não deixe que ela veja você.

Seus lábios formam uma linha reta e inclina ligeiramente a cabeça para frente. Uma mecha de cabelo cai sobre a testa. E, sem dizer uma palavra, me solta e se move ao redor do meu quarto, mas não entra em meu armário, se esconde atrás das cortinas, que chegam até o chão. Não o vejo, então não estou reclamando.

—Olivia Taylor!

Me viro e encontro minha avó na porta inspecionando todo meu quarto, como se eu soubesse que eu estou escondendo alguma coisa.

—O que foi? — Pergunto, e me repreendo instantaneamente, pela má escolha de palavras.

"O que foi?" Eu jamais diria isso, e, por sua expressão desconfiada, vejo que ela é também notou.

Ela estreita os olhos, me fazendo sentir ainda mais culpada.

—Aquele homem...

—Que homem?

Será melhor eu ficar quieta e deixar que ela diga o que tem a dizer sem ser interrompida, para não parecer ainda mais suspeita.

—O homem ali fora, o do carro — continua a apoiar a mão na maçaneta da porta. — Seu chefe.

Eu tento visivelmente relaxar na hora, porque ela corre os olhos por toda minha figura seminua com cara que sabe tudo. Mas ela ainda acha que ele está lá fora, o que é ótimo.

—Sim, o que tem ele?

Eu tiro minhas calças jeans skinny da gaveta, passo ela por minhas pernas e subo. Abotoou o zíper e pego uma camisa branca muito grande na parte de trás da cadeira.

— Ele se foi.

Estou congelada com a camisa no meio de passar pela cabeça com um braço em uma manga e o cabelo preso em volta do meu pescoço.

— Pra onde? — pergunto, porque não consigo pensar em outra coisa para dizer.

—Não sei, mas estava lá, e eu sei por que eu estava vendo seu cabelo arrepiado ligeiramente pela janela. Virei—me para dizer a George que ele tinha um desses Mercedes tão elegante, e quando me virei para olhar ... splat, já não estava lá. Embora o carro pomposo ainda esteja lá. — Começa a dar tapinhas no chão com o pé. — E mal estacionado, a propósito.

A culpa me mantêm presa no lugar. Ela é a maldita *Miss Marple*.

—Certamente deve ter ido até a loja — digo terminado de colocar a camisa. Depois coloco meus pés rapidamente em meu Converse fúcsia.

Porra, eu tenho que tirá-lo daqui, e com "Ironside" no caso, não vai ser uma coisa fácil.

—Na loja? — ela começa a rir. — A mais próxima está a um quilômetro e meio. Ele teria ido de carro.

Eu me esforço para evitar demonstrar minha irritação.

—Mas, o que importa para onde ele foi? — pergunto, e então eu deixo sair a maior mentira da minha vida—. Ah e hoje à noite vou dormir na casa de Sylvie. Ela é uma colega de trabalho.

Me preparo para o seu grito de surpresa, mas ele não chega, de modo que viro para ver se ela ainda está em meu quarto. Ela está, e com um sorriso malicioso em seu rosto.

—Ah, é mesmo? — ela pergunta, seus olhos soltando faíscas, olhando-me de cima a baixo. — Você não está vestida para trabalhar.

—Vou me trocar quando chegar lá — digo com uma voz aguda e estridente, e apresso—me a preparar a bolsa com tudo que vou precisar para passar 24 horas com Miller Hart, que não é muito, espero. — O evento em que vou trabalhar hoje à noite termina lá pela meia noite e Sylvie mora perto de lá, assim é melhor que eu fique em sua casa;

Sou uma idiota, e sei que estou desperdiçando saliva. De repente, ao fechar a bolsa e colocar

sobre o ombro, me dou conta de que ele ainda está escondido em meu quarto. O que ele estará pensando? Entenderia perfeitamente se saísse neste momento. O comportamento da minha avó não tem nada a ver com desaprovação em ter um homem em minha vida. O que acontece é que ela não gosta de não estar ciente disso. E não vai estar, pelo menos não de forma oficial. O silêncio que se estabeleceu entre nós é um sinal de nosso entendimento mútuo a esse respeito. Gregory contou-lhe que estou interessada por alguém e ela não suporta o fato de não ter ficado sabendo. Já seria bastante difícil dizer-lhe se estivesse vendo um cara normal, em circunstâncias normais, mas com o Miller... E com nosso acordo de vinte e quatro horas... Não, vai contra meus princípios e estou envergonhada de mim mesma por isso. Minha avó passa muito tempo implorando para que eu solte meu cabelo, mas eu não acredito que queira que o solte, tanto como a minha mãe.

Seus experientes olhos azuis escuros me observam com ar pensativo.

— Estou contente — diz ternamente. — Você não pode fugir do passado de sua mãe pra sempre.

Encolho os ombros ligeiramente, mas não quero ficar falando sobre isso, muito menos com Miller, atrás das cortinas. Me limito a acenar ligeiramente. É a minha maneira silenciosa de dizer que ela tem razão. Ela faz o mesmo e lentamente sai do meu quarto, como se nada tivesse acontecido, mas eu sei que ela vai direto para a janela da sala para ver se o homem voltou para seu carro novo. A porta do meu quarto se fecha e Miller aparece por trás da cortina. Não tinha sentido tanta vergonha em minha vida, e o interesse que vejo em seu rosto, não faz nada, senão aumentá-la, embora, é agradável vê-lo com uma expressão diferente da cara séria a que estou acostumada.

—Sua avó é uma curiosa, não é? — Ele parece ter se divertido muito com o interrogatório, embora ainda possa ver uma aura de curiosidade naquele rosto perfeito.

Me endireito para fazer algo que não seja continuar alimentando sua diversão e sua curiosidade. Eu encolho de ombros e me sinto menor do que nunca.

—É uma mulher peculiar — eu respondo e fixo meu olhar no chão. Gostaria que a terra me engolisse agora.

Ele se empurra contra mim em um instante.

— Me senti como um adolescente.

—Você se escondia atrás de muitas cortinas nessa idade? — Dou um passo para trás, para ter um pouco espaço, mas a minha tentativa de fuga é em vão.

Ele dá um passo à frente.

—Você está pronta, Olivia Taylor?

Tenho a sensação de que ele não se refere apenas ao fato de irmos. Estou pronta? E para quê?

—Sim — respondi decisivamente, sem saber muito bem de onde veio toda essa segurança. Eu olho, e me recuso a ser a primeira a desviar o olhar dele. Não sei aonde vou, nem o que vou experimentar quando chegar lá, mas eu sei que eu quero ir... com ele.

Seus lábios sensuais desenham um sorriso quase imperceptível, indicando que ele sabe muito bem que estou fingindo toda essa segurança, mas eu ainda estou olhando, sem pestanejar. Inclina-se até que nossos narizes se roçam, desvia os olhos lentamente, separa os lábios muito devagar e direciona o olhar lentamente até minha boca. Meu coração se acelera ainda mais ao sentir o calor de sua mão suavemente acariciando o braço nu. Ele não fez nada de extraordinário, mas a sensação é mais do que extraordinária. Nunca senti nada parecido... até que o conheci.

Inclina a cabeça ainda mais e é tão perto que não posso evitar fechar os olhos. Estou tonta e animada, ao mesmo tempo, enquanto sinto como sua língua percorrer meu lábio inferior.

—Se eu começar, não poderei parar — murmura e se afasta. — Eu preciso de você na minha cama.

Ele me agarra pela nuca e gira a mão ligeiramente, obrigando-me a me virar e caminhar para frente.

—Minha avó — consigo articular apenas no meu estado de excitação. — Ela não pode ver você.

Me dirijo para o corredor e as escadas. Eu avanço com cautela, e ele rapidamente.

—Te espero no carro.

Me solta e se dirige a passos largos até a porta de casa, abre e a fecha sem se importar que minha avó possa estar observando.

—Vovó! — grito, alarmada, sabendo que ela está com o rosto colado no vidro da janela, procurando-o. — Vovó! — Tenho que tirá-la de lá antes que Miller apareça no hall de entrada. — Vovó!

—Pelo amor de Deus, menina! — Olha pela porta com George atrás e me olham com olhos preocupados. — O que está acontecendo?

Tanto minha mente quanto meu rosto estão em branco. Me aproximo e dou-lhe um beijo na bochecha.

—Nada. Até amanhã — digo, e apresso-me para sair de casa.

Deixo a minha avó perdida e George murmurando algo sobre uma mulher esquisita e corro pelo caminho até o Mercedes preto brilhante. Eu monto e afundo no assento do passageiro.

— Vamos — digo impaciente.

Mas ele não se move. O carro continua parado junto a calçada e ele ainda está em seu lugar, sem mostrar a menor intenção de sair às pressas da minha casa como lhe disse. Sua alta e bem vestida figura permanece relaxada no assento com uma mão no volante, enquanto me olha, completamente sério e seus olhos azuis como o aço não revelam qualquer informação.

No que está pensando? Interrompo o contato visual, mas só porque eu quero confirmar o que já sei. Olho a janela em frente minha casa e vejo que as cortinas se moverem. Me afundo ainda mais no assento.

—O que foi, Livy? — Miller pergunta e estica o braço para colocar a mão na minha coxa. — Fale comigo.

Fixo o olhar em sua mão, grande e masculina. Minha pele queima sob seu toque.

— Você não deveria ter entrado — digo calmamente. —Você pode ter achado divertido, mas acabou de complicar ainda mais tudo isto.

—Livy, é falta de educação não olhar para as pessoas no rosto, quando fala com elas. — Ele pega meu queixo e levanta meu rosto para que olhe para ele. —Desculpa.

—O mal já está feito.

—Nada a respeito das próximas 24 horas vai ser difícil, Livy. — Desliza a mão por minha bochecha com ternura e inclino contra ela. — Eu sei que estar com você, será a coisa mais fácil que já fiz na vida.

Talvez isso seja fácil, mas não acredito que o que vai vir depois seja. Para ele, desde já, mas para mim o que me espera é um sofrimento horrível. Não sou eu mesma quando estou com ele. A mulher sensata que me obriguei a tornar foi de um lado para o outro. Minha avó está na janela, Miller está acariciando minha bochecha docemente e sou incapaz de Pará-lo.

— As janelas são escuras — sussurra. Então se aproxima lentamente e cola seus lábios macios contra os meus.

Pode ser, de qualquer forma, ele é meu chefe, e minha avó sabe disso perfeitamente. Mas já vou encarar seu questionamento quando voltar para casa. De repente, já não estou tão preocupada. Já deixei de ser eu mesma.

— Está preparada? — me pergunta novamente, mas desta vez me limito a acenar para ele.

Não estou preparada para que ele quebre meu coração.

A viagem até o apartamento de Miller é tranquila. O único som que se ouve é o de Gary Jules cantando *Mad World*. Eu não sei muito sobre Miller, mas acho que vem de boa família. Seu modo de falar é refinado, suas roupas da mais alta qualidade e vive na em um bairro exclusivo de Belgravia. Ele para o carro em frente ao prédio e, sem perder um minuto, sai do carro e vem ao lado da minha porta. Abre e me ajuda a sair.

—Lavem-no — ordena e entrega a chave para um manobrista vestido com um uniforme verde.

—Senhor.— O homem o cumprimenta respeitosamente, inclinando o chapéu, e montando no carro de Miller e imediatamente pressiona um botão que o aproxima um pouco mais do volante.

—Vamos.

Miller, pega minha bolsa e apoia a mão em meu pescoço novamente enquanto me leva através da enorme porta de vidro giratória com vista para um átrio com paredes de espelho. Estamos refletidos lá, eu parecendo pequena e com aspecto apreensivo, e ele me guiando para frente, grande e poderoso.

Passamos a fileira de elevadores com espelho e nos dirigimos para as escadas.

— Os elevadores estão quebrados? — pergunto enquanto entramos pela porta e começamos a subir as escadas.

—Não.

—Então, por que...?

—Porque não sou um preguiçoso — me interrompe para descartar o tema e continua segurando-me a nuca, enquanto nós subimos.

Pode não ser um preguiçoso, mas é claro que é um maluco. Quatro lances de escadas depois, os músculos em minha panturrilha queimam de novo. Eu quase não posso continuar. Eu me esforço para subir mais um trecho e só quando estou prestes a pedir que parássemos para descansar, me pega nos braços, provavelmente percebendo que estou sem fôlego. Rodeio seu pescoço com meus braços. A sensação é agradável e reconfortante como da última vez. Continua a subir comigo em seus braços como se fosse a coisa mais natural do mundo. Nossos rostos estão muito próximos um do outro. Eu sinto seu perfume masculino. Avança com os olhos fixo na frente, até que nos encontramos em frente a reluzente porta negra de sua casa.

Miller, deixa-me no chão, devolve-me minha bolsa, pega novamente minha nuca e, com a outra mão, abre a porta, mas tão logo vislumbro o interior de seu apartamento, eu tenho o súbita

necessidade de fugir. Eu vejo as obras de arte, a parede contra a qual ele me imobilizou e o sofá onde me sentei. As imagens são muito vívidas e a sensação de impotência também. Se eu cruzar esse limiar, estarei à mercê de Miller Hart, e eu não acho que minha cara de pau me servirá para alguma coisa... se é que posso encontrá-la.

—Eu não tenho certeza de que... — eu digo e começo a me afastar da porta.

A dúvida toma conta de mim e sensatez toma frente em meu cérebro confuso. No entanto, a ardente determinação que é refletida nos olhos dele me diz que eu não vou a parte alguma. A mão dele também começa a exercer mais pressão sobre a minha nuca.

—Livy, não vou me lançar sobre você, logo que entre pela porta. — Descansa a mão sobre meu braço, mas desta vez não me agarra. — Relaxe.

Tento fazê—lo, mas meu coração ainda está batendo às pressas e não consigo parar de tremer.

—Sinto muito.

—Calma. — ele se afasta e me deixa livre para entrar em seu apartamento. — Eu gostaria que você entrasse, mas só se você quiser passar a noite comigo — ele diz lentamente, atraindo meu olhar para o seu. — Se não tem certeza, quero que dê meia volta e vá embora, porque eu não posso fazer isso a menos que você esteja cem por cento comigo. — Sua expressão é séria, embora eu tenha detectado um certo ar de súplica, refletido em seus impassíveis olhos azuis.

—É só que eu não entendo porque você me deseja — eu admito, me sentindo insegura e vulnerável.

Sei que aparência eu tenho, me lembram a cada vez que alguém me olha e faz algum comentário sobre meus olhos, e também sei que tenho pouco a oferecer a um homem, além de algo bonito para se admirar. A beleza da minha mãe foi sua ruína, e eu nunca quis isso que fosse a minha. Estou arriscando perder meu amor próprio, igual a ela. Tenho vivido de tal maneira que não há nada para saber sobre mim. Quem daria a menor atenção a uma garota que não desperta nenhuma intriga, nem tem nenhum interesse além da sua aparência? Eu sei perfeitamente quem: homens que não querem nada mais do que uma mulher bonita em sua cama, que é precisamente a razão que me privo da possibilidade de ser amada. Não de ser desejada, mas amada. Eu nunca quis ser como a minha mãe, e ainda estou aqui, a ponto de cair na degradação.

Sei que ele está refletindo sobre como responder à minha pergunta, como se ele soubesse que sua resposta influenciará a minha decisão de ficar ou partir. Estou disposto a deixar que suas próximas palavras me convençam.

—Eu já te disse, Livy. — Me indica que passe — Você me fascina.

Não sei se essa é a resposta correta, mas eu começo a andar lentamente pelo seu apartamento e ouço um claro e silencioso suspiro de alívio atrás de mim. Circulo a mesa redonda do hall, deixo minha bolsa sobre o mármore branco ao passar e depois paro, sem saber se devo me sentar no sofá ou ir para a cozinha. A atmosfera é um pouco desconfortável, apesar do que ele disse no carro. Sim é difícil.

Passa na minha frente e retira o paletó. O coloca bem dobrado sobre o encosto de cadeira e vai para o bar.

—Quer tomar algo? — pergunta enquanto ele derrama um pouco de líquido escuro em um copo.

—Não. — nego com a cabeça, ainda que não esteja me olhando.

—Água?

—Não, obrigado.

—Sente—se, Livy — ordena virando—se e acenando para o sofá.

Eu sigo o gesto da mão e apesar da relutância do meu corpo, tomo o assento no enorme sofá de couro, cor creme, enquanto ele se inclina contra o bar e dá lentos goles em sua bebida. Tudo o que ele faz com os lábios, seja falar ou simplesmente beber, me desconcerta. Os move lentamente, de forma quase sensual..., deliberadamente.

Tento com todas as minhas forças controlar o ritmo frenético do meu coração, mas fracasso terrivelmente quando vejo que ele está vindo em minha direção, senta-se à mesa de café na minha frente, com cotovelos descansando nos joelhos e a bebida suspensa em frente aos seus lábios, e olha para mim com os olhos em chamas, cheio de todos os tipos de promessas.

—Preciso saber uma coisa — ele diz calmamente.

—O quê? — pergunto muito rapidamente, preocupada.

Levanta o copo lentamente, mas mantêm os olhos fixos nos meus.

—Você é virgem? — pergunta antes de levá-lo aos lábios.

—Não! — me afasto para trás, mortificada com o pensamento que ele tenha interpretado a minha relutância como uma indicação disso. Embora, na realidade, preferisse que fosse.

—Por que a minha pergunta te ofendeu tanto?

—Tenho vinte e quatro anos.

Me mexo desconfortável e afasto os olhos de seu olhar inquisitivo. Noto que estou corando e quero pegar uma de suas almofadas de seda sofisticada e cobrir o meu rosto com ela.

—Quanto tempo faz desde sua última relação sexual, Livy?

"Terra, me engula agora." Que importância tem, qual a última vez que estive com alguém?

Fugir parece a melhor opção, mas meus motivos para fugir mudaram.

—Livy — continua, deixando sua bebida na mesa e o som do vidro contra o vidro me causa um pequeno arrepio. — Quer fazer o favor de olhar para mim, quando falo com você?

Sua severidade me irrita, e essa é a única razão pela qual faço o que ele disse e o encaro.

—Meu passado não tem nada a ver com você — respondo calmamente, resistindo a tentação de pegar a bebida e tomá-la de uma vez só.

— Eu só te fiz uma pergunta. — sua surpresa a minha súbita mudança de atitude é evidente. — E é educado responder quando alguém faz uma pergunta.

—Não, eu decido se respondo a uma pergunta ou não, e não vejo qual a relevância dessa pergunta.

—Pois, ela tem muita relevância, Livy, assim como sua resposta.

— E, por que, se eu posso, mesmo saber?

Olha o copo e o faz girar na mesa por alguns momentos antes de voltar a fixar seus olhos nos meus. Sinto que me perfura com seu olhar.

—Porque assim, eu vou decidir se te fodo loucamente ou se te penetro lentamente.

Deixo escapar um grito sufocado e abro os olhos ante de sua explosão. Ele não a mínima sobre minha surpresa, nem minha reação, às palavras de mau gosto que acabam de sair de sua boca.

Ele se limita a pegar o copo e beber mais trago do líquido negro, com seu olhar inexpressivo em mim.

—Não gosto de me repetir, mas eu vou fazer uma exceção — me informa—. Quanto tempo faz desde sua última relação sexual?

Minha língua trava na boca, enquanto ele continua me olhando atentamente. Não quero dizer-lhe. Não quero que pense que sou ainda mais patética do que ele já deve achar.

—Vou levar sua recusa em responder como um indicativo de que faz muito tempo. — Inclina a cabeça e uma mecha rebelde de cabelo cai sobre a testa e consegue me distrair momentaneamente da minha humilhação. — Então?

—Sete anos — sussurro. — Feliz?

—Sim — ele responde rapidamente e com sinceridade, embora claramente surpreso. — Não faço ideia de como isso é possível, mas me agrada imensamente.— Ela pega meu queixo e eleva meu rosto. — E eu estou falando com você, Livy, assim olhe para mim.— Obedeço seu comando e recuperamos o contato visual. — Suponho que isso significa que te penetrarei lentamente.

Desta vez eu não fico indignada, mas meu sangue ferve instantaneamente e meu pulso se acelera o máximo, substituindo a vergonha com desejo. Eu o desejo mais do que deveria.

Recebo os olhos inebriantes e envio instruções aos músculos dos meus braços para que eles se movam e o toquem, antes de conseguir movê-los, de repente meu celular começa a tocar na mochila.

— Deveria atender. — Ele se senta para trás dando-me espaço para abandonar a intimidade de sua proximidade. — Diga que você ainda está viva. — Seu rosto permanece inexpressivo, mas seu tom é um pouco irônico.

Me levanto rapidamente, ansiosa para tranquilizar minha inquisitiva avó e contar-lhe que estou bem. Respondo sem olhar para a tela, ainda que deveria ter feito.

— Olá! — respondo muito animada, dada as circunstâncias.

— Livy? — A voz que ouvi do outro lado da linha me faz tirar o telefone da orelha e olhar para a tela, ainda que saiba perfeitamente de quem se trata.

Suspiro, imaginando minha avó ligando para Gregory desesperada para informá-lo do aconteceu esta tarde.

—Olá.

—Quem é este homem?

—Meu chefe.— eu fecho meus olhos firmemente esperando que ele engula, mas bufa com descrença, um sinal claro de que ele não acreditou.

—Livy, quem você acha que eu sou? Quem é?

Eu começo a gaguejar, tentando pensar no que dizer.

—Apenas... não importa! — deixo escapar e começo a andar.

Depois de todas as conversas que tivemos sobre Miller Hart, eu sei que Gregory não vai achar nenhuma graça.

—É o cara que odeia o seu café, certo? —me diz com tom acusatório. Isso me deixa irritada.

—Pode ser — eu respondi—. Ou pode ser que não. — Não tenho ideia por que adicionei esse mistério. Por que é claro que é o cara que odeia meu café. Quem seria se não ele?

Eu estou tão ocupada tentando enrolar meu amigo, que não me dou conta que o cara que odeia meu café está atrás de mim, até que ele apoia o queixo no meu ombro. Sinto sua respiração agitada em meu ouvido. Deixo escapar um grito abafado, me viro e, sem pensar, desligo a ligação de Gregory.

Miller arqueia uma sobrancelha confuso.

—Era um homem.

—É indelicado ouvir as conversas dos outros. —Pressiono o botão de rejeitar a chamada, quando meu telefone começa a tocar novamente.

—Pode ser. — Levanta a bebida, separa um dedo do copo e aponta para mim. — Mas, como eu te disse, era um homem. Quem era?

—Não é da sua conta — respondo nervosa e afastando meu olhar de seus olhos azuis e acusadores.

—Sim, é sim se eu vou levar você para a minha cama, Livy. — aponta — Você quer fazer o favor de olhar para mim quando falo com você?

Não faço isso. Mantenho meus olhos no chão e me pergunto por que não lhe disse quem era. Não é quem ele acredita que é, de modo que não há nada demais. Não tenho nada a esconder, mas o fato dele estar exigindo que eu diga, desperta a menina rebelde em mim. Ou talvez minha velha cara de pau. Não preciso procurá-la, porque parece que ela apareceu para jogar voluntariamente com este homem, o que, sem dúvida, é muito oportuno.

— Livy. — ele se inclina, arqueando as sobrancelhas adotando um gesto autoritário. — Se há um obstáculo, eu eliminarei de bom grado.

—É um amigo.

—O que ele queria?

—Saber onde estou.

—Por quê?

—Porque obviamente minha avó lhe disse que você esteve em minha casa, e ele adicionou dois mais dois e o resultado foi você, Miller.

É possível me sentir mais humilhada?

—Você falou de mim? —pergunta e as sobrancelhas escuras parecem não ter a intenção de relaxar.

—Sim, falei com ele sobre você. — Isso é um absurdo. —Posso usar seu banheiro? — Pergunto, desejando escapar para recuperar a compostura.

—Pode. — Afasta o copo de seu corpo e aponta em direção ao hall. — A terceira porta à direita.

Não estou aguentando seu olhar interrogativo. Eu sigo a direção que me indicou com o copo e desligo o telefone ao ver que ele toca novamente. Entro no terceiro cômodo à direita, fecho a porta e me apoio contra ela. Mas minha exasperação é interrompida quando olho ao redor do imenso espaço diante de mim. Não é um banheiro. É um quarto.

Capítulo Sete

Me recomponho do meu espanto e examino o espaço. Eu vejo a cama enorme com a cabeceira de pele, lustre pendurado no teto e algumas janelas do chão ao teto que oferecem vistas magníficas da cidade. Não deveria ficar tão surpresa. Eu imaginei que este lugar seria palaciano, mas não sabia até que ponto. Há duas portas do outro lado do quarto e decido que uma delas deve dar para um banheiro. Percorro o tapete de cor creme macio e abro a primeira porta a que chego, tentando com todas as minhas forças evitar olhar para a cama enorme. Não é um banheiro, mas um armário, se é que um espaço desse tamanho pode ser considerado assim. O recinto quadrado tem armários de mogno que ocupam todo o alto da parede e prateleiras dispostas em três paredes com um pedaço de mobília independente no centro e um sofá do lado. Sobre a superfície dos móveis existem dezenas de caixinhas que expõem abotoaduras, relógios e gravata e prendedores de gravata. Eu tenho a sensação de que se você mover uma daquelas caixas, ele notaria. Fecho a porta rapidamente, apresso-me para a outra e encontro-me no o banheiro mais majestoso que vi na minha vida. Deixo escapar um grito abafado de espanto e meus olhos saem das órbitas. Uma banheira gigante com pés de garra repousa orgulhosa, junto à imensa janela. As torneiras e os apoios são de ouro intricados. As paredes do chuveiro são decoradas com um mosaico de azulejos de cor creme e ouro. Eu tento assimilar tudo, mas eu não posso. É muita coisa. É como uma casa de exposição.

Depois de lavar minhas mãos, secá-las eu cuidadosamente estico a toalha para não deixar nada de fora do seu lugar.

Ao sair do quarto, eu me detenho ao dar de cara com Miller. Tem uma carranca novamente.

—Você estava bisbilhotando? — pergunta.

—Não! Eu estava usando o banheiro.

—Isso não é o banheiro, é o meu quarto.

Olho para o corredor e conto duas portas na frente de onde estou.

—Você me disse a terceira porta à direita.

—Sim, e essa é a próxima. — Aponta a próxima porta e olho, completamente confusa.

—Não. — me viro e aponto na direção oposta. — Um, dois e três — eu disse apontando para a porta que tenho atrás de mim. — A terceira porta à minha direita.

—A primeira porta é um armário.

Eu sinto a raiva me invadir novamente.

— Mas é uma porta — eu indico. — E eu não estava bisbilhotando.

—Tudo bem. – Ele encolhe os ombros perfeitos e estreita lentamente os olhos perfeitos, antes de levar sua perfeita figura pelo Hall. — Ele diz sobre seu ombro.

Estou com raiva. Quem ele acha que é? Meus Converses começam a percorrer o Hall atrás de seus passos, mas quando eu chegar ao salão, ele desapareceu. Eu olho em todos os lugares e para todas as portas, que dão sabe-se lá onde, mas eu não o vejo. Todos estes sentimentos estranhos estão me deixando louca.

Raiva, confusão..., desejo, paixão, luxúria.

Me dirijo até o hall, dando fortes passadas, pego minha bolsa da mesa e caminho em direção à porta de entrada.

—Aonde vai? — O suave tom de sua voz eriça meus cabelos. Eu vou e o vejo encher o copo.

—Eu vou embora. Isto não foi uma boa ideia.

Ele parece bastante surpreso.

—Você ter cometido um pequeno erro e errado de porta é motivo o suficiente para ir embora?

—Não, você me faz querer ir embora — acuso. —A porta não tem nada a ver com isso.

—Eu faço você se sentir desconfortável? — pergunta. Eu detecto um ar de preocupação em sua voz.

—Sim.— confirmo.

Faz com que eu me sinta muito incomodada e em muitos níveis e por isso me pergunto o que estou fazendo aqui.

Ele se aproxima mais e me pega pela mão. Me puxa suavemente até que me leve de novo até a sala.

—Sente-se,— me pede e me empurra para o sofá. Pega minha bolsa e meu telefone e os coloca sobre a mesa antes de abaixar-se na minha frente. Seus olhos me encontram novamente. — Desculpe por fazer você se sentir desconfortável.

—Tudo bem – sussurro e desvio meu olhar até seus lábios entreabertos.

—Vou fazer você se sentir menos desconfortável.

Assinto porque o movimento lento de seus lábios me têm tão hipnotizada, mas então ele se levanta e deixa o copo sobre a mesa. Ele o reposiciona girando-o ligeiramente. Depois, ele pega seu casaco e sai da sala. Observo suas costas, com um gesto de estranheza e ouço uma porta se abrir e fechar. O que ele está fazendo? Começo a observar ao redor, admiro as obras de arte brevemente e penso que seu apartamento é muito ordenado e perfeito para que ele viva aqui de verdade. Então me maravilho de novo. Ouço a porta abrir e fechar outra vez e quase me engasgo com a minha própria língua, quando ele volta para sala vestindo apenas um par de calções esportivos negros. Nada mais. Apenas os calções. Sim, vestido de terno me intimida um pouco, mas, diabos, isso não ajuda. Agora me sinto ainda menor e me sinto ainda mais excitada. Passo mentalmente minhas mãos pelo seu peito e estômago perfeitamente definidos, meus lábios seguem suavemente o bronzeado de seus ombros esculpidos, e meus braços rodeiam sua cintura firmemente.

Volto a tê-lo diante de mim. Inclina-se em direção a mesa para pegar sua bebida.

— Melhor? —pergunta.

Estou convencida de que se fosse capaz de desgrudar meu olhar de seu torso enfrentaria seu olhar de superioridade, mas não posso culpá-lo. Ele é um ser superior.

—Não,— passo novamente meus olhos por seu corpo, até que vejo que leva o copo aos lábios e bebe. Muito lentamente. — Como pretende que eu me sinta mais confortável assim? — Eu inquiro.

—Porque agora eu estou casual.

—Não, você está meio nu. – dou-lhe mais um vislumbre. Meus olhos anseiam por olhar para ele.

—Continuo fazendo você se sentir desconfortável?

—Sim.

Ela suspira e levanta. Ele deixa a sala novamente, mas desta vez não se dirige para seu quarto, e sim para a cozinha. Ouço portas que se abrem e se fecham e depois de alguns momentos está de novo comigo, sentado sobre a mesa em frente a mim, com uma bandeja na mão. Ele a coloca a seu lado e vejo que esta cheia de pedras e gelo.

—O que é isso? — pergunto, e me inclino para frente para ver.

Ele faz a bandeja virar, seleciona uma das pedras, se vira para mim e me oferece.

— Vamos ver se conseguimos te relaxar, Livy.

—Como? O que é isso? — Eu disse apontando para a pedra em sua mão. Agora me dou conta que é côncava, por um lado, e tem uma espécie de brilho gelatinoso na concha perolada

—Ostras. Abra a boca.

Inclina-se ligeiramente para frente. E me afasto ao mesmo tempo em que faço cara de nojo.

—Não, obrigado — digo educadamente.

Eu não sei muito sobre esses moluscos, mas eu sei que eles são extremamente caros e que, supostamente, eles têm propriedades afrodisíacas. No entanto, não tenho intenção de comprovar isso, porque sua aparência é repugnante.

—Já experimentou? — pergunta.

—Não.

—Pois deveria. — Chega mais perto e eu não tenho mais espaço para me afastar. — Abra a boca.

—Você primeiro— sugiro, tentando ganhar algum tempo. Nega a cabeça um pouco exasperado.

—Como você preferir.

—Muito bem.

Me observa, enquanto deixa cair lentamente a ostra em sua boca, com a cabeça inclinada para trás, mas olhando fixamente para mim. Estica seu pescoço e sua garganta é firme e absolutamente beijável. Começa a engolir dolorosamente devagar e de repente sinto um estranho pulsar entre as pernas, fazendo eu me mover no lugar. Droga, isso é bom. Estou excitada.

Então deixe a concha, me pega pela camiseta e me puxa em direção a sua boca, me pegando totalmente de surpresa, ainda que não há nada que eu possa ou queira fazer para detê—lo. Recebo sua invasão ansiosa com a mesma intensidade. Acaricio seus ombros nus e me deleito ao sentir sua pele sob minhas mãos pela primeira vez. É melhor do que eu tinha imaginado. Sua língua penetra minha boca com fervor, e não há outra opção senão aceitá-la, sinto o gosto do sal da ostra, até que quebra nosso beijo e afasta minhas mãos de seus ombros, ele arquejando e eu ofegando.

—Isso não foi coisa da ostra — diz tentando respirar. Limpa a boca com as costas da mão e me puxa para frente até que nossos narizes estão se tocando. — Isso é o efeito de ter você aqui, sentada na minha frente com esse olhar requintado de puro desejo que você tem.

Quero dizer que em seus olhos se refletem a mesma coisa, mas não faço, pensando que talvez olhe da mesma forma para todas as mulheres, ou talvez seja o olhar que tem e ponto. Eu não sei o que dizer, de modo que não digo nada e decido continuar a tomar ar, enquanto ele me segura.

— Acabei de te fazer um elogio.

— Obrigado. — murmuro.

—De nada. Está preparada para que eu te venere, Olivia Taylor?

Assinto e ele começa a se mover lentamente para frente. Seus olhos azuis oscilam entre minha boca e meus olhos constantemente, até que seus lábios roçam levemente os meus, mas desta vez com ternura, seduzindo delicadamente minha boca enquanto se levanta. Incita-me a levantar também. Coloca a mão sobre minha nuca, por cima do cabelo e começa a andar para frente, forçando-me a fazê-lo de costas. Deixo que me guie até que nós estamos em seu quarto e noto sua cama atrás de meus joelhos. Durante o deslocamento não libera minha boca nem por um segundo. Ele beija muito bem. É extremamente bom, nunca haviam me beijado assim. Se isto é uma amostra do que está por vir, espero que as próximas vinte e quatro horas durem para sempre. Ardo de desejo, assim como ele. Meu bom senso me abandonou novamente.

Ele solta meu pescoço e agarra a bainha da minha blusa, levantando-a e separando nossas bocas para removê-la por minha cabeça, então sou forçada a liberar seus ombros e levantar os braços. Fazia tempo que havia esquecido a preocupação sobre minha falta de lingerie sexy. Não posso me concentrar em nada que não seja ele, sua paixão e seu ímpeto. É algo incontrolável e não deixa qualquer margem para ansiedade ou dúvida. Nem para esse lado sensato que parece ter desaparecido no ar com suas atenções.

— Sente-se melhor? —pergunta com virilha colada ao meu ventre.

—Sim — suspiro e fecho os olhos com força para tentar assimilar o que está acontecendo.

— Não me prive de seus olhos, Livy. — Cobre minhas bochechas com as mãos. — Abra-os. — Obedeço e me encontro frente à suas duas ardentes esferas azuis.

Ele se inclina e me beija com doçura.

—Tenho que lembrar a mim mesmo que devo ir com calma.

—Estou bem — lhe asseguro.

Abro os braços e apoio as palmas das mãos em seu torso. Está sendo um cavalheiro e eu agradeço, mas eu não sei se quero que ele vá com calma. O desejo me invadindo está alcançando níveis incontroláveis.

Então ele se afasta e sorri, e eu morro por dentro.

— Eu quero me afundar em você lentamente. — abaixa sua mão e começa a baixar o zíper dos meus jeans. — Muito lentamente.

—Por quê? — pergunto, sem saber por que.

—Porque algo tão delicioso como você tem que ser saboreado lentamente. Tire os sapatos.

Eu faço o que ele diz e vejo como ele fica de joelhos e desliza as calças apertadas por minhas pernas. Em seguida, Depois a joga no chão e coloca dois dedos pela parte de cima da minha calcinha. Observo como ele a abaixa lentamente e levantou uma perna, para que possa me livrar da peça de algodão branco. Fecha a boca e começa a me beijar lentamente, bem no ápice das minhas coxas, eu fico tensa, mas não porque esteja nervosa. Não estou nem um pouco preocupada. Ele está sendo muito cuidadoso, mas a forte pontada que sinto na parte inferior do estômago se intensifica a cada segundo que passa.

Ele se levanta e arrasta as mãos por minhas costas, pega o fecho do meu sutiã e cola a boca em meu ouvido:

—Toma pílula?

Nego com a cabeça, esperando que isso não o detenha. Eu tenho um período muito regular e leve, e não é como se eu estivesse tendo muita ação ultimamente.

—Tudo bem — sussurra e tira meu sutiã. — Tire meus shorts.

Sua ordem me faz hesitar, a ideia de vê-lo completamente nu faz com que eu me sinta nervosa, o que é um absurdo, já que estou completamente nua.

Ele pega minhas mãos de repente e as coloca sobre o elástico de suas calças.

—Fique comigo, Livy.

Suas palavras me colocam em movimento e lenta e cuidadosamente, deslizo os shorts por suas definidas coxas, sem ousar olhar para baixo. Mantenho o olhar fixo em seu magnífico rosto e o encontro reconfortante. No entanto, não pude evitar notar quando o libero de suas calças e começa a roçar minha barriga. Deixo escapar um grito sufocado e me afasto involuntariamente dele, mas Miller me segue, deslizando sua mão ao redor da minha cintura e agarrando meu traseiro.

— Calma — ele murmura. — Relaxe, Livy.

—Sinto muito — digo baixando a cabeça.

Me sinto idiota e frustrada comigo mesma. As dúvidas me assaltam novamente e ele também deve ter notado, porque me pega em seus braços e me leva até a cama.

Me deposita sobre ela cuidadosamente, tira alguma coisa da gaveta do criado-mudo e se escarrancha em minha cintura, com seu pênis duro e ansioso em minha linha de visão. Olho para ele fixamente e mais fixamente ainda quando se coloca de joelhos e o segura. Desvio o olhar um instante até seu rosto e vejo como ele olha para baixo, com seus lábios entreabertos e sua mecha rebelde sobre a testa. É algo que vale a pena ver, mas observar ele abrir a embalagem do preservativo com os dentes e deslizar lentamente por seu membro com total facilidade é algo extremamente glorioso e não consigo deixar de pensar sobre o que está por vir.

—Você está bem? — pergunta. Coloca as palmas das mãos em ambos os lados de minha cabeça, e me incita a separar as coxas com o joelho.

—Sim — eu digo assentindo com a cabeça sem saber muito bem o que fazer com as mãos, que descansam ao lado do meu corpo, mas então eu o sinto em minha entrada e elas voam até seu peito enquanto eu solto um grito abafado.

Ele está me olhando e meus olhos se recusam a afastar dele, ainda que desejo desesperadamente fechá-los e prender a respiração.

—Pronta?

Assinto novamente e ele delicadamente empurra para frente. Penetra lentamente toda minha entrada e desliza em mim exalando uma respiração audível. Sinto uma dor intensa que me faz gemer em silêncio e cravar minhas unhas em seus ombros. Sei que meu rosto reflete meu desconforto, e não posso fazer nada para evitar. Dói.

—Foda-se — ele exclama entre suspiros. — Porra, Livy, está muito tensa. — A expressão em seu rosto me diz que também lhe dói. — Eu estou machucando você?

—Não! — uivo.

—Livy, me diga para que possa fazer algo. Não quero te machucar — ele disse sustentando-se sobre os braços, ainda, à espera de minha resposta.

—Dói um pouco — eu admito liberando o ar que estava segurando.

—Eu notei. — Afasta-se devagar, mas ele não chega a sair todo. — E as feridas que me deixou nos ombros são uma mostra clara disso.

—Sinto muito.

O solto imediatamente e ele volta a empurrar, mas apenas metade desta vez.

—Não sinta. Guarde as mordidas e arranhões para quando eu te foder de verdade. — Ele sorri maliciosamente e arregalo os olhos. — Vamos, Livy. — Se retira lentamente e volta a deslizar novamente. — Não seja tímida. Estamos compartilhando o ato mais íntimo que existe.

De repente elevo meus quadris, desejando que se aprofunde agora que a dor diminuiu um pouco.

—Esta me provocando. — Se apoia sobre os cotovelos e aproxima sua boca da minha. Se retira e volta a se afundar ao mesmo tempo em que traça círculos com os quadris. — Isso é bom?

—Sim! — chio e o incito a acelerar o ritmo com outro golpe de sua pélvis.

— Concordo. — Ele cola seus lábios aos meus e tenta minha boca com uma breve lambida. Não posso mais. Eu tento pegar seus lábios, mas ele se desvia. — Lentamente — murmura entrando e saindo de mim com movimentos perfeitos enquanto me olha e estreita seus olhos com o ritmo de suas investidas.

É um ato muito íntimo, e está me penetrando lentamente, assim como, ele havia prometido. Somente nossas respirações irregulares interrompem o silêncio que nos rodeia. Agora mesmo me pergunto por que estive me privando desta sensação. É completamente diferente do eu me lembrava. É assim que deve ser o sexo: duas pessoas que compartilham o prazer mútuo, não com pressa para terminar e sem a menor consideração com o outro, que é como me lembro de meus encontros bêbados. Isto é muito diferente. É especial. É o que eu quero. E eu sei que não deveria pensar assim, uma vez que concordamos que serão apenas vinte e quatro horas e nada mais, mas se ao menos eu tiver essa memória, dele me olhando, me sentindo e me venerando, acho que posso suportar o que vem depois.

Noto como alguns músculos internos que não sabia que tinha, contraem ao seu redor, e sinto cada uma de suas deliciosas estocadas, que fazem com que eu me aproxime de... algo. Não sei o que é, mas eu sei que vai ser bom.

Ele se inclina e me beija o nariz, em seguida, desce até meus lábios.

—Você está tensa por dentro. Você vai gozar?

—Não sei.

—Como é que não sabe? — pergunta com surpresa. — Você nunca gozou antes?

Nego com a cabeça sem me separar de sua boca ou sentir a menor vergonha. A ansiosa dureza que entra e sai, por entre minhas pernas me têm muito distraída. Nunca havia gozado fodendo com um homem. Todos os meus encontros anteriores me deixaram enojada, e fazia com que me perguntasse por que minha mãe custava tanto a resistir a eles. Não entendia que prazer encontrava lá, nunca imaginei que poderia ser assim. Sinto que perdi completamente a razão.

—Foda-se! — Afasta seu rosto do meu e empurra os quadris para frente, de um jeito menos controlado. — Você nunca teve um orgasmo?

—Não! — Me agarro a seus ombros e balanço a cabeça desesperadamente. A dor desapareceu por completo. Porra, ela desapareceu e foi substituída por algo... algo... — Miller!

— Foda-se, foda-se. — Seus movimentos voltam a ser controlados novamente, embora mais

firmes, mais precisos e consistentes. — Livy, você acabou de me fazer um homem muito feliz.

Cravo minhas unhas em suas costas novamente. Não posso evitar. Uma onda de faíscas bombardeia meu epicentro.

—Ah!

Aproxima seu rosto do meu e me beija suavemente. Mas estou sedenta, e os movimentos frenéticos da minha boca, deixam isso evidente.

—Devagar — ele resmunga soando desesperado; tenta me guiar, beijando-me deliberadamente lento.

Começo a ficar tonta, é difícil fixar o olhar e minhas mãos se apegam firmemente a seu cabelo. Mas eu não relaxo. Não posso. Sinto uma necessidade urgente, conforme a pressão se acumula mais e mais com cada golpe maravilhoso de seus quadris.

—Aí vai. — Se afasta da minha boca, volta a se apoiar em seus braços e começa a bombear firmemente, deixando-me sem uma boca para devorar e sem um cabelo para puxar. — Você gosta disso, Livy? Me diga. — Sua mandíbula se aperta e seu olhar se torna muito sério.

—Sim!

—Quanto? — me recompensa com mais e mais investidas.

—Demais!

—Está prestes a gozar?

—Não sei! — É isso o que se sente? Estou fora de controle, quase fora de mim.

—Oh, pequena, quão pouco você tem vivido.

Acelera o ritmo, aumentando a pressão em meu sexo. Me agarro aos seus antebraços, empurro para me levantar um pouco mais na cama e começo a balançar a cabeça de um lado para outro com desespero.

—Meu Deus! — rosno. — Foda-se!

—Isto é, Livy! — a coisa está ficando frenética: nossa respiração, os gritos, o suor, a tensão e nossa maneira de nos agarrar. Mas ele mantém seu ritmo constante. — Deixe ir.

Não faço a mínima ideia do que acontece. A sala começa a girar. Uma bomba nuclear irrompe entre minhas coxas e eu grito. Não consigo evitar. Deixo meus braços caírem acima da minha cabeça e Miller se deixa cair em cima de mim, gritando seu clímax contra meu cabelo, ofegante e deslizando sobre minha pele úmida. Seu pulsar, ele dentro de mim e eu ao seu redor, é agradável, assim como, sua respiração junto ao meu ouvido.

—Obrigado — eu suspiro sem me sentir ridícula por mostrar minha gratidão.

Ele sempre me lembra que devo ser educada, e o que acaba de acontecer merece um agradecimento. Droga, ele superou minhas melhores expectativas.

—Não, obrigada a você — murmura mordiscando minha orelha. — O prazer foi meu.

—Acredite em mim, foi meu — insisto e sorrio ao sentir seu sorriso em minha orelha. Eu preciso vê-lo desesperadamente, de modo que viro meu rosto até ele e me encontro novamente com a mais maravilhosa das imagens: um sorriso completo e juvenil que faz com que seus olhos brilhem de forma incrível e revelando uma covinha que não tinha notado antes. O que vejo nesse momento está muito longe do homem polido e refinado que odeia meu café e que me cativou por completo. — Você é muito fofo quando você sorri.

Seu sorriso desaparece do seu rosto imediatamente e é substituído por uma expressão confusa.

—Fofo?

Talvez não tenha escolhido a palavra mais adequada para um homem tão másculo, mas estava muito fofo. Agora não, porque já não está sorrindo, mas aqueles lábios curvados para cima, essa covinha e o brilho em seus olhos azuis me mostram um homem completamente diferente, um homem que não é muito frequente.

— Você não sorri muito — digo encorajador. — Você deveria se esforçar mais. Você intimida menos quando sorri.

—Então eu passei de ser fofo a ser intimidador?

Ele se apoia no antebraço e traz seu rosto ao meu. Nos encontramos nariz com nariz e face a face.

Assinto e faço com que ele assinta também.

— Parece um pouco intimidante.

—É que você é muito doce.

—Não, você é muito intimidante — reafirmo e noto como pulsa dentro de mim.

Meus nervos desapareceram, e eu estou tranquila e serena. É um sentimento maravilhoso e eu devo isso a ele.

—Concordaremos em discordar. — Volta a seu modo intimidante, mas minha serenidade continua intacta. Não será fácil conseguir me tirar desse estado de relaxamento.

Se retira de mim, olha em minhas coxas e retira o preservativo.

—Considere-se penetrada, Livy.

Franzo o cenho ante sua falta de tato.

—Obrigada.

—De nada. — Abaixa-se na cama e se enrosca entre as minhas pernas, olhando para mim. — Como se sente?

—Bem — respondo com hesitação. — Por quê?

— Só verificando se precisa de uma pausa. Se for assim, me diga e eu vou parar, ok? — Apoia os lábios no vértice de minhas coxas e reacende meu orgasmo esquecido.

Me sobressalto. Preciso de um pouco de tempo para me recuperar.

— Ok – sussurro. Deixo a cabeça no travesseiro e eu olho para o teto. Jamais lhe diria para parar.

Foda-se! — Exclamo sentindo algo quente e úmido na ponta de meu excitado clitóris.

Levanto a cabeça instantaneamente, os músculos do meu estômago estão tensos e minhas mãos se agarram aos lençóis, em ambos os lados do meu corpo. Ele ignora a minha reação. Senta-se, agarra minha perna e a dobra antes de levantá-la para beijar a sola do meu pé. Eu quero jogar a cabeça para trás xingando, e gritando, mas seus malditos olhos me mantêm congelada enquanto observa como me esforço para resistir sua língua percorrendo meu tornozelo e panturrilha.

—É bom — confesso enquanto ele sobe até chegar a minha barriga e começa a circular meu umbigo com os lábios para voltar a descer.

—Quer que eu continue?

—Sim — murmuro. Minha perna dá um espasmo e meus músculos se contraem.

— Tudo bem. — Mordisca a parte interna da minha coxa. — Logo minha boca estará aqui. — diz tranquilamente enquanto ele afunda um dedo em meu sexo, só um pouco. — Você gosta disso?

Assinto e ele move o dedo em círculos, o que provoca que um longo gemido escape de meus lábios.

—Foda-se — exalo, agarrando-me ao lençol e puxando um lado para cobrir meu rosto com ele.

Quase explode em gargalhadas quando retira o tecido do meu rosto, mas meus olhos permanecem firmemente fechados, mesmo quando sinto que sobe pela cama até estar metade em cima de mim, mas com o dedo ainda dentro de mim.

—Abra.

Balançava a cabeça freneticamente. Minha mente está concentrada apenas na sensação de seus dedos dentro de mim. Não se move, embora ainda esteja pulsando incessantemente ao seu redor, mas então eu sinto seus lábios no canto da minha boca, e meu rosto se vira para a fonte do calor. Me abro para ele, minhas coxas estão separadas, convidando-o. Gemo. É um gemido grave e entrecortado, um claro sinal de prazer, mas quero que ele saiba. Quero que ouça como me sinto.

—Eu amo esse som — sussurra. Retira o dedo e insere dois. Volto a gemer. — Aí está outra vez.

— Eu gosto disso — digo com um sopro de voz contra seus lábios. — Eu gosto muito disso.

— Concordo. —Afasta os lábios da minha boca e começa a descer entre meus modestos seios e por minha barriga, sem deixar de me penetrar com delicadeza com seus dedos. — Seria um crime você ter rejeitado isso, Livy.

—Eu sei! — exclamo. Meu estômago se retorce e os movimentos do meu corpo se tornam erráticos.

—E pensar que eu poderia ter perdido esta experiência. — De repente, remove os dedos e desce rapidamente.

—Mmm! — a parte superior do meu corpo se eleva como uma mola quando separa minhas dobras e esfrega meu clitóris com uma ligeira lambida de sua língua. — Fodaaaaa—se! —Volto a me deixar cair sobre a cama, cobrindo meu rosto com as mãos e rodeando-o com as pernas.

Ele aperta mais contra mim e o calor de sua boca envolve meu sexo por completo, me lambendo delicadamente. Desta vez sim, eu reconheço os sintomas. Eu reconheço a pressão entre minhas pernas, as pulsar insistente do meu clitóris e a necessidade de apertar meu corpo inteiro. Eu vou gozar novamente.

—Miller! — grito, levando minhas mãos a seus cabelos e puxando com força.

Ele afasta a boca e começa a me lamber freneticamente no centro de minha fenda.

—Você gosta?

—Sim!

De repente ele fica de joelhos e desliza as mãos por baixo de mim, segurando minha bunda com as palmas das mãos e de repente toda a parte inferior do meu corpo se eleva no colchão.

—Apoie as pernas em meus ombros — ordena e me ajuda a levantá-las até as enroscá-las ao

redor de seu corpo. Me segura com facilidade e me levanta até que me têm à altura de seus lábios. — Você é incrível— Sua boca inicia uma insuportável dança entre meus lábios sensíveis, mergulhando em meu sexo e lambendo meu clitóris. — É requintada, Livy.

Não posso agradecer o elogio. Fui submetida a um excesso sensorial e meu corpo está ocupado demais para resistir a esse ataque de prazer. Isto é desconhecido para mim, mas vai além de qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. Sinto-me como se estivesse vivendo uma experiência extracorpórea.

Pressiono suas costas com os joelhos para aproximá-lo de mim. Ele desliza suas mãos ao longo meu corpo, massageando-o suavemente. Abro os olhos e o vejo ajoelhado, segurando-me contra sua boca e me olhando com aqueles lindos olhos azuis. Os olhos dele me levam ao limite. Arqueio as costas e bato com os punhos contra o colchão em ambos os lados do meu corpo. Eu quero gritar.

—Deixe ir, Livy — murmura contra mim.

E eu faço. Deixo de tentar conter a pressão nos pulmões e a libero gritando sonoramente seu nome. Aperto minhas coxas ao redor de sua cabeça e jogo a cabeça para trás.

—Foda-se, foda-se, foda-se! — suspiro tentando pensar claramente.

Mas não posso. Estou muito chocada. Meu corpo relaxa e minha mente fica em branco. Eu perdi o controle de tudo. Da minha mente. Do meu corpo. Do meu coração. Miller está tomando conta de todas as partes do meu ser. Estou à sua mercê. E eu gosto.

Me abaixa novamente até a cama e não faço nada para ajudá—lo enquanto me coloca de lado e se deita atrás de mim, colocando—me firmemente contra seu peito.

— E você? — exalo ao senti—lo duro contra as minhas costas.

—Vou deixar você se recuperar primeiro. Ainda vou levar um tempo. Vamos nos abraçar.

—Ah— sussurro, querendo saber quanto é "um tempo". —Você quer que fiquemos abraçados? — Nem em um milhão de anos eu esperava que os abraços estivessem incluídos em minhas vinte e quatro horas.

— Abraçar é o que mais gosto de fazer com você, Olivia Taylor. Só quero apertar você contra mim. Feche os olhos e desfrute o silêncio.

Recolhe meu cabelo dourado a distância para ter acesso a minhas costas, em seguida, começa uma série lenta e hipnotizante de beijos suaves na minha pele. Minhas pálpebras estão pesadas. Suas atenções e o seu calor, cobrindo completamente minhas costas enquanto faz "o que ele mais gosta de fazer comigo" é tremendamente reconfortante.

E aí me dou conta de que fui deixada sozinha.

Capítulo Oito

Acordo no escuro, completamente nua e desorientada. Leva-me alguns momentos para me localizar, e quando eu faço, eu sorrio. Eu me sinto relaxada. Sinto-me em paz. Eu estou saciada e confortável. Mas, quando me viro, ele não está.

Me endireito e inspeciono o quarto, me perguntando o que fazer. Vou procurá-lo ou fico aqui e espero que ele volte? O que devo fazer? Tenho tempo para ir ao banheiro e me certificar de deixar tudo como estava quando a porta se abre e Miller aparece. Ele colocou o calção preto novamente, e sua perfeição seminua ataca meus olhos sonolentos, o que me obriga a piscar várias vezes para comprovar que não estou sonhando. Me observa, de pé, nervosa, envolvida em um lençol e com o cabelo que provavelmente se parece com um ninho de pássaros.

—Você está bem? — pergunta enquanto se aproxima. Seu cabelo é adorável, com esses fios escuros selvagens e revoltos e com essa mecha rebelde que cai perfeitamente na testa.

—Sim. — me envolvo mais com o lençol, e acho que talvez devesse me vestir.

— Estava esperando você. – Pega o lençol e retira dos meus dedos até que sustenta uma ponta em cada mão e o abre me deixando descoberta, ante seus brilhantes olhos azuis. Seus lábios não sorriem, mas seus olhos sim. Se coloca sob o lençol e coloca as pontas sobre seus ombros, de modo que ambos estamos envoltos em algodão branco. — Como se sente?

Sorrio.

—Bem.

Me sinto melhor do que bem, mas não quero dizer. Eu sei por que estou aqui, e minha consciência e moral doem cada vez que penso, de maneira que não faço.

— Apenas bem?

Encolho dos ombros. O que ele quer? Que eu faça uma redação de mil palavras sobre meu estado mental? Eu provavelmente poderia escrever dez mil palavras sobre isso.

—Muito bem.

Desliza as mãos ao redor do meu traseiro e o aperta.

—Está com fome?

—Não o suficiente para comer ostras — provoco estremecendo de desgosto.

Ele sai dos limites do lençol e me envolve novamente com o máximo cuidado.

—Não, ostras não — assente e beija-me suavemente nos lábios. — Outra coisa. — Apoia a mão em minha nuca por cima do cabelo e me obriga a me virar e sair do quarto.

—Deveria me vestir — digo sem tentar detê-lo para informar que não me sinto confortável

com o fato de que apenas um lençol de algodão cobre minha modéstia.

—Não, vamos comer, e então tomaremos um banho.

—Juntos?

—Sim, juntos. — não dá ao meu tom de preocupação a importância que merece. Eu sei tomar banho sozinha. Não preciso que eu o venere até esse ponto.

Me leva para a cozinha e me senta em uma cadeira de frente para uma mesa enorme. Agradeço aos deuses do algodão pelo lençol que separa minha bunda do assento frio abaixo de mim.

—Que horas são? — pergunto, esperando não ter desperdiçado muito tempo de minhas 24 horas, dormindo .

—Onze horas em ponto. — Abre a porta espelhada da enorme geladeira dupla e começa a remover coisas e colocar outras no balcão que tem ao lado. — Ia te deixar dormir duas horas, então eu ia usar você um pouco. — Deixa uma garrafa de champanhe em um lado e vira para olhar para mim. — Você despertou na hora certa.

Eu sorrio, e ajusto ligeiramente o lençol e penso em como seria fantástico acordar com aqueles reluzentes olhos azuis.

—Se importa que eu vá me vestir? — pergunto.

Inclinando a cabeça para o lado e estreita ligeiramente os olhos.

—Não se sente confortável nua?

—Sim — eu respondo com segurança, mas a verdade é que nunca considerei isso. Sei que estou mais magra que o normal, minha avó me lembra diariamente, mas me sinto confortável? Porque, pela maneira que me agarro ao lençol, qualquer um, diria o contrário.

—Bom. — vira-se novamente para geladeira. –Então está combinado.

Então pega uma tigela de vidro cheia de morangos grandes e suculentos. Em seguida abre um armário, que revela várias linhas perfeitamente ordenadas de taças de champanhe. Pega duas e as coloca diante de mim, seguidas pela tigela de morangos, todos lavados e sem cabo. Se aproxima de outro armário, pega um balde de gelo e preenche com gelo do distribuidor da parte frente da geladeira. O coloca em minha frente, com o champanhe no centro e então se aproxima do fogão, coloca uma luva térmica. Observo fascinada como mergulha na cozinha com desenvoltura, com movimentos precisos e elegantes e tudo com muito cuidado. Nada do que ele pega ou deixa, permanece na mesma posição por muito tempo. Sempre o faz virar um pouco ou o reposiciona até que esteja satisfeito e vai para outra coisa.

Neste momento se aproxima de mim com uma forma de metal com uma tigela de vidro em seu interior, soltando uma cortina de vapor.

—Você pode me passar aquela grade, por favor?

Olha o lugar onde aponta e me levanto tão rapidamente quanto o lençol que me cobre permite. Pego a grade de metal e a coloco ao lado da tigela de morangos, champanhe e as taças.

—Aqui — digo, e me sento novamente enquanto observo como a gira alguns milímetros, antes de deixar a panela quente. Estico o pescoço e vejo um monte de chocolate quente. — Parece delicioso.

Agora ao meu lado, puxa uma cadeira e apoia seu traseiro sobre o assento.

— E é delicioso.

—Posso? — pergunto a ponto de enfiar o dedo.

—Com o dedo?

—Sim. — olho para ele e vejo que ele arqueia as sobrancelhas escuras com desaprovação.

—Vai se queimar. — Pega o champanhe e começar a remover o selo de alumínio. — Além disso, por isso os morangos estão aqui.

Sua expressão e suas palavras afiadas me fazem sentir infantil.

—Então posso colocar um morango, mas o dedo não?

Olha para mim, com o canto do olho e começa a puxar a rolha.

—Acho que sim. — Ignora meu sarcasmo e derrama o champanhe, mas não sem primeiro colocar os resíduos que acaba de acumular em uma pequena pilha ordenada sobre um pires.

Me passa uma taça e imediatamente recuso com a cabeça.

—Não, obrigado.

Ele mal consegue conter um grito de indignação.

—Livy, é um *Dom Perignon Vintage* do ano 2003. Ninguém pode negar isso. Aceite-o. — Empurra o copo para mim e eu me afasto.

—Não quero, mas obrigado.

Seu olhar de confusão se transforma um pensativo.

—Você não quer que esta bebida em especial ou não quer nenhuma?

—Um pouco de água estaria bom, por favor. — Eu não vou entrar nisso. — Agradeço pelo que fez com morangos e o champanhe, mas prefiro beber água, se não se importa.

Ele está claramente surpreso que rejeitei sua bebida cara, mas não insiste, coisa que sou grata.

—Como você preferir.

—Obrigado. — sorrio enquanto ele se levanta para substituir meu champanhe por água.

—Me diga que você gosta morangos — implora, pegando uma garrafa de Evian antes voltar para o meu lado.

—Adoro morangos.

—Fico aliviado. — Desenrosca a tampa e derrama minha água em outra taça. — Me dê o gosto — diz ao ver meu gesto de estranheza. Aceito a bebida e observo como toma seu tempo selecionando um morango antes de mergulhá-lo na tigela e agitá-lo cuidadosamente para cobrir a fruta madura com chocolate escuro. — Abra a boca.

Segura o assento da minha cadeira com a mão livre e me aproxima um pouco mais até que eu estou perfeitamente encaixada, entre suas coxas. Seu peito nu me distrai ligeiramente. Minha mandíbula cai instantaneamente, principalmente porque estou sem palavras olhando para sua beleza tão de perto, e ele fica encarando meus olhos conforme leva a fruta para minha boca até que sinto que toca meus lábios. Fecho minha boca em torno dele e afundo os dentes para morder um pedacinho de polpa carnuda.

—Mmm — eu murmuro com prazer, e levo a mão aos lábios para pegar um fio de suco de morango que escorreu pelo meu queixo, mas ele agarra o pulso antes que possa me limpar.

—Permita-me – sussurra.

Chega mais perto de mim, coloca seus lábios sobre o meu queixo e começa a lamber

lentamente o suco, antes de colocar o pedaço que falta em sua boca. Começo a mastigar lentamente, imitando os movimentos precisos da boca dele. Finalmente ele engole.

—É bom?

Tenho a boca cheia, então me limito a assentir, ciente da obsessão de Miller por boas maneiras e levanto um dedo para pedir-lhe que me dê um segundo enquanto mastigo rapidamente. Lambo os lábios e olho a fonte novamente.

—Me dê outro.

Seus olhos se iluminam. Seleciona outro morango, mergulha e o move novamente.

—Seria melhor com champanhe — diz pensativo enquanto me dirige um olhar de suspeita.

Finjo que não o ouço e coloco minha água sobre a mesa.

—Que chocolate é esse?

—Ah. — Aproxima o morango da minha boca, mas desta vez esfrega chocolate em meu lábio inferior e minha língua começa a lambê—lo instantaneamente. – Não, — nega a cabeça e coloca a mão atrás do meu pescoço para me aproximar dele.— Eu faço — sussurra em meu rosto antes de iniciar o trabalho.

Não o impeço. Deixo que limpe o que ele sujou e aproveito esta oportunidade para descansar as mãos sobre suas coxas, em ambos os lados dos meus joelhos. Acaricio o pelo escuro de suas pernas e desfruto de sua pele enquanto termina de limpar minha boca, beijando-me o canto dos lábios, no centro e em seguida o outro canto.

— Que chocolate é esse? — repito calmamente desejando pôr de lado todas as coisas doces e saborear Miller em vez disso.

—*Green and Black's*. — Me oferece o morango e eu aceito, segurando-o entre os dentes. — Deve ter pelo menos oitenta por cento de cacau.— O morango que tenho na boca me impede de perguntar por que, então franzo a testa, para incitá-lo a continuar com o sua explicação. — A amargura do chocolate, combinado com a doçura do morango, é o que o faz tão especial. Se você adicionar o champanhe, você tem a combinação perfeita. E morangos têm que ser britânicos. — Inclinando-se, ele morde o morango que seguro entre os dentes e o suco escorre entre os dois.

Eu gosto de tê-lo coberto de suco e com a boca cheia.

—Por quê? — pergunto.

Ele termina de mastigar e engole.

—Porque eles são os mais doces que existem. —Escorrega suas mãos por baixo de minhas coxas e me traz mais para perto, por isso estou montada sobre ele. É preciso um tempo vergonhoso para me recompor. Minha pele está queimando e é difícil respirar normalmente enquanto eu tento suprimir a necessidade de me jogar sobre ele. Então me tira do lençol para admirar minha nudez. — Hora do banho.

—Não preciso de um banho — aponto, me perguntando até onde vai levar essa coisa de veneração. Já me sinto tremendamente especial, mas posso me lavar sozinha.

Pega minhas mãos e coloca-as sobre seus ombros, então pega a massa de cachos dourados emoldurando meu rosto.

—Preciso te dar um banho, Livy.

—Por quê?

Levanta-se, segurando minhas nádegas e me leva até a geladeira. Me deixa no chão, me gira para colocar-me cara a cara com o espelho e me encontro com meu reflexo. Sinto-me desconfortável, especialmente quando olho para Miller e vejo que ele está percorrendo meu corpo com os olhos. Olho para o chão, mas levanto meu olhar instantaneamente quando pressiona seu peito contra minhas costas e sinto seu membro duro contra minha parte traseira, quente e úmido. Ele se livrou dos shorts.

—Sente-se melhor?— pergunta, segurando meu olhar no espelho. Então, estica o braço para segurar com a mão um dos meus seios.

Assinto, embora eu realmente quero dizer que não. Que me intimida em todos os níveis, mas é muito viciante.

Massageia suavemente o meu peito.

— Me dá água na boca — sussurra movendo os lábios lentamente. — Você é perfeita. — Belisca ligeiramente o mamilo e beija minha orelha. — E você sabe.

Fecho meus olhos e me deixo cair para trás contra ele, mas meu estado de sonho é interrompido quando me empurra levemente para frente, contra a superfície fria da geladeira, os meus modestos seios achatados contra o vidro e o rosto de lado, com a bochecha na superfície fria.

—Não se mexa.

Desaparece por trás de mim, mas retorna em questão de segundos. Coloca o joelho entre minhas coxas e as separa antes de pegar minhas mãos, uma a uma, as levanta e apoia as palmas contra o espelho acima da minha cabeça. Estou completamente aberta de braços e pernas contra a frente da geladeira, presa, e só posso vê-lo pela minha visão periférica. Ele está segurando a tigela de chocolate, e antes que eu possa considerar seu próximo passo, despeja todo o conteúdo em meus ombros e seu calor me faz engasgar com choque inicial. A sensação de senti-lo descer por minhas costas, meu traseiro e pernas me faz temer por mim mesma. Levará muito tempo lamber tudo isso, e eu sei o que se sente tendo sua língua em mim. Não poderei evitar gritar ou me virar para devorá-lo. Eu começo a tremer.

Ouço que coloca a tigela sobre o balcão atrás de mim e o som do vidro sendo arrastado pelo mármore, sinal inconfundível de que está arrumando. Acaba de me jogar uma tigela de chocolate e agora se preocupa com a posição do recipiente sobre a superfície?

Afasto o rosto da geladeira, o procuro no reflexo e o vejo se aproximando de mim. Seu pênis, duro salta feliz conforme ele anda, e carrega uma embalagem de alumínio na mão. Engulo saliva e apoio a testa contra o espelho, preparando-me mentalmente para a doce a tortura que estou a ponto de me submeter.

—Vê? Agora eu realmente preciso te dar um banho. — O calor de suas mãos cobrem a parte externa das minhas coxas e desliza até meus quadris, minha cintura, minhas costelas e descansam sobre os meus ombros; em seguida, os massageia, espalha o chocolate com suas mãos enormes. Jogo a cabeça para trás, alguns gemidos escapam de meus lábios e meu estômago rola em pensar no que vem pela frente.

Baixa as mãos por minha espinha e desliza um dedo ao longo de minhas nádegas e pela parte superior da coxa, desce e desce, até que ele se coloca de joelhos no chão, atrás de mim e sobe novamente as mãos para acariciar meu corpo, mais uma vez. Estou completamente alerta. Dócil, mas consciente; relaxada, mas extasiada, viva, mas lentamente perdendo a consciência.

—Livy, não estou certo de que vinte e quatro horas vão ser suficientes — sussurra, enquanto

traça círculos em meu tornozelo com a ponta do dedo.

Eu fecho os olhos e tento desviar meus pensamentos para evitar a transferir para a minha boca o que quero dizer. Não servirá de nada. Ele está excitado, isso é tudo; tem se deixado levar pela paixão do momento.

A ponta desse maldito dedo sobe ardentemente pela parte inferior de minha perna até chegar a parte de trás do meu joelho. Estou tremendo da cabeça aos pés.

—Miller — suspiro e deslizo as palmas das mãos através do espelho.

—Mmm — murmura.

Substituiu o dedo com a língua e me dá uma lambida tentadora na parte de trás da coxa até a bunda. Morde minha nádega e seus dentes se unem em minha carne antes de, sugar com força.

—Por favor — peço. Estou fazendo exatamente o que prometi não fazer. — Por favor, por favor, por favor.

—Por favor, o quê? — Agora o tenho nas costas, ao longo do centro da minha coluna, lambendo, chupando e mordendo. — Me diga o que você quer.

— Você — imploro. — Eu quero você — digo sem vergonha, mas começo a notar de novo esta pressão requintada, ferve-me o sangue o que não deixa espaço para o pudor.

— E eu a você.

—Você pode me levar. —viro a cabeça quando me agarra pela nuca e torce o pulso e me encontro com os olhos tão claros que poderiam competir com o mais azul das águas tropicais.

—Não entendo como algo tão bonito pode ser tão puro — diz estudando meu rosto com espanto refletido em seu olhar ardente. — Obrigado.— Me beija com delicadeza e suas mãos estão em todos os lugares deslizando, até que espalha o chocolate por meus braços e envolve meus punhos com as palmas das mãos.

Tenho a resposta para sua pergunta, mas não me perguntou diretamente, de modo que é melhor eu não responder. Isto não passará disso. Para ele, se trata de satisfazer sua fascinação; para mim, de resolver um problema que tenho infligido a mim mesma (tenho que ficar me repetindo isto).

—Vire-se para que te veja — reivindica colado aos meus lábios e me ajuda a virar.

Quando apoio as costas cobertas de chocolate contra a geladeira e me esfrego contra ele, dá um passo para trás para me estudar completamente. Não tenho vergonha, porque eu também estou ocupada admirando a montanha de perfeição coberta de chocolate diante de mim: ombros largos, quadris firmes, coxas fortes..., uma espessa e longa ereção que se sobressaem em sua virilha. Começo a salivar, com a visão daquela área, apesar da abundante quantidade de perfeição que tenho para escolher. Quero saboreá-lo.

Olho em seus olhos quando ele começa a se aproximar, e vejo uma expressão séria, como sempre, uma expressão que não revela nada.

—Em que está pensando? —pergunta segurando com firmeza seu pênis.

Meus olhos vão para baixo e fico sem fôlego. Engasgo ao sufocar uma exclamação. Estou nervosa, e minha falta de resposta é um sinal claro disto. Por mais estúpido que pareça, não quero desapontá-lo. Tenho certeza que deve ter tido muitos lábios doces ao seu redor e provavelmente todos sabiam o que estavam fazendo.

—Então... posso... É... — começo a gaguejar.

Para fazer com que me sinta menos incomodada, enterra, seu rosto em meu pescoço e empurra para cima me obrigando a jogar a cabeça para trás e olhar para o teto.

—Você tem que relaxar um pouco mais. Pensei que estávamos indo bem.

— E estamos.

Ele se afasta deixando—me fraca e trêmula, enquanto ele abre o preservativo e desenrola por seu membro com entusiasmo. Eu não gosto. Parece um crime que tenha que cobrir seu esplendor.

—Eu preferia fazer sem — diz pensativamente, levantando os olhos para mim. — Mas não seria muito gentil da minha parte te deixar grávida, certo?

Não, não seria, mas o que tem de cavalheiresco em me usar como se fosse um brinquedo sexual por um dia? Ou me dizer que ele vai me dar a melhor foda selvagem da minha vida? Ele contradiz essa promessa. Não temos tido nenhuma 'foda' desde que cheguei. Até agora tem sido todo foi cavalheiro, um amante atencioso, cuidadoso e atencioso.

Cada vez estou mais apegada a ele. E sua estratégia cavalheiresca não ajuda.

— Livy? — sua voz suave faz com que eu abra os olhos. Não tinha percebido que os tinha fechado. —Você está bem? — Aproximando-se, inclina-se até a altura do meu rosto e acaricia minha bochecha.

—Sim. — balanço um pouco minha cabeça e dou-lhe um sorriso.

—Se você quiser parar..., não temos que... — faz uma pausa e mergulha em seus pensamentos por alguns instantes. — Se você não quiser continuar, aceitarei.

—Não! — exclamo abruptamente pega pelo pânico. Me deparo com uma hesitação indesejada. Tenho momentos de relutância, apesar de minha sede por este homem. Mas é tentador demais. É o fruto proibido. Já experimentei o que se sente sendo venerada por ele, e apesar de saber que depois ficarei mal, quero mais. — Não quero que você pare.

Eu disse isso em voz alta?

A expressão em seu rosto obscurecido pela sombra de barba , mistura confusão e alívio, me diz que sim.

—Quer continuar?

—Sim — confirmo mais calma, mais controlada, embora eu realmente não me sinta assim de jeito nenhum.

Continuo ardendo de desejo, e tudo por esse homem bonito e respeitoso que tenho diante de mim. Irritada com a minha hesitação, reúno alguma coragem e levanto os braços cobertos de chocolate para apoiar as mãos em seu peito macio.

—Eu quero ter você novamente. — inspiro profundamente e aproximo a boca para no espaço entre minhas palmas. — Quero me faça sentir viva.

Isso é exatamente o que ele faz.

—Graças a Deus — suspira no momento em que agarra sob minhas coxas e me eleva até a altura dos quadris. Minhas pernas se enroscam automaticamente ao redor de sua cintura firme. — Eu teria aceitado isso, mas isso não teria nenhuma graça. — Me prende delicadamente contra a geladeira e leva uma mão entre nossos corpos. — Nunca me canso de você, Olivia Taylor.

Estico as costas e me agarro a seu pescoço, quando sinto a cabeça de seu impressionante membro empurrando contra minha abertura.

—Você pode ter tudo o que quiser — sussurro com um fio de voz.

— E eu vou fazer isso enquanto estiver aqui. — suas palavras me matam, mas apenas por um momento. Me penetra com um suspiro e me distraio de sua declaração ameaçadora. — Droga, você se moldou a mim. — Afunda seu rosto em meu cabelo enquanto ele se recompõe e eu me adapto a sensação dele dentro de mim. Ele tem razão. Todos os meus músculos e o espaço vazio parecem ajustar-se a ele como um líquido. Não sinto nenhuma dor, somente um enorme prazer que aumenta toda vez que ele sai e empurra para frente lentamente, com o rosto ainda enterrado em meu pescoço. — Eu amo você por dentro.

Meu coração quase sai do peito. Não posso falar. Meu corpo parece reagir automaticamente aos seus estímulos e cria a sentimentos, sensações e pensamentos que sou incapaz de controlar.

—Foda-me, por favor — peço-lhe com a esperança de que um pouco menos de sentimento e intimidade curarem meu crescente problema. — Você já me penetrou lentamente.

—Você tem que saborear lentamente. — me mostra seu rosto e vejo que ele está coberto de chocolate. —Já expliquei isso antes. — Reforça suas palavras com movimentos do quadril lento, prolongados e calculados, uma e outra e outra vez. — Você gosta disso, hein?

Assinto.

— Concordo. — agarra com mais força minhas coxas e desce a boca até a minha. — Vou prolongar isso o máximo possível.

Aceito seu beijo e me perco nos delicados movimentos de sua língua. Isto é fácil. Não tenho nenhuma dúvida. Acompanhá-lo é a coisa mais fácil que já fiz na minha vida. Nossas bocas se movem como se tivéssemos nos beijado mais de um milhão de vezes, como se fosse a coisa mais coisa natural do mundo. Parece que é verdade. É como se tudo se encaixasse, apesar de sermos completamente diferentes em todos os aspectos de nossas vidas. Ele é um homem de negócios rude, poderoso e seguro de si, e eu uma doce garçonete, chata e insegura. A expressão que diz que os opostos se atraem, nunca foi mais apropriada. A direção tomada por meus pensamentos é válida e deveria levar em consideração, mas não agora, não enquanto ele está me fazendo sentir assim. Meu sangue ferve, o prazer me invade, e estou mais viva do que nunca.

Ele leva seu tempo. Os movimentos giratórios de seus quadris vão acabar comigo. Minhas mãos percorrem seu corpo freneticamente, sentindo-o onde posso alcançar. Sinto minhas pernas doloridas, pesadas, mas eu não ligo.

—Miller — eu digo junto a sua boca — Estou vindo.

Ele morde meu lábio e suga, me jogando em sobrecarga de sensação.

—Eu notei isso.

—Mmm...

Ataco sua boca com violência e minhas mãos se agarram a seu cabelo. Me agarro firmemente a seus quadris com as pernas, e sei que eu tenho que soltar um pouco, mas o pulsar entre minhas coxas bate furiosamente e não posso me concentrar em outra coisa. Os movimentos do meu corpo são espontâneos, não respondem à instruções. Tudo está acontecendo, sem que eu tenha intenção.

—Por favor, por favor — imploro. — Mais rápido.

O desejo de que me leve ao limite faz com que me arraste e implore um pouco mais, isso e a necessidade desesperada de fazer que isso seja outra coisa e não um ato terno de amor. Ele me

mantêm no limbo e preciso de explodir.

—Não, Livy. — me acalma com sua voz suave, mas firme. — Eu ainda não estou pronto.

—Não! — Isso é uma tortura. Uma tortura cruel e implacável.

—Sim — responde afundando-se em mim, mantendo seu ritmo constante. — Isto é maravilhoso. E você não está no comando.

Recuperando minha paciência, agarro com força seu cabelo e separo sua cabeça de meus lábios. Estou ofegante e ele também, mas isso não dificulta os movimentos de seus quadris. Seu cabelo está molhado e os lábios entreabertos. Aquela mecha rebelde, desta vez esta acompanhada de muitas outras. Quero que me encoste contra a geladeira. Quero que me insulte e me castigue por minha agressividade. Quero que me foda descontroladamente.

—Livy, isto não é para acabar tão cedo, então controle-o mais.

Solto um suspiro com suas palavras e desejo que elas estivessem acompanhadas de uma forte investida de ataque de seu corpo contra o meu, mas ele, muito mesquinho não faz e mantém o controle. Puxo seu cabelo novamente tentando despertar alguma violência de sua parte, mas ele se limita a me dar seu bonito sorriso..., de modo que puxo um pouco mais.

—Que agressiva — murmura sem me dar o que eu quero, enquanto ainda me penetra lentamente.

Jogo minha cabeça para trás e grito com frustração, me assegurando de não soltar seu cabelo.

—Livy, você pode me maltratar o quanto quiser, mas nós vamos fazer isso do meu jeito.

—Não posso mais! — grito.

—Você gostaria de parar?

—Não!

—Está doendo?

—Não!

—Então, eu só estou te deixando louca?

Abaixo a cabeça e aceito suas suaves investidas, mas ainda queimando e agora suando. Olho em seus olhos e vejo esse ligeiro ar arrogante tão familiar.

—Sim — digo entre dentes.

—É ruim que isso me alegre ?

—Sim — eu respondo rangendo os dentes.

Seu leve sorriso se transforma em um ardiloso, e um brilho novo se instala em seus olhos.

—Eu não vou me desculpar, mas felizmente para você, estou preparado.

E deste modo, me levanta, e me empala mais profundamente, recua um pouco e afunda suavemente em mim, mantendo-se no fundo, lançando um sonoro grunhido e tremendo contra mim.

Funciona.

Começo a me mexer em seus braços. Meu corpo fica frouxo, minha mente está desconectada e minhas mãos finalmente soltam seu cabelo. Não pretendo, mas as paredes da minha vagina agarra-se a ele com cada uma das suas pulsações, prolongando as ondas de prazer percorrendo meu corpo.

Ainda estou muito feliz sustentada contra a geladeira, apoiada sobre ele como uma boneca de pano, Miller decide mudar sua posição. Se abaixa, me colocando em seu peito, me deixa no chão e se

acomoda em cima de mim. Me observa enquanto tento recuperar o fôlego, aproxima sua boca de meu mamilo e chupa com força, mordisca ele e aperta a pele que o cerca com a mão.

—Você está feliz em ter aceitado a minha oferta? —pergunta sabendo minha resposta.

—Sim — suspiro. Levanto o joelho e consigo reunir forças suficientes para levantar o braço e acariciar sua nuca.

—Claro que sim. — beija todo meu corpo até que ele atinge os meus lábios e os mordisca lentamente. — Hora de tomar um banho.

—Deixe—me aqui — exijo bufando e deixando cair meus braços em meus lados. — Eu não tenho forças.

—Então eu farei todo o trabalho duro. Avisei que eu ia te venerar.

—Também, me prometeu que daria a melhor foda selvagem da minha vida — lhe recordo.

Eu fico sem lábio e voltas, ponderando.

—Também disse que iria te penetrar lentamente.

Para minha surpresa, eu nem mesmo ruborizo.

—Acho que você já pode apagar isso da sua lista de afazeres. Agora você já pode me dar uma foda selvagem.

Mas, o que há de errado comigo?

É claro que Miller está se perguntando a mesma coisa, porque ele arqueia as duas sobrancelhas, boquiaberto, mas não diz nada. Eu só o deixei sem palavras. Sua testa se enruga ligeiramente e começa a se retirar de cima de mim. Depois de retirar o preservativo e sacudir as solas dos pés, me levanta e agarra minha nuca como de costume. Então começa a me levar para seu quarto.

—Acredite, não quero transar com você assim.

—Por quê?

—Porque o que acabamos de compartilhar é muito mais agradável.

Ele tem razão, embora eu saiba que é uma estupidez da minha parte, não quero adicionar Miller a minha lista de encontros que não significaram nada.

—A cozinha ficou nojenta — digo apontando o chão e a geladeira cobertos de chocolate, mas ele não olha a direção em que lhe indico, e me incentiva a seguir em frente.

—Eu não posso olhar. — seu olhar se torna sombrio e então sacode a cabeça. — Se não, não vou dormir.

Eu sorrio, embora saiba que ele não ache graça. É um maníaco por limpeza. Esta constantemente arrumando as coisas, mas depois de estar aqui e ver seu imaculado guarda-roupa, acredito que diminui um pouco a obsessão.

Quando cruzamos o limiar do quarto dele, me pega nos braços e me leva pelo quarto. Me pega um pouco de surpresa, mas o gesto me faz sentir tão bem que não digo um pio. É tão forte e tão bem definido, é uma obra de arte em carne, e seu toque é tão bom quanto sua aparência. Quando ele me deixa no chão do banheiro, olho para seu quarto e logo chego a uma conclusão. Eu tenho as solas dos pés cheias de chocolate. Ele não. Não queria manchar o tapete. Começa a andar através de banho, colocando com muito cuidado, toalhas e gel e não me olha quando passa ao meu lado, volta para o quarto, o que me faz sentir pequena e desconfortável. Eu franzo o cenho para mim mesma e enrolo

meu corpo nu com os braços enquanto espero em silêncio admirando o imenso banheiro até que ele finalmente retorna. Abre a torneira no chuveiro e verifica a temperatura da água. Não tem nenhum problema em estar nu, e não me admira. Não tem nada para se envergonhar.

—As damas primeiro. — Faz um gesto com o braço convidando-me para o espaçoso chuveiro.

Hesito por um momento, no entanto, consigo me recompor e obedeço, nua e coberta de chocolate. Levanto meu olhar até seu rosto impassível, ao passar a seu lado. Sua expressão é formal e fria, completamente diferente de cinco minutos atrás.

— Obrigado, — murmuro, enquanto me coloco no jato quente e olho imediatamente para baixo para ver como a água achocolatada se reúne em torno de meus pés.

Permaneço sozinha por alguns momentos, com o olhar fixado no chão olhando até que seus pés aparecem no meu campo de visão. Até mesmo seus pés são perfeitos. Meus olhos começam a subir por seu corpo e estudar cada polegada perfeita e definida, até que o vejo derramar sabão na palma da mão. Essas mãos estarão em mim a qualquer momento, mas a julgar pela sua expressão, esta não será a típica cena tórrida no chuveiro. Está muito concentrado massageando a espuma entre as mãos.

Sem dizer palavra, se abaixa diante de mim e começa a esfregar o gel de banho por minhas coxas, lentamente limpando o chocolate. Não posso fazer nada mais do que observar a cena em silêncio, mas a ausência de conversa está me fazendo sentir violenta.

—O que você faz? — pergunto tentando quebrar o silêncio desconfortável. Para por um momento, mas logo continua com sua tarefa.

—Não acho que nós devemos entrar em detalhes pessoais, dado nosso acordo, Livy. — Não me olha. Ele decide se concentrar em minha limpeza.

Queria não ter dito nada, porque essas palavras não me aliviaram em nada. Ao contrário, agora me sinto ainda pior. Quero saber mais sobre ele, mas ele está certo. Não servirá para nada, e só fará com que este momento seja mais íntimo do que deveria ser.

Continua deslizando suas mãos esplêndidas através da minha pele, sem dizer uma palavra e sem olhar para mim. Após os momentos que vivemos até agora, esta noite, é difícil e desagradável. É como se fossemos estranhos. Bem, nós somos, mas o homem que tenho de joelhos a minha frente é a única pessoa no mundo com o qual eu já me abri de verdade. Não me refiro ao meu passado ou meus problemas, mas meu corpo e minha vulnerabilidade. Me fez questionar minha maneira de olhar a vida e os homens. Me deu uma falsa sensação de segurança e agora está se comportando como se fosse acordo de negócios e não é agradável.

Estou perplexa, mas não deveria. Conhecia o acordo, mas sua ternura e o fato de que não me fodeu selvagemente talvez tenha me dado falsas esperanças que isso tenha sido outra coisa, o que é um absurdo. É um estranho; um estranho imprevisível, taciturno e intimidante.

Meus pensamentos rápidos são interrompidos quando sua mão atinge meus ombros. Seus polegares firmes massageiam minha pele de uma maneira deliciosa. Agora está me olhando, com uma expressão grave e cabelo ensopado. O peso da água faz com que seus cachos pareçam mais longos. Aproxima o rosto e me beija suave, mais docemente, antes de prosseguir com tarefa de limpar todo o chocolate.

O que foi isso?

Uma terna demonstração de afeto? Um gesto carinhoso? Um instinto natural? Ou apenas um

beijo amigável? O calor de nossas bocas juntos indicam o contrário, mas a expressão em seu rosto não. Deveria ir. Não sei como pude pensar que esta noite terminaria bem. Deveria ter pensado melhor, e então ter tido a certeza de rejeitar sua oferta. Eu não deveria agir desta forma e imediatamente passo do fascínio ao ressentimento.

Estou prestes a declarar minhas intenções de voltar atrás, quando ele diz:

—Diga-me como é possível que não tenha dormido com qualquer homem em sete anos — pergunta enquanto afasta algumas mechas de cabelo molhado do meu rosto.

Eu suspiro e abaixo a cabeça até que ele me obriga a encará-lo novamente.

—Bem... — o que posso dizer? — É que...

—Continue — ele insiste com doçura.

Me esquivo de sua pergunta facilmente ao lembrar sua sentença anterior.

—Dado nosso 'acordo', pensei que nós não deveríamos entrar em detalhes pessoais. Enruga a testa, assim como eu. Parece envergonhado.

—É verdade. — segura meu pescoço com a mão sobre o cabelo molhado e me puxa do chuveiro. — Perdoe-me.

Continuo com o cenho franzido, enquanto me seca com uma toalha. Depois volta a me pegar pela nuca e me orienta para sua vasta cama de couro. Está feita e bonita, com uma colcha de veludo vermelho intenso e almofadas douradas colocadas de forma minuciosa. Elas não haviam caído, mas eu sei que é impossível que estivesse assim quando acordei há algum tempo, então ele tem que ter arrumado. Não quero desfazê-la, mas Miller me libera e começa a retirar as almofadas e colocá-los ordenadamente em um banco que há aos pés da cama. Depois retira a colcha e me faz um gesto para que me deite.

Me aproximo com cautela e começo a subir lentamente na cama enorme. Sinto—me como a Princesa e a ervilha. Me aconchego e observo como ele desliza ao meu lado e arruma seu travesseiro antes de apoiar a cabeça e me puxar, ao redor da minha cintura com o braço, para seu corpo suavemente. Me aconchego ao calor de seu peito de forma reflexiva, sabendo que isso não está bem. Eu sei que é errado, e ainda mais quando pega minha mão e beija minhas juntas. Depois leva minha palma a seu peito, coloca a mão contra a minha e começa a guiar minhas carícias.

Estamos calados. Quase posso ouvir minha mente cheia de pensamentos esperançosos. E acho que eu também posso ouvir a sua, mas agora há uma tensão invisível e essa tensão invisível que há entre nós está superando todas as coisas fantásticas que aconteceram até agora. Seu coração bate a um ritmo constante sob minha orelha e de vez em quando aperta minha mão como um gesto reconfortante, embora eu saiba que não vou dormir, ainda que meu corpo esteja exausto e meu cérebro esgotado.

De repente, Miller se move. Me afasta de seu peito e me põe de lado.

—Não se mexa — sussurra e me beija na testa antes de levantar da cama e colocar os shorts.

Fora do quarto e eu me apoio sobre os cotovelos e observo como a porta se fecha atrás dele. Devem ser as primeiras horas da manhã. O que ele está fazendo? A ausência do incômodo silêncio deveria me fazer sentir melhor, e não é assim. Estou nua, minha virilha dói e me encontro bem coberta na cama de um estranho, mas eu não posso fazer outra coisa, exceto ficar deitada de costas e olhar para o teto com meus pensamentos como única companhia. Miller me faz sentir viva e maravilhosa num momento, e desconfortável e insuficiente no próximo.

Não sei quanto tempo passo assim, mas quando ouço alguns golpes e uma educada maldição, já não posso aguentar mais. Escorrego para a borda da cama, levo o lençol comigo e percorro o quarto, saio para o corredor e me aproximo em silêncio até a origem da comoção. Ruídos e maldições estão se tornando cada vez mais claras, até que me encontro de pé no limiar da cozinha, observando como Miller limpa as portas de espelho da geladeira.

O que poderia me deixar boquiaberta, são os movimentos frenéticos do sua mão passando o pano em toda a superfície e, no entanto, são os músculos das costas, perfeitamente definidos, que me deixam sem fôlego e fazem com que eu me segure na moldura da porta para não cair no chão. Não pode ser real. É um sonho, uma alucinação ou uma miragem. Eu ficaria convencida de não estar tão dolorida.

—Que desastre! —Murmura entre dentes. Afunda a mão em um balde cheio de água com sabão e torce o pano. — Em que diabos estava pensando? Merda! —Passa o pano contra o espelho e continua xingando e esfregando como um louco.

—Está tudo bem? — pergunto timidamente, sorrindo para mim. Miller gosta de ter tudo como ele: perfeito.

Se vira, surpreso, mas com o cenho franzido.

—O que você está fazendo que não esta na cama? —Arremessa o pano com raiva no balde. — Você deveria estar descansando.

Enrosco mais o lençol ao redor do meu corpo, como se estivesse usando-o como escudo de proteção. Está chateado, mas está chateado comigo ou com o espelho sujo da geladeira? Começo a retroceder, cautelosamente.

—Merda! — abaixa a cabeça envergonhado, agita-se ligeiramente e passa a mão no cabelo com frustração. — Me perdoe, por favor. — Olha para cima e vejo que seu arrependimento é sincero. — Não devia falar assim com você. Não foi certo.

—Não, não está tudo bem — respondo. — Não vim aqui para você latir para mim.

—É que... — olha para a geladeira e fecha os olhos com firmeza, como se doesse ver manchas. Então ele suspira e chega a mim, esticando as mãos, como se para pedir permissão para me tocar.

Não sei se faço bem, mas aceno e vejo que relaxa instantaneamente. Sem perder um segundo, me abraça, me aperta contra ele e afunda o nariz no meu cabelo úmido. A sensação é muito reconfortante para ignorá-la. Quando disse antes que não conseguiria dormir, falou sério. Não se virou para ver o desastre quando apontei, mas claramente estava pairado em sua cabeça, atormentando-o.

—Desculpe — repete e beija meu cabelo.

—Você não gosta de desordem. — não pergunto por que é obvio e não vou dar-lhe a oportunidade de me insultar negando isso.

—Eu gosto de ter a casa impecável — me corrige e vira me empurrando para o quarto.

Cada passo que damos me lembro o espaço palaciano no qual eu me encontro.

—Não tem uma empregada?— Pergunto, pensando que um homem de negócios como ele, que vive onde vive, vestido como se veste e que dirige carro que dirige, deveria ao menos ter uma governanta.

—Não, — pega o lençol, me levanta e me coloca na cama. — Eu gosto de fazê-lo.

— Você gosta de limpar? — pergunto atordoada. Não pode ser verdade.

Seus lábios se curvam, nos cantos, e o gesto me faz sentir muito melhor depois dos fatos, palavras e sentimentos que tiveram lugar desde nossos últimos momentos íntimos.

—Eu não diria que eu gosto. — Deita na cama comigo, me puxando para cobri-lo e entrelaçamos nossas pernas. — Acho que você pode considerar-me um Deus doméstico.

Agora eu também sorrio, e minha mão decide se colocar á vontade ao ter acesso direto a seu peito nu.

—Nunca imaginei — digo ponderando.

—Você devia parar de pensar tanto. As pessoas pensam demais as coisas e dão mais valor do que elas são na realidade — responde com calma, quase com desdém, mas sei que há algo mais por trás de suas palavras. Tenho certeza.

—Como o que?

—Nada em particular. — beija minha cabeça. — Estava falando em geral.

Ele não falou de modo geral, mas decido ficar quieta. Agradeço sua mudança de humor, já não me sinto desconfortável e deixo a segurança do seu corpo me levar em uma doce soneca. Não demoro para fechar os olhos lentamente e o último som que ouço é o Miller sussurrando algo doce e hipnotizante em meu ouvido.

Dominada pelo pânico, abro os olhos e me endireito na cama. O quarto está completamente às escuras. Afasto o cabelo selvagem do meu rosto. Paro por um momento para me lembrar e tudo me volta novamente a cabeça... ou talvez eu tenha sonhado?

Apalpo o colchão e não sinto nada do outro lado, além da roupa de cama macia e um travesseiro sem uma cabeça em cima.

— Miller? —sussurro timidamente e depois levo a mão ao corpo e vejo que não estive usando nada desde então. Eu sempre durmo de calcinha. Não estou sonhando, e não sei se me sinto aliviada ou com medo. Esforço-me para fora da cama e saio em busca da tomada na parede. — Merda! — amaldiçoo quando bato meu tornozelo em um objeto duro. Me recupero do golpe e continuo avançando. Então, bato minha cabeça em algo. Um barulho interrompe o silêncio, e luto com o que me ataca. — Foda-se — Não consigo agarrar o que quer que seja me golpeou e o deixo cair, fazendo uma careta quando ele cai no chão antes de esfregar a minha testa. — Droga!

Estou confiante que Miller aparecerá de onde quer que ele esteja escondido para ver o que aconteceu, mas depois de ficar em pé, em silêncio uma eternidade esperando que ele entre e o interruptor que me abençoe com um pouco de luz, continuo cega. Continuo meu progresso tateando a parede no escuro até que sinto algo que se parece com um interruptor. Conectei—o e a invasão repentina de luz artificial me cega por um momento. Definitivamente, eu estou sozinha, e nua. Vejo a cômoda contra o qual bati a panturrilha, e lâmpada de pé contra qual golpeei a cabeça, agora descansando sobre a cômoda, em milhares de pedaços. Corro para a cama, arranco os lençóis e me envolvo neles, enquanto me dirijo até a porta. Provavelmente está limpando a geladeira novamente, mas quando chego à cozinha, não o encontro limpando. Na verdade, não consigo encontrá-lo em qualquer lugar. Desapareceu. Ando por seu apartamento duas vezes, abrindo e fechando portas, pelo menos, todas que se abrem. Há uma que não. Eu tento girar a maçaneta, mas ela não se move, de modo que bato contra ela e espero. Nada. Volto a seu quarto com a testa franzida. Onde ele foi?

Me sento do seu lado da cama e me pergunto o que devo fazer, pela primeira vez, eu estou

plenamente consciente de como fui estúpida. Estou em um apartamento estranho, nua no meio da noite, depois de ter relações algumas relações sexuais imprudentes sem laços com um estranho.

A sensata e cuidadosa Livy, fez uma estupidez digna de um prêmio. Sinto-me decepcionada comigo mesmo.

Procuro por minha roupa, mas não vejo isso em qualquer lugar.

—Foda—se! — amaldiçoo.

Onde diabos, ele a colocou? De repente, me deixo ser guiada pela lógica e me encontro virada para a cômoda. Afasto a lâmpada, abro a gaveta e encontro um monte de roupa masculina perfeitamente dobrada. Eu não desisto. Abro a próxima e a próxima e a próxima, até ficar de joelhos, abrir a última gaveta e encontrar minhas roupas perfeitamente dobradas também, com meu Converse perfeitamente colocado para o lado, com os cadarços dentro. Me acabo de rir. Pego meus pertences da gaveta e me visto com pressa.

Quando estou prestes a sair, vejo uma nota em cima da cama. Não acredito que me deixou um bilhete no travesseiro, que eu deveria deixá-lo sem ler, mas eu também estou curiosa. Miller desperta minha curiosidade, e isso não é bom, porque todo mundo sabe que a curiosidade matou o gato. Me odeio por isso, mas eu me deparo com a nota e a pego, chateada mesmo antes de ler.

Livy:

Tive que sair por um momento. Não demorarei, assim não vá embora, por favor.

Se precisar de mim, me ligue. Salvei meu número em seu telefone.

Um beijo,

MILLER

Estúpida, suspiro ao ver que ele se despediu com um beijo. Depois fico extremamente furiosa. *Teve que sair por um momento?* Quem tem a necessidade de sair um momento no meio da noite? Preciso do meu telefone para ver que horas são exatamente. Encontro minha bolsa e meu celular no vidro da mesa da sala de estar e depois ligá-lo e ignorar as dezenas de chamadas não atendidas de Gregory e suas três mensagens de texto me avisando que eu era uma bagunça, a tela me diz que são 03:00 da manhã. As três?

Giro o dispositivo várias e várias vezes na mão enquanto me dedico a pensar sobre o que pode tê-lo feito sair neste momento. Uma emergência, talvez? É possível que alguma coisa aconteceu com um membro da família. Talvez em algum hospital ou resgatando uma irmã bêbada de uma boate. Tem irmãs? Me vêm a cabeça todos os tipos de razões, mas quando o telefone começa a tocar na minha mão, baixo a vista, vejo seu nome na tela e em seguida deixo de pensar porque estou prestes a descobrir o que aconteceu.

Atendo.

—Sim?

—Você acordou.

—Bem, sim e você não está aqui. —me sento no sofá. —Tudo certo?

—Sim, tudo bem. — Fala em voz baixa. Como se estivesse em um hospital. — Não vou demorar. Relaxe na cama, ok?

Relaxar na cama?

—Vou embora.

—O quê? —Já não sussurra.

—Você não está, então não faz sentido que eu fique. —Isto não é veneração, é abandono.

—Bem, é um grande ponto! — É diferente, e ouço ao fundo uma porta bater. — Não se mova daí — diz ele com inquietação.

—Miller, você está bem? — pergunto. — Aconteceu alguma coisa?

—Não, nada.

—Então porque você teve que sair no meio da noite?

—Para o trabalho, Livy. Volte para a cama.

A palavra *trabalho* desperta um ressentimento injustificado em mim.

—Você está com uma mulher?

—O que te faz pensar isso?

Sua pergunta transforma esse ressentimento em suspeita.

—Porque você disse que *está trabalhando*. — Estive tão atordoada com tanta veneração que tinha esquecido aquele pedaço de mulher de cabelo preto.

—Não, por favor. Volte para a cama.

Deixei-me cair contra o encosto do sofá.

—Não tenho sono. Não foi o combinado, Miller. Não quero ficar sozinha em um apartamento estranho.

Ouço minhas palavras absurdas e sinto vontade de me esbofetear. Claro, como se fosse melhor num apartamento estranho com um estranho que me faz perder todo o bom senso.

—O trato era de uma noite, Olivia. Vinte e quatro horas e já estou bastante chateado por ter que perder algumas. Se você não estiver nessa cama quando voltar para casa, juro que...

Me endireito.

—Que o quê? — pergunto ao ouvir sua respiração agitada, cheia de pânico, do outro lado do linha.

—Que...

—Sim?

—Que...

—O quê? —Eu repito com impaciência, me levanto e pego minha bolsa. Está me ameaçando?

—Que vou te buscar e voltarei a te colocar nela— exclama. E explodo em risos.

—Você está se ouvindo?

—Sim — diz mais calmo. — Não é educado descumprir um acordo.

—Não assinamos nada.

—Não, nós o selamos fodendo.

Deixo escapar um grito abafado, franzo o cenho e perco minha respiração ao mesmo tempo.

—Pensei que você fosse um cavalheiro.

—O que te fez pensar isso?

Fico em silêncio e peso minha resposta. Em nosso primeiro encontro nada sugeria que ele fosse um cavalheiro. Nem tão pouco nos seguintes. Mas suas atenções e agrados desde que cheguei aqui o fizeram parecer. Não tem havido sexo selvagem.

E aí percebo como tremendamente estúpida tenho sido e me horrorizo. Ele me seduziu, e fez isso maravilhosamente.

—Não tenho ideia, mas obviamente eu estava errada. Agradeço os inúmeros orgasmos.

Eu o ouço gritando o meu nome, enquanto afasto o telefone do ouvido e desligo. Minha própria audácia me surpreende, mas Miller Hart desperta a rebelde em mim. E isso é perigoso, mas essencial ao lidar com um homem tão desconcertante. Penduro a bolsa no ombro, siga em direção a porta e rejeito a chamada antes de desligar o telefone.

Capítulo Nove

Não dormi nada, apesar de estar confortavelmente na minha cama. Após esgueirar-me como um ladrão profissional na minha casa, subi as escadas na ponta dos pés, evitando todas as tábuas que rangem e atravessei o corredor às escondidas para encontrar a segurança do meu próprio quarto. Então fiquei aqui deitada, no escuro o resto da noite, com o olhar perdido no teto.

Agora que os pássaros cantam, ouço minha avó transitando pela cozinha, e não tenho vontade de enfrentar o dia de hoje. Tenho a mente cheia de pensamentos, imagens e conclusões e não quero perder espaço no meu cérebro com eles. No entanto, por mais que me esforce não consigo esvaziar a cabeça.

Me inclino sobre a mesa de cabeceira, desconecto o telefone do carregador, e me aventuro a ligá-lo. Tenho outras cinco chamadas não atendidas de Gregory, uma de Miller e uma mensagem no correio de voz. Não quero ouvir o que qualquer um deles tem a dizer, mas eu me torturo igualmente ouvindo a porra da mensagem. É do meu amigo preocupado, não Miller.

Olivia Taylor, você e eu vamos ter umas palavrinhas quando me encontrar com você. O que você está pensando, querida?

Por Deus! Eu pensei que você era a mais inteligente dos dois. Por favor, me ligue ou vou ver sua avó e eu vou lhe dizer todos os seus pecados! Poderia ser um estuprador ou um assassino com um machado! Como é tão estúpida? Estou muito irritado!

Parece completamente exasperado. Vai ser dramático! E sei que não vai dizer nada à minha avó, porque, como eu, ele sabe que em vez de colocar o grito no céu, ela vai se alegrar. Sua mensagem não é nada mais do que ameaças vãs. Em parte está certo, mas é um exagero e não vê com perspectiva.

Em parte.

Um pouco.

Absolutamente.

Ok, tem toda a razão e não sabe da missa a metade. Eu sou uma idiota. Ligo para ele antes que tenha um ataque, e ele responde de imediato. Por sua voz, diria que já estava a beira do infarto.

— Livy?

—Estou viva. — me deixo cair no travesseiro. — Respire fundo, Gregory.

—Não brinque comigo! Estive a noite toda tentando descobrir onde ele mora.

—Você está exagerando.

—Pois eu acredito que não!

—Então não encontrou? — pergunto, me cobrindo um pouco mais com o edredom e me enrolando na cama.

—Bem, você não me deu muitos dados, não é? Procurei *"Miller"* no Google, mas a única coisa interessante que eu encontrei é que significa moleiro, e eu não acho que ele se dedique a moer trigo.

Rio para mim mesma.

—Não sei no que está envolvido.

—Bem, dá no mesmo, porque você não vai vê-lo novamente. O que aconteceu? Você dormiu com ele? Onde você está? E você perdeu a sua mente?

Eu paro de rir.

—Não é o seu negócio. Não é da sua conta. Estou em casa. E, sim, fiquei louca.

—Não é o meu problema? — guincha. — Livy, levei anos quebrando minha cabeça para tentar te tirar dessa bolha onde você se colocou. Te apresento para milhares de homens decentes, todos loucos para você, mas você rejeitou imediatamente considerar tomar alguma coisa com eles, ou

jantar fora. Sair para jantar e uma bebida com um homem não transforma você em sua mãe.

—Cale-se! — sibilo. A menção de minha mãe ferve meu sangue e meu tom reflete isso.

—Sinto muito, mas o que tem esse imbecil que te transformou em uma idiota irresponsável e imprudente?

—O único idiota que conheço é você — o acuso com calma, porque não sei, que outra coisa dizer. Eu fui muito imprudente, assim como minha mã... — E não é qualquer criminoso, nem nenhum assassino. É todo cavalheiro. — Adiciono 'às vezes', para mim mesma.

—O que aconteceu? Conte—me.

—Ele me venerou — confesso. Ele não vai parar de tentar me pegar, então será melhor que conte. O que está feito, está feito. Já não haverá volta.

—*"Venerou"*— Sussurra Gregory, e o imagino deixando o que quer que seja que está fazendo do outro lado do telefone.

—Sim, ele deixou as expectativas muito altas para quem quer que chegue depois. — E é verdade. Não se poderá comparar. Nenhum homem irá corresponder a sua habilidade, suas atenções e sua paixão. Estou frita.

—Foda-se! — continua sussurrando. — Tão bom assim?

— Você nem imagina, Gregory. Me sinto enganada. Me prometeu vinte e quatro horas e só tive oito. E eu preciso desesperadamente cobrar...

—O quê? Rebobine! Rebobine, droga! — grita, me fazendo saltar na cama. —Rebobine! O que é isso de vinte e quatro horas? Vinte e quatro horas para quê?

—Para me venerar — viro para o outro lado e passo o telefone para a outra orelha. — Me ofereceu este tempo porque era a única coisa que poderia me oferecer.

Não posso acreditar que esteja dizendo tudo isso para Gregory. Esta história leva a palma, especialmente tendo em conta que é de mim que estamos falando.

—Nem sei o que dizer. — Se eu fechar meus olhos, posso imaginar perfeitamente a cara de espanto que ele deve estar usando. — Eu tenho que vê-la. Eu vou até aí.

—Não, não! — Me endireito agitada. — Minha avó não sabe que estou aqui. Eu entrei escondida.

Gregory cai na gargalhada.

—Baby, sinto muito ser eu a dizer a você, mas sua avó sabe exatamente onde você está.

—Como você sabe?

—Porque foi ela quem me ligou para dizer que você estava em casa. — Detecto certo tom de satisfação na voz dele.

Eu levanto meu olhar para o céu para que me dê forças. Eu deveria ter imaginado.

—Então por que me perguntou onde estava?

—Porque eu queria saber se a minha alma gêmea tinha adquirido o novo hábito de mentir, além de ter se tornado completamente idiota. Fico feliz em confirmar que só aconteceu a última. Estou indo.

Desliga o telefone, e enquanto deixo o meu sobre a cama, ouço o rangido familiar do chão, então me escondo debaixo das cobertas e prendo a respiração.

A porta se abre, mas permaneço ainda como uma estátua, escondida, com os olhos fechados e sem respirar, embora saiba que vai ser inútil. Claro está ansiosa para obter uma colher, a intrometida.

Há um silêncio completo, mas sei que está lá, e então sinto-me uma ligeira cosquinha na sola do pé e dou um pontapé no ar a rindo de forma descontrolada.

—Vovó! —Exclamo.

Saio de baixo do edredom encontro sua figura gordinha ao pé da minha cama, com os braços cruzados e com um sorriso sujo desenhado no rosto.

—Não me olhe assim —aviso.

—Seu chefe... uma ova!

—Era meu chefe.

Ela zomba e se senta na borda da cama, o que me coloca em alerta máximo.

—Por que está mentindo para mim?

—Não estou mentindo. — minha resposta é fraca e o fato de que desviei meu olhar do seu trai minha culpa.

—Livy, quem você acha que sua avó é? — Me dá um tapa na coxa, por cima do edredom. — Posso ser velha, mas os meus olhos e meus ouvidos funcionam perfeitamente.

Atiro-lhe um olhar de relutância e vejo que ela está, contendo um sorriso zombeteiro. Vai alegrar seu dia, se eu confirmar o que ela já sabe.

—Sim, e sua mente intrometida também.

—Eu não sou intrometida! — se defende. — Eu sou apenas... uma avó preocupada.

Bufo e tiro o edredom debaixo de sua bunda. Me envolvo com ele e fujo para o banheiro.

—Não precisa se preocupar.

—Me parece que sim, se minha doce netinha eremita de repente sai até o amanhecer.

Me encolho com vergonha, acelero o passo e ela me segue pelo corredor. A desculpa do trabalho já não vai colar, então eu mordo minha língua e apresso-me a fechar a porta do banheiro ao entrar, espiando brevemente antes, suas sobrancelhas acinzentadas se arquearem e seus lábios finos formando um sorriso travesso.

—É seu namorado? —pergunta através da porta.

Abro a torneira do chuveiro e solto o edredom.

—Não.

—Era o seu namorado?

—Não!

—Está festejando?

—O quê?

—Saindo. Se, você está saindo, querida.

—Não!

—Então é só sexo?

—Vovó! — exclamo olhando para porta incapaz de acreditar no que acabei de ouvir.

—Só estou perguntando

—Bem, não faça isso!

Entro no chuveiro e agradeço pela água quente, mas não pelas imagens do meu banho anterior. Ele invade todos os cantos do meu cérebro, exceto a pequena parte reservada para responder as perguntas irracionais da minha avó. Pego um pouco de xampu nas mãos e tento esfregar meu cabelo na esperança de eliminar, assim, as memórias.

—Está apaixonada por ele?

Estou congelada sob a água, com mãos paradas entre a espuma da minha cabeça.

—Não diga bobagens. — tento soar desconcertada, mas tudo o que consigo é exalar um suspiro em silencioso e pensativo.

Não sei o quais são meus sentimentos exatamente, porque agora eles estão todos desordenados. E não deveriam estar, especialmente sabendo que há outra mulher. Mas eu não estou apaixonada por ele. Ele me intriga, só isso. Me fascina.

Espero um novo disparo por parte de minha avó e eu ficar quieta enquanto me pergunto que fato vai soltar agora. Passa algum tempo, mas no final eu ouço o rangido distante do revestimento de madeira. Se foi, sem replicar a minha pouco convincente resposta à sua última pergunta, o que é muito estranho.

Gregory está completando o interrogatório moderado da minha avó. Passa algumas horas me agradando. Subimos ao piso superior do ônibus turístico descoberto e está me ouvindo falar sobre o porquê eu gosto tanto de Londres, mas quando me leva ao terraço de uma cafeteria de Oxford Street, eu sei que meu tempo para evitá-lo terminou.

—Café ou água? — pergunta quando o garçom começa a se aproximar e me lança um olhar de soslaio.

—Água.

Ignoro o garçom e começo a brincar com o guardanapo, dobrando-o perfeitamente muitas vezes, até que já não pode mais ser dobrado.

Meu amigo olha para o garçom, da mesma forma que o garçom olha para mim, com os olhos esbugalhados e um sorriso enorme no rosto.

—A água e café, por favor, por favor.

Sorrio para Gregory para transformar a cena em um triângulo contínuo de sorrisos enquanto o garçom anota nosso pedido e se retira sem reparar na senhora da mesa ao lado, que está acenando para chamar sua atenção. Está nublado e há muita umidade, de modo que o jeans apertado esta me pegando nas pernas.

— Bom? — começa Gregory tirando a toalha de minha mão. Eu começo a brincar com o anel. — Te prometeu vinte e quatro horas e foram apenas oito. — Vai diretamente para o assunto, sem rodeios.

Faço beicinho e me odeio por isso.

— Disse isso, certo? — suspiro.

Algumas horas distraída pela grandeza da minha amada Londres haviam conseguido removê-lo temporariamente da minha cabeça. Mas esse é o problema; apenas temporariamente.

—O que aconteceu?

—Ele teve que sair.

—Onde?

—Não sei. — Falo sem olhar em seu rosto, como se a falta de contato visual fosse facilitar a verdade. E deve estar funcionando, porque prossigo ansiosa para conhecer sua opinião. — Acordei às 3 da manhã e tinha desaparecido. Me deixou um recado no travesseiro para me dizer que voltaria. Então ele me ligou, mas não me disse onde estava, apenas que ele teve de sair para trabalhar. Me irritei um pouco e ele também.

—Por que ele se irritou?

—Porque eu disse a ele que eu ia embora e que não é educado descumprir um trato. — Olho um momento para Gregory e vejo que ele tem olhos castanhos como pratos. — Não assinamos nada — termino, sem acrescentar que, de acordo com Miller, selamos fodendo.

—Me parece um idiota — declara com desprezo. — Um idiota arrogante!

— Não é — digo imediatamente — Bem, pode ser que pareça assim no começo, mas não quando me tinha entre seus braços. Me venerava de verdade. Ele disse que ia me dar uma foda selvagem, mas depois...

—O quê? — Gregory chia inclinando-se para frente. — Disse isso de verdade?

Afundo-me na cadeira, pensando que talvez deveria ter reservado essa parte. Eu não quero que meu amigo odeie Miller, apesar de realmente fazê-lo um pouco.

—Sim, mas não fez. Ele foi muito respeitoso e... — faço uma pausa para dizer tamanha estupidez nestas circunstâncias.

—O quê?

Sacudo a cabeça.

—Comportou-se como um cavalheiro.

Nossas bebidas chegam e eu imediatamente derramo a água no copo e dou um bom gole, enquanto o garçom me come com os olhos e Gregory a ele.

—Obrigado. —Meu amigo sorri ao garçom para deixar claro seu interesse, apesar da preferência sexual aparente dele.

—De nada. Apreciem — diz o garçom sem desgrudar os olhos de mim até que finalmente decide atender a mulher que volta a tentar captar sua atenção.

A expressão sorridente de Gregory logo se transforma em uma careta quando olha para mim.

—Livy, você me disse que viu ele com uma mulher, e você sabe tão bem quanto eu que provavelmente não é nenhuma sócia. Parece-me tudo menos um cavalheiro.

—Eu sei — murmuro toscamente ao me lembrar, e sinto uma punhalada na alma. Essa mulher é bonita, elegante e provavelmente tão rica e sofisticada como Miller. Esse é seu mundo: de mulheres finas, hotéis chiques, eventos finos, roupas finas, comida e bebida fina. O meu é servir alimentos e bebidas finas a essa gente fina. Tenho que esquecê-lo. Tenho que me lembrar do quão furiosa estou com ele. Tenho que me lembrar que foi apenas sexo. — Eu não vou vê-lo novamente. — Suspiro. Para mim, não foi apenas sexo.

—Fico feliz. —Gregory sorri e dá um gole em seu expresso. — Você merece todo o pacote, não só os restos de um homem que te usa quando tem vontade. — Se aproxima e aperta minha mão para me confortar. — Acredito que no fundo você sabe que não é bom para você.

Sorrio, porque eu sei que meu melhor amigo tem toda a razão.

—Eu sei.

Gregory assente, piscando o olho para mim e se inclina para trás em sua cadeira. Nesse momento meu telefone começa a tocar dentro da minha bolsa. Pego a bolsa da cadeira ao lado e começo a olhar para ele.

—Vai ser minha avó — protesto. — Isso está me enlouquecendo.

Gregory cai na gargalhada e faz com que eu também sorria, mas paro instantaneamente, quando vejo que não é minha avó me ligando. Arregalo meus olhos, e olho para Gregory.

Ele também deixou de rir.

—É ele?

Assinto e olha novamente a tela, com o dedo pairando sobre o botão que me conectará com Miller.

—Não vou atender a chamada.

—Seja inteligente, querida.

"Seja inteligente. Seja inteligente. Seja inteligente." Respiro fundo e atendo.

—Olá.

—Olivia?

—Miller — respondo com um tom calmo e frio, enquanto meu coração acelera.

Sua forma pausada e contundente de pronunciar meu nome faz com que visualize perfeitamente o movimento lento de seus lábios.

—Temos que continuar onde paramos. Eu tenho um compromisso esta noite, mas vou estar livre amanhã — diz ele com tom formal e firme, fazendo meu coração acelerar um pouco mais, não de desejo, mas sim irritação. O que eu sou? Uma transação comercial?

—Não, obrigado.

—Não foi uma pergunta, Livy. Estou informando que você vai passar o dia comigo amanhã.

—É muito amável de sua parte, mas temo que tenho planos. — Soo vacilante, quando o que pretendia era soar segura.

Estou ciente que Gregory está observando e ouvindo atentamente e estou feliz, porque tenho a certeza de que, se não estivesse aqui controlando a conversa ia acabar aceitando. O som da sua voz suave, apesar de não demonstrar nenhum pouco de simpatia, me faz lembrar de coisas que senti antes da fúria de ser abandonada.

—Cancele-os.

—Não posso.

—Por mim, você pode.

—Não, eu não posso. — Desligo antes de ceder e desligo o celular. — Feito — declaro enquanto jogo o na bolsa.

—Boa menina. Você sabe que é o melhor. — Meu amigo sorri do outro lado da mesa. — Termine sua água e te acompanho até em casa.

***

Nos despedimos na esquina. Gregory vai para casa se arrumar para sair esta noite, eu ficarei em meu quarto para escapar de minha avó intrometida. Introduzo a chave com cuidado na fechadura. A porta se abre e me encontro com dois pares de olhos idosos que me olham com interesse: minha avó, me analisando e os olhos de George, pairando acima ombro dela com um sorriso no rosto. Posso imaginar o que aconteceu nesta casa desde que eu fui esta manhã e George chegou. Este homem faria qualquer coisa para a minha avó, inclusive ouvi-la falar sem parar sobre a neta dela chata e introvertida. Só que desta vez eu não sou chata. E a alegria de George de aprender sobre essa notícia é refletida em todo o seu rosto redondo.

—Seu telefone está desligado — minha avó me acusa. Por quê?

Deixo cair os braços em ambos os lados do corpo e suspiro exageradamente. Passo por eles e me dirijo para a cozinha.

—Estava sem a bateria.

Zomba de minha mentira e me segue.

—Vi seu chefe.

Dou meia volta horrorizada e a vejo muito séria. George está sorrindo atrás de seu ombro.

—Meu chefe? — pergunto . Meu coração está saindo do peito.

—Sim, seu chefe de verdade. —Espera minha reação e eu não a desaponto. Procuro não fazê-lo, mas me coloco como um tomate, e meu corpo relaxa completamente de alívio. — Um *cockney* muito agradável.

—O que ele queria? — Digo recuperando a compostura.

—Ele disse que ele tentou ligar para você. — Enche a chaleira e faz um gesto para George, para que se sente. O velho responde prontamente e continua a sorrir—me. — Algo de uma gala de caridade hoje.

—Quer que eu trabalhe?— Pergunto esperançosa. Pego meu celular e ligo.

—Sim.— Minha avó continua a preparar o chá, com as costas para mim. — Disse-lhe que talvez fosse demais após o turno tão longo que você fez na noite passada.

Olho pra ela com a testa franzida, e sei que o sorriso de George deve ter se ampliado.

—Avó, já está bom — lhe advirto, apunhalando os botões no meu telefone.

Ela não se vira nem responde. Já disse o que tinha a dizer e eu também.

Levo o aparelho para o ouvido e subo a escada para me refugiar no santuário do meu quarto. Del precisa que eu trabalhe hoje e eu voluntariamente aceito sem saber a hora ou lugar. Farei o que for só para me distrair.

Atravesso a porta de entrada do pessoal do hotel e me encontro imediatamente com Sylvie. Me cerca como um lobo, como eu esperava.

—Conte-me tudo!

Passo a seu lado e me dirijo para a cozinha.

—Não há nada para dizer — digo sem dar importância, relutante em confirmar que ela tinha razão. Del me oferece um avental. O aceito e começo a colocá-lo. — Obrigado.

Passa outro a Sylvie, que o pega sem agradecer nosso chefe.

— Bom? Você o mandou plantar batatas?

—Sim.— Assinto com convicção, provavelmente porque é em parte verdade. Eu o rejeitei. Começo a carregar minha bandeja com taças. — Agora pare de se preocupar, porque não tem motivos.

—Ok — diz satisfeita e começa a me ajudar. — Bem, estou feliz. É um babaca arrogante.

Eu nem nego isso. Decido mudar o assunto completamente. Supõe-se que quero ocupar a mente com outras coisas.

—Você saiu ontem à noite?

—Sim, e ainda me sinto mal — admite ao derramar o champanhe. — Meu corpo continua me pedindo junk food o dia todo e acho que bebi cerca de dois litros de coca cola.

— E isso é ruim?

—Horrível. Não vou voltar a beber na minha vida... até a próxima semana.

Começo a rir.

—Que é pior...?

—Cale-se! O cheiro do champanhe está agitando meu estômago.— Ela finge tapar o nariz enquanto continua a encher as taças. Agora que paro para olhar, percebo que o seu cabelo escuro, geralmente brilhante e alegre, parece um pouco apagado, assim como, suas bochechas normalmente rosadas. — Sim, eu sei, estou um caco.

Volto a focar na bandeja.

—A verdade é que está — admito.

— E me sinto ainda pior.

Del aparece, tão alegre como sempre.

—Meninas, hoje temos deputados e alguns diplomatas. Eu sei que não preciso dizer, lembrem-se de seus modos — diz olhando para Sylvie, e então enruga a testa. — Você tem um aspecto assustador.

—Sim, eu já sei. Não se preocupe, vou prender a respiração — responde e expira na palma mão e cheira.

Eu faço uma careta ao ver seu gesto de repulsa e observo como procura no bolso e coloca um doce de hortelã na boca.

—Não fale a não ser que seja estritamente necessário — Del diz da sacudindo a cabeça em desaprovação.

Deixa Sylvie e eu acabando com champanhe e passando os canapés da caixa para as bandejas.

—Pronta? —pergunta minha colega levando a bandeja para o ombro.

—Você primeiro.

—Grande. Vamos dar comida e bebida a esses elitistas — resmunga sorrindo com doçura a Del quando este lhe lança um olhar de aviso. — Ou você prefere que os chame de *esnobes*?

Nosso chefe reprime um sorriso carinhoso.

—Não, preferiria ter pessoal suficiente para evitar ter que recorrer a você. Mova sua bunda.

—Sim, senhor! — ela o cumprimenta muito formalmente. Dá meia volta e começa a marchar. Sigo ela, rindo. Apesar de não chegar muito longe. E meu sorriso desaparece instantaneamente.

Me observa com rosto inexpressivo, e fico presa no chão, a tremendo, com o pulso acelerado.

Ele, no entanto, parece muito tranquilo. A única coisa que me dá alguma pista sobre o que está pensando é sua maneira de me examinar atentamente.

—Não,— sussurro para mim mesma, tentando controlar a bandeja enquanto volto atrás para a cozinha.

Está com aquela mulher, desta vez levando um vestido de seda cor creme e ostenta um monte de diamantes. Tem a mão em sua bunda e olha para ele com um sorriso radiante.

Trabalho? Me sinto doente, doente de ciúmes, de dor, de prazer de vê-lo o lindo com esse terno de três peças cinza. Sua perfeição desafia a realidade a todos os níveis.

—Livy? —A voz de preocupação de Del se infiltra em meus ouvidos e sinto como apoia as mãos sobre os meus ombros por trás. — Você está que bem, querida?

—Perdão? —Afasto os olhos de uma visão dolorosa do outro lado da sala e me volto ao meu chefe. A expressão em seu rosto reflete a preocupação de seu tom.

—Meu Deus, Livy, você está mais branca que uma parede. — Remove minha bandeja e toca minha testa. — E você está fria.

Tenho que ir. Eu não posso trabalhar toda a noite perto de Miller muito menos com ela presa a ele. Não depois de ontem à noite. Dou meia volta, começo a olhar em todos os lugares e meu coração parece não ter intenções de relaxar.

—Acho melhor eu ir embora — sussurro lastimosamente.

—Sim, vá. — Del me acompanha até a cozinha e me entrega minha bolsa. — Coloque-se na cama até a febre passar.

Assinto fracamente apenas quando Sylvie aparece fumegante ao lado da cozinha com uma bandeja cheia de copos vazios, com um olhar desesperado e preocupado, que se aprofunda quando localiza minha suada e patética figura. Ela abre a boca para falar, mas nego com a cabeça.

Não quero que me descubra. O que Del acharia se soubesse que estou assim por causa de um homem?

—Você terá que trabalhar um pouco mais, Sylvie. Disse para Livy ir para casa. Ela não se sente bem. — Del se vira e me empurra para a saída.

Olhar sobre seu ombro e sorrio para pedir desculpas a Sylvie, grata quando faz um gesto com a mão me dizendo que não foi nada.

—Fique melhor! —exclama.

Saio para o beco do hotel, onde os suprimentos são recebidos e o pessoal sai para fumar. Está anoitecendo, e o ar está carregado, como o meu coração. Procuro um degrau afastado das plataformas de embarque e desembarque, me sento e apoio a cabeça sobre os joelhos, tentando me acalmar antes de voltar para casa. Esquecer meus encontros com Miller Hart e as sensações que eu vivi quando estive com ele seria mais simples se não voltasse a vê-lo novamente, mas vai ser impossível se me encontro com ele em todos os lugares.

Retornar ao meu confinamento solitário parece ser minha melhor opção, mas agora que eu tentei algo novo e atraente, eu quero mais. No entanto, a questão mais importante, a questão que deveria me fazer e considerar muito seriamente, é se eu quero mais só com Miller ou se eu posso reviver aqueles emocionante e estimuladores sentimentos com outra pessoa, com um homem que eu queira algo mais que uma noite, um homem que está sempre bem, não que me seduz, para logo em seguida, fazer com que me sinta imprópria e infeliz.

Duvido que este homem existe.

Obrigo meu relutante corpo a se levantar e ao levantar o olhar, encontro-me cara a cara com Miller Hart. Está a apenas alguns centímetros de distância, com os pés separados e as mãos nos bolsos. Seu rosto inexpressivo, ainda não me diz nada, mas isso não tira nenhum pouco de sua extraordinária beleza. Quero dizer muitas coisas, mas fazê-lo apenas provocará uma conversa que quase certamente vai me convencer de novo. A coisa mais sábia que deve ser feita é fugir de sua presença. E determinada, começo a me afastar dele.

—Livy! —exclama, e seus passos me seguem. — Livy, é apenas trabalho.

—Você não precisa me dar explicações. — digo suavemente. Sua linguagem corporal não era o de uma sócia. — Pare de me seguir, por favor.

—Livy, estou falando com você — me adverte.

— E decidi não te ouvir. — Meus nervos fazem meu tom tímido e fraco, quando o que eu quero é me mostrar segura, mas a energia que preciso para fazê-lo, estou usando para andar.

—Livy, você me deve dezesseis horas.

Sua ousadia faz com que me detenha por um momento a meio passo, mas imediatamente eu continuo andando.

—Não te devo nada.

—Eu discordo. — Se coloca em frente a mim e bloqueia, meu caminho, de modo que o contorno rapidamente, sem desviar o olhar do meu objetivo: a rua principal à frente. — Livy. — Ela agarra meu braço, mas o mexo e me solto, silenciosamente, mas firme. — Onde estão suas boas maneiras?

—Não penso em usá-las com você.

—Pois deveria. — me agarra novamente, desta vez com mais força, e mantêm no lugar. — Concordou em passar 24 horas comigo.

Recuso-me a olhar para ele e também a falar. Eu tenho muita coisa para dizer, mas mostrar minhas emoções, fisicamente e audivelmente, seria um erro terrível, então eu permaneço imóvel e quieta enquanto ele observa a minha figura indolente. Minha atitude faz com que se sinta frustrado. A força com que ele agarra braços confirma isso, assim como a respiração agitada sob seu peito vestido. Escondi-me em minha concha e não penso em sair. Aqui estou eu segura. A salvo dele.

Abaixa o rosto até minha linha de visão, então baixo meu olhar para o chão para evitá-lo. Olhar em seus cristalinos olhos azuis, me faria ceder, instantaneamente.

—Livy, quando falo com você, gostaria olhasse para mim.

Não faço isso. Ignoro seu pedido e me concentro em ficar pouco receptiva na esperança de que, entediado, decida que não vale o esforço e me deixe em paz. Preciso que me deixe em paz. Lá dentro há uma mulher linda, claramente interessada nele; Por que perder tempo aqui comigo?

—Livy — sussurra.

Fecho meus olhos e imagino seus lábios pronunciando meu nome... lentamente.

—Olhe para mim, por favor — pede gentilmente.

Começo a negar com a cabeça em minha escuridão particular enquanto me esforço para manter meu escudo, o escudo contra o Miller.

—Deixe—me te ver, Olivia Taylor. — Se aproxima de mim e afunda seu rosto contra meu

pescoço. — Me dê esse tempo com você.

Eu quero pará-lo e ao mesmo tempo não quero. Quero me sentir viva novamente, mas não quero me sentir desolada. O desejo mais do que pensava.

—Não tive o suficiente. Preciso de mais. — Seus lábios alcançam minha bochecha e suas mãos deslizam por meu pescoço, afundando os dedos em meus cabelos e segurando minha nuca. — Quero me afogar em você, Livy. — me beija, e a sensação me catapulta instantaneamente para a noite anterior. Meu escudo se estilhaça. Um ligeiro soluço escapa dos meus lábios e fecho meus olhos com força para evitar que as lágrimas escorram por minhas bochechas. — Abra a boca — sussurra.

Minha mandíbula relaxa ao ouvir sua ordem e dá acesso gratuito aos meus sentidos. Sua língua desliza lentamente e suavemente por meus lábios, desenhando um círculo doce em minha boca. Seu corpo junta ao meu. Não há nem um único centímetro da minha frente que não o está tocando. Meu corpo relaxa. Inclino a cabeça para fornecer melhor acesso e minhas mãos, levantam-se voluntariamente e sobem por seus lados até pousar em seus ombros. Ele estabelece um ritmo terno e lento, e eu o sigo, massageando sua língua com a minha e renunciando a minha intenção de fazer o que deveria.

—Vê como é fácil? —Ele diz lentamente se afastando e me dando um beijo breve sobre os lábios.

Assinto, porque é verdade, mas agora que seus lábios liberaram os meus, recupero um pouco de bom senso.

—Quem era aquela mulher? — Eu pergunto enquanto retrocedo.— Foi este compromisso tão importante você estava falando? Um encontro?

—É o trabalho, Livy. Só trabalho.

Retrocedo de novo.

— E o trabalho envolve ter a mão anexada a sua bunda? —Não tenho o direito de acusá-lo desta forma. Ele jogou suas cartas.

Assente e começa a franzir a testa ligeiramente.

—Às vezes eu tenho que aceitar um pouco de familiaridade por razões de negócios.

—Que negócio?

—Conversamos sobre isso. Não acho que é uma boa ideia entrar em assuntos pessoais.

—Nós transamos. Não há nada mais pessoal do que isso.

—Estou me referindo a nível emocional, Livy, não físico.

Suas palavras confirmam o que eu imaginava. Malditas, sejamos nós mulheres com nossa profundidade. E amaldiçoado sejam os homens com sua superficialidade. Apenas sexo. Será melhor se lembrar. Estes sentimentos provocam luxúria, e nada mais.

—Eu não sou esse tipo de pessoa, Miller. E não faço coisas assim. — Não estou certa a quem estou tentando convencer.

Ele dá um passo adiante, desliza a mão por trás do meu pescoço e me agarra, como de costume.

—Talvez seja isso que me fascina tanto.

— Ou, você está tomando-o como um divertido desafio.

—Neste caso — me beija suavemente na bochecha — Acho que poderia ser dito com toda a segurança que te conquistei.

Tem toda a razão. Me conquistou e é o único homem que já fez isso.

—Tenho que ir embora.

Começo a andar, apenas quando seu telefone começa a tocar em seu bolso. Ele o pega, olha para a tela e depois para mim. Vejo que o destroça me ver ir.

—Você deve responder — eu disse apontando seu telefone com o rosto com esperança de que rejeite a chamada e cumpra sua ameaça de me levar de volta para sua cama.

Se eu conseguir escapar agora, acabou. Eu fecharei este portão para sempre e encontrarei as forças para resistir a ele. Mas se me parar e vier comigo, então passarei as próximas dezesseis horas sendo venerada novamente. Eu quero fazer as duas coisas, mas sua decisão vai decidir por mim. A decisão de outra pessoa irá decidir o meu destino. E pela expressão do rosto dele, sei que ele também sabe disso.

Meu coração se encolhe quando vejo que ele responde a chamada, embora eu saiba que é o melhor para mim.

—Estou indo — adiciona em voz baixa antes de desligar e observa como aumento a distância que nos separa.

Sorrio um pouco antes de dar as costas a Miller Hart, e começo a elaborar um plano para erradicá-lo completamente da minha cabeça.

Capítulo Dez

É manhã de segunda-feira e não estou melhor. Ontem passei o dia na cama, me aquecendo na minha autopiedade. Minha avó colocava a cabeça de vez em quando pela porta para ver como eu estava. Nunca havia fingido estar doente e agora estou compensando. Minha avó suspeitada de algo, mas pela primeira vez na vida decide ficar em silêncio. É uma novidade que eu sou grata. Meu telefone tocou apenas duas vezes. Eram de meus únicos dois amigos, que ligavam para saber de mim,

embora eu não lhes desse muito conversa. Eu sei que eles também suspeitam de algo, especialmente Sylvie, tendo em vista minha reação na outra noite. Eu não sou uma atriz muito boa. Na verdade, eu sou terrível. Eu mesmo não me engoli quando disse pouco convincente, que estava doente, com febre e vômitos. Decido que preciso de mais um dia para me recuperar e ligo para Del para informá-lo.

—Livy? — Eu ouço a voz da minha avó através da porta. — Preparei o café da manhã. Desça, ou vai chegar atrasada ao trabalho.

—Eu não vou! —grito, tentando colocar a voz séria e fraca.

Abre a porta, entra cautelosamente e observa minha figura embaixo das cobertas.

—Ainda está doente? —pergunta.

—Estou mal — balbucio.

Ela resmunga pensativamente, pega meus jeans jogados e os dobra como Deus manda.

—Vou as compras. Gostaria de vir?

—Não.

—Oh, Livy, venha — suspira. — Assim, você me ajuda a escolher um abacaxi para a *Tarte tatin* de George.

—Precisa que eu te ajude escolher um abacaxi?

Resmunga com frustração e puxa meu edredom, expondo o meu corpo seminu diante de seus olhos no ambiente matutino do meu quarto.

—Olivia Taylor, vai sair dessa cama agora mesmo e você irá me acompanhar para escolher um abacaxi, para a *Tarte tatin* de George. Levante-se!

—Eu estou doente. — tento me cobrir de novo, mas não consigo.

Me olha com determinação, o que significa que não tenho nada para fazer.

—Não sou idiota — ela diz me apontando um dedo enrugado. — Você tem que se recuperar agora. Não há nada menos atraente do que uma mulher, sentindo pena de si mesma, especialmente se é por causa de um homem. Que se danem! Então levante-se, se vista e supere, minha filha! — Me agarra e me puxa literalmente da cama. — Leve essa bunda magra para baixo do chuveiro imediatamente. Você vai às compras.

Logo sai toda irritada e batendo a porta com um estrondo, deixando-me sem palavras e com os olhos arregalados.

—Não precisava ser assim — eu digo para as paredes, enquanto a ouço descendo a escada furiosa.

Nunca tinha falado assim comigo, mas também é verdade que eu nunca tinha lhe dado razões. Sempre sou eu quem está em cima dela, mas não sou tão afiada em minhas broncas como ela foi. É curioso. Ela está sempre insistindo que eu tenho que viver um pouco, e agora olha onde isso me levou. Ainda perplexa e sem me atrever a me abrigar na cama, saio com cautela ao corredor e me dirijo ao banheiro para tomar banho.

—Vamos a *Harrods* para comprar um abacaxi? —Pergunto, segurando minha avó pelo cotovelo enquanto atravessamos a rua em direção ao prédio grande de toldos verdes.

Ela levanta a mão para uma van vindo em nossa direção, e esta para instantaneamente, apesar de ter prioridade de passagem. Lanço um aceno de gratidão enquanto ela continua cruzando e puxando o carrinho de compras.

—Você também pode comprar um pouco de creme.

Alcanço e abro a porta da loja de departamento.

—Está jogando a casa pela janela, hein? — digo levantando as sobrancelhas de forma sugestiva, mas ela não me dá qualquer atenção e se dirige até a área de alimentação.

— É só um abacaxi.

—Que poderíamos ter comprado no supermercado do bairro — digo para provocá—la.

—Não teria sido o mesmo. Além disso, os daqui tem a forma perfeita e uma casca reluzente.

Tento alcançar seu passo e todos se afastam ao ver uma senhora determinada que avança rapidamente, levando o carrinho.

— Mas você vai remover a casca!

—Dá no mesmo. Já chegamos! — Para na entrada para a área de alimentos e eu observo como os ombros sobem e descem acompanhados de um suspiro de satisfação. — Para o açougue! —Sai em disparada novamente. — Pegue uma cesta, Livy.

Bufo, exasperada, pego uma cesta de compras e me encontro com ela no balcão de carne.

—Pensei que tivéssemos vindo pelo abacaxi.

—Então, só estou olhando.

—Olhando a carne?

—Oh, garota. Isto não é só carne.

Sigo seu olhar de admiração até as peças perfeitamente expostas de carne de porco, vitela e cordeiro.

— E, então?

—Bem... — enruga a testa — é carne fina.

—O quer dizer? Que a carne se veste bem? — Tento não cair na risada enquanto aponto um bife — Ou que aquela vaca cagava na privada em vez de no campo?

Indignada, me olha furiosa.

— Não pode usar essa linguagem na *Harrods*! — Se vira para todos os lados para ver se alguém está nos observando, e estão. A velha senhora que está ao lado me olha com uma cara de reprovação. — O que acontece com você? — Minha avó arruma o chapéu e me dá um olhar de aviso.

Ainda contenho o sorriso.

—Onde estão os abacaxis?

—Lá — aponta, e sigo a direção do seu dedo para outro balcão onde são expostos de forma ordenada, as mais apetitosas frutas que eu já vi na minha vida.

São frutas comuns: maçãs, peras e outras, mas elas são a coisa mais linda que eu tenho visto. Tanto é que colo o rosto ao vidro do balcão para verificar se elas são de verdade. Elas são muito coloridas e têm uma casca muito brilhante. Pena ter que comê-las.

—Olha que abacaxi! —exclama emocionada, e eu olho. Seu entusiasmo é justificado.

É um abacaxi fantástico. — Ah, Livy.

— Vó, é bonita demais para cortar e jogá-la em uma torta. — Me aproximo dos abacaxis supermodelos. — E custou quinze pratas!

Levo a mão à boca e minha avó me dá um tapa no ombro.

—Quer fazer o favor de ficar quieta? — Sussurra entre os dentes. — Deveria ter deixado você em casa.

— Desculpe, mas quinze libras, vó? Você não irá...

—Claro que sim. — Fica toda reta e começa a atrair a atenção do atendente com um movimento da mão como se fosse a rainha da Inglaterra. — Eu gostaria de um abacaxi. — diz, toda elegante.

—Sim, senhora.

Olho para ela sem acreditar.

—É necessário colocar um tom sofisticado para comprar no *Harrods*? — me olha de soslaio.

—Não tenho a menor ideia do que você está falando.

Começo a rir.

—Pois é esse! Esse Tom! Por favor, vó! — se aproxima discretamente.

—Não estou falando como uma esticada chique!

Sorrio.

—Claro que sim. Você fala como se fosse a rainha da Inglaterra, mas com problemas respiratórios.

O atendente lhe passa o abacaxi delicadamente por cima do balcão e ela o pega cuidadosamente e o coloca na cesta que seguro.

—Opa, coloque amorosamente — sussurro sarcasticamente.

—Ainda estou no tempo de dar umas palmadas — minha avó ameaça, me fazendo rir ainda mais.

—Você quer fazê-lo aqui mesmo? — digo muito séria. —Você poderia abrilhantar meu traseiro, para combinar com seu belo abacaxi — solto segurando o riso.

—Cale—se! — me repreende. — E tenha cuidado com o abacaxi!

Estou prestes a gargalhar quando vejo o cenho franzido desaparece do rosto de minha avó e fica muito digna, antes de se voltar ao cavalheiro que a atendeu.

—Se importaria de me lembrar onde posso encontrar o creme de leite?

Começo a cair no riso em plena área de alimentação do *Harrods*, ao ver os movimentos de mão da minha avó e ouvir seu tom elegante e falso. "Lembrá-la"? Sim, ela não comprou creme de leite no *Harrods* em toda sua vida!

—Claro que sim, senhora.

O atendente nos indica o último corredor, onde se encontram todas as geladeiras com todos os laticínios selecionados. Minha avó fica ereta e sorri gentilmente a todos que passam, e eu sigo, segurando minha barriga de tanto rir.

Continuo rindo ao vê-la ler o verso de todos os potes de creme de leite das prateleiras, enquanto murmura para si. Em vez de se fixar nos ingredientes deveria olhar o preço. Decido que tenho que recuperar a compostura antes de minha avó me pegar, de modo que começo a respirar fundo e espero que escolha seu creme, mas meus ombros se recusam a permitir, e não posso evitar, mas olho o abacaxi perfeito e reluzente e me lembro por que estou me segurando.

Recomeço a rir quando eu sinto um hálito quente em meu ouvido e me viro, ainda, rindo até que vejo quem exala.

—Você é tremendamente bonita quando ri — ele diz calmamente.

Paro imediatamente e retrocedo, mas deveria ter ficado no lugar, porque, ao fazê-lo, acerto minha avó, fazendo com que me negue um pouco mais e se vire.

—O que está acontecendo? — protesta, até que se torna ciente de minha companhia. — Ah, Deus...

—Olá. — Miller encurta a distância, e se aproxima mais e estende a mão. —Você deve ser a avó de Livy. Ela me falou muito de você.

"Terra, me engula" Poderá desfrutar de bons momentos com isto.

—Então — responde, ainda usando o tom elegante. — E você é o chefe de Livy? — pergunta ao aceitar a mão de Miller e me lançando um olhar curioso.

— Me parece que sabe perfeitamente bem que não sou o chefe de Olivia, senhora...

—Taylor! —exclama praticamente gritando, feliz por ele confirmar suas suspeitas.

—Sou Miller Hart. É um prazer, senhora Taylor. —Beija as costas de sua mão. Não posso acreditar que ele beijou a merda da sua mão!

Minha avó começa a rir como uma colegial, e minha frequência cardíaca chega a uma velocidade vertiginosa e noto que está prestes a sair do peito. Está vestindo um terno cinza de três peças, camisa branca e gravata cinza... no *Harrods*.

—Está fazendo compras? — consigo articular.

Me observa cuidadosamente ao liberar a mão enrugada da minha avó e me mostra dois porta-trajes.

—Só vim pegar uns ternos novos e um riso encantador me chamou a atenção.

Finjo que não ouço o elogio.

— Você não tem ternos suficientes? — Pergunto, recordando as fileira e fileiras de jaquetas e calças e casacos que cobriam três paredes de seu closet. Nunca o vi usar o mesmo duas vezes.

—Nunca se tem ternos suficientes, Livy.

—Estou de acordo! — murmura minha avó. — Que gosto ver um jovem tão bem vestido. Não como aqueles caras que usam as calças no meio da bunda, com as cuecas para fora, para todos verem. Não entendo.

—Concordo — responde Miller.

É evidente que acha essa situação é hilariante. Assente com ar pensativo e me olha nos olhos enquanto penso em quão ridículo soa que tenha se referido a ele como *jovem*. Não é que ele não seja, mas sua imagem o faz parecer um homem mais sábio, com mais experiência de vida. Parece ser mais velho do que é, embora leve vinte e nove anos estupendamente.

—Este abacaxi parece delicioso...— ele diz indicando a cesta que eu tenho na mão.

—Exatamente o que pensei! — exclama minha avó encantada, concordando com ele de novo. — Vale tudo o que custa.

—Sem dúvida — Miller — responde. — A comida aqui é sublime. Você deve tentar o caviar. — Estende o braço em direção a uma prateleira nas proximidades, pega um recipiente e mostra a

minha avó. — É excepcional.

Não posso fazer nada mais do que observar atordoada como minha avó inspeciona o frasco e assente, enquanto eles conversam na área de alimentação da Harrods. Quero abraçar-me em um canto até desaparecer.

—Bem, e como você e minha encantadora neta se conheceram?

—Encantadora é a palavra perfeita para descrevê-la, não é? — questiona Miller, deixando o frasco em seu lugar e girando-o até que o rótulo esteja virado para frente. Mas não para ali. Também arruma os vidrinhos que estão ao lado daquele que acaba de colocar.

—É um encanto. — Vovó me dá uma cotovelada discreta, enquanto Miller continua arrumando as prateleiras.

—Sim, ela é. — me olha, e sinto meu rosto começar a arder sob seu olhar intenso. — E prepara o melhor café em Londres.

—Ah, sim? — provoco. Mentiroso. Está me ofendendo de forma encantadora.

—Sim. Fiquei muito decepcionado quando passei hoje lá e me disseram que estava doente.

Me sinto virar um tomate.

—Já estou melhor.

—Estou feliz. Sua companheira não é tão simpática como você.

Suas palavras têm duplo sentido. Ele está jogando, e está conseguindo me irritar muito. Simpática ou fácil? Se minha avó não estivesse aqui, lhe faria exatamente essa pergunta, mas está, e tenho que preservá-la, ela e a mim nesta situação dolorosamente complicada.

Agarro seu braço.

—Vovó, é melhor irmos.

—Você acha?

—Sim. Tento puxá-la para frente, mas é um peso morto. — Bom ver você. — Sorrio forçadamente para Miller e a puxo com mais força. — Vamos, vovó.

—Você gostaria de jantar comigo esta noite? —pergunta Miller com um tom urgente que provavelmente só eu detecto.

Deixo de tentar levar minha avó imóvel, e lhe lanço um olhar interrogativo. Está tentando recuperar o tempo perdido e está usando a minha avó em seu benefício, é muito filho da puta.

—Não, obrigado. — sinto que ela me dirige um fulminante olhar de perplexidade.

—Foi muito amável de sua parte em convidá-la.

—Não costumo ser — intervém Miller calmamente, como se esperasse que lhe agradecesse por isso.

No entanto, ele só consegue aumentar minha irritação, enquanto me esforço para lembrar porque eu jurei não vê-lo nunca mais. É difícil quando minha mente teimosa insiste em me mostrar um fluxo de imagens de nossos corpos nus entrelaçados reproduzindo as palavras que trocamos.

—Vê? — resmunga minha avó ao ouvido, obrigando-me estremecer de dor. Seu tom chique desapareceu e foi substituído por um de desespero. Usa um sorriso estúpido e se vira para Miller. — Ela ficaria encantada.

—Não, não aceito, mas obrigado. —Tento afastar minha enervante avó do meu enervante

inimigo e ela muito teimosamente recusa-se a se render. — Vamos — peço.

—Me encantaria que reconsiderasse. — A suave voz rouca de Miller interrompe minha batalha com a figura imóvel de minha avó e ouço como ela suspira como encantada, olhando para o homem terrivelmente atraente que me tem encurralada.

Mas então seu olhar sonhador se transforma em confusão. Sigo a direção seus olhos e vejo o que originou sua mudança repentina de expressão. Uma mão com uma manicure perfeita repousa sobre o ombro de Miller com uma gravata de seda cor de rosa pendendo dela.

—Isto vai servir perfeitamente. —A suavidade de sua voz me é familiar. Eu não preciso ver seu rosto deslumbrante para confirmar quem é a dona dessa mão, de modo que desvio o olhar da gravata de seda até os olhos de Miller. Sua mandíbula se aperta e sua figura alta fica imóvel. — O que você acha? — pergunta ela.

—Não está mal — responde Miller em voz baixa, sem tirar os olhos de mim.

Minha avó fica em silencio, eu permaneço em silêncio e Miller diz muito pouco, mas depois a mulher espreita por trás dele acariciando a gravata e o silêncio é interrompido.

—O que você que acha? —pergunta a minha avó, que acena, sem sequer olhar para a gravata, com os olhos fixos nesta linda mulher que saiu do nada. — E para você? — me pergunta diretamente enquanto brinca com a cruz incrustada de diamantes que sempre tem pendurada em seu delicado pescoço. Detecto um olhar ameaçador, através das camadas de maquiagem cara. Ele está marcando seu território. Não é nenhuma sócia.

—É linda — sussurro.

Deixo cair a cesta no chão e decido deixar minha avó, para ser capaz de me retirar. Não vou suportar qualquer chantagem na frente de minha avó idosa, e não vou permitir que os olhares desta mulher tão perfeita me façam sentir inferior. Aonde quer que eu vá, lá ela aparece. Isto é insuportável.

Ando com o corpo dormente pelos numerosos departamentos até que consigo sair do grandioso armazém e respiro um pouco de ar fresco. Apoio as costas contra a parede. Estou com raiva, triste, irritada. Sou um emaranhado de emoções e pensamentos confusos. Meu coração e meu cérebro nunca tinham estado tão em desacordo ou lutado com tal fúria.

Até agora.

Hyde Park é como um bálsamo. Estou no gramado com um sanduíche e uma lata de Coca-Cola e vejo a vida passar por algumas horas. Penso na sorte que tem as pessoas que caminham ao meu redor de ter um lugar tão bonito para vagar. Mais tarde, contei pelo menos umas vinte raças diferentes de cachorro em menos de vinte minutos, e penso na sorte que tem por poderem contar com um espaço tão maravilhoso para passear. As crianças gritam, as mães conversam e riem, os corredores fazem exercício. Sinto-me melhor, como se algo familiar e desejado tivesse conseguido eliminar algo estranho e indesejado.

Indesejado, indesejado, completamente desejado.

Suspiro, me levanto do chão, penduro a bolsa do ombro e jogo o lixo na lixeira.

Então me disponho a percorrer o familiar caminho de casa.

Quando chego na porta de casa, minha avó está histérica. Muito histérica. Sinto-me culpada, embora devesse estar muito chateada com ela.

—Meu Deus! — se lança sobre mim sem sequer me deixar pendurar a bolsa no cabide da entrada. — Livy, estava muito preocupado. É 07:00 da tarde!

Também a abraço. A culpa está ganhando terreno.

—Eu tenho vinte e quatro anos — suspiro.

—Não suma assim, Olivia. Meu coração não aguenta isso.

Agora sinto-me tremendamente culpada.

—Eu fui fazer um piquenique no parque.

— Mas você se foi sem dizer nada! — Se afasta e me segura a certa distância. — Foi muita grosseria de sua parte, Livy. — Por sua raiva repentina, vejo que o pânico anterior desapareceu completamente.

—Não queria jantar com ele.

—Por que não? Parece muito cavalheiro.

Decido segurar a resposta sarcástica. Não pensaria assim se soubesse todos os detalhes.

—Ele estava com outra mulher.

—É a sua sócia! — exclama com entusiasmo, quase animada por ser capaz de esclarecer o mal entendido. — É uma mulher muito agradável.

Não posso acreditar que ela engoliu isso. É muito inocente. Os sócios não saem por aí comprando gravatas juntos.

—Podemos deixar para lá? — penduro minha bolsa e passo ao seu lado em direção a cozinha. Antes de entrar sinto um aroma delicioso. — O que você está cozinhando? — pergunto, e vejo que George está na mesa. — Olá, George — saúdo, e me sento a seu lado.

—Não desligue o celular, Livy— me repreende suavemente. Fiquei horas com Josephine, enquanto te ligava sem parar e amaldiçoava enquanto cozinhava.

—O quê é? —Pergunto novamente.

—Beef Wellington — anuncia orgulhosamente minha avó sentando-se também. — Com batatas gratinadas e cenouras cozidas no vapor.

Olho para George confusa, mas ele dá de ombros e pega seu jornal.

—Beef Wellington? — insisto.

—Exatamente. — Não dá a menor importância para meu tom de questionamento. O que houve com o guisado ou frango assado? — Pensei em fazer algo diferente. Espero que você esteja com fome.

—Um pouco — admito—. Isso é vinho? — pergunto ao ver duas garrafas de vinho tinto e duas de vinho branco sobre o balcão.

—Ah, sim! —Minha avó corre para o outro lado da cozinha, pega as garrafas de vinho branco e as coloca rapidamente na geladeira antes de abrir o tinto. — Estas tem que arejar.

Me viro em minha cadeira e olho para George na esperança de que me explique alguma coisa, mas é claro, que minha avó ordenou que ficasse sentado e calado. Sabe que o estou olhando. Eu sei disso, porque seus olhos se movem muito rápido para estar lendo de verdade. Dou-lhe um golpe no joelho com o meu, mas ele finge descaradamente não perceber. O companheiro de minha avó decide mudar as pernas para o lado para evitar outro de meus golpes.

—Vovó... —o som da campainha me interrompe e me viro para o Hall.

—Ah, esse deve ser Gregory. —Abre o forno e puxa com uma haste longa metal um pedaço

enorme de carne fatiada. — Você pode abrir, Livy?

—Você convidou Gregory? — pergunto afastando minha cadeira da mesa.

—Sim! Olhe para toda esta comida. — Puxa a haste de carne e torce os lábios para verificar a temperatura que marca o mostrador. — Esta quase pronta — afirma.

Deixo a minha avó e George na cozinha e corro pelo corredor para abrir a porta para Gregory, na esperança de que minha avó não tenha estado fofocando com ele.

—Estamos celebrando algo especial e eu não fiquei sabendo? — pergunto enquanto abro a porta.

O sorriso some do meu rosto imediatamente.

Capítulo Onze

—Que diabos você está fazendo aqui? — pergunto irritada.

—Sua avó me convidou. — Miller carrega um buquê de flores nos braços e um saco do *Harrods*. — Posso passar?

—Não, não pode. — Saio e fecho a porta para a minha avó não ouvir nossa conversa. — O que você acha que você está fazendo?

Meu estado de alteração não parece incomodá-lo o mínimo.

— Sendo educado e aceitando um convite para jantar — diz muito a sério. — Eu sou uma pessoa com boas maneiras.

—Não,— me aproximo dele e o meu espanto e exasperação beiram a fúria. Essa maldita conspiradora. — Você não tem vergonha. Isso tem que parar. Não quero passar vinte e quatro horas com você.

—Você gostaria de passar mais?

Sua pergunta me pega desprevenida e retrocedo com surpresa.

—Não! — "Quanto mais?"

—Vamos... — parece inseguro, e é a primeira vez que vejo isso. Endireito-me e estreito meus olhos de forma inquisitiva.

— E você? — sussurro a questão com o coração em um punho, minha mente começa a girar a toda velocidade.

Sua insegurança se transforma em frustração em um segundo e pergunto-me se está frustrado comigo ou com ele mesmo. Espero que seja o último.

—Combinamos em deixar de lado o pessoal.

—Não, essa parte do negócio você decidiu. — Levanta o olhar, perplexo.

—Eu sei.

—E continua em vigor? — pergunto desesperadamente, tentando parecer forte e segura de mim mesma, quando na verdade estou caindo aos pedaços por dentro. Preparo-me para a sua resposta.

—Continua. — Sua voz é firme, mas sua expressão não. Mas isso não é o suficiente para me iludir.

—Então, isto acabou.

Dou meia volta sobre meus Converses e obrigo meu corpo quebrado a atravessar a porta. Uma vez lá dentro, encontro minha avó.

—Era um vendedor — digo lhe interrompendo o passo.

Meu plano não vai funcionar, eu sei. Ela o convidou e sabia perfeitamente quem era na hora que tocou a campainha.

Oponho pouca resistência quando me afasta do seu caminho e deixo que abra a porta. Miller está se movendo lentamente longe de casa.

—Miller! —Ela grita. — Onde você acha que vai?

Ele se vira e me olha. Por mais que eu tente materializar um olhar ameaçador em meu rosto, não vai acontecer. Nós estamos olhando para o outro por uma eternidade, até que cumprimenta minha avó com a cabeça.

— Agradeço muito o convite, Sra. Taylor, mas...

—Oh, não! —Minha avó não dá a oportunidade de dar desculpas. Percorre a trilha, sem se deixar intimidar por sua figura alta e poderosa, agarra-lhe o cotovelo e o puxa até a casa. — Preparei um jantar delicioso, e você vai ficar. — empurra Miller para o Hall, que é demasiado estreito para três pessoas. — Dê o seu casaco para Livy.

Minha avó nos deixa para voltar para a cozinha e começa a dar ordens a George.

—Se você me quiser que eu vá embora, eu irei — diz ele. — Não quero que se sinta desconfortável. — Não faz nenhuma menção de soltar as coisas que está carregando nas mãos, ou tirar o casaco. — Sua avó é uma mulher de armas.

—É — respondo. — E você sempre me faz sentir desconfortável.

—Venha para casa comigo e colocarei uns shorts.

Arregalo os olhos ao me lembrar dele o peito nu e os pés descalços.

—Isso não fez com que me sentisse confortável — eu indico. Ele já sabe.

— Mas o que eu fiz após tirar a roupa, sim. — Sua mecha rebelde faz sua aparição, para

reforçar suas palavras, tornando-as mais atraentes.

Foco-me no momento.

—Não acontecerá de novo.

—Não diga coisas que não sente, Livy — replica com a voz suave.

Olho em seus olhos e ele se aproxima. As flores que ele está segurando roçam a frente do meu vestido de tarde.

—Você está usando minha avó contra mim — exalo.

—Você não me deixou escolha.

Ele então se inclina e cola seus lábios aos meus, o que envia uma deliciosa onda de calor ao meu sexo que se iguala à temperatura de sua boca na minha.

—Você está jogando sujo.

—Eu nunca disse que jogava seguindo as regras, Livy. E, de todos os modos, minhas regras foram canceladas no momento que coloquei as mãos em você.

—Que regras?

—Me esqueci.

Toma minha boca suavemente e empurra mais as flores contra meu peito. O celofane que as envolve range alto, mas estou extasiada demais para me importar que o ruído atraia a atenção de minha curiosa avó. Meus sentidos estão saturados, meu sangue ferve e de repente me lembro de todas essas coisas incríveis que Miller me faz sentir.

—Sinta-me — geme contra minha boca.

Sem pensar, minha mão desliza lentamente entre nossos corpos, para além de flores e o saco de Harrods, até que meus dedos roçam seu membro longo e duro. O profundo rosnado que ele emite me incentiva e viro a mão para senti-lo, acariciá-lo e apertá-lo por cima das calças.

—Você provoca isso — ele diz com os dentes cerrados. —E, enquanto você continuar fazendo isso, você é obrigada a consertar.

—Isso não aconteceria se não tivesse vindo — respondo e mordo o lábio, sem ligar para sua arrogante declaração.

—Livy, fico excitado só de pensar em você. Te ver faz com que machuque. Esta noite você vem para casa comigo, e eu não aceito um não como resposta. —Sua boca cola firmemente a minha.

—Esta mulher estava com você novamente.

—Quantas vezes devemos falar sobre isso?

—Com que frequência vai comprar roupas com suas sócias? — pergunto presa aos seus lábios implacáveis.

Afasta—se, ofegante e com os cabelos despenteados. Seus olhos azuis vão acabar comigo.

—Por que não confia em mim?

—Você é muito reservado — sussurro. — Não quero que tenha esse controle sobre mim.

Ele se inclina e beija minha testa com ternura, com carinho. Suas palavras não coincidem com os suas ações. Deixa-me muito confusa.

—Não é controle se você aceita, minha menina.

Seria extremamente estúpido para eu confiar neste homem. Já não é apenas pela mulher; minha consciência parece muito disposta a ignorar isso. É o meu destino. Meu coração. Estou me apegando por ele demais e muito rápido.

Ele se afasta, dá uma olhada em sua virilha, o membro é colocado em seu lugar e recupera a compostura.

— Tenho que enfrentar uma doce velhinha assim e tudo por causa de você. — Levanta os olhos quase travessos para mim e me deixa fora do jogo, mais uma vez. Essa é outra expressão de Miller Hart que eu não conhecia. — Preparada? — pergunta e desliza a mão no meu pescoço, me vira e me orienta para a cozinha.

Não, não acredito estar preparada, mas de qualquer forma, eu digo que sim consciente do que vou encontrar na cozinha. E não estou enganada. Minha avó sorri presunçosamente e os olhos de George quase saem das órbitas ao ver Miller me guiando. Eu indico com a mão para o homem que sofre com minha avó.

—Miller, este é o George, amigo da minha avó.

—Um prazer. — Miller solta as flores e saco ao invés de a mim, aceita a mão oferecido por George e dá um aperto forte e masculino. — Vestindo uma camisa muito elegante, George — diz apontando para a antiga camisa listrada com um gesto.

—Sim, eu também acho — concorda George passando a mão no peito.

Não sei como não reparei tem antes, mas George tem suas melhores roupas, que normalmente são reservadas para ir para o bingo, ou à igreja. Minha avó é o que há. A observo e vejo que ela usa seu vestido de botões da flor, sendo também geralmente reservado para domingos. Olha a minha própria roupa e vejo que eu estou uma bagunça, com o vestido de tarde, enrugado e meu Converse rosa, intenso e de repente me sinto desconfortável vestida assim.

—Vou um momento até o banheiro — digo.

No entanto, não vou a lugar nenhum até que Miller me solte, e não parece ter muita pressa para fazê-lo. Pelo contrário, recolhe o buquê, uma massa de rosas amarelas e o entrega à minha avó, seguido pelo saco de Harrods.

—São apenas alguns detalhes para agradecer a sua hospitalidade.

—Não precisava! —Minha avó baixa o nariz para o buquê e depois ao saco. — Veja, caviar! Olha, George! —Deixa as rosas na mesa e mostra a George o minúsculo recipiente. — Setenta libras por essa coisinha — sussurra, mas eu não entendo o porque. Estamos a apenas alguns centímetros de distância e posso ouvi-la perfeitamente. Que desgraça. Seu refinamento virou história, assim como, sua compostura.

—Setenta paus? —George quase engasga. — Para algumas ovas de peixe? Que Deus nos perdoe!

Desejava que a terra me engolisse, e então sinto que Miller começa a massagear minha nuca por cima do cabelo.

—Vou ao banheiro por um momento — repito e me solto de sua mão.

—Miller, não deveria ter se incomodado. — Minha avó tira então fora do saco uma garrafa de Dom Perignon e a acena a George com a boca aberta.

—Foi um prazer.

—Livy — minha avó me chama, e eu volto para a mesa. —Você se ofereceu para guardar a

jaqueta de Miller?

Olho para ele com ar cansado, ofereço um sorriso excessivamente doce e digo:

—Deseja que eu guarde seu casaco, cavalheiro? —Ignoro a referência e detecto um brilho divertido em seus olhos.

—Por favor. —Remove a peça e me entrega. Fico espantado ao ver seu peito coberto pela camisa e o colete. Sabe que eu estou olhando, imaginando seu torso nu. Inclina-se e aproxima a boca da minha orelha: — Não me olhe assim, Livy — adverte. — Já custa bastante me conter.

—Não posso evitar — respondo sinceramente em voz baixa.

Saio da cozinha e abano meu rosto antes de colocar seu casaco sobre o meu no cabide. O aliso bem e subo a escada, entro em meu quarto e corro como uma louca. Tiro a roupa, coloco desodorante, troco de roupa e retoco minha maquiagem. Olho para o espelho e penso no quão diferente estou da sócia de Miller. Mas isto sou eu. Se colocar meus Converses existem chances, meu vestido de camisa branca, impresso com botões de rosas vermelhas, combina com meus Converse vermelho cereja perfeitamente. Há outra mulher e o que mais eu me preocupo é sobre a minha habilidade de ignorar a obviedade da situação. Desejo isso. Não só meu senso comum minou, mas também minha racionalidade.

Me dou uma bofetada mental, aliso minha massa de cabelos loiros e corro para baixo, preocupada de repente, com o que minha avó e o George podem estar dizendo Miller.

Não estão na cozinha. Volto e me dirijo à sala, mas também está vazia. Então eu ouço vozes na sala de jantar; a sala de jantar, que é usada apenas para ocasiões muito especiais. A última vez que comemos lá foi quando completei a maioridade, faz mais de três anos. Quero dizer esse tipo de ocasiões especiais. Me dirijo para a porta de carvalho tingido, olho e vejo a enorme mesa de mogno que preside o ambiente, disposta de maneira preciosa, com todos os utensílios de mesa de Royal Doulton da minha avó, copos de vinho de vidro lapidado e os talheres de prata.

E pôs o inimigo do meu coração na ponta da mesa, onde ninguém teve o prazer de se sentar antes. Aquele era o lugar ocupado por meu avô, e nem sequer George teve a honra.

—Aqui está ela. — Miller se levanta e afasta a cadeira vazia que existe à sua esquerda. — Venha, sente—se.

Me aproximo devagar e cuidadosamente, sem considerar a cara de alegria de minha avó, e me sento.

—Obrigada — digo enquanto ele prende-me debaixo da mesa antes de retomar a posição perto de mim.

—Você se trocou — observa e gira o prato antes de ter alguns milímetros no sentido dos ponteiros do relógio.

—O outro estava muito enrugado.

—Está linda — sorri, e quase desmaio ao ver esta encantadora covinha que raramente aparece.

—Obrigado — exalo.

—De nada.

Não remove os olhos de mim, e embora eu também o olhe fixamente, sei que minha avó e George estão nos observando.

—Vinho? — Pergunta minha avó interrompendo nosso momento. Miller se afasta os olhos de mim e sinto um ressentimento instantâneo de minha avó.

—Por favor, permita-me. — Miller se endireita e levanto a vista conforme o sigo. Meus olhos parecem levantar para sempre, até que seu corpo está finalmente totalmente direito. Não se inclina sobre a mesa para alcançar o vinho. Não. A rodeia, retira a garrafa da bandeja de gelo, e fica à direita da minha avó para servi-la.

—Obrigado — ela diz, e George lança um olhar de excitação com os olhos bem abertos.

Em seguida, volta seus olhos azuis escuros para mim. Ela está se emocionando demais, tal como eu imaginei, e isso me preocupa nos breves momentos em que desgrudo os olhos de Miller. Como agora, em que minha avó me olha sorrindo, animada com a presença de nosso convidado e com suas maneiras magníficas.

Miller rodeia a mesa novamente, também enche o copo de George e depois vem até mim. Não me pergunta se quero um pouco; serve-me diretamente, embora saiba que tenho educadamente rejeitado todos os tipos de álcool sempre que ele me ofereceu. Não vou fingir que ele não sabe. Ele é muito esperto... muito esperto.

—Bem. — George se levanta quando Miller toma um assento. — Vou fazer as honras. — Leva a faca e começa a cortar com maestria a obra de arte da minha avó. — Josephine, isto tem uma aparência espetacular.

—Verdade — Miller concorda.

Bebe um gole de vinho e coloca a taça sobre a mesa, apoiando a base de vidro na palma da sua mão e segurando-o entre os dedos, entre o médio e o indicador.

Observo sua mão cuidadosamente, me concentro nela, e espero. Aí está. É um movimento minúsculo, mas girando o copo um pouco para a direita. Provavelmente ninguém percebeu, além de mim. Eu sorrio, levanto a vista e vejo que ele está vendo o que eu vejo.

Balança a cabeça e me olha com desconfiança, mas com um brilho intenso nos olhos.

—O quê foi? — diz, e suas palavras desviam minha atenção até seus lábios.

O bastardo os lambe, e o gesto me impulsiona a pegar meu copo e tomar um gole. Qualquer coisa para me distrair. Quando engulo, percebo o que fiz e o gosto estranho me faz estremecer enquanto o líquido desce pela minha garganta. Deixo o copo sobre a mesa muito bruscamente, e sei que Miller acaba de me olhar com curiosidade.

Uma porção de Beef Wellington aterrissa, então em meu prato.

—Sirva-se de batatas e cenouras, Livy — diz a minha avó, segurando seu prato para que George lhe sirva uma porção de massa folhada. — Para ver se engorda um pouco.

Me sirvo algumas cenouras e batatas no prato e depois sirvo Miller.

—Não preciso ganhar peso.

—Nada aconteceria se você engordasse alguns quilos — declara Miller, e o olho indignada, apenas quando George termina de encher seu prato de carne. — Foi só uma observação.

—Obrigado, Miller — diz a minha avó com presunção enquanto levanta seu copo para celebrar que estão de acordo. — Sempre foi muito fina.

—Sou magra, não fina — respondo.

Lanço a Miller um olhar de advertência e percebo um leve sorriso em seu rosto. Em um impulso infantil de me vingar, discretamente estendo à mão, como quem não quer nada, e começo a girar seu copo de vinho pela haste e o movo alguns milímetros para mim.

—Você gosta? — pergunto acenando com o rosto o pedaço de carne que tem espetado no garfo.

—É delicioso — confirma. Apoia perfeitamente sua faca no prato em paralelo com a borda da mesa, coloca a mão sobre a minha, me afasta lentamente e reposiciona a taça em seu lugar. Recolhe a faca novamente e segue comendo. — O melhor bife Wellington que eu já provei em minha vida, senhora Taylor.

—Que tolice! —Minha avó fica vermelha, rara coisa nela, mas o inimigo do meu coração está ganhando também o dela. — Foi muito fácil.

—Pois não parecia — George — resmunga. — Você ficou a tarde toda nos nervos, Josephine.

—Não é verdade!

Começo a mordiscar as cenouras e a mastigar lentamente enquanto eu ouço minha avó discutir com George, e com a outra mão, mudo de novo o copo de Miller. Ele olha para mim com o canto do olho, colocando a faca no prato novamente, recupera seu copo e coloca-o onde tem que estar. Estou contendo o riso. Ele é um maníaco até para comer. Corta os alimentos em peças perfeitas e garante que todos os dentes do garfo são espetados em cada pedaço em um ângulo perfeito antes de levá-lo para a boca. Mastiga muito devagar. Faz tudo isso de uma maneira muito calculada, e é cativante. Minha mão rasteja pela mesa de novo. Me intriga essa necessidade obsessiva de ter tudo organizado, mas desta vez não consigo chegar a taça. Miller intercepta minha mão no meio do caminho e a segura, fazendo parecer um ato de amor. A segura firmemente, embora apenas a pessoa que está recebendo percebe o aperto. E essa pessoa acabou por ser eu. É um severo aperto, um aperto de aviso. Está me repreendendo.

—O que você faz, Miller? —Pergunta minha avó para minha satisfação.

Isso, o que você faz Miller Hart? Duvido que diga a minha querida avó que não quer entrar em assuntos pessoais, quando está presidindo a mesa dele.

—Não quero aborrecê—la com isso, senhora Taylor. É tedioso.

Eu estava errada. Não a afastou diretamente, mas ele conseguiu desviar o assunto.

—Eu gostaria de saber — insisto em um ataque de valentia.

Seu aperto de mão se intensifica. Pisca lentamente e então olha para cima pouco a pouco.

—Não gosto de misturar negócios com prazer, Livy, você sabe.

—Isso é algo muito sensato — balbucia George com a boca cheia enquanto aponta para Miller com o garfo. — Eu tenho sempre me guiado por este princípio.

O olhar de Miller e suas palavras anulam minha coragem. Eu não sou nada mais do que uma operação comercial para ele, um trato, um acordo ou uma convenção. O nome não é importante, o significado não muda. Então, tecnicamente, as palavras de Miller são nada mais do que um monte de porcaria.

Inclino a mão que está me prendendo, e ele solta no momento em que levanta as sobrancelhas.

—Você deveria comer — diz. — Está delicioso.

Solto minha mão, obedeço a sua ordem e continuo comendo, embora não me sinta confortável. Miller não devia ter aceitado o convite de minha avó. Isto é pessoal. Ele está invadindo a minha privacidade, minha segurança. Foi ele quem deixou claro sua intenção de que isto era apenas algo físico, mas aqui está ele mergulhando meu mundo. Embora um pequeno mundo, mas é o meu mundo, no entanto. E isto não é físico.

Justamente enquanto penso nisso, sinto que me esfrega o joelho com a perna e saio de minhas divagações para retornar para a mesa. Assisto-o enquanto tento comer, e vejo como ele olha para minha avó e ouve atentamente o que ela fala sem parar. Eu não sei o que está dizendo, porque a única coisa que ouço é a reprodução em loop das palavras de Miller: "E enquanto você continuar fazendo isso, você é obrigada a consertar... Todas as minhas regras foram canceladas no momento em que coloquei as mãos em você.."

Quais são as regras? E durante quanto tempo lhe farei *isso*? Eu quero causar um efeito nele. Eu quero fazer com que seu corpo responda da mesma forma que meu responde ao dele. Uma vez superado o obstáculo moral que tentava me afastar de seu poder, tudo fica muito fácil, fácil demais..., alarmantemente fácil.

—Isso estava delicioso, Josephine — declara George e o barulho dos seus talheres contra o prato interrompe o rumor distante da conversa. Volto para o presente, onde Miller e minha avó olham seu amigo com o cenho franzido por sua falta de jeito. — Desculpe — diz o velho timidamente.

—Se me desculpam. — Miller coloca seus talheres com cuidado no prato vazio e limpa a boca com um pequenos toques de seu guardanapo bordado. — Você se importa se eu usar seu banheiro?

—Claro que não! — exclama minha avó. — É a porta no topo das escadas.

—Obrigado. —Se levanta, dobra o guardanapo e o coloca ao lado de seu prato. Em seguida, afasta a cadeira da mesa e sai da sala.

Os olhos da minha avó seguem Miller enquanto ele sai da sala.

—Pequenos biscoitinhos ele tem — murmura tão logo desaparece da vista.

—Vovó! —Exclamo, morta de vergonha.

—Apertado, perfeito... Livy, você tem que jantar com aquele homem.

—Vovó, comporte—se! — Olho para meu prato e eu vejo que eu mal toquei a carne. Sou incapaz de comer. Sinto-me como se estivesse em um transe. — Eu tiro a mesa — digo esticando o braço para remover o prato de Miller.

—Eu vou te ajudar. — George faz o gesto de levantar, mas apoio a mão sobre o ombro dele e aperto ligeiramente para indicar que ele fique sentado.

—Quieto, George. Eu faço isso.

Não insiste. Fica sentado e começa a encher os copos de vinho.

—Traga o bolo de abacaxi! —exclama a minha avó.

Com um monte de pratos empilhados, vou para a cozinha, ansiosa para escapar da presença persistente de Miller, apesar dele não estar na sala de jantar. Não respondi que não quando ele me disse que eu vou com ele para sua casa hoje à noite e deveria ter feito. O que direi a minha avó? É impossível negar o fato de que ele é a causa da minha recente mudança de humor. Minha mente nunca tinha sido tão confusa. Não estou no controle, nada faz sentido, e eu não estou acostumada com esses sentimentos. Mas o que é mais incompreensível para mim é o homem que é a causa do meu descarrilamento. Um insondável, belo homem que grita dor de cabeça em todos os níveis.

Físico.

Sem sentimentos.

Sem emoções.

Só por uma noite.

Vinte e quatro horas das quais ainda devo dezesseis, o dobro do que já experimentei. O dobro de sensações e desejos... o dobro de dor uma vez que passem.

—Quase posso ouvir você pensar.

Eu sou salto e me viro, ainda com a pilha de pratos na mão.

—Que susto me deu — exalo enquanto coloco os pratos o balcão.

—Me desculpe — diz ele com sinceridade se aproximando de mim. Me afasto sem perceber. — Você está cismando com as coisas novamente?

—Eu chamo de ser prudente.

—Prudente? —pergunta já à minha frente. — Eu não chamaria assim.

O olho, mas por todos os meios, tento evitar seus olhos.

—Ah, não?

—Não,— agarra meu queixo suavemente e me encoraja a olhar para ele—. Eu chamo de ser tola.

Nossos olhos se conectam, assim como nossos lábios quando coloca os seus contra os meus. Evitar Miller Hart não teria nada de tolo.

—Não é possível interpretar você — digo calmamente, mas minhas palavras não fazem com que pareça preocupado.

—Não quero que me interprete, Livy. Quero me afogar no prazer que me proporciona.

Eu liquefaço contra ele, apesar do fato de que suas palavras só reforçaram o que eu já sei. Eu quero ser inundado com o prazer que ele me dá, também, mas não quero que os sentimentos que vêm depois. Não consigo lidar com eles.

—Você está tornando isso difícil.

O braço dele rodeia minha cintura e sobe até atingir meu pescoço.

—Não, eu estou fazendo muito simples. Remoer as coisas é o que as complica, e você está fazendo. — Me beija na bochecha, e afunda o nariz em meu pescoço. — Me deixe te levar para a cama.

—Se eu fizer isso, estarei em uma posição em que jurei nunca estar.

—Qual?

Começa suavemente beijando meu pescoço, e ele o faz porque sabe que eu tenho sentimentos mistos. Ele é muito inteligente. Está confundindo os meus sentidos e, pior ainda, a minha mente.

—À mercê de um homem.

Percebo que seus lábios param um instante; Não estou imaginando. Se afasta do refúgio do meu pescoço e me observa cuidadosamente. Passa muito tempo, o suficiente para que minha mente se entretenha revivendo as carícias que me deu, beijos que trocamos e a paixão que criamos entre os dois. É como se eu estivesse vendo tudo em seus olhos, e faz com que me pergunte se ele também estará revivendo aqueles momentos. Finalmente, levanta a mão e acaricia meu rosto suavemente usando os dos dedos.

—Livy, se há alguém a mercê de alguém aqui, esse sou eu. —Desvia o olhar diretamente para meus lábios e aproximando-se novamente, sem que eu faça nada para detê-lo.

Não vejo um homem à minha mercê. Eu vejo um homem que quer algo e parece estar disposto a fazer qualquer coisa para obtê-lo.

—Melhor voltarmos para a mesa. — tento me separar dele afastando o rosto.

—Não até que me diga que você vai vir comigo. — De repente, me tira do chão e me senta no balcão. Apoia as mãos nas minhas coxas, inclina-se para mim e me olha, esperando que ceda. — Diga.

—Não.

—É claro que você quer. —Toca seu nariz no meu. — Você nunca quis algo tanto em toda sua vida.

Tem razão, mas isso não o torna algo inteligente.

—Você está muito seguro de si.

Move a cabeça e um leve sorriso paira em seus lábios, estende a mão para esfregar meu lábio inferior com o polegar.

—Pode ser que esteja tentando convencer nós dois com palavras, mas todo o resto indica o contrário. —Coloca o dedo na boca, o chupa e passa pelo meu pescoço, sobre o peito e desce até meu estômago para desaparecer debaixo do meu vestido e minhas pernas. Aperta o meu queixo, minhas costas se endireitam e meu núcleo começa a pulsar, desejando-lhe para me tocar lá. Meu corpo está me traindo em todos os níveis e ele sabe disso. —Acredito que aqui vou encontrar calor. — Aproxima o dedo poucos milímetros até o ápice das minhas coxas e abaixo a cabeça para frente até colá-la em sua testa. — E acho que aqui vou encontrar umidade — sussurra e desliza o dedo por dentro de minha calcinha, espalhando a umidade. — Eu acho que se entrar em você agora, seus ansiosos músculos se apegarão a ele e não o soltarão jamais.

—Faça. — As palavras fluem da minha boca sem pensar, minhas mãos sobem e agarram seu braço. — Faça, por favor.

—Farei o que você quiser fazer, mas vou fazer isso na minha cama. — Beija-me firmemente nos lábios. Depois afasta a mão e baixa a bainha do vestido. — Eu sou uma pessoa com educação. Não vou desrespeitar sua avó tomando você aqui. Você acha que pode se controlar, enquanto comemos o bolo de abacaxi?

—Se eu consigo me controlar? —sussurro ofegante, olhando em direção a sua virilha.

Não preciso ver para saber que está lá. É emendada e ela está esfregando contra minha perna.

— É difícil para mim, acredite. — Ele se ajusta e me tira do balcão. Em seguida, arruma meu cabelo sobre o ombro. — Vamos ver o quão rápido eu sou capaz de comer torta de abacaxi. Você quer preparar uma nécessaire ou algo para passar a noite?

Não, a verdade é que não quero. O que eu quero é que ele se esqueça de sua educação. Tento em vão recuperar a compostura, mas todo o calor que sinto entre as pernas sobe para meu rosto ao pensar em ter de olhar na cara de minha avó e de George.

—Pegarei algumas coisas após a sobremesa.

—Como você preferir.

Ela agarra minha nuca e me leva para fora da cozinha. O calor da sua mão intensifica meu desejo. Preciso tê-lo. Preciso deste homem enigmático que em um momento se comporta tão corretamente e no seguinte contradiz todo seu cavalheirismo. É uma fraude, isso é o que ele é.

Um ator.

Um presunçoso disfarçado de cavalheiro.

O que o torna o pior inimigo que meu coração poderia ter encontrado.

—Aqui estão! —Minha avó aplaude e levanta. — E a torta de abacaxi?

—Oh! — faço menção de girar sobre meus pés, mas então me dou conta de que com Miller, ainda me segurando com força na nuca, não vou a qualquer lugar.

—Bem, tanto faz — diz minha avó fazendo um gesto com a mão na direção da minha cadeira vazia. — Sentem-se, e eu mesma trago.

Miller praticamente me senta sobre a cadeira e me aproxima da mesa, quase como se ele tivesse a compulsão de me colocar dessa maneira, da mesma forma que faz tudo o que toca.

—Você está confortável?

—Sim, obrigado.

—De nada. — Toma o assento ao meu lado e ordena tudo em seu lugar antes de pegar seu copo recentemente colocado vinho e dar um gole lento.

—Ops! Torta de abacaxi! — George esfrega as mãos e bate. — Meu favorito! Miller, prepare-se para morrer de prazer.

—Sabe, George? Nós compramos o abacaxi no Harrods. — Eu não deveria estar lhe dizendo isso. Minha avó vai me matar, mas ela não é a única que sabe bancar a casamenteira. — Pagamos quinze libras por ele, e isso foi antes de convidar Miller para o jantar.

George abre a boca, com surpresa, mas depois um sorriso pensativo que me enternece profundamente se desenha em seu rosto.

—Sua avó sabe como tratar um homem. Ela é uma mulher maravilhosa, Livy. Uma mulher maravilhosa.

—Ela é — concordo em voz baixa. É terrivelmente constrangedora, mas é maravilhosa.

—Torta de abacaxi! — exclama ela orgulhosamente entrando com a bandeja de prata nas mãos. Ela coloca no centro da mesa e todos esticam o pescoço para admirar sua obra de arte. — É a melhor que eu fiz até agora. Quer experimentá-la, Miller? — pergunta.

—Eu adoraria, senhora Taylor.

—É tão boa que você comerá num piscar de olhos — digo como quem não quer nada, pego a colher e olho para Miller.

Ele aceita a tigela que minha avó lhe entrega, a coloca sobre a mesa e a gira alguns milímetros no sentido dos ponteiros do relógio.

—Não tenho a menor dúvida.

Não olha para mim e tampouco começa a comer. Ele aguarda educadamente que a minha avó sirva todo mundo, se sente e pegue sua colher. Seus modos não lhe permitem cumprir sua sugestão de que comeria rapidamente. Não pode evitar.

Então, levanta a colher, mergulha na torta e separa um pedaço. A pega com uma precisão perfeita e a coloca em sua boca. Meus olhos seguem sua colher da tigela até os lábios dele, enquanto a minha permanece suspensa na minha frente. Todo o seu ser é como um ímã tremendamente poderoso para meu olhar e começo a parar de tentar resistir. Pelo visto, meus olhos o anseiam tanto quanto meu corpo.

—Você está bem? —pergunta ao ver que ainda estou olhando para ele enquanto come outro

pedaço. Nem mesmo sabendo que ele se deu conta de que eu o estou assistindo fascinada consegue com que eu tire meus olhos dele.

—Sim, perfeitamente. Estava pensando que eu nunca tinha visto alguém comer as tortas de minha avó tão lentamente.

Estou surpresa com minha própria insinuação e o fato de que Miller começa a tossir e levar a mão para a boca é indicação de que ele também estava surpreso. Estou feliz. Eu tenho a sensação que vou ter que corresponder a sua altivez, e se vou lhe dedicar dezesseis horas é melhor eu ir já começando.

—Você está bem? —O tom de preocupação de minha avó quase me rompe os tímpanos. Tenho certeza que também se reflete em seu rosto, mas não a olho para verificar, porque ver Miller alterado é uma novidade muito excitante para perder.

Termina de mastigar, deixa a colher e limpa a boca.

—Desculpe-me. — Pega sua taça e me observa enquanto a leva a seus lábios. — As coisas deliciosas precisam ser saboreadas lentamente, Livy.

Toma um trago de vinho, e sinto como seu pé rasteja pela minha perna por baixo da mesa.

Surpreendendo a mim mesma quando lanço-lhe um sorriso secreto e mantenho a compostura.

—A verdade é que está deliciosa, vó — digo imitando Miller. Depois levo uma colherada à boca, mastigo lentamente, engulo lentamente e lambo meus lábios lentamente. E eu sei que meu descaramento tem o efeito desejado, porque percebo seus olhos azuis ferozes queimar minha pele — Você gostou, George?

— Você pode dizer isso! — O velho se acomoda sobre o encosto de cadeira dele e esfrega a barriga com cara de satisfação. — Acho que vou ter que desabotoar o botão das calças.

—George! — exclama minha avó e lhe dá um tapinha no braço. — Estamos na mesa.

—Normalmente você não se importa — ele grunhe.

—Sim, mas hoje temos um convidado.

—Esta é sua casa, Sra. Taylor — intervém Miller. — E eu tive o privilégio de ser convidado. Tem sido o melhor Beef Wellington que tive o prazer de experimentar em toda a minha vida.

—Oops! —Minha avó fez um gesto com a mão para remover importância. — Você é muito adorável, Miller.

O que é pura bajulação.

—Era melhor que o meu café? —Não paro de soltar provocações a direita e a esquerda, mas não posso evitar.

—Seu café não se parecia com nada que provei antes — responde calmamente, e olha para mim com as sobrancelhas levantadas. — Espero que tenha um pronto para mim amanhã à tarde, quando eu passar por lá.

Sacudo a cabeça com um sorriso divertido apreciando nossa troca privada.

—Um americano, com quatro expressos, duas de açúcar e cheio até a metade.

—Estou ansioso para isso. — Insinua ligeiramente o sorriso que estou tão ansiosa para ver novamente. Esse que só vi algumas vezes desde que o conheci. — Senhora Taylor, tem alguma objeção que eu chame Olivia para tomar alguma coisa em minha casa?

Estou pasma com sua segurança, e porque não pediu para mim? De todos os modos, minha

avó nunca recusaria. Não, provavelmente iria procurar desesperadamente uma travessura na minha gaveta de calcinhas para colocar na minha bolsa quando eu sair. E ela irá procurar em vão.

—Eu adoraria. — respondo, evitando assim que outro tome uma decisão para mim. Já sou maior de idade. Tomo minhas próprias decisões. Sou dona do meu próprio destino.

—É muito gentil de sua parte ter perguntado. — A emoção da minha avó é óbvia, mas parte minha alma. Está se iludindo, baseada no pouco que sabe sobre o homem que está sentado na sua mesa. Se soubesse toda a história teria algo. — Nós recolheremos isso, vocês vão e se divirtam!

Antes que possa mesmo deixar a colher na mesa, Miller puxa minha cadeira e me encontro de pé e no caminho para o lado da mesa onde estão a minha avó e George.

—Sra. Taylor, obrigado.

—Não há de quê! — Minha avó se levanta e deixa Miller dar-lhe um beijo nas duas bochechas, enquanto ela faz um gesto de abrir os olhos dela como pratos. — Foi uma noite fantástica.

—Concordo — responde, oferecendo a sua mão livre para George. — Foi um prazer conhecê-lo, George.

—Igualmente. — George se levanta, e fica ao lado de minha avó e aproveita a oportunidade, agora que ela está de bom humor, de passar o braço em torno da cintura — Uma noite estupenda. — Aceita a mão de Miller.

Rezo para que se apressem com a cortesia de despedida. O jantar foi um processo terrivelmente longo de insinuações e toques secretos. O desejo acumulado que sinto me parece estranho e muito perturbador, mas a necessidade premente de libertá-lo está bloqueando toda a minha inteligência, e tenho muita inteligência que bloquear. Sou uma mulher preparada..., exceto com Miller por perto.

Sinto como essa relaxante massagem de seus dedos em minha nuca fulmina minha inteligência. Eu não vou tentar procurá-la porque faz tempo que me abandonou, me deixando vulnerável e desesperada.

Beijo minha avó e George e deixo Miller orientar-me fora da sala. Não me solta para pegar o casaco da chapeleira. Em seguida, pega também o meu.

—Quer pegar alguma coisa?

—Não,— me apresso em responder. Não quero atrasar as coisas ainda mais.

Não discute. Abre a porta da casa e me empurra para frente. Desbloqueia seu carro, me coloca no assento, fecha e se dirige a sua porta rapidamente para subir. Liga o motor e se afasta suavemente, longe da calçada. Olho para a minha casa e vejo que as cortinas se movem. Imagino a conversa que minha avó e George estão tendo no momento, mas esse pensamento se dissipa enquanto *Enjoy the Silence* de Depeche Mode soa através dos alto falantes, e franzo o cenho ao lembrar que ele me disse para fazer precisamente isso.

—Foi uma menina muito má durante o jantar, Livy.

Me viro para com ele. "Má? Eu?"

—Foi você quem me encurralou na cozinha — recordo.

—Estava assegurando minhas perspectivas para a noite.

—É isso que eu sou? Uma perspectiva?

—Não, você é um resultado previsível — diz com os olhos na estrada e o rosto muito sério.

Ele está ciente do que está me dizendo?

—Faz com que eu pareça uma vadia. — cerro os dentes e os punhos, e meu desejo desaparece em um segundo ao pronunciar essas palavras. Pode ser que eu tenha perdido todas as minhas regras nas últimas semanas, mas eu não sou, nem nunca serei uma puta. — Me leve para casa, por favor.

Vira para a esquerda com tal brusquidão que obriga-me a segurar a porta. De repente estamos circulando por beco cheio de plataformas de embarque e desembarque para os estabelecimentos que existem em ambos os lados. É escuro, sombrio, e não há uma alma.

—Você é o meu resultado previsível, Livy. Só meu, de mais ninguém. — Para, então, solta o cinto e, em seguida, o meu, me levanta do meu assento dentro do carro e me coloca no colo.

—O que você está fazendo? —Pergunto perplexa. A música me faz tremer enquanto continua invadindo meus ouvidos, ao mesmo tempo em que Miller invade todos os meus outros sentidos.

A visão.

O olfato.

Tato.

E, agora, o paladar.

Move o assento para trás buscando mais espaço para levantar meu vestido até a cintura.

—Estou fazendo o que têm me implorado para fazer durante todo o jantar.

—Não estava implorando nada. — Minha voz se transforma em um sussurro rouco. Não a reconheço.

—Livy, é claro que suplicava. Levante um pouco — ordena me levantando pelos quadris para encorajar-me a fazê-lo.

Não oponho resistência. Me apoio em meus joelhos e subo.

—Pensei que você queria esperar para estar em sua cama.

— E o teria feito se não tivesse estado me tentando e me torturando sem parar durante a última hora. Eu não sou de pedra. — A camisinha aparece do nada. A segura entre os dentes enquanto ele desabotoa as calças. — Sei que isso é muito complicado, mas de verdade, não posso aguentar mais.

Libera seu membro, duro e pronto e se apressa para abrir o invólucro com os dentes e colocá-lo. Eu fiquei sem fôlego. Eu tenho as mãos descansando na parte de trás do assento, em ambos os lados de sua cabeça e eu estou olhando totalmente em êxtase como o veste. Picos de calor apunhalam meu ventre até minha virilha. Peço mentalmente que seja rápido. Perdi o controle e minha impaciência é evidente depois de levantar o olhar, e me encontrar de frente com seus nublados olhos azuis e seus lábios entreabertos e molhados.

Afasta um lado da minha calcinha de algodão e se guia para minha abertura, roçando o interior das minha coxas, me fazendo exalar.

—Desça lentamente — sussurra, agora colocando a mão na minha coxa.

Eu tento resistir à tentação de abaixar de uma vez e começo a descer centímetro por centímetro, deixando escapar todo o ar dos meus pulmões. Deixo a cabeça para trás e afundo os dedos sobre a pele do banco atrás dele.

—Miller!

—Foda-se! — rosna. Noto que seus quadris tremem. — Nunca havia sentido nada parecido. Não se mova.

Estou completamente com ele dentro de mim. Sinto a ponta de sua ereção nas profundezas do meu ser e estou tremendo como uma folha. São tremores incontroláveis. Meu corpo está vivo, desesperado para entrar em ação e continuar recebendo prazer.

—Mova—se. — Abaixo a cabeça e vejo Miller apoiado no encosto olhando onde estamos unidos. Seu cabelo, ondulado e despenteado, implora—me para tocá—lo. E o faço. Afundo dedos em seus cachos e brinco com eles, acariciando e puxando. — Mova-se, por favor.

—Farei tudo o que me pedir, Livy. — Se agarra a meus quadris e mergulha profundamente, obrigando—me a proferir um gemido grave e sensual. — Foda-se, adoro esse som.

—Não consigo evitar.

—Não quero que faça isso — diz desenhando círculos firmes com o quadril e fazendo-me gemer novamente. — Poderia continuar ouvindo pelo resto dos meus dias.

Ardo de desejo. Até amor faz de uma maneira precisa, a cada rotação, cada círculo, e cada vez em que agarra realiza um movimento perfeitamente executado, e vai me excitando cada vez mais. Não pode fazer nada imperfeito.

—Eu quero tudo — eu exalo e eu estou me referindo a muito mais do que o mero movimento. Eu quero me sentir assim sempre, e não tenho certeza de que posso fazer isso com qualquer outro homem. —Beije-me — rogo enquanto ele me desliza para cima e guia-me para baixo, fazendo círculos com os quadris e me segurando firmemente. Estou perdendo a cabeça. Minhas mãos se agarram com mais força ao seu cabelo e meus joelhos na sua cintura.

Levanta os olhos, agarra minha nuca e me puxa para frente lentamente, sem pressa ou impaciência. Não sei como ele faz isso.

—Você fez eu me perder, Olivia Taylor — murmura entre dentes, reclamando meus lábios com delicadeza. — Você está me fazendo repensar tudo o que achei que sabia.

Quero concordar, porque eu sinto o mesmo, mas estou muito ocupada, deliciando-me com a atenção e a veneração de seus lábios macios. No entanto, acho que sua declaração apenas pode significar algo positivo. Pode não me deixar ir quando nosso tempo se esgotar. Espero que não faça, porque me rendi a ele novamente, quando sei que não deveria fazer isso. No entanto, rejeitar Miller Hart é algo que não posso fazer... ou simplesmente não quero.

—Sente isso, Livy? — pergunta entre tentadores e delicados círculos que traça com a língua. — Você não acha que isso é algo diferente?

—Sim.

Mordo seus lábios e afundo a língua em sua boca de novo, gemendo e pressionando meu corpo contra ele, sentindo pontadas no centro de prazer do meu sexo, sinal que meu orgasmo está se aproximando rapidamente. O beijo com desespero quando a necessidade de alcançá-lo acaba com a minha determinação em continuar o ritmo que ele impõe sobre nós.

—Calma — rosna— Lentamente.

Eu tento, mas seu sexo está começando a vibrar dentro de mim, inchando, pulsando e me penetrando com força. Começo a negar com a cabeça contra seus lábios.

—Isso é bom demais.

—Ei. — Quebra o nosso beijo, mas mantém o movimento de seu corpo dentro do meu, tomando o controle completamente para evitar acelerar as coisas. — Saboreie.

Fecho os olhos e deixo cair a cabeça para trás, enquanto tento reunir as forças necessárias

para seguir suas orientações. Não entendo como pode ter tanto autocontrole. Cada centímetro do corpo dele emana o mesmo desespero que o meu: seus olhos queimam, seu corpo treme, seu sexo pulsa e seu rosto está encharcado de suor. No entanto, parece ser incrivelmente fácil tolerar o doloroso prazer que inflige a nós dois.

—Porra, eu queria que estivesse em minha cama — reclama. — Não esconda seu rosto lindo Livy. Mostre-me.

Meu corpo começa a sofrer espasmos de um orgasmo que não poderia mais segurar, nem que eu quisesse. Levanto a mão e apoio contra a janela, mas logo começa a escorregar por causa da condensação que acumulou no vidro e não ajuda a me estabilizar.

—Livy! —Ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para frente. A situação é frenética, mas seu ritmo é ainda lento e preciso. — Quando eu te disser para olhar para mim, olhe para mim! — Golpeia com o quadril e eu tomo ar, ensurdecida pelo som do sangue que me sobe a cabeça e que distorce a música que nos rodeia. — Aí vem ele.

—Mais rápido, por favor — peço — Deixe vir.

—Está acontecendo.

Agarra-me com mais força e me leva de novo até sua boca, me beijando enquanto estalo e luto com as mangas de sua camisa. Meu mundo desmorona. Todas minhas terminações nervosas pulsam furiosamente e solto um grunhido longo e gutural de satisfação em sua boca. Miller pulsa dentro de mim.

—Mesmo com mais de 16 horas não terei o suficiente.

Arrasto meus lábios cansados por sua barba de dois dias para colá-los em seu pescoço. Meu corpo e minha cabeça pesam.

—Você já parou para pensar sobre o que você está fazendo comigo? —pergunto em voz baixa. — Você parece ter a impressão de que para mim tudo isso é muito fácil.

Continuo com o rosto escondido no pescoço dele. Acho que é mais fácil de compartilhar meus pensamentos se não olhá-lo no rosto.

—Estou me entregando a você. Estou fazendo o que me pediu para fazer — digo com um fio de voz, uma mistura de exaustão e timidez.

—Livy, não fingirei que não sei o que está acontecendo. — Me tira do meu esconderijo e pega minhas bochechas quentes entre as mãos. Sua expressão é grave e a confusão que reflete é inquestionável. — Mas está acontecendo, e acho que nenhum de nós dois pode pará-lo.

—Você vai fugir de mim? — me sinto uma idiota por fazer essa pergunta a um homem que conheço há tão pouco tempo, mas algo está nos empurrando para estarmos juntos e não apenas sua persistência. É algo invisível, poderoso e obstinado.

Respira profundamente e me abraça em seu peito para me dar o que mais gosto. Seus fortes braços me rodeiam com facilidade e me levam ao lugar onde me sinto mais segura no mundo.

—Eu vou te levar pra casa e te adorar.

Não é uma resposta, mas também não é um sim. Isso é especial, tenho certeza. Eu venho há muito tempo evitando esses sentimentos e tem sido incrivelmente fácil de fazer, mas sou incapaz de evitar cair no amor com Miller Hart e, embora não possa compreendê—lo em tudo, eu quero isso. Eu quero me descobrir. Mas, acima de tudo, eu quero descobrir ele. Em todos os sentidos. Os dados que me foram fornecidos até agora me irritaram ou têm me enfurecido, mas eu sei que por trás deste

cavalheiro de meio expediente há mais.

E eu quero saber tudo.

Afasto-me de seu peito, levanto-me lentamente do colo dele e sua semi-ereção fica livre no processo. Sinto-me incompleta no momento. Acomodo-me no banco do passageiro e olho fora da janela para um beco escuro cheio de escombros, enquanto ele reorganiza sua roupa ao meu lado e a música vai sumindo até desaparecer. Uma pequena parte de minha mente me incita a ir embora agora, antes que ele tenha a oportunidade de fazer isso, mas me custa pouco para sufocá-la. Não vou a lado nenhum a não ser que me force a fazê-lo. Só há uma coisa nesta vida que estava determinada a fazer, e era evitar me encontrar nesta situação. E agora que eu estou nela, estou determinada a permanecer aqui, independentemente das consequências para o meu pobre coração.

Capítulo Doze

Desta vez eu tenho força suficiente para chegar até o sétimo andar antes Miller me levar em seus braços o resto da escada. Não admira que ele tenha o físico de um Deus mitológico.

—Quer tomar algo? — Retorna a sua atitude, sarcástica e formal, mas seus modos permanecem intactos. Ele abre a porta e entro, avisto imediatamente um buquê enorme de flores frescas na mesa redonda.

—Não, obrigada. — rodeio a mesa lentamente, cruzo o limiar para a sala de estar e olho para as pinturas que adornam as paredes.

—Água?

—Não.

—Por favor, sente—se. — aponta o sofá. — Vou pendurar isso — ele diz segurando nossos casacos.

—Ok.

A situação é tensa. Nossas palavras sinceras causaram um atrito que eu quero desfazer. Então ouço uma música tranquila. Olho para minha volta e me pergunto aonde vem enquanto assimilo a calma do ritmo e os tons suaves da voz masculina. A reconheço É *Let Her Go* do Passenger. Começo a virar a cabeça.

Miller retorna, sem o colete e gravata, com o pescoço da camisa desabotoada. Despeja algum líquido escuro em um copo e, desta vez, me fixo no rótulo. É whisky. Senta-se à mesa de café em frente a mim e bebe devagar, mas então franze o cenho olhando o copo, esvazia o conteúdo alcoólico

em sua garganta e o deixa na mesa.

Como eu imaginava que seria, arruma a sua posição e então junta suas mãos e me olha com ar pensativo. Seu olhar me deixa em alerta imediatamente.

—Por que não bebe, Livy?

Tinha motivos para estar. Continua a insistir que não quer falar sobre coisas pessoais, mas ele não tem nenhum escrúpulo em pedir-me coisas pessoais ou invadir o meu espaço pessoal, como minha casa, ou minha mesa de jantar. No entanto, não digo nada, porque o que eu quero é precisamente que isso se torne muito pessoal. Não quero dividir com ele apenas meu corpo.

—Não confio em mim.

Levanta as sobrancelhas surpreso.

—Como não confia de si mesma?

Fico nervosa e começo a olhar ao redor da sala, apesar de meu desejo de compartilhar isto com ele. Custa-me reunir forças para formar as palavras que eu, durante tanto tempo, tenho me negado a pronunciar.

—Livy, quantas vezes tenho que repetir? Olhe—me na cara, quando você fala. E responda quando eu te fizer uma pergunta. — pega meu queixo suavemente e obriga-me a olhar para ele. — Por que você não confia em si mesma?

—Eu sou uma pessoa muito diferente, quando tenho álcool no corpo.

—Não sei se eu gosto de como isso soa. — Não preciso que me diga. Seus olhos dizem tudo.

Sinto-me ruborizar. Certamente ele também nota sobre as pontas dos dedos.

—Eu não me sinto bem.

—Prossiga, — me ordena asperamente com os lábios franzidos.

—Dá no mesmo. —Tento tirar o rosto de suas mãos.

De repente agora não me apetece tanto compartilhar uma parte da minha vida pessoal e sua reação me fez mudar de ideia. Eu não preciso me sentir ainda com mais vergonha.

—Isso foi uma pergunta, Livy.

—Não, foi uma ordem — respondo defensivamente, e consigo liberar meu rosto. —E eu decidi não continuar.

—Você está sendo evasiva.

— E você intrometido.

Ele recua ligeiramente em minhas palavras, mas se recompõe.

—Vou voltar a ser intrometido e eu vou sugerir que as únicas vezes em que você praticou sexo, no passado, foram quando estava bêbada.

Sinto-me virar um tomate.

—Sua intuição está correta — murmuro. — É tudo, ou você quer descreva com capítulos e versículos com quem, como, quando e onde?

—Isso é muita audácia...

—Com você é necessário, Miller.

Olha para mim e estreita seus brilhantes olhos azuis, mas não me recrimina por minha falta de

educação.

—Eu gostaria que você me contasse tudo.

—Não, você não quer.

—Da sua mãe. — Estas palavras me deixam tensa instantaneamente e pela expressão em seu rosto, vejo que ele notou. — Quando tive que me esconder no seu quarto, sua avó mencionou o passado de sua mãe.

—Esqueça.

—Não.

—Ela era uma prostituta. — As palavras saem de minha boca automaticamente, me pegando de surpresa e observo Miller para avaliar sua reação.

Faz menção de falar, mas ele ficou mudo. Eu sei que não esperava isso, mas poderia ter dito algo...qualquer coisa. Não faz, mas eu faço.

—Me abandonou. Deixou-me na casa dos meus avós para se render a uma vida de sexo, álcool e presentes caros.

Observa-me com atenção. Estou desesperada para saber o que vai pensar. Eu sei que não pode ser algo bom.

—Diga-me o que aconteceu.

—Eu já disse.

Mova seu copo novamente e volta a olhar para mim.

—Tudo o que disse é que ela aceitava dinheiro em entretenimento.

— E isso é tudo o que existe.

—Onde está agora?

—Provavelmente morta — cuspo com raiva. — A verdade é que eu não me importo.

—Morta? — exclama mostrando mais emoção. Estou começando a ter reações de sua parte a torto e a direito.

—Com certeza — digo encolhendo os ombros. — Ela estava procurando por algo impossível. Todos os homens com que estava acabavam se apaixonando por ela, mas ninguém nunca foi suficiente, nem mesmo eu.

A expressão dele se suaviza e me olha com compaixão.

—O que te faz pensar que ela está morta?

Respiro profundamente para ganhar confiança, pronta para dizer algo que me recusei a dizer a ninguém.

—Ela caiu nas mãos do homem errado muitas vezes, e eu tenho uma conta corrente carregada de anos de "lucros" que ninguém tocou desde que começou. Eu tinha seis anos, mas lembro-me que meus avós constantemente discutiram por ela. — Minha mente instantaneamente é bombardeada por imagens de angústia do meu avô e de minha avó chorando. — Ela desaparecia por dias regularmente, mas então ela não voltou. Meu avô chamou a polícia depois de três dias. Eles investigaram, questionaram o atual namorado e os muitos homens antes dele, mas com a história dela fecharam o caso. Eu era uma garotinha e eu não entendia, mas quando eu fiz 17 anos eu encontrei o diário dela. Ele contou-me tudo – em detalhes vívidos.

—Eu...

Ele não sabia o que dizer, então eu continuo. Sinto uma espécie de alívio ao descarregar tudo, mesmo que isso signifique afastá-lo de mim.

—Não quero ser como minha mãe. Eu não quero beber e transar sem sentir nada. É degradante e não faz sentido. — me dou conta do que eu disse no mesmo momento em que sai dos meus lábios, mas eu não dei a Miller nenhuma razão para pensar que não há nenhum sentimento por minha parte. — Ela preferiu esse estilo de vida à sua família.

Surpreendo a mim mesma falando com força e firmeza, ainda que ouvi-lo em voz alta pela primeira vez me causasse dor física.

Miller enche as bochechas e deixar sair o ar. Em seguida, pega o copo vazio e olha para ele com uma carranca.

—Surpreso? —Pergunto, pensando que eu poderia fazer com um dos calções.

Olha-me como se eu fosse tonta, então se levanta e voltar para o bar, completa seu copo de whisky, desta vez meio copo, não apenas os dois dedos que normalmente coloca. E então me surpreende ao encher outro copo antes de sentar na minha frente e estendê-lo.

—Beba.

Olho, estupefata, o copo que me coloca sob o nariz.

—Eu te disse...

—Olivia, você pode beber sem a necessidade de fazê-lo até perder a consciência.

Estendo a mão e pego o copo.

—Obrigado.

—De nada — praticamente grunhe antes de dar um trago. — E seu pai?

Eu tenho que me segurar para não liberar uma gargalhada e, em vez disso, eu dou de ombros. Ele exala sobre o copo.

—Não sabe?

Balança a cabeça.

—Odeio sua mãe.

—O quê? — Pergunto perplexa, pensando que talvez tenha ouvido mal.

—A odeio — repete como se ela cuspisse veneno.

—Eu também.

—Bem. Então nós dois odiamos sua mãe. Fico feliz que esclarecemos isso.

Não sei muito bem o que dizer, então, eu permaneço em silêncio, observando como se perde em seus pensamentos e toma ar de vez em quando como se fosse dizer alguma coisa, mas acaba voltando atrás. Não tem nada a dizer. Não é uma boa história e nenhuma palavra de incentivo pode mudá-lo. Essa é minha história. Não posso mudar quem era minha mãe, nem o que fez, e tampouco o fato de ter permitido que afetasse tanto minha vida.

Finalmente, são encoraja a falar, mas não esperava que me perguntasse isso.

—Então sou o primeiro amante que teve enquanto sóbria?

Assinto e apoio as costas na parte de trás do sofá, colocando espaço entre nós, mas me parece impossível tirar os olhos dele.

— E você gostou?

Que pergunta absurda.

—Me dá medo.

—Medo?

—Me assusta o que me faz sentir. Não sou eu mesma quando estou com você — sussurro. Estou mostrando-lhe pouco a pouco todas as minhas cartas.

Deixa o copo com cuidado sobre a mesa e se ajoelha diante de mim.

—Faço você se sentir viva. — Desliza as mãos na minha cintura e me puxa para frente até que nossos rostos estão próximos e nossa respiração se funde no pequeno espaço que separa nossas bocas. — Eu não sou um homem doce e gentil, Olivia — diz como se estivesse tentando fazer com que me sinta melhor por compartilhar uma parte dele comigo. — As mulheres só me querem por um motivo, e é porque não lhes dei nenhum motivo para que esperem mais.

Um milhão de palavras me vêm aos lábios, todas desesperadas para formar uma frase e cuspir fora da minha boca, mas não quero ser impulsiva.

—Não esperam nada mais do que a melhor foda selvagem de sua vida — digo calmamente.

—Exatamente.

Tirou-me o copo, pega minhas mãos e as coloca em seus ombros.

—Foi o que me prometeu. — lembro a ele.

Suas pálpebras descem lentamente.

—Não acredito que possa cumprir essa promessa.

—O quer dizer? —pergunto. Quero confirmar que não estou imaginando coisas, ou que não está dizendo isso por compaixão. Deixa cair os ombros ligeiramente, exalando cansaço, mas continua com a cabeça para baixo e em silêncio. — É boa educação responder quando alguém te faz uma pergunta — estalo, fazendo com que levante a cabeça, surpreso.

Não recuo. Quero confirme o que está acontecendo.

—Estou dizendo que quero te adorar — declara.

Em seguida, inclina a cabeça, se aproxima e pega meus lábios enquanto se levanta e me leva com ele. E agora é ele quem está sendo esquivo, mas não vou forçá-lo. Posso esperar, e enquanto isso me venerará.

Surpreende-me que se deita no sofá e me coloca entre as pernas, para que eu permaneça montada nele. Nossas roupas estão ainda no lugar e ele não tenta removê-las. Parece que se contenta em me beijar de novo e de novo. Sua barba escura incipiente raspa minha pele, em contraponto com o sutil movimento de seus lábios, mas estou em glória absoluta e apenas sinto a sensação áspera. Com Miller, as coisas acontecem de uma forma natural. Ele me guia e eu o sigo. Não preciso pensar, simplesmente faço. Isso é o que me leva a desabotoar a camisa dele para sentir o calor da sua pele em minhas mãos. Eu gemo em torno de seus lábios e observo a primeira faísca de seu calor misturado com o meu, enquanto minhas mãos deslizam para baixo de sua barriga e sobem e descem lentamente por seu abdômen definido.

—Aí está esse som tão doce de novo — murmura ao mesmo tempo em que recolhe a massa de cabelo loiro, caindo em torno de sua cabeça. — É viciante... Você é viciante.

Seu prazer me estimula. Minha boca visita todos os cantos do rosto lindo, até chegar a seu

pescoço e absorvo embriagada sua essência masculina.

—Cheira tão bem...

Passando por seu peito. Ajo sem pensar e sem obedecer a instruções. Seus mamilos estão eretos. Aproximo a língua e começo a lambê-los em círculos e a chupá-los, fazendo com que se retorça e gema debaixo de mim. Seus sons de prazer me incitam ainda mais e seu membro ereto pressionando minha barriga me lembra de onde eu quero ir. Eu quero sentir o gosto. Quero senti-lo na minha boca.

—Porra, Livy. O que você está fazendo? — Se endireita um pouco e olha para mim. Em seguida, toma a cabeça nas mãos. — Não precisa fazer isso.

—Eu quero fazer. — Passo a mão sobre sua calça, pego o zíper e o abaixo de uma vez, enquanto vejo como me olha.

—Não, por favor, deixe pra lá, Livy.

—Eu quero fazê-lo.

Olha para mim com hesitação e vejo como suas mãos apertam com mais força sua cabeça enquanto volta a se deixar cair sobre a almofada.

—Tenha cuidado.

Sorrio para mim mesma, segura de mim, desfrutando de sua vulnerabilidade e de quão bem me sinto nesse momento. Não saiu correndo depois de ouvir meu passado vergonhoso. Solto o botão e abaixo suas calças. Então me coloco de joelhos para me livrar delas e o deixo com um boxer preto e apertado. Ela lhe cai tão bem que me dá pena removê-lo, mas o que se esconde embaixo me anima mais. Jogo suas calças para o chão e coloco meus dedos no elástico para deslizar lentamente o vestuário interior por suas coxas fortes, olhando-o no rosto e em seguida focando o pau dele, grosso e duro, que repousa sobre a barriga dele. Minha língua involuntariamente escapa da minha boca e lambo meu lábio inferior enquanto o admiro em toda sua masculinidade magnífica. Não me intimida sua sólida ereção. Me excita.

Jogo a boxer no chão ao lado das calças, eu abaixo e faço-me confortável, com as mãos repousando sobre sua cintura e o nariz praticamente descansando na parte inferior do seu pênis. Olho para ele e vejo como dá pequenas sacudidas e a minha boca abre e exala o calor da minha respiração por cima. Miller levanta os quadris lentamente, empurrando até mim, e o gesto me obriga a deixar escapar o ar dos meus pulmões novamente.

—Foda-se, Livy, sinto o calor da sua respiração. — Ele levanta a cabeça e olha para mim com olhos sedentos. — Você está bem?

— Desculpe, é que... — volto abaixar o olhar.

—Calma — diz ele com aceitação.

Faz com que me sinta estúpida e, com estas palavras, minha língua sai da minha boca e saboreio pela primeira vez Miller Hart. Seguindo meus instintos, lambo delicadamente todo seu comprimento e me coloco de joelhos enquanto isso. Nunca tinha experimentado nada parecido.

—Fooooooda-se.

Apoia a cabeça na almofada e leva as mãos no rosto, que eu interpreto como um bom sinal, então pego-o com a mão e movo. Ao fazer isso, vejo que uma pérola de líquido branco aparece na ponta. Lambo e percebo um sabor realmente delicioso.

Tomo um pouco de ar, me esforçando para manter a confiança em mim mesma. É tão grande

e longo... Isso não vai caber inteiro na minha boca. Minha segurança está desaparecendo, mas estou desesperada para não parecer uma idiota de verdade. Amaldiçoo a mim mesma, odiando minha hesitação e o coloco na boca, descendo até golpear contra minha garganta.

—Foda—se! —Eleva os quadris, empurrando mais contra mim. Causa-me uma arcada e me retiro rapidamente. — Sinto muito! —exclama em um grito contido—. Merda, Livy, sinto muito.

Frustrada comigo mesmo, apresso-me a inseri-lo na minha boca, desta vez só até a metade. Chupo enquanto movo para cima e para baixo outra vez. Estou surpresa com a suavidade do seu membro. É gostoso – seu calor, sua dureza sob a pele lisa.

Começo a trabalhar em um ritmo confortável. Seus gemidos de prazer me encorajam e minha mão corre livremente através do seu peito, coxas e barriga.

—Livy, pare agora. — os músculos de seu estômago ficam tensos e se endireita, levantando também os joelhos, deixando-me de joelhos entre as pernas afastadas, com a cabeça em seu colo. — Pare. — Ele agarra meu cabelo e me guia delicadamente para cima e para baixo, lentamente, pacientemente. Ele me pede para parar, mas ao mesmo tempo parece que me encoraja a continuar —. Foda-se — diz sem fôlego quando afasta a mão da minha cabeça. Começa a baixar o zíper do vestido lentamente ao longo de minha espinha. — Levante-se — ordena puxando a bainha.

Sinto-me um pouco enganada, mas eu faço o que ele diz e o libero da minha boca, levantando o meu traseiro da sola dos meus pés e levantando meus braços. Tira-me o vestido enquanto olho para ele, adorando o cabelo revolto, desgrenhado, com os cachos mais apertados por causa de seu estado excitação. Desaparece da minha vista durante os breves momentos que remove o vestido e este me cobre o rosto. Deixa-o cair ao chão de forma despreocupada e alcança os braços nas minhas costas para desprender meu sutiã. Em seguida, desliza as alças dos ombros e o deixa cair. Agarra-me suavemente pelos quadris e se inclina para frente para colar os lábios na minha barriga. Baixo os braços e começo a deslizar sua camisa pelos ombros, ansiosa por tê-lo todo nu e senti-lo em sua totalidade, e ele me deixa, separando as mãos do meu corpo uma por uma, para me permitir remover o que resta de roupa, mas sem tirar a boca do meu estômago, e mordiscando ocasionalmente meu quadril.

—Você tem uma pele requintada, Livy. — Sua voz é grave e gutural. — Você toda é requintada.

Afundo as mãos em seu cabelo e olho a parte de trás de sua cabeça enquanto ele se entretém agora no meu umbigo. Como sempre, devagar, suave e preciso, conseguindo que meu corpo vibre, obrigando-me a fechar os olhos como se estivesse sonhando. Nada em nossos atos de intimidade sugere que isso é apenas sexo, nenhuma só coisa. Posso não ser uma especialista em sexo, mas eu sei que isso é mais do que sexo. Tem que ser.

Aprecio tudo calmamente, ajoelhada ante seu corpo sentado e deixo que desfrute o tempo que desejar. Sinto suas mãos por todo o lado, apertando meu traseiro, subindo suavemente pela minha coluna e depois descendo outra vez na parte de trás das coxas. Noto como seus polegares deslizam pelo elástico da minha calcinha e a levam para baixo até as tenho na altura dos joelhos. Ao baixar a cabeça e abrir os olhos, e o encontro olhando para mim. Os olhos dele queimam de desejo, entreaberto, como se seus cílios escuros pesassem muito e custasse abri-los em tudo.

— E se eu fechar a porta com a chave e nós ficarmos aqui para sempre? —sugere com um ligeiro sussurro, me encorajando a mover uma perna de cada vez, para que você possa remover minha calcinha. — Esqueça sobre o que há do outro lado da porta e fique aqui comigo.

Volto à minha posição ajoelhada e apoio o traseiro em meus calcanhares.

—Para sempre é muito mais tempo que uma noite.

Seus lábios se contorcem e estende a mão para passar o polegar pelo meu mamilo. Eu olho para baixo e me lembro de que como são pequenos meus seios, ainda que não pareça lhe preocupar o mínimo.

—Pois que seja — medita, focando a atenção em traçar círculos com o polegar ao redor da aréola escura ao redor meu mamilo ereto. — Foi um trato absurdo.

Meu coração para por um momento longo demais e eu me sinto tão aliviada que acho que vou voar.

—Não assinamos nada — lembro. — E que nós não selamos "fodendo". Acredito perder a razão, quando ele sorri em meu peito e levanta os olhos azuis para olhar para mim.

—Eu concordo. — Estende os braços e me puxa para baixo, até que estamos nariz com nariz. Não posso ajudar o sorriso que se desenha em meu rosto, depois de ouvir essas palavras e ver seu rosto. — Mas acho que ainda não te penetrei pouco a pouco o suficiente.

—Concordo. — Meu sorriso se intensifica. Ambos sabemos que estou mais do que penetrada. Isso é um reconhecimento e um acordo implícito e mútuo. Ambos fomos pegos de surpresa por este fascínio recíproco. — Quer me penetrar um pouco mais agora? — pergunto inocentemente enquanto me endireito, separo as pernas e me coloco no colo dele.

Ele me ajuda, guiando minhas pernas em torno de suas costas antes de segurar meu traseiro com as palmas das mãos e me puxar...

—Acho que tenho o dever de fazê-lo. — Me dá um beijo nos lábios. — E eu sempre cumpro com o meu dever, Olivia Taylor.

— Bom — eu exalo, bato meus lábios contra os seus e cruzo os dedos das minhas mãos atrás de seu pescoço.

—Mmm — ele suspira conforme ele se levanta e me levanta contra seu corpo como se eu não pesasse nada.

Ele vai para o quarto dele e quando entramos, leva-me diretamente para a cama, onde ele se ajoelha. Avança em seus joelhos antes de se virar e apoiar as costas contra a cabeceira da cama, comigo no seu colo.

Ele inclina-se sobre a mesa de cabeceira e abre a gaveta de cima. Tirar uma camisinha e me entrega.

—Coloque em mim.

Me odeio por ficar rígida. Não tenho a menor ideia de como eles são colocados.

—Dá no mesmo, coloque você — digo tentando fazer com que o meu medo pareça falta de interesse.

— Mas eu quero que você faça isso. — me empurra para que me afaste um pouco, expondo seu rígido comprimento e segura-o verticalmente antes de me passar a camisinha. — Pegue-o.

Olho para ele e ele assente para me dar segurança, de modo que estendo e a pego.

—Fora — ordena—. Apoie na ponta e vá desenrolando para baixo com delicadeza.

É evidente que hesito em rasgar o invólucro cuidadosamente e retiro o preservativo, brincando com ele entre os dedos. Me repreendo severamente, respiro fundo e sigo suas instruções. Apoio o aro na cabeça grossa de sua ereção.

—Aperte a ponta — exala deitado enquanto observa a operação atentamente.

Aperto o extremo entre o polegar e o dedo e uso a outra mão para deslizar a camisinha pelo seu membro até que já não dá mais.

Mais uma vez, lamento ter que cobrir seu sexo.

—Não tem nenhum mistério. — Sorri ao ver a minha cara de concentração e retorna a me colocar no colo dele, tão para frente que pode levantar os joelhos um pouco por trás de mim.

Me incita a ficar reta e traz sua ereção à minha abertura. Ambos suspiramos conforme desço novamente. Eu estou atolada em um êxtase absoluto instantaneamente, contenho a respiração e me agarro em seus ombros. Lamento enquanto dá choques dentro de mim. Estou em cima, e sei que só haverá movimento quando eu permitir, mas ainda não posso me mover. Me sinto completamente cheia, mas então estica as pernas e se afunda mais em mim.

—Foda-se! —Exclamo, e estico braços rígidos contra ele, com o queixo anexado ao meu no peito.

—Você tem o controle, Livy — exala. — Se dói, vá mais devagar.

—Não me machuca. —Mexo os quadris para provar — Foda-se!

Ondas abrasadoras de prazer me invadem, a fricção esfrega meu ponto mais sensível apenas no lugar certo. Novamente eu mexo os quadris, desenhando círculos com eles.

—Eu adoro. — Relaxo os braços e pego seu rosto, segurando as bochechas entre as palmas das mãos enquanto movo os quadris novamente.

Me impulsiono para frente, juntando nossas testas e a paixão dos nossos olhos se encontram.

—Isto deve ser o céu — sussurra. — Não tem outra explicação. Me belisque.

Não o belisco. Subo e desço segurando-o firmemente para deixar claro para ele que eu sou real. Minha determinação estimula minha confiança. Eu sinto a pressão quando ele me enche, me faz perder a cabeça e sou levada para lugares agradáveis que não sabia que existiam. Isto é o efeito que tem sobre mim e, a julgar pelos gemidos que escapam de seus lábios, eu tenho o mesmo nele. Me afasto sem deixar de me mover e de apertar meus músculos para ver o rosto dele. Tem o cabelo desenfreado. Fios molhados cobrem sua testa, e o suor define os cachos suaves em seu pescoço. Eu adoro.

Me observa com os lábios ligeiramente entreabertos e as têmporas encharcadas.

—Em que está pensando? — Pergunta movendo as mãos para minhas coxas. — Diga-me em que está pensando.

— Estou pensando que restam apenas treze horas. —Meus músculos da vagina se agarram firmemente ao seu membro enquanto falo. Ajo de forma calculada, mas estou totalmente desinibida.

Estreita os olhos e faz um pequeno beicinho, e em seguida o safado empurra para cima, acabando em um segundo com minha arrogância.

—Você esteve aqui uma hora no máximo. Ainda tenho 15 horas.

—O jantar durou duas horas — resmungo. Minha mente começa a nublar, mas eu continuo me movendo sem parar. O requintado calor que estende-se por cada milímetro da minha pele eu anuncia que estou quase lá.

—O jantar não conta. —Move a mão no meu cabelo, o penteia com seus dedos e encontra meu pescoço sob os tufos molhados e selvagens. — Durante o jantar não podia tocar você.

—Você está inventando regras agora! —exclamo. — Miller!

—Você vai gozar, Livy?

—Sim! Não me diga que você ainda não está pronto — imploro apertando as pernas contra seus lados.

—Foda-se, sempre pronto para você. — Se endireita e vai direto para o meu pescoço, atacando-o com a boca, beijando e mordendo ele. — Deixe-se levar.

E eu faço. Todos os meus músculos se contraem. Grito. Deixo a cabeça para trás, deixando-a relaxada livremente enquanto tremo ao seu redor, com a mente em uma confusão turbulenta de pensamentos.

—Foda-se! — grita, me surpreendendo, mesmo em meu estado de êxtase. — Livy, sinto suas contrações.

Guia meu corpo extasiado até ele. Sou incapaz de responder, exceto pelos músculos que continuam segurando Miller dentro de mim com ganância.

Ele atinge o orgasmo com um rosnado sonoro e um movimento descontrolado dos quadris. Eu o deixo fazer, confiando que me segure.

—Não tem nem ideia do que me faz sentir, Olivia Taylor. Não tem ideia. Deixe-me ver seu rosto. — Me ajudar a erguer a cabeça, mas eu não a mantenho erguida por muito tempo. Meu peito cai para frente e o obriga a se apoiar contra a cabeceira da cama. Mas ele não está reclamando. Deixou me abrigar em seu pescoço e me permite recuperar o fôlego. — Você está bem? —pergunta com um pouco de sarcasmo.

Sou incapaz de falar, assim, então assinto. Acaricio seu bíceps enquanto ele passa a mão em minhas costas. O único som que se ouve é o de nossa respiração agitada, principalmente a minha. Mas é confortável. É natural.

—Está com sede?

Nego com a cabeça e me aconchego mais nele, contente de ficar onde estou e grata que me permita.

—Está sem fala?

Assinto, mas depois percebo que se agita abaixo de mim. Ele está rindo, e preciso desesperadamente ver a cara dele, de modo que volto à vida, me afasto de seu peito e colo seu rosto em meu campo de visão. Está sério e tem seus olhos bem abertos.

—O que foi? — pergunta preocupado, olhando para a minha expressão.

Reúno todo o ar que tenho nos pulmões e uso para formar uma frase:

—Você estava rindo de mim.

—Não, eu não estava rindo de você. — Está na defensiva, claramente pensando que me sinto insultada, mas não é assim. Estou muito satisfeita, mas com raiva por ter perdido.

—Isso não é o que eu quis dizer. Nunca te vi ou ouvi rir.

De repente, ele parece desconfortável.

—É porque não tenho muitas razões para fazê-lo.

Franzo a testa. Tenho a impressão de que Miller Hart não ri muitas vezes. Tampouco sorri também.

—Você é sério demais — digo, e parece mais uma acusação que uma simples observação, que é o que pretendia que fosse.

—A vida é séria.

—Não ria no pub com seus amigos? — Pergunto, tentando imaginar Miller bebendo uma cerveja em um local decadente. A verdade é que não o vejo.

—Não frequento bares. —Parece que minha pergunta o ofendeu.

— E os seus amigos? — insisto. A verdade é que mal posso imaginar Miller rindo e brincando com alguém, seja em um pub ou em qualquer outro lugar.

—Temo que estejamos entrando em terreno pessoal — me solta e eu quase engasgo ao ouvi-lo. Depois de tudo que eu contei?

—Você me pressionou para explicar uma coisa muito pessoal, e eu o fiz. Quando alguém faz uma pergunta, é de boa educação responder.

—Não, eu estou no meu direito de...

O corto colocando os olhos em branco dramaticamente e não posso evitar que minha mão travessa deslize até sua axila. Observa com desconfiança. Os olhos dele seguem minha mão até que começo a fazer cócegas.

Continua imperturbável. Só levanta as sobrancelhas com arrogância.

—Receio que não. — Sua expressão séria mas arrogante não dá nenhum sinal para que insista em meu empenho, então deslizo os dedos por sua clavícula até o queixo coberto de barba incipiente e o ataco com dedos brincalhões, sem qualquer efeito. Ele encolhe os ombros. — Não tenho cócegas.

—Todo mundo tem em algum lugar.

—Eu não.

Estreito os olhos, meus dedos rastejam até seu estômago e afundam ligeiramente a área dura e muscular do abdômen. Permanece impassível a minha estratégia. Suspiro.

—Nos pés?

Nega com a cabeça lentamente e suspiro mais profundamente.

—Esperava que você se expressasse um pouco mais.

Volto a levantar a sua altura e me acomodo ao lado dele, descansando a cabeça em um cotovelo flexionado enquanto ele imita a minha posição.

—Creio que me expresso perfeitamente bem. —aproxima a mão, pega uma mecha do meu cabelo loiro e começa a estragar entre os dedos. — Eu amo seu cabelo — diz olhando, como brinca lentamente com ele.

—É rebelde e incontrolável.

—É perfeito. Não o corte nunca. — Apoia a mão no meu pescoço e eu me aproximo mais dele, apenas alguns centímetros separam nossos rostos.

Não sei muito bem onde olhar, se seus olhos ou lábios. Eu escolho os lábios.

—Gosto da sua boca — confesso, e me aproximo um pouco para colocar a minha sobre a dele. Minha confiança está crescendo, e cada vez acho que é mais fácil me expressar com este homem inexpressivo.

—A minha boca encanta seu corpo — balbucia, atraindo-me um pouco mais.

—Ao meu corpo, suas mãos — respondo, deixando-me levar pelo relaxado movimento de sua língua.

—Minhas mãos gostam de como reage a elas. Murmura enquanto desliza as mãos pela minha barriga, o quadril e minhas coxas. A suavidade de suas palmas desafia sua masculinidade. Elas são limpas, lisas e sem calos, o que denota que nunca teve que trabalhar com as mãos. Sempre se veste ternos, está sempre impecável, e seus modos também são impecáveis, incluindo sua arrogância temperamental. Tudo em Miller é inexplicável, mas incrivelmente sedutor, e essa atração invisível que me empurra constantemente é confusa e estranha, embora seja impossível de resistir-lhe. E neste momento, enquanto me adorava, me sente e me toma tão gentilmente, chego a conclusão que Miller Hart se expressa sim. Ele está se expressando neste momento.

É sua maneira de fazê-lo. Pode não rir ou não sorrir muito, ou que seu rosto não seja muito expressivo na hora de falar ou de me dizer o que está pensando, mas todo seu físico me transmite seu estado emocional. E não acredito estar confundindo isso com sentimentos, não, apenas fascínio.

Me irrito um pouco quando interrompe nosso beijo, ele se afasta, olha para mim em silêncio e me coloca de novo contra seu peito.

—Durma um pouco, minha garota — sussurra, mergulhando o nariz nos meus cachos loiros rebeldes.

Não estou acostumada a dormir envolvida em um homem, mas enquanto sinto sua relaxada respiração no meu ouvido e o ouço cantarolando essa melodia suave, eu mergulho em um estado de sonolência com muita facilidade, e sorrio para mim mesmo quando noto que se afasta de mim e se levanta da cama.

Vai arrumar a casa.

Capítulo Treze

Parado na entrada do quarto dele vestido com a calça de seu terno se arrumando, enquanto envolvo meu corpo nu com os braços para me proteger. Me cobriria com os lençóis, mas o seu lado da cama está feito e não quero desarrumar. Tem o cabelo molhado e não se barbeou e, embora ele mostre uma linda aparência, me dói que não esteja na cama comigo.

—Toma café comigo? — pergunta desfazendo o nó da gravata e começando do zero.

—Claro — respondo suavemente, odiando o desconforto quando se afasta de mim.

Estou surpresa por ter acordado na luz do dia. Quando eu dormi a noite passada, eu tinha certeza de que iria passar apenas algumas horas juntos, para nos recuperarmos, antes de Miller me acordar e venerar—me novamente... Pelo contrário, ele esperou que eu acordasse. Sinto-me decepcionada, mas estou tentando não ser deixar transparecer...

Não sei por que eu olho ao redor do quarto procurando minhas roupas, porque eu sei que não estarão em qualquer lugar à vista.

— E minhas roupas?

—Tome banho. Preparei o café da manhã. —Aproxima-se do armário e aparece alguns momentos mais tarde, abotoando o colete. — Tenho que sair dentro de meia hora. Suas roupas estão na última gaveta.

Sinto-me desconfortável e gostaria de saber o que mudou. Ela está mais fechado do que nunca. Terá ele passado a noite pensando, assimilando tudo o que contei?

—Ok — respondo, porque não consigo pensar no que mais dizer.

Apenas olha para mim. Sinto-me suja e inútil, algo que eu passei anos tentando evitar.

Sem dizer uma palavra mais, pega seu paletó do armário e me deixa em seu quarto, me sinto catatônica e confusa. Eu quero me afastar desesperadamente desse mal-estar, mas, ao mesmo tempo não quero. Desejo ficar e conseguir que se abra novamente, que me veja, não a filha ilegítima de uma prostituta, mas aparentemente não tenho muito que fazer. Ele tem que sair dentro de 30 minutos, e eu preciso tomar um banho antes tomar café da manhã com ele, o que limita ainda mais meu tempo.

Levanto da cama, nua, e corro para o banheiro para tomar banho. Uso seu gel e esfrego-me com intensidade, como se desse modo pudesse segurá-lo comigo. Enxáguo o sabão com relutância, saio do banho, pego uma das toalhas limpas, e perfeitamente dobradas, que estão na prateleira e me seco em tempo recorde, antes de me vestir a toda pressa.

Ando no apartamento e o encontro na frente do espelho do hall, lutando de novo com a gravata.

—A gravata está boa.

—Não, está torta — rosna e a retira com uma sacudidela. — Merda!

Observo como passa em frente de mim indo para a cozinha. O sigo divertida e não deveria me surpreender encontra-lo na frente de uma tábua de passar, mas eu faço. Coloca a gravata em cima dela e, com absoluta concentração, desliza o ferro pela seda azul.

Em seguida, desliga o ferro e coloca a gravata no pescoço. Guarda a tábua e o de ferro e, em seguida, retorna para o espelho e começa a amarrá-la novamente com cuidado, como se eu não estivesse lá.

—Melhor — diz ele. Baixa o colarinho da camisa e olha para mim.

—Está torta.

Franze as sobrancelhas e se volta para o espelho. A move um pouco.

—Está perfeita.

—Sim, está perfeita, Miller — resmungo me dirigindo para a cozinha.

Estou espantada com a seleção de pães, doces e frutas, mas não estou com fome. Eu tenho um nó de ansiedade no estômago e a atitude formal não ajuda.

—O que você aceita? — pergunta enquanto se senta.

—Só um pouco de melão, por favor.

Assente, pega uma tigela, leva um pouco de fruta nela com uma colher e me passa um garfo.

—Café?

—Não, obrigada. — pego o garfo e a tigela e coloco-os sobre a mesa da forma mais ordenada que possa.

—Suco de laranja? Está recém espremido.

—Sim, obrigada.

Serve-me um pouco de suco e ele pega café no recipiente de vidro da cafeteira.

—No outro dia, me esqueci de lhe agradecer por quebrar minha lâmpada — diz levantando sua taça lentamente e observando-me enquanto bebe.

Me sinto corar sob seu olhar acusatório, e baixo a vista para a tigela.

—Estava escuro. Não vi nada.

—Eu te perdoo.

Eu olho com uma pequena risada.

—Bem, obrigado. E eu te perdoo por me deixar no escuro.

—Deveria ter ficado na cama — responde, e descansa confortavelmente na parte de trás de sua cadeira—. Teria feito menos bagunça.

—Sinto muito. Da próxima vez que me abandonar no meio da noite, me certificarei de ter meus óculos de visão noturna à mão.

Levanta as sobrancelhas com surpresa, mas eu sei que não é pelo meu sarcasmo.

—Que te *abandonar*?

Me encolho com um sorriso forçado e afasto o olhar dele. Deveria pensar antes de falar, especialmente na presença de Miller Hart.

—Não queria dizer isso.

—Espero que sim. Te deixei dormindo. Não te abandonei. — Continua comendo sua torrada francesa e deixa estas palavras indesejáveis flutuando no silêncio desconfortável que nos rodeia. Indesejável para mim, no mínimo. — Termine e te levo para casa.

—Por que espera isso? — Pergunto com raiva de repente. — Para que não me coloque no mesmo saco que minha patética mãe?

—Patética?

—Sim. Fraca, egoísta.

Pisca chocado e se mexe na cadeira.

—Temos um trato de vinte e quatro horas — dispara.

Aperto os dentes e me inclino para frente. Vejo com absoluta clareza que eu estou conseguindo enfurecer este homem, normalmente impassível, com minha acusação. Apesar não estar muito claro se está zangado comigo ou com ele mesmo.

—E sobre ontem à noite? O carro e depois. Você estava fingindo? Você é patético!

Os olhos de Miller escurecem e vislumbro um flash de raiva neles.

—Não me provoque, garota. Você não deve brincar com meu temperamento. Tínhamos um acordo e eu apenas estava me certificando de que cumprisse.

Meu coração se parte em mil dolorosos pedaços ao me lembrar do homem tão diferente daquele que estava comigo ontem à noite. Um homem aberto. Um homem amoroso. Não sei quem é o homem que tenho diante de mim agora. Nunca tinha visto Miller Hart perder as estribeiras. Eu já o vi nervoso, e eu o vi amaldiçoar, principalmente quando algo não está perfeito como ele quer, mas o olhar que vejo em seus olhos agora me diz que não vi nada. Isso, junto com seu aviso severo, também me diz que é melhor que não veja.

De repente me levanto — parece que meu corpo reagiu antes meu cérebro — e vou embora. Deixo o apartamento dele e começo a descer as escadas para o saguão. O porteiro me cumprimenta com a cabeça quando eu passo e respiro o ar fresco da manhã, deixando escapar um suspiro profundo. O cheiro e o som de Londres não me fazem sentir melhor.

—Estava falando com você — ouço Miller dizer furioso atrás de mim, mas isso não faz com que recupere meus modos, e me viro para reconhecer sua presença. — Livy, estava falando com você.

— E o que você disse? —inquiro.

Aparece na minha linha de visão e se planta na minha frente para observar-me cuidadosamente.

—Não gosto de me repetir.

—E eu não gosto de suas mudanças de humor.

—Não tenho mudanças de humor.

—Claro que sim. Não sei onde estou com você! Num minuto você é doce e atencioso e no próximo você está frio e cortante.

Medita minhas palavras e passa um tempo bastante longo nos olhamos, quando ele finalmente decide se pronunciar.

—Isso está se tornando pessoal demais.

Respiro profundamente e retenho o ar, tentando com todas as minhas forças não gritar. Sabia que isso ia acontecer a partir do momento que abri os olhos essa manhã. Mas isso não faz com que doa menos.

—Isto tem alguma coisa a ver com sua sócia? Ou sou eu e minha história sórdida?

Ele não responde, mas se limita a olhar para mim em silêncio.

—Não deveria ter me aberto tanto para você — sussurro suavemente.

—Provavelmente não, — responde sem hesitação.

Sua resposta me apunhala na alma e me obrigo a sair, antes que minhas emoções explodam. Não penso em chorar na frente dele. Coloco meus fones de ouvido, seleciono o modo aleatório no iPod e rio para mim mesma quando *Unfinished Sympathy* de Massive Attack inunda meus ouvidos e me acompanha todo caminho até em casa.

—Você não parece melhor, Livy— Del diz enquanto me examina com olhos de preocupação. — Talvez você devesse ir para casa.

—Não.

Não é nada fácil, mas forço um sorriso para tranquilizá-lo. Minha avó está em casa e eu preciso me distrair não de um interrogatório. Estava toda sorrisos quando entrei pela porta esta manhã, até ter visto meu rosto. Então começaram as perguntas, mas rapidamente escapei para o meu quarto, deixando a mulher andando no corredor fora do meu quarto, jogando suas perguntas contra a porta, sem que eu respondesse a qualquer uma. Não deveria me irritar com minha avó, deveria concentrar toda a minha raiva em Miller, mas se ela não tivesse interferido e não o tivesse convidado para jantar, ontem à noite não teria acontecido e agora eu não estaria neste estado.

—Estou muito melhor, realmente.

Fujo para a cozinha para me esquivar de Sylvie, que está no caixa. Passa toda a manhã tentando conseguir informações. Felizmente para mim, temos muito trabalho, assim até agora consegui escapar de seus interrogatórios e estive ocupada limpando as mesas e servindo café.

Durante o almoço, aceito o sanduíche de atum com maionese que Paul me oferece, mas decido comer enquanto faço outras coisas, porque se sair para descansar, logo depois virá Sylvie para encontrar respostas. Eu sei que é muito ruim da minha parte, mas já me dói a cabeça ao pensar constantemente nele e falar sobre isso só vai me fazer chorar. Recuso-me a chorar por um homem e menos ainda por um homem que poderia ser assim tão frio.

—Você gosta? —pergunta Paul sorrindo enquanto tira algumas folhas de alface do escorredor.

—Mmm. — mastigo e engulo. Então limpo a boca de maionese. — Está delicioso. — Digo com sinceridade total, olhando para a outra metade que falta para comer. — Tem alguma coisa diferente.

—Sim, mas não me pergunte o que é, porque não vou dizer.

—É uma receita secreta de família?

—Exatamente. Del nunca me despedirá enquanto o atum crocante permanecer no sanduíche mais vendido, e eu sou o único que sabe como prepará—lo. — Me lança um olhar e distribui a alface entre as fatias de pão cobertas com a receita secreta de Paul. — Aqui está. São para a mesa quatro.

—Tudo bem. — Empurro a porta de trás da cozinha com as costas, ignorando Sylvie e me dirijo para mesa quatro. — Dois sanduíches de atum crocante com pão de sementes — digo deslizando os pratos na mesa. Bom apetite.

Os dois homens de negócios me agradecem, estou saindo e topo com Sylvie na cozinha, quando volto a atravessar a porta. Tem os braços nos quadris. Não é um bom sinal.

—Você não parece melhor, mas você não está doente. — esperta afastando-se ligeiramente para me deixar passar. — O que você tem?

—Nada — respondo muito na defensiva e repreendo-me instantaneamente por isso. — Estou bem.

—Eu sei que te seguiu...

—O quê? —endureço os ombros.

Sei perfeitamente ao que Sylvie se refere, mas não quero ter essa conversa. Estou muito sensível e falar sobre isso só vai piorar as coisas.

—Quando esteve a ponto de desmaiar e Del a mandou para casa, ele te seguiu. Eu ia procurar você, mas tinha que trabalhar. O que aconteceu?

Sigo sem olhar para ela, e tomo meu tempo para esvaziar a máquina de lavar louça. Poderia ir embora, mas para isso teria que enfrentá-la, e acho que não me deixará passar.

—Não aconteceu nada. Eu fui embora.

—Bem, eu imaginei ao vê-lo novamente com cara de poucos amigos, e ontem apareceu na cafeteria.

Ficou com raiva? A ideia me alegra, por mais estúpido que seja.

—Então, aqui está sua resposta — digo assim mesmo, enquanto pego uma bandeja, mas adiando meu retorno para a área do lounge. Ela não acabou ainda, e continua no meu caminho.

—Ele estava novamente com aquela mulher.

—Eu sei.

—Estava em cima dele o tempo todo.

Forma-se um nó em minha garganta.

—Eu sei.

—Sim, mas estava claro que ele tinha a mente em outro lugar.

Me viro, e finalmente, olho para ela, e me encontro com a expressão que estava temendo: os olhos inclinados e seus lábios rosa intenso franzidos.

—Por que está me dizendo tudo isso? — pergunto.

Ela encolhe os ombros e o cabelo curto e preto toca os ombros dela.

—Porque ele vai te trazer problemas.

—Eu sei — murmuro. — Porque você acha que eu fui embora? Eu não sou idiota. —Eu deveria me bater pelo meu totalmente inapropriado comentário. Eu sou muito idiota.

—Você está deprimida. — Sylvie me atravessa com seu olhar inquisitivo e com toda razão do mundo.

—Eu não estou — respondo num tom convincente. — Se importa se eu voltar ao trabalho?

Ela suspira e se afasta do meu caminho.

—Você é muito inocente, Livy. Um homem como esse te comerá viva.

Fecho meus olhos e respiro fundo, enquanto passo ao lado de Sylvie. Não há necessidade de falar sobre o jantar em família, e eu gostaria do fundo do meu coração que não houvesse nada para contar.

Minha semana não melhora. Minha avó voltou a Harrods duas vezes com a desculpa de que George diz que seu bolo de abacaxi estava delicioso e que queria voltar a prepará-lo... duas vezes. Suas esperanças secretas de esbarrar com Miller no caso improvável de que esteja lá comprando mais ternos não teve nada a ver com sua compulsão para gastar trinta libras em dois abacaxis. Eu tenho evitado Gregory a todo o custo, depois que me deixou uma mensagem de voz tensa, me

dizendo que minha avó disse-lhe tudo e acha que sou idiota. Eu sei de tudo isso.

Pulo o café da manhã e escapo pela porta para evitar minha avó. Estou ansiosa para terminar meu dia na sexta-feira. Tenho planos de me perder na grandeza de Londres esse fim de semana e estou ansiosa. É só o que eu preciso.

Caminho pela rua com meu vestido de malha longo esfregando meus tornozelos e o calor do sol da manhã aquecendo meu rosto. Como sempre, meu cabelo faz o que o agrada, e hoje está mais crespo do que o habitual, porque quando eu fui para a cama ainda estava molhado.

—Livy!

Sem pensar, acelero o passo, embora saiba que eu não vou muito longe. Ele parece irritado.

—Baby, vai ser melhor que pare agora, ou você terá um problema sério!

Paro imediatamente, sabendo muito bem que eu já o tenho, e espero que me alcance.

—Bom dia! —Minha saudação, entusiasmada, não vai colar e, quando chega à minha frente com seu rosto atraente distorcido por seu descontentamento, não posso evitar encará-lo com o cenho franzido também. — O que está acontecendo? — vocifero para ele, e retrocede atordoado.

Estou chateada com meu melhor amigo, embora eu não tenha direito de estar. É sexta-feira, mas está usando um jeans rasgado, uma camiseta apertada e um boné de baseball. Onde está seu uniforme de jardineiro?

—Não fale assim comigo! — Responde imediatamente. — O que aconteceu com aquilo de se manter longe dele?

—Eu tentei! —grito — Tentei com todas as minhas forças! Mas nos encontramos com ele no Harrods e minha avó o convidou para jantar!

Gregory fica mais atordoado ainda ante minha fúria incomum, mas suas feições cinzeladas relaxam.

—Não precisava ter ido com ele — assinala suavemente. — E, claro, não tinha porque ter dormido em sua casa.

—Bem, eu o fiz, e gostaria de não tê-lo feito.

—Ah, Livy. — Se aproxima e me envolve em seus braços. — Você deveria ter respondido minhas chamadas.

—Por que pudesse brigar comigo? — estalo contra sua camisa. — Eu sei que eu sou uma idiota. Não preciso de ninguém para me confirmar.

—Quase morro ao ver sua avó tão animada — diz com um suspiro. —Porra, Livy, já a vi comprar um chapéu para a cerimônia.

Rio porque, caso contrário, eu choraria.

—Silêncio, Gregory. Não vou ser capaz de suportar muito mais. Só esteve jantando conosco por um par de horas. Ela ficou encantada e agora não entende nada e se pergunta por que não saio com ele.

—Viado.

—Já te disse que você é o único chupador de pau que conheço.

Sinto que ri levemente, mas quando me afasto de seu peito, sua expressão é séria.

—Por que foi com ele? —pergunta.

—Eu que não posso recusá-lo quando ele está comigo, suspiro carrancuda. —Essas coisas passam.

— E você ainda não o viu a semana toda?

—Não.

Ele arqueia sua sobrancelha loira.

—Por que não?

Droga, eu gostaria de dizer que o deixei por vontade própria, mas Gregory se daria conta de que estou mentindo em um instante.

—Primeiro foi maravilhoso e em seguida horrível. Um momento era doce e em seguida um casulo. — Me preparo. — Contei-lhe sobre minha mãe.

Vejo a surpresa refletida no rosto de Gregory, e vejo também que ele se sente um pouco mal. Ele sabe que eu nunca falo sobre ela, nem mesmo com ele, e eu sei que ele gostaria que eu fizesse. Ele se recompõe e se obriga a transformar a dor de seu rosto em desprezo.

—Chupador de pau — cospe. — Muitas vezes o casulo. Você tem que ser forte, querida. Uma coisa assim tão doce como você acabará virando pó com um homem assim.

Minhas narinas se alargam e mordo minha língua para que minha resposta natural a essa frase saia da minha boca. Não consigo.

—Porra, que vão todos tomar no cu — protesto e meu amigo se afasta assustado. O afasto de meu caminho e ando pela rua sulfurosa.

— Vê? Isso é o que eu quero. Que traga pra fora seu lado mau.

—Foda-se! — grito, surpreendo-me com minha língua vulgar.

—É isso! Continue assim, cadela boca-suja!!

Lanço um grito abafado de indignação, me viro e o vejo sorrindo de orelha a orelha.

—Idiota!

—Vaca!

—Cachorro!

Ainda rindo.

—Cadela!

—Gay!

—Sua puta!

Paro horrorizada.

—Eu não sou nenhuma puta!

Ele empalidece instantaneamente, percebendo seu erro.

—Merda, Livy, perdoe-me.

—Não se incomode! —Me afasto furiosa. Meu sangue ferve de raiva ante seu comentário insensível. — E nem pense em me seguir, Gregory!

—Foda-se, eu não disse isso sério! Sinto muito! —Me levanta nos braços para evitar que eu continue andando. —Deixei escapar uma palavra estúpida.

Continua caminhando comigo em seus braços. Estendo minha mão, afasto seu cabelo e o

espeto:

—Idiota.

Sorrindo, ele inclina a cabeça e me beija na bochecha.

—Domingo eu tive um encontro.

—Outro? —Coloco os olhos em branco e me agarro mais firmemente a seus ombros. — Quem é o sortudo desta vez?

—Na verdade, foi nosso quarto encontro. Se chama Ben. —O rosto de Gregory torna-se pensativo e sonhador e faz com que eu preste mais atenção. Fazia anos que não o via assim.

—E... — o incentivo a continuar, me perguntando como é possível ter saído quatro vezes com o mesmo cara sem me dizer nada. Mas não posso culpá-lo. Não depois de ter estado escondendo o meu.

—Ele é bonitinho. Talvez eu te apresente.

—Realmente?

—Sim, sério. Trabalha como um planejador de eventos freelance. Já lhe falei muito sobre você e quer conhecê-la.

—Sim? —Inclino a cabeça e ele sorri timidamente—. Ahhhh... — exalo.

—Sim, ahhhh.

—Benjamin?

—Não! — me olha com suspeita e continua caminhando com passo regular pela rua comigo ainda saltando em seus braços. — Só Ben.

—Benjamin e Gregory — sussurro com ar pensativo. — Parece bom.

—Ben e Greg soa muito melhor. Porque insiste em me chamar de Gregory? Nem mesmo sua avó faz. Soa gay — rosna.

—Você é gay! — me acabo de rir, e ele me afunda os dentes no pescoço para me punir por minha insolência. — Pare!

—Vem. —Deixa-me no chão e me pega o braço. — Te acompanho ao trabalho.

—Não trabalha hoje?

—Não. Eu terminei meu projeto mais recente antes do tempo e tenho compromisso para cortar o cabelo.

—Ah, sim? —sorrio para ele. — O dia todo livre para cortar o cabelo?

—Cale-se. Já lhe disse que terminei o projeto antes do tempo.

Sorrio novamente e eu me pergunto por que eu tenho evitado meu amado Gregory, durante toda semana passada. Já me sinto mil vezes melhor.

Capítulo Quatorze

No trabalho ninguém me pergunta se eu estou bem, é óbvio que estou. Ou será que a minha alegria os tem deixado sem palavras? Quem se importa. Gregory levantou minha moral. Devia ter encontrado com ele antes.

—Garçonete! — Paul grita assim que me aproximo com a bandeja e ele possa enchê—la. — Por que está tão feliz hoje?

Sorri e deposita um atum crocante na minha bandeja.

Sylvie deixa um monte de pratos vazios e se aproxima de nós.

—Não pergunte, Paul. Aproveite.

—É sexta-feira — digo encolhendo os ombros.

Dou meia volta e saio da cozinha alegremente. Eu me aproximo da mesa e me deparo com um sorriso deslumbrante, cortesia de Luke, cortesia do senhor de olhos arregalados. Meu bom humor não me permite ser indelicada, assim retorno seu sorriso.

—Atum crocante?

—Para mim — responde, e o deslizo sobre a mesa. —Você está especialmente linda hoje.

Coloco os olhos em branco, mas sem perder o sorriso.

—Obrigado. O que posso trazer para você beber?

—Nada, estou bem.

Mexe-se em seu assento e seus olhos castanhos quentes e amigáveis não se afastam de mim.

—Eu ainda estou esperando um encontro.

—Ah, sim? — coro um pouco, e para escondê-lo, começo a limpar a mesa ao lado.

—Posso te convidar para sair?

Passo o pano com fúria. A mão dá tantas voltas como a cabeça.

—Sim — respondo sem estar ciente de que eu disse em voz alta até que me ouço dizê-lo.

—Realmente? —Parece tão surpreso quanto eu.

Eu deixei a mesa brilhando, mas continuo passando o pano com cuidado.

Acabei de aceitar um encontro com ele?

—Sim — confirmo sem deixar meu espanto.

—Ótimo!

Tento que minhas bochechas parem de queimar, e me viro para ver...meu encontro. Agora sim ele sorri de verdade e está anotando seu número de telefone em um guardanapo. Isso me traz memórias indesejadas que rapidamente tento esquecer. Posso sair uma noite com o Luke. Na realidade, eu preciso sair uma noite com o Luke.

—Quando parece bom pra você?

—Hoje à noite?

Me olha esperançoso e me dá o guardanapo.

O pego sem dar atenção às minhas dúvidas. Não posso continuar vivendo como até agora e ainda menos depois de meus encontros com Miller Hart. Preciso começar a viver, esquecê-lo, esquecer minha mãe. Começar a viver sabiamente.

—Hoje à noite. Onde e a que horas?

—Na porta da Selfridges às 08:00? Há um pequeno bar na rua que você vai adorar.

—Ótimo, nos vemos hoje à noite.

Pego minha bandeja e deixo Luke com um sorriso no seu rosto, que não some nem ao dar a primeira mordida de seu sanduíche.

—Não vai me deixar plantado, certo? — diz com sua boca cheia quando estou saindo. Esse absurdo me faz pensar sobre boas maneiras e...

—Claro que não — garanto que com um sorriso.

Tem a boca cheia de sanduíche, coisa que me incentiva ainda mais. É possível que não jogue na mesma liga que Miller Hart, mas é bonito e sua atitude despreocupada e sua falta de boas maneiras me dão ainda mais razões para aceitar sua oferta.

Quando atravesso a porta da cozinha, os lábios rosa de Sylvie sorriem para mim maliciosamente.

—Estou tão orgulhosa de você!

—Não continue, por favor!

—Não, eu quero dizer isso. É muito bonito e muito normal.

Me ajuda a baixar a bandeja e não posso deixar de sorrir ao olhar para ela.

—Pense que é um novo começo.

Eu franzo o cenho e me pergunto se isso é o que devo fazer. Conheço Sylvie a pouco tempo, mas é como se a conhecesse por toda a vida.

—É apenas um encontro, Sylvie.

—Eu sei, mas sei também que Olivia Taylor não sai nunca com ninguém. E é exatamente o que você precisa.

—O que eu preciso é que deixe de dar tanta importância.

Começo a rir. Sei que se refere a eu precisar esquecer alguém, mas estou chegando à conclusão de que já virei a página. Esse alguém não tem nome. Esse alguém nem sequer existe. Há muito tempo que me esqueci desse alguém.

—Ok, ok. —Sylvie se afasta sem deixar de sorrir, um mar de felicidade. — O que você vai vestir?

Empalideço só de pensar.

—Meu Deus, o que eu vou vestir?

Tenho o armário cheio de Converses de todas as cores, montanhas de jeans e uma imensidão de vestidos de flores, mas todos eles são brilhantes e femininos; Não há nada definido e sexy.

—Não entre em pânico. —Me pega pelos ombros e me olha muito séria. — Vamos às compras quando sairmos do trabalho. Temos apenas uma hora, mas garanto que pensaremos em algo.

Olho os jeans apertados de Sylvie e botas com tachas e me pergunto se realmente devo ir às compras com ela. Eu tenho uma ideia.

—Não, não se preocupe! — me solto das mãos da minha amiga e corro para procurar meu telefone em minha bolsa. — Gregory não trabalha hoje. Ele me levará as compras.

Nem sequer parei para pensar que seria possível que tenha ferido os sentimentos de Sylvie até que ela libera um suspiro de alívio e anda irritada.

—Graças a Deus! —exclama caindo contra a bancada. —Por você teria sido capaz de ir ao Topshop, Livy, mas teria sido um inferno.

Franze o cenho.

— Gregory? É um cara?

—Sim, meu melhor amigo. Tem muito bom gosto para roupas. Basta confiar.

—É gay, certo?

—Só oitenta por cento. — corro para a porta da cozinha, vou para o beco e disco o número de Gregory enquanto caminho de um lado para outro.

—Olá, boneca!

—Eu tenho um encontro esta noite — respondo com pressa — E não tenho nada para vestir. Você tem que me ajudar!

—Com ele? — atira. —Vai sair com aquele desgraçado, nada!

—Não, não, não! É com Don olhos arregalados!

—Quem?

—Luke. Um cara que está há semanas me pedindo para sair com ele. Veja, por que não. — encolho os ombros e eu quase posso ouvir que Gregory se emociona.

Começa a falar e seu tom confirma minhas suspeitas.

—Oh, meu Deus! —Diz com um gritinho afiado. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Que horas sai do trabalho?

—Às 05:00, e marquei com Luke às 08:00.

—Só tem três horas para comprar roupas e se preparar? Isso sim é um desafio! Mas seremos bem sucedidos. Te pego às 05:00.

—Ok. —Desligo e apresso-me para a cozinha antes que Del perceba minha ausência. Teremos que ir a toda pressa, mas tenho fé em Gregory. Tem um gosto impecável.

Enquanto Del fecha, corro para minha bolsa e minha jaqueta de brim. Dou a Sylvie um beijo na bochecha, e me despeço de Paul com a mão, os deixando morrendo de rir na cozinha.

—Boa sorte! —ouço Sylvie dizer.

—Obrigado!

Saio para a rua e vejo que Gregory está esperando por mim na calçada do outro lado da rua. Move os braços para indicar que me apresse.

—Temos três horas para te vestir, prepará-la e entregá-la ao seu encontro. Essa é a minha missão, e decidi cumpri-la.

Ele sorri e passa o braço pela minha cintura para me guiar a toda a velocidade para a Oxford Street.

—Vejo você feliz.

—Eu estou — admito para minha surpresa. Me agrada ter um encontro. — Penteado bonito.

—Obrigado — ele diz passando os dedos pelo cabelo com um sorriso contagiante.

—É um pouco triste que eu nunca tive um encontro?

—Uma tragédia.

Dou—lhe uma cotovelada.

—Você saiu o suficiente por nós dois.

—O que também é uma tragédia. Mas é possível que logo me converta em um homem de um homem só.

—Mas já não era? — pergunto enquanto cruzo os dedos para que nada dê errado.

É bonito para caramba, e é lógico que sempre teve vantagem em relacionamentos, mas, ele é bom demais, o que já lhe custou caro no passado. Quando está solteiro, sai de flor em flor, mas é sempre fiel, quando tem um parceiro.

—Não podemos fechar a banda, Livy. —Diz muito determinado, mas tem esse olhar que grita aos quatro ventos que está caidíssimo.

Eu estou meio morta quando chegamos em casa. Usei até o último centavo que ganhei desde que comecei a trabalhar para Del e tenho três conjuntos (todos os três são muito curtos e nenhum do meu estilo) e dois pares de sapatos (que não são Converse). Esta noite só poderei colocar um par de sapatos, e quanto aos vestidos... Não sei em que eu estava pensando.

Estou enrolada em uma toalha na frente do armário, inspecionando meus três vestidos novos.

—Coloque o preto — sugere Gregory com um suspiro enquanto desliza a mão pelo vestido curto e apertado. — Com os sapatos de ponta e salto agulha.

Só de olhar para os vestidos fico tonta, então me concentro nos sapatos. Faz muito tempo que não uso salto alto.

—Me dão medo — sussurro.

—Bobagem — diz um aceno que ignora minha preocupação.

Então ele se aproxima da cama e tira a lingerie fina que me forçou a comprar. Perdemos vinte minutos na La Senza, discutindo sobre conjuntos de rendas. Agora mesmo tem um nas mãos. A verdade é que ele está certo. Eu não posso colocar minha roupa de algodão branco com este tipo de vestidos.

—Um cara pode ser oitenta por cento gay, mas, uma mulher com lingerie sexy... — me passa o conjunto. — Experimente.

Continuo com a boca fechada por medo de soltar algo inadequado e coloco a calcinha enquanto mantenho a toalha em seu lugar. O sutiã não é tão fácil e no final eu tenho que virar as

costas para Gregory, que não parece se importar de me ver nua.

Ele irrompe em gargalhadas quando luto com o sutiã, e grunho para mim mesma. Não gosto de com está se divertindo, enquanto coloco minha vergonha de peito nas taças. Olho para baixo e me surpreendo ao ver algo parecido com um decote.

—Vê? — diz Gregory arrancando—me a toalha. — Sutiãs acolchoados são a melhor invenção da humanidade.

—Gregory! —Cubro meu peito com as mãos. Estou nua e sou modesta, mas ele se aproxima para me ver de frente.

Estreita seus olhos e cobre minha pequena figura com o olhar.

—Minha mãe, Livy!

—Parem já com isso! —Tento, em vão, recuperar a toalha, mas não tem qualquer intenção de me devolver. — Dê para mim!

—Está comestível — e declara com a boca e os olhos muito abertos.

— Mas você não era gay?

—Ainda assim, admiro as curvas de uma mulher, e você tem algumas, boneca.

Joga a toalha na cama.

—Se você não é capaz de estar na minha frente, de lingerie o que vai acontecer quando for outro homem?

—Não é mais do que um encontro, só isso. — pego secador para escapar do olhar de Gregory. — Poderia parar de olhar para mim?

—Sinto muito.

Tenta retornar ao mundo real e pluga um dispositivo estranho para o cabelo: uma prancha, eu acho.

—O que você vai beber?

A pergunta me pega de surpresa. Não pensei sobre isso. Aceitei um encontro, estou me preparando para um encontro e vou participar de um encontro, não é suficiente? Nem mesmo me ocorreu em pensar no que vou beber ou o que vou falar durante o mesmo.

—Água! —grito para que me ouça, apesar do secador.

Ele recua com uma cara de nojo.

—Você não pode ir para um compromisso e beber água!

Dou—lhe um olhar assassino que ele ignora completamente.

—Não preciso de álcool.

Desmorona derrotado na minha cama.

—Livy, tome um copo de vinho.

—Ei, já é o suficiente que eu vá sair com um homem. Não me pressione para beber. — Deixo a cabeça para baixo e meu cabelo loiro cobre tudo. —Um passo de cada vez, Gregory — adiciono pensando que preciso manter a cabeça fria e álcool não ajudaria. Mas não precisei beber para perder a cabeça na companhia de Miller Ha...

Me endireito novamente na esperança de sacudir sua memória. Funciona, mas não tem nada a ver com ter levantado a cabeça, mas porque Gregory está me olhando espantado.

—Sinto muito! — exclama e finge estar muito ocupado tirando os meus sapatos.

Deixo o secador e olho com desconfiança a prancha que solta fumaça em uma esteira no piso acarpetado. Parece perigoso.

—Acho que eu vou deixar meu cabelo como está.

—Não, — responde ele com pesar. — Sempre quis vê-la com o cabelo macio e suave.

—Não vai me reconhecer — protesto. — Você vai me colocar nesse vestido e usar salto alto e ainda por cima quer alisar meu cabelo.

Começo a passar hidratante E45 no rosto.

—Me pediu para sair com ele, não que eu me torne um objeto sofisticado que você está tentando criar.

— Você nunca será um objeto sofisticado — responde. — Você vai ser você mesma, mas melhorada. Acho que você deveria me deixar tomar as decisões.

Se levanta, pega o vestido e puxa para fora do cabide.

— E como você sabe o que um homem deseja em uma mulher?

—Porque eu saí com mulheres.

—Não nos últimos dois anos ou mais — enfatizo lembrando cada uma das ocasiões e sempre foi depois de terminar com um homem.

Ele dá de ombros com despreocupação e me traz o vestido.

—Não estávamos falando sobre você? Cale a boca e coloque esse corpinho neste excelente vestido. —Levanta e abaixa as sobrancelhas corajosamente e, relutantemente, o deixo colocar o vestido pela cabeça e desliza no meu corpo. — Aí está.

Ele dá um passo atrás e me dá uma boa olhada, enquanto entro nos saltos assassinos de pés.

Me olho. O vestido abraça todas as curvas que eu não tenho e meus pés estão em um ângulo ridículo. Estabilidade zero.

—Não sei — digo sentindo que me equivoquei com a roupa. Gregory não responde, olho para ele, e vejo que ele está atordoado. — Estou ridícula?

Fecha a boca com um som de estalo e parece que se dá um tapa mental para retornar para o mundo dos vivos.

—Eh..., não... É que... — estoura em uma gargalhada. — Droga, eu fiquei excitado.

Me sinto virar um tomate.

—Gregory! —cuspo.

—Sinto muito! —Reposiciona a virilha e me viro para não vê-lo. Quase caio por causa dos malditos saltos.

Ouço Gregory suspirar.

—Livy!

—Merda! —torço meu tornozelo, deixo cair o sapato e começo a pular como um canguru. — Porra, que dor!

—Ah, senhor. —Gregory sem jeito atrás de mim. O bastardo. Você está bem?

—Não!

Tiro meu outro sapato de um chute.

—Não penso em colocá—los!

—Mulher, não seja assim. Prometo me conter.

—Se supõe que você seja gay! —Exclamo pegando um sapato e agitando sobre minha cabeça. — Eu não posso ir com isso.

—Você nem sequer experimentou!

—Coloque ele você e então me diga que é fácil.

Lhe atiro o sapato, ele ri e o pega no ar.

—Livy, isso me transformaria em uma *dragqueen*.

—Me parece perfeito!

Meu amigo perde o controle e colapsa na minha cama gargalhando.

—Você me fez chorar de rir!

—Cretino — grunho removendo meu vestido de uma vez. — Cadê meu Converse?

—Esqueça.

Ele olha para cima e vê que já não estou nem com os sapatos ou o vestido.

—Não! Mas você estava fabulosa!

Corre meu corpo nu, com o olhar.

—Sim, mas não podia andar — resmungo dando passos na direção do meu armário.

Essa raiva é motivo suficiente para manter meu estilo de vida chato. Ultimamente estou me deixando cair numa enxurrada de novas situações e me sinto irritada, chateada, com raiva e inútil na maioria das vezes. Por que o esforço em me fazer isto?

Tiro um vestido creme de chiffon, coloco e me dou conta que eu tenho lingerie preta e tudo está transparente. Estou começando a despir—me outra vez e digo a Gregory que afunde a cabeça no travesseiro, então posso tirar minha roupa rapidamente e em paz. Quando termino, estou com minha lingerie de algodão branca, meu vestido cor creme, minha jaqueta jeans e meu Converse azul marinho. Já me sinto muito melhor.

—Pronto — proclamo colocando um pouco de blush nas minhas bochechas e um pouco de brilho rosa.

—Um desperdício de compras — murmura Gregory se levantando da cama e se aproximando.— Você está bonita.

—Sério?

—Sim, porque você está sempre linda, mas parecia menos fácil com o vestido preto. Tinha lhe dado poder, havia ganhado confiança em si mesma.

—Gosto de ser como sou — contra-ataco, me perguntando se o que eu digo é verdade.

A verdade é que eu já não sei. Faz semanas que não penso claramente. E isso é porque estou pensando em coisas que não tinha pensado e forçando meu corpo a fazer coisas que eu nunca tinha imaginado.

—Só quero você expresse quem você é um pouco mais, como você fez antes. — sorri me acaricia o cabelo.

—Gostaria de me ver zangada? — Porque é assim como me sinto. De mau humor. Irritada. Sob-pressão.

—Não, eu quero ver esse brio que você esconde. Sei que o leva aí dentro.

—O brio é perigoso.

Eu o dispenso e transfiro minhas coisas da mochila para uma bolsa transversal um pouco mais apropriada.

—Vamos antes que eu me arrependa — murmuro ignorando seus grunhidos de desaprovação enquanto ando para o corredor.

Agradeço aos deuses dos Converses quando desço as escadas com meus confortáveis e estáveis sapatos, mas o sorriso se apaga do meu rosto assim que vejo minha avó mais dando voltas para cima e para baixo. George se desvia do seu caminho, cada vez que ela dá meia volta e se encosta à parede para que não passe por cima dele.

—Aí está! — diz George, aliviado ao ver que não está em perigo de ser pisoteado. — E está linda.

Paro no último degrau e minha avó que me inspeciona de cima a baixo, logo se fixa em Gregory atrás de mim.

—Você disse que ela usaria saltos — diz com descrença. — Disse que colocaria um vestido preto bonito e saltos combinando.

—Eu tentei — rosna Gregory em voz baixa e viro a cabeça para lhe jogar uma olhar inquisidor. Ele me devolve. — É impossível resistir aos interrogatórios de sua avó.

Suspiro de frustração, desço o último degrau e passo junto a minha avó desejando escapar do pandemônio.

—Adeus.

—Divirta-se! —Ela diz— Esse vale mais do que esse tal Miller?

—Muito mais! —garante Gregory com segurança, coisa que me faz andar mais rapidamente. E como ele sabe isso? Não conheço a nenhum dos dois.

—Vê? —George ri. — E quanto a minha torta de abacaxi?

Sigo andando em linha reta, enquanto agradeço por usar sapatos, planos e estou ansiosa para ver meu encontro, para estar longe de casa e minha avó. É terrível pensar assim mas, senhor, daí-me forças! A vida tranquila era fácil, mais ou menos, exceto quando caía em algum sermão por minha vida de reclusão. Agora é uma sequencia constante de perguntas e interrogatórios. É um horror.

—Livy!

Gregory me alcança no fim da rua.

—Você está muito fofa.

—Não tente me fazer sentir melhor. Estou bem, e não é graças a você.

—Hoje você está mal-humorada.

—Tampouco graças a você. —Deixo escapar um gritinho quando meus pés já não tocam o asfalto. — Quer parar com isso?

—Insolente. Eu te amo mesmo quando você é afiada.

—Você merece. Deixe-me ir.

Deixa-me no chão e alisa meu vestido.

—Eu estou indo na direção oposta. Saiba que te amo e que agora te deixo em paz. — Me belisca a bochecha. — Seja boa.

—Que absurdo dizer isso justo para mim. — dou um pequeno murro em seu ombro para tentar que as coisas entre nós voltem ao normal.

—Normalmente sim, mas minha melhor amiga desenvolveu um gene bastante idiota nessas últimas semanas — replica retornando-me um soco no ombro.

Ele está certo, mas eu também consegui perder este gene, então não tem porque se preocupar e eu tampouco.

—Eu tenho um encontro, isso é tudo.

—E um pouco beijos não faria mal, mas sem trapaça, até que eu o conheça. Eu preciso verifica-lo antes. Ele agarrou meus ombros e me vira.

—Não chegue tarde.

—Te ligo depois — digo enquanto começo andar.

—Apenas se não tiver nada entre as mãos.

Viro a cabeça para colocar uma cara ruim, mas ele finge não notar.

Quando eu chego ao Selfridges são dez para às oito. Oxford Street está movimentada, apesar da hora, assim encosto-me no vidro da janela e assisto o ir e vir. Tento parecer relaxada. Não consigo.

Cinco minutos mais tarde decido que é hora de brincar com o telefone para parecer muito mais tranquila. O pego e começo a escrever uma mensagem para Gregory para passar o tempo.

Quanto devo esperá-lo?

Aperto «Enviar» e o telefone começa a tocar instantaneamente. O nome de Gregory aparece na tela.

— Olá — respondo, grata que me ligou porque falar por telefone me faz parecer ainda mais relaxada.

—Não chegou ainda?

—Não, mas ainda não são oito.

—Dá no mesmo! Merda, deveria ter feito você chegar tarde. É a regra número um.

—O quê? — mudo de postura e me apoio com o ombro contra o vidro da vitrine.

—As mulheres devem sempre chegar tarde. Todos sabem disso. —Meu amigo não aparece feliz.

Sorrio para a multidão de estranhos andando apressadamente pela rua.

— E o que acontece quando os dois são homens? Quem tem que estar atrasado?

—Que engraçada você é, boneca. Que engraçada.

—É uma pergunta razoável.

—Pare de virar a conversa para que falemos de mim. Ele já chegou? — levanto o olhar para e olho ao redor, mas não vejo Luke.

—Não. Quanto tempo devo esperar?

—Já não gostei — Gregory resmunga. — dois casulos em duas semanas. Você está bem!

Rio para mim mesma. Concordo com meu amigo, o ofendido, ainda que não vá dizer.

—Obrigada.

Apoio minhas costas contra a janela e suspiro.

—Não respondeu minha pergunta. Quanto tempo eu deveria...?

Minha língua vira trapo enquanto assisto a um carro. Sigo com a cabeça enquanto avança pela Oxford Street. Deve haver milhares de Mercedes pretas em Londres; Por que esse me chama a atenção? Será a cor? A placa com AMG?

—Livy? —Gregory me traz de volta a realidade. — Livy, está aí?

—Sim — digo observando como a Mercedes faz uma curva proibida antes de voltar até mim.

—Já chegou? —Pergunta meu amigo.

—Sim! — grito. — Tenho que ir.

—Antes tarde do que nunca. Divirta-se.

—Claro. — Apenas consigo pronunciar as palavras, porque eu tenho um ovo na garganta. Desligo rapidamente e olho para o outro lado, como se não o tivesse. Eu deveria ir embora? E se Luke aparece e eu não estou? Não se pode estacionar em Oxford Street, então não pode parar. Supondo que é ele. É possível que não seja ele. Merda, eu sei que é ele. Me afasto da vitrine e peso minhas opções, mas antes que meu cérebro possa tomar uma decisão, meus pés são postos em movimento e me levam para longe da minha fonte de arrependimento. Caminho com decisão, respirando profundamente, concentrando-me em manter ritmo.

Fecho meus olhos, quando o carro passa lentamente ao meu lado e só os abro quando um empresário com pouca paciência me empurra de lado e me embaraça em público por não olhar onde estou indo. Nem sequer consigo reunir forças para me desculpar. Continuo andando e vejo que o carro parou. Paro de andar. A porta do motorista se abre. Seu corpo flui para fora do veículo, como o mercúrio, se coloca de pé, fecha a porta e abotoa os botões do terno cinza. A camisa e gravata preta realçam seus cachos escuros e leva barba de dois dias. Está magnífico. Me ganhou e nem mesmo o tenho perto. O que quer? Porque parou?

Obrigo minha mente a pensar com racionalidade e me coloco em ação. Volto a andar na direção oposta. Pés, para que te quero?

—Livy!

Ouço seus passos que se aproximam, e as batidas dos sapatos caros no asfalto, mesmo entre o barulho de Londres.

—Espera Livy!

A surpresa que colocou meus pés em movimento se transforma em raiva quando o ouço gritar meu nome, como se lhe devesse algo. Paro para enfrentá-lo mais decidida que outra coisa e nossos olhares se encontram.

Derrapa em seus sapatos chiques e alisa a jaqueta. Continua olhando para mim, sem falar.

Eu não vou abrir a boca, porque não tenho nada a dizer e, na verdade, espero que ele não diga nada, porque então não vou ter que ver aqueles lábios movendo-se lentamente e ouvir a suavidade da sua voz. Sinto-me muito mais confiante quando ele fica quieto e não diz nada... Pelo menos, muito mais segura do que quando me acaricia ou fala comigo.

De seguro, nada.

Dá um passo em frente, como se conhecesse meus pensamentos.

—Quem você estava esperando?

Não respondo, me limito a sustentar seu olhar.

—Te fiz uma pergunta, Livy.

Da outro passo para frente e registro sua proximidade como uma ameaça. No entanto, não me movo um palmo, embora saiba que deveria virar e correr.

—Você sabe que eu odeio ter que me repetir. Me responda, por favor.

—Tenho um encontro. — tento parecer fria e distante, mas não estou muito certa de ter conseguido. Me sinto chateada demais.

—Com um homem? —me pergunta e quase posso ver como se eriçam os cabelos de sua nuca.

—Sim, com um homem.

Normalmente mostra seu rosto impassível, mas de repente é um manancial de emoção. É evidente que não achou nenhum pouco engraçado. Agora eu tenho mais confiança em mim mesma. Não quero sentir a pequena pontada de esperança que posa no meu estômago, mas é inegável que está lá.

—Isso é tudo? — digo com uma voz firme.

—Você está saindo com alguém?

—Sim — me limito a responder. Porque é verdade, e, como se fosse um sinal, então eu ouço meu nome.

—Livy?

Luke aparece ao meu lado.

—Olá. —Me aproximo e beijo sua bochecha. — Vamos?

Olha para Miller que ficou rígido e silencioso ao me ver cumprimentar Luke.

—Olá. —Luke oferece a mão a Miller, e estou surpresa que ele a aceite e aperte. Suas maneiras são impecáveis.

—Olá. Miller Hart. —Cumprimenta com a cabeça, tem a mandíbula tensa, e meu encontro pondera um pouco quando Miller solta sua mão e arruma sua imaculada jaqueta.

Não estou imaginando o sutil subir e descer de seu peito, nem a sombra de raiva que obscurece seu olhar. Eu quase posso ouvir um tique-taque em seu interior, como uma bomba para explodir. Está com raiva, e preocupa-me que tenha o olhar assassino cravado em Luke.

—Luke Mason — responde ele depois de balançarem as mãos. — Encantado em te conhecer. Você é um amigo de Livy?

—Não, apenas um conhecido — intercedo, ansiosa para tirar Luke dessa fúria quase palpável. — Vamos.

—Ótimo.

Luke me oferece o braço e o entrelaço com o meu para que me leve para longe da assustadora situação.

—Pensei que podíamos ir para o The Lion, é muito perto daqui, ao virar a esquina — diz olhando para trás por cima do ombro.

—Tudo bem — respondo sem ser capaz de evitar fazer o mesmo.

Quase desejo não ter feito. Miller ainda está lá parado, me olhando ir com outro homem. Com o rosto petrificado e corpo rígido.

Não demoramos para chegar na esquina e, quando olho para Luke, a culpa me invade. Não sei por que. É um encontro, nada mais. Me sinto culpada por Luke não ter se dado conta de nada ou porque é evidente que Miller ficou tocado?

—Que cara estranho — sussurra Luke.

Assinto com um sussurro e ele olha para mim.

—Você está linda. Desculpe ter chegado um pouco tarde. Eu deveria ter pulado o táxi e ter pego o metro.

—Não se preocupe, o importante é que você veio.

Ele sorri e é um lindo sorriso, tornando ainda mais doce seu semblante simpático.

—Olha, nós já chegamos. —Aponta para a frente—. Me falaram muito bem sobre esse lugar.

—É novo? — pergunto.

—Não, eles só reformaram. Não é um bar de vinhos ou o típico pub de Londres.

Olha para um lado e para o outro da rua e cruzamos de braços unidos.

—Embora eu ame os pubs da vida.

Eu sorrio. Acho muito fácil de imaginar Luke em um pub de bairro, bebendo uma cerveja e rindo com seus amigos. É normal, um cara normal, o tipo de cara que deveria me interessar, agora pelo que parece eu estou começando a dedicar tempo para os homens.

Ele abre a porta e me leva a uma mesa na parte de trás do bar, em uma espécie de mezanino.

—O que gostaria de beber? —pergunta fazendo—me um gesto para sentar.

Aí está a dita pergunta. Antes me senti perfeitamente confortável dizendo para Gregory, que pediria água, mas agora sinto-me estúpida.

—Vinho — eu digo a toda velocidade para não ter tempo para me convencer que é uma ideia muito ruim. Além disso, acho que preciso de uma bebida. Maldito Miller Hart.

—Branco, vermelho ou rosado?

—Branco, por favor. — tento parecer muito confortável neste ambiente, mas a verdade é que ver Miller me fez um pudim. Eu tremo só de pensar a cara que fez ao ver Luke.

—Branco, então. — sorri e vai para o bar.

Me deixa sozinha na mesa, como um peixe fora d'água. Há muita gente, quase todos são homens de terno que parecem ter vindo aqui ao sair do escritório. Eles falam e riem em voz alta, e têm um bom tempo no bar, os nós de gravata frouxos e casacos nas costas das cadeiras.

Eu gosto da decoração, mas não o ruído. O primeiro encontro não deve ser um lugar silencioso para ser capaz de falar enquanto se come algo?

—Aqui está.

Um copo de vinho branco aparece diante de mim e, por instinto, afasto a cadeira em vez de levá-lo e agradecer a Luke. Ele está sentado em frente de mim, com uma cerveja na mão dá um trago. Faz um gesto de apreciação antes de deixá-lo na mesa.

—Estou feliz que você aceitou tomar uma bebida comigo. Estava prestes a desistir.

—Também estou feliz.

Ele sorri.

—Fale de você.

Me obrigo a entrelaçar os dedos e deixar as mãos na mesa, onde me dedico a dar voltas em meu anel e dar um chute mental forte na bunda. É claro que vai me perguntar coisas. Isto é o que pessoas normais fazem nos encontros, o estranho são as propostas indecentes. Respiro profundamente, mordo os dentes e conto algo de mim para um desconhecido, coisa que nunca fiz e nunca pensei que eu iria fazer.

—Faz pouco tempo que trabalho na cafeteria. Antes disso eu estava cuidando da minha avó — explico. Não é muito, mas uma coisa para começar.

—Não haverá mortos — diz desconfortável.

—Não, — rio. — Está viva e chutando.

Luke também ri.

—Que alívio. Por um momento pensei que tinha metido os pés. Por que você estava cuidando dela?

Não é fácil responder a essa pergunta; a resposta é muito complicada.

—Ela estava doente por um tempo, isso é tudo. — morro de vergonha, mas pelo menos eu tento compartilhar algumas informações.

—Sinto muito.

—Não se preocupe. Está bem agora — digo pensamento diz que vovó gostaria de me ouvir dizer isso.

— E o que você faz para se divertir?

Não sei o que dizer, e ele nota. A verdade é que não faço nada. Eu não tenho uma legião de amigos, não tenho vida social, não tenho hobbies e como eu nunca me coloquei em uma situação em que alguém poderia querer saber, nunca tive que parar para pensar quão sozinha e isolada eu sou. Sempre soube isso — era o que aspirava—, mas agora, quando quero parecer uma pessoa interessante, fico muda. Não tenho nada a contribuir com a conversa. Não tenho nada para oferecer como amigo ou como um casal.

Entro em pânico.

—Eu vou para a Academia, saio com meus amigos.

—Eu vou à academia pelo menos três dias por semana. A qual você vai?

Isto vai de mal a pior. Minhas mentiras só atraem mais perguntas, implicando mais mentiras. Não é o melhor começo de uma bela amizade. Dou um gole no vinho, uma manobra desesperada para comprar mais tempo, enquanto tento lembrar rapidamente o nome de qualquer ginásio na área. Não que consigo pensar em algum.

—Aquela de Mayfair.

—Virgin?

É claro que sinto-me aliviada ao ver que ele mesmo encontrou a resposta.

—Sim, Virgin.

—Eu vou a essa! Como é que nunca viu você lá?

Isso é tortura.

—Eu costumo ir muito cedo. — tenho que mudar de assunto porque não quero dizer mais mentiras. — E você? O que você geralmente faz?

Aceita o meu pedido de informações e se lança para dar-me um relatório detalhado de sua pessoa e sua vida. Em apenas meia hora, eu descubro muitas coisas sobre Luke. Tem muito a dizer e não tenho nenhuma dúvida de que tudo é verdade e tão interessante quanto parece, ao contrário do que minhas tentativas lamentáveis em falar sobre mim e minha vida. É um corretor da bolsa e divide o apartamento com um amigo, Charlie, já que ele terminou com a namorada há quatro anos, mas está procurando seu próprio apartamento. Ele tem vinte e cinco anos, quase a mesma idade que eu e é um cara muito amigável, estável e sensível. Eu gosto disso.

—Algum ex-namorado que eu deveria me preocupar? — pergunta, tomando sua cerveja.

Gosto de ouvi-lo. Estou totalmente concentrada no que me diz e de vez em quando contribuo com uma opinião ou uma ideia, mas Luke traz a voz e por mim, perfeito.

Até agora.

—Não, — nego com a cabeça e dou mais um gole no meu vinho.

—Tem que ter alguém. — ri — Uma garota tão linda como você...

—Eu estive cuidando da minha avó, eu não tinha tempo para essas coisas.

Inclina-se na cadeira.

—Uau! Isso é uma surpresa!

Passei de estar tão á vontade para me sentir muito desconfortável agora que o tema da conversa volta a ser eu.

—Não é para tanto — digo timidamente enquanto mexo com meu copo.

Pela expressão em seu rosto, sei que morre de curiosidade, mas não me pressiona.

—Tudo bem — sorri — Vou pegar outra. A mesma coisa?

—Sim, obrigado.

Acena pensativo. Tenho certeza de que está se perguntando o que está fazendo, perdendo tempo com uma garçonete, desconfiada e ambígua. Vai para o bar, esquivando-se das pessoas para chegar a seu destino. Suspiro e me deixo cair contra o encosto da cadeira enquanto giro a taça de vinho e me encho de raiva por... tudo. Pela forma como organizo a vida, minhas prioridades, o caminho que tomei... É claro que eu tenho muito sobre o que pensar. Não sei por onde começar.

Quase caio de susto da cadeira quando sinto uma respiração quente no meu ouvido e uma mão firme na nuca.

—Venha comigo.

Endureço ao contato de sua pele e meus olhos voam em direção ao bar em busca de Luke. Não o vejo, mas isso não significa que ele não pode me ver.

—Levante-se, Livy.

—Mas o que você está fazendo? — Pergunto, ignorando o calor que a mão dele injeta na pele do meu pescoço.

Pega no meu braço com a outra mão e me puxa para me colocar de pé, então me empurra em direção a porta dos fundos do bar.

Não faço a porra da ideia do que estou fazendo, mas parece que sou incapaz de me conter.

—Miller, por favor.

—Por favor, o quê?

—Pare, por favor — suplico em voz baixa quando deveria estar resistindo com todas as minhas forças e batendo-lhe com vontade. — Estou com alguém.

—Não me diga isso — murmura, e tenho certeza que, se pudesse ver seu rosto, seria de raiva. Mas não vejo porque estou atrás dele e a mão na nuca me impede de virar a cabeça.

Continua a me puxar e eu não tenho nenhuma alternativa além de andar a toda pressa para seguir o ritmo de seus passos longos e decisivos.

Abre a porta de saída de incêndios com um golpe duro, vira-me e me empurra contra a parede, com seu corpo firme contra o meu.

—Vai dormir com ele? — pergunta com a expressão torcida e olhar penetrante. Continua com raiva.

Claro que não, mas o que importa pra ele?

—Não é assunto seu — respondo.

Levanto o queixo, desafiadora, ciente do que eu estou fazendo com que ele. Poderia ter dito não, mas estou muito curiosa para saber o que vai fazer sobre isso. Eu não vou me colocar de joelhos para agradá-lo ou dizer-lhe o que ele quer ouvir.

Eu gostaria.

Eu gostaria de jurar-lhe que, se ele me adorasse para sempre, eu nunca olharia para outro homem. Seu corpo pressionado contra o meu, seu olhar ardente me queima e sua boca entreaberta emana rajadas de ar quente que desperta todos essas sensações indescritíveis. Eu começo a tremer sob ele.

Desejo ele.

Ele aproxima seus lábios da minha boca.

—Te fiz uma pergunta.

—E eu decidi não responder — sussurro pressionando—me contra a parede. — Já tive que suportar vê-lo sair com outras mulheres, mais de uma vez.

—Eu já te expliquei mil vezes. Você sabe o quanto eu detesto me repetir.

—Então, talvez você devesse explicar melhor — contra-ataco.

—O que eu vi na mesa era um copo de vinho?

—Não é o seu negócio.

—Agora é. — se pressiona contra mim e um gemido me escapa. — Você estava planejando dormir com ele e não vou permitir isso.

Afasto a cabeça. O desejo se foi e eu estou começando a me irritar.

—Você não pode impedir. — Não sei o que estou dizendo.

—Ainda me deve quatro horas, Livy.

Como uma mola, levanto a cabeça para olhar para ele.

—Espera que gaste mais quatro horas para que você então possa se livrar de mim? Eu

compartilhei alguma coisa com você. Você me fez sentir segura.

Aperta os lábios e vejo que tem problemas para respirar, como se tivesse que se controlar.

—Comigo está segura — ruge. — E sim, espero que me dê mais. Quero o tempo que me deve.

—Pois não vai conseguir — proclamo presunçosamente, revoltada com suas exigências absurdas. — Você acha mesmo que eu te devo alguma coisa?

—Você vai para casa comigo.

—Em seus sonhos — respondo, embora eu realmente esteja lutando contra o desejo de gritar que sim. — E você não respondeu à minha pergunta.

—Eu decidi não respondê—la. —Inclina-se sobre mim até que nossas bocas estão na mesma altura. — Deixe-me saborear você novamente.

O desejo abre seu caminho.

—Não.

—Deixe-me levá-la para minha cama.

Nego desesperadamente com a cabeça e fecho os olhos com força. Eu quero fazê-lo, mas sei que seria um erro monumental.

—Não, não para que logo me deixe.

Eu sinto o calor de sua boca que paira sobre a minha, mas não afasto o rosto. Espero.

Deixo que aconteça.

E quando seus lábios macios e molhados esfregam os meu, relaxo e me abro a ele com um gemido, grave. Minhas mãos encontraram seus ombros, minha cabeça é jogada para trás para entregar minha boca completamente. Perco a consciência. Minha inteligência voltou a desaparecer.

—Saltam faíscas — murmura— cargas elétricas carregadas de alta tensão que criamos.

Morde-me os lábios.

—Não nos tire isso.

Beija meu rosto, segue pelo pescoço e mordisca o lóbulo da minha orelha.

—Por favor.

—Apenas quatro horas? —sussurro.

—Não dê tantas voltas.

—Eu não dou tantas voltas. Apenas sou capaz de pensar quando não tenho você por perto.

—Gosto disso.

Circula meu pescoço com as mãos e levanta meu rosto. Ele é tão bonito que nem sequer posso me mover.

—Deixe acontecer.

—Já fiz isso, mais de uma vez, e então você torna-se frio e distante comigo. Você vai voltar a fazer o mesmo?

—Ninguém sabe o que vai acontecer no futuro, Livy.

Seus lábios se movem lentamente e capturam toda minha atenção.

—Essa resposta que não me convence — murmuro. — Sim, pode me dizer o que vai

acontecer, porque está sob o seu controle.

Estou chateada porque eu já mostrei minhas cartas. Deixei claro que quero mais do que o que ele está disposto a dar.

—De verdade, não.

Se aproxima para me beijar e me forço a virar o rosto. O deixo composto e sem nada além de minha bochecha para beijar.

—Deixe—me saborear a sua boca, Livy.

Eu tenho que resistir, e sua resposta vaga me dá a força que eu preciso.

—Eu já te dei demais.

Se eu cair agora, não haverá quem me levante. Se aceitar, estarei lhe concedendo o poder de me dar às costas quando tiver conseguido o que quer, e nunca terei motivos para responsabilizá-lo porque estarei permitindo... outra vez.

—Você acha? Você já teve o suficiente, Livy?

—De sobra. — lhe dou um empurrão. — Mais do que suficiente, Miller.

Amaldiçoa e passa a mão pelo cabelo.

—Não deixarei você ir para casa com aquele homem.

— E como você acha que vai me impedir? — pergunto calmamente.

Não me quer, mas também não quer que eu seja de outro homem. Eu não entendo isso, e eu não vou permitir que me seduza novamente só para me deixar jogada depois.

—Não te fará sentir o mesmo que eu.

—Se refere ao fato de me sentir usada? Porque você me faz sentir como um lenço de papel. Nunca tinha me exposto emocionalmente a um homem antes e eu fiz isso com você. Eu tenho muito do que me arrepender na vida, Miller, mas você encabeça a lista.

—Não diga coisas que não se sente. — me acaricia a bochecha com os nós dos dedos — Como você pode se arrepender de algo tão lindo?

—Facilmente. — afasto sua mão do meu rosto e a coloco de lado. — É fácil se arrepender, quando eu sei que eu nunca vou ter isso novamente.

Me afasto da parede e começo a andar, procurando não tocá-lo. Eu vou para casa.

—Pode voltar a desfrutá-lo — diz. — Podemos voltar a desfrutá-lo, Olivia.

—Apenas quatro horas? —Respondo fechando os olhos com raiva. — Não vale à pena para mim.

Continuo andando, mas não sinto os pés e apenas sou consciente que deixei Luke plantado no bar. Com certeza estará se perguntando onde eu fui, mas não posso voltar para dentro e fingir que estou de bom humor, não quando eu sinto que estou em pedaços. Mando uma mensagem para ele com uma desculpa pobre: que minha avó não está bem. Então me arrasto para casa.

Capítulo Quinze

—Como foi? —pergunta Gregory quando ligo para ele no dia seguinte. Nem "Olá", ou "Como você está?".

—Foi bom, confesso. —Mas acho que não nos encontraremos novamente.

—Porque é que não estou surpreso? —rosna.

Ouço barulho no fundo.

—Onde você está?

Há um longo silêncio, e depois de vários ruídos, ouço uma porta que se fecha.

—Ontem à noite estive com Ben — sussurra.

—Ah, sim? — sorrio, e grudo o telefone na orelha. — Para dar-lhe uma alegria?

—Não foi isso. Saímos e então tomamos um café no apartamento dele.

— E o café da manhã...

—Sim e o café da manhã. — noto que ele diz sorridente. — Ei, lembra que eu disse que Ben gostaria de conhecê-la?

—Eu me lembro.

—Bem, pois esta noite eles inauguram um clube. Ben passou semanas preparando isso e me convidou. Ele quer que você vá.

—Eu? Em um clube?

—Sim, venha. Vai ser divertido. É um lugar mega chique, chama-se Ice. Diga que sim, por favor.

Seu tom de súplica não me amolece. Não consigo pensar em nada pior do que ir para um clube em Londres. Eles tendem a ser lotados.

—Acho que vou passar, Gregory. — nego com a cabeça.

— Mas boneca! —protesta. Sem dúvida, está fazendo beicinho. — Tenho certeza que você vai se esquecer por um tempo.

— E o que faz você pensar que eu preciso esquecer por um tempo? Estou bem.

Ele quase rosna.

—Corte o rolo, Livy. Não aceitarei um não como resposta. Você vem e ponto. E nada de Converse.

—Então, passo. Eu não vou tocar aqueles saltos.

—Você está vindo e você coloca o salto alto. Você tem muito a oferecer ao mundo, Livy. Não vou deixar que você perca mais tempo. Isto não é uma sessão de treinos. Você tem uma vida, boneca. Uma, nada mais. Esta noite você está vindo e vai ficar bonita. Se você tiver que gastar o dia em casa com os saltos para praticar, então que seja. Vou pegar você as oito e é melhor estar pronta quando eu chegar.

Desliga e me deixa com as palavras na boca. Nunca, nunca tinha falado comigo assim. Estou surpresa, mas gostaria de saber se é o chute na bunda que precisava há algum tempo.

Já perdi muitos anos, gastei muito tempo fingindo ser feliz com minha vida de enclausurada. Está tudo acabado. Miller Hart causou um turbilhão emocional que não estou acostumada, mas também me fez perceber que eu tenho muito a oferecer ao mundo. Não vou nem me desligar, nem me esconder mais com medo de ser vulnerável, por medo de me tornar a minha mãe.

Salto da cama, coloco os sapatos pretos com salto agulha e começo a andar pelo quarto. Tenho que me concentrar em andar ereta, com a cabeça alta e não olhando para o chão, para o ângulo ridículo dos meus tornozelos. Enquanto isso, estou procurando no Google academias que estão na minha área (e que não sejam a Virgen) e ligo para fazer um teste na tarde de terça-feira. Logo me desafio com as escadas, cuidadosamente, tentando manter uma boa postura e ser elegante. Não me dou mal, em tudo.

Avanço pelo corredor e sorrio quando piso no chão da cozinha em madeira. Vim até aqui, sem cambalear, sem tropeçar e sem escorregar.

Minha avó olha ao ouvir os saltos contra o chão, sem palavras.

—O que você acha? —pergunto, virando para que nós duas vejamos que eu não caio. — Obviamente com um vestido — adiciono para perceber que estou com as calças de pijama curto.

—Ah, Livy.

Leva o pano de cozinha até o peito com um suspiro.

—Eu me lembro quando eu passava o dia pulando daqui para lá com os saltos colocados como se fossem chinelos. Meus joanetes são a prova.

—Não acho que eu vá pular muito, vó.

—Vai voltar a se encontrar com aquele cara legal?

Olha para mim, esperançosa e senta-se ao lado da mesa da cozinha.

Não sei se refere-se a Miller, a quem conhece, ou Luke, o que não conhece.

—Hoje tenho um encontro com dois homens.

—Com dois? —Abre seus olhos azuis escuros surpreendida. — Livy, querida, sei que sempre digo que você tem que viver um pouco, mas não...

—Calma. —Levanto o olhar ao teto pensando que a deveria ter pego, mas tem que ter em mente que a chata e introvertida da sua neta saiu mais vezes em um semana do que em toda sua vida. —Vou sair com Gregory e seu novo namorado.

—Bom! — exclama feliz, mas então franze a testa enrugada. — Você não vai a um desses bares gay, não é?

Começo a rir.

—Não, é um novo lugar no centro. O inauguram hoje à noite e o namorado de Gregory tem organizado a festa. Ele é quem me convidou.

Pela sua expressão, sei que está assombrada, mas ainda assim vai me dar um pouco mais na lata.

—Suas unhas!

Disse de tal forma que quase caio dos saltos.

—O quê?

—Você tem que pintar as unhas.

Olho minhas unhas, curtas, limpas e sem pintura.

—De que cor?

—O que vai vestir?

Me pergunto se existem muitas jovens de vinte quatro anos que pedem conselhos à suas avós sobre estes temas.

—Gregory me fez comprar um vestido preto, mas é um pouco curto, e tenho certeza que preciso de um tamanho a mais. Está muito apertado.

—Que tolice!

Se nota que está muito animada sobre minha noite de festa.

— Tenho um esmalte vermelho como as cabines de telefone!

Desaparece da cozinha e sobe a escada mais rápida do que nunca. Retorna imediatamente com um frasco de esmalte vermelho nas mãos venosas.

—O reservo para ocasiões especiais — diz me sentado em uma cadeira e tomando a do lado.

Olho como toma seu tempo para cobrir ordenadamente cada unha e, em seguida, move as mãos para que circule o ar e seque melhor. Vai para trás em seu assento, inclina a cabeça, olha para minhas unhas e volta a movê-las para vê-las em diferentes ângulos.

Logo as aproximo para vê—las melhor.

—Está muito...vermelho.

—Você tem muita classe. Um vestido preto com unhas vermelhas são sempre um sucesso.

Sua mente parece vagar, e eu sorrio com carinho. Me vêm à mente uma série de memórias de infância com ela e meu avô.

—Vovó, você se lembra quando o avô a levou a Dorchester para seu aniversário?

Eu tinha dez anos e a opulência me impressionou muito. O avô colocou um terno e a avó uma saia de duas peças e jaqueta. Me deram um vestido sem mangas azul marinho com bolinhas brancas. Vovô amava ver as mulheres de sua vida de azul. Dizia que, assim, nossos olhos deslumbrantes pareciam um fundo infinito de safiras.

Minha avó deixa escapar um suspiro profundo e se obriga a sorrir. Sei que o que realmente queria era chorar.

—Aquele dia você pintou as unhas pela primeira vez. Seu avô não gostou.

Lhe devolvo o sorriso. Lembro—me que ele repreendeu ela.

—E gostou ainda menos quando me pintou um pouco os lábios com seu carmim — indico.

Ela irrompe na gargalhada.

—Ele era um homem de princípios e costumes. Não entendia a necessidade que as mulheres tinham de passar cosméticos no rosto, por isso lhe custava tanto se dar bem com sua mã... — ela não termina a frase e, em vez disso, se apressa para enroscar a tampa do esmalte.

—Não tem problema. — pego sua mão e dou-lhe um pequeno aperto. — Eu me lembro.

Talvez eu não fosse mais do que uma menina, mas me lembro dos gritos, as portas batendo, e ter visto vovô com a cabeça entre as mãos, mais de uma vez. Então não entendia, mas a maturidade me fez entender, mesmo que doa. Isso e o diário que eu encontrei.

—Ela era muito bonita e se deixava levar facilmente.

—Eu sei.

Concordo, embora eu não acho que se deixava levar facilmente. Cheguei a conclusão de que isto é o que a vovó diz isso a si mesma para viver com sua perda. No entanto, eu prefiro deixar as

coisas assim.

—Livy...

Move sua mão sob a minha com cuidado para não danificar o esmalte então aperta com força, para me dar confiança.

—Você parece com sua mãe em tudo, menos isso. — E da batidinhas na têmpora com o indicador. — Não tenha medo de se tornar ela. A única coisa que conseguiria é que também perdesse sua vida.

—Eu sei. — reconheço.

Tenho meus motivos para evitar repetir a vida da minha mãe, mas a memória da vergonha que causou a meus avós é o último prego no caixão.

—Você se fechou em si mesma, Livy. Sei que também te dei muita dor de cabeça após a morte do seu avô, mas agora eu estou indo bem, faz tempo que eu estou bem, querida.

Levanta as sobrancelhas cinza, desesperada para me fazer entender.

—Nunca vou me recuperar depois de perder os dois, mas eu vou sobreviver. Você não experimentou a metade do que a vida pode te oferecer, Olivia. Você era uma criança muito feliz e foi uma adolescente muito vivaz, até você descobrir... — para, e eu sei que é porque é incapaz de dizer em voz alta. Se refere o diário, a narrativa vívida das aventuras de minha mãe.

—Então eu fiquei segura — sussurro.

— Mas não é saudável, querida. —Levanta minha mão e a beija suavemente.

—Começo a me dar conta.

Puxo ar para infundir valor.

—Aquele homem, o que veio para jantar — não sei por que não consigo pronunciar o nome dele — despertou algo em mim, vovó. Não vamos chegar a nada, mas estou feliz por tê-lo conhecido, porque me fez perceber o que pode ser a vida se lhe der a oportunidade.

Não divulgo mais do que isso, e também não confesso que dada a oportunidade, eu estaria com ele, se apenas me deixasse. Não é o sexo; é a conexão, o sentimento de completo refúgio que bate qualquer coisa que já tentei alcançar por minha conta. Desafia a sensibilidade, realmente. Miller Hart é irracional, árduo e temperamental, mas os tempos entre aqueles irritantes momentos são inconcebivelmente felizes e serenos. Eu quero, mas não tenho fé em encontrar esses sentimentos com o outro homem.

Vovó me observa pensativa, sem soltar minha mão.

—Por que não vão chega a nada?

Estou sendo sincera e ela deve ter notado. Não tem um fio de cabelo bobo.

—Porque eu acredito que ele não está disponível.

—Oh, Livy — suspira.— Não decidimos por quem nos apaixonamos. Venha aqui.

Se levanta e me dá um grande abraço. A tensão e a incerteza desaparecem do meu corpo.

—Temos que ver o lado positivo em tudo que nos acontece na vida. Vejo muitas coisas boas, em seu encontro com o Sr. Hart, querida.

Assinto com o rosto afundado em seu ombro, mas pergunto-me se estarei em condições de aproveitar estas supostas oportunidades. Já me arruinou um encontro. Se vou continuar a resistir aos

avanços de Miller Hart, precisarei manter a minha força de vontade e desenvolver a capacidade de resiliência. O descaro e o brio pelo qual são famosas as garotas Taylor não são abundantes em mim, mas vou tentar encontrá—los. Sei que os tenho em mim. Eles têm feito ultimamente uma aparição de vez em quando, só tenho que agarrá—los pelo pescoço e não deixá—los escapar nunca.

Pisco quando vovó planta uma câmera na frente de seu nariz e me cega com o flash.

—Vovó, comporte—se — protesto, puxando a bainha do meu vestido ridículo.

Passei vinte minutos na frente do espelho deliberando sobre minha total transformação. Passei o dia, todo o santo dia, fazendo cera, depilando as sobrancelhas, me maquiando, esfumaçando e alisando. Estou esgotada.

—Olha, George! —Vovó faz um par de fotos mais — Veja que brio!

Coloco os olhos em branco em direção para George que é todo sorrisos e dou outro puxão no vestido.

—Pare já.

Afasto a câmera da minha cara, me sentindo como uma adolescente na noite do baile de formatura. Era inevitável, mas toda a bagunça que minha avó está montando não faz nada, além de me tornar mais consciente da minha aparência.

—Você está espetacular, Livy! —George ri e remove a câmara da vovó ignorando seu olhar de indignação. —Deixe a pobre garota em paz, Josephine.

—Obrigado, George — digo puxando o vestido para baixo pela enésima vez.

—Pare de puxar a barra — vovó me repreende, ao mesmo tempo em que me dá um tapa. — Ande direito, com seu queixo erguido. Se continuar se arrumando, vai parecer que está desconfortável e que se sente fora de lugar.

—Por Deus, já estou indo.

Pego minha bolsa de mão, que só não é menor, porque não deve haver, e me dirijo para porta desesperada para escapar das reações exageradas que desperta minha... aparência melhorada. Fecho a porta com mais força do que pretendia e caminho em direção para a calçada. Ouço vovó gritando com George. Sorrio, endireito as costas, e coloco minha bolsa debaixo do braço, resisto à tentação de dar outro puxão para baixo do vestido e começo a andar.

Só dou alguns passos quando vejo Gregory à distância, caminhando em minha direção. Se detêm a meia passada e sei que se estivesse mais perto o veria apertar os olhos. Por mais estranho que pareça, a reação dele não me faz sentir consciente da minha aparência. Me faz sentir ousada, então levanto o queixo e tento imitar o melhor possível uma modelo de passarela. Não sei se eu faço bem, mas Gregory sorri de orelha a orelha e me dedica um assobio.

—Minha nossa! — Para, separa as pernas e braços abertos para me receber. — Eu vou ter que espantá-los como se fossem moscas.

Nem sequer coro. Dou um giro perfeito antes de me jogar nos braços dele.

—Passei o dia todo praticando.

—Nota-se.

Se separa de mim e me inspeciona de cima a baixo. Então acaricia meu cabelo e sorri.

—Liso e sedoso. Você está ainda mais bonita do que o habitual. Puta que pariu, que pedaço de pernas!

Olho para minhas pernas e aprecio as curvas que não tinha notado nunca.

—Pareço bem. — confesso.

Me circula com seu braço e me puxa para seu lado.

—Deveria, porque você está incrível. Você ia sem mim? —pergunta enquanto me conduz para a rua principal para um táxi.

—Não, é que não aguentaria um minuto a mais em casa.

—Eu imaginei.

—Você está muito arrumado — digo dando um puxãozinho na manga de sua camisa rosa. — Quem está tentando impressionar?

Está contendo um sorriso, e não posso deixar de rir.

—Não preciso impressionar ninguém, Livy — aponta com arrogância. — Me promete uma coisa?

—O quê?

—Hoje à noite você deve me chamar de Greg.

Sorrio ainda mais e rodeio sua cintura com o braço.

—Te chamarei de Greg... se me chamar de *linda*.

Ele irrompe na gargalhada.

—*Linda*?

—Sim, boneca, linda, minha menina... — estou ciente de minha gafe instantaneamente.

—Quem te chama de *minha menina*?

—Não importa. — coloco fim ao interrogatório, antes do início e também a direção em que está tomando meus pensamentos — O que quero dizer é que não sou mais uma menina.

—Está tudo bem. Chamarei você de *linda*. — Me beija na testa. — Você não sabe quão feliz estou neste momento.

—Porque você vai ver Benjamin?

—Ele se chama Ben. — me da uma pequena cotovelada — E não, não é por Ben. É por você.

Eu olho para meu querido amigo, e sorrio.

—Eu também estou feliz.

Capítulo Dezesseis

Sofro minha primeira situação embaraçosa com o vestido. Gregory sai com elegância do táxi enquanto tenho que pensar qual é a melhor maneira de sair sem mostrar ao mundo a calcinha de renda preta. Seguro o vestido para baixo com ambas as mãos, mas então minha bolsa cai.

—Merda — eu amaldiçoo ao pegá-la.

—Você não praticou descer do táxi, não é? — Gregory graceja estendendo uma mão para segurar a bolsa e a outra me oferecendo a outra para ajudar a me colocar em pé. — De lado. Você tem que sair de lado.

Passo-lhe a bolsa, pego sua mão, e seguindo suas instruções, coloquei o pé direito do lado de fora do táxi. Surpreendentemente, me pareceu bastante simples sair assim, sem ter que me abaixar ou mostrar a calcinha.

—Obrigado.

—Elegante como um cisne.

Pisca um olho e me coloca minha bolsa debaixo do meu braço.

—Está pronta?

Respiro fundo para me dar segurança.

—Pronta.

Olho para o prédio, as luzes azuis que se elevam pela fachada de vidro e o tapete vermelho cobrindo a calçada. Existem centenas de pessoas esperando para entrar.

É impressionante. Entre as portas de vidro, se ouve a melodia de *Blurred Lines* de Robin Thicke e feixes de luz azul aparecem e desaparecerem de forma intermitente. Existem seguranças que mantêm a ordem e marcam nomes em uma lista antes de deixar entrar qualquer um. Gregory, me leva em direção ao início da fila e olha para todas as pessoas esperando nos olham feio.

—Gregory, há uma fila — sussurro bem alto quando chegamos perto ao porteiro que tem a lista.

—Greg Macy e Olivia Taylor, estamos na lista de Ben White — diz meu amigo com segurança, ao mesmo tempo em que me encolho sob os olhares assassinos da multidão que se alinha.

O porteiro passa as páginas em busca de nomes, grunhe e remove a corda que conecta os dois postes de metal da entrada.

—Há champanhe no primeiro andar, ao fundo à esquerda. O senhor White estará lá, na área VIP.

—Obrigado — responde Gregory e me puxa para me empurrar pela porta. — A área Vip — sussurra no meu ouvido. E você acabou de me chamar de Gregory, *linda*.

—Escapou.

Existem várias plantas e todas acessadas pela escada de vidro iluminada por luzes azuis. Há gente muito bem vestida em todos os lugares, anexadas aos corrimões. Não se veem nem garrafas de cerveja ou cerveja, só champanhe. Por trás de cada bar (até já vi três) existem caixas e mais caixas de garrafas de champanhe. Eu nunca provei, mas acho que vou experimentar em breve.

—Por aqui.

Gregory me conduz para cima e minha parte prática não para de pensar em quão duro seria

cair por essas escadas de vidro. Meus calcanhares ressoam com suavidade. Olha para eles e descubro, admirada, que movo o traseiro um pouco mais.

—Você está fazendo isso de propósito? —Gregory ri e me dá um tapa no traseiro. — Mova-se com graça, boneca.

Me viro e o repreendo com um sorriso.

—*Linda* — digo levantando o queixo com um gesto que faz meu amigo cair no riso.

—A verdade é que sim.

Chegamos no topo da escada e continuamos à esquerda, na direção do bar onde o porteiro nos disse servir champanhe, mas pelo que vi todos os bares servem champanhe.

—O que você gostaria de beber?

—Uma Coca—Cola — digo naturalmente, embora eu não olhe meu amigo escandalizado no rosto.

Ele faz um gesto de desaprovação, mas não diz nada, inclina-se no bar e pede duas taças de champanhe. O clube já está cheio até o topo, e ainda existem várias centenas de pessoas fazendo fila do lado de fora. Gregory não estava brincando ao dizer que era um lugar elegante e que seu nome, Ice, reflete o ambiente perfeitamente. Se não estivesse cheio de corpos emanando calor, acho que ele iria estar congelado até a medula.

—Obrigado.

Aceito a taça que me oferece e aproximo do nariz. Cheira um pouco azedo. O Morango que flutua dentro me faz esquecer do perfume que invade minhas narinas e me transporta para um lugar que não queria voltar.

Morangos britânicos, porque eles são mais doces.

Chocolate, com pelo menos oitenta por cento de cacau, para torná-lo amargo.

Champanhe para unir os sabores.

Me assusto quando Gregory me dá um empurrãozinho.

—Você está bem?

—Sim. — Pisco para me esquecer do doce e amargo e a memória da língua ardente de Miller, sua boca se movendo em câmera lenta e seu corpo duro e quente. — Que lugar tão fino.

Então, levanto a taça e lanço para provar meu primeiro gole de champanhe.

—Delicioso — digo depois de sentir o líquido borbulhante descer pela minha garganta como se fosse pura seda.

—É incrível que você nunca tenha provado champanhe. — Gregory nega com a cabeça e leva a taça aos lábios. — É uma bebida celestial.

—É. — mexo o copo no ar para agitá-lo. — Então Ben te colocou na lista?

—É claro. —Não percebe que estou brincando. — Não vou esperar na fila como um idiota.

—Você é um esnobe — rio. — Posso comer o morango?

—Sim, mas não coloque os dedos na taça. Seja uma senhorita.

— Então, como posso fazer isso? — franzo a testa e olho taça alongada e estreita. Não acho que encaixem os dedos dentro, mas não me atrevo a tentar.

—Basta incliná-la.

Gregory mostra para mim. Inclina o copo, o leva para a boca e pega o morango escorrega para os lábios.

—É melhor se primeiro beber champanhe — adiciona enquanto mastigar.

—Você tem uma boca muito grande.

Bebo outro gole. Não estou pronta para terminar o copo de uma vez. Não bebo a tanto tempo que tenho certeza que me suba à cabeça imediatamente.

—Você não sabe isso, boneca.

Enrugo o nariz, enojada.

— Nem me interessa comprovar, Gregory – contra ataco, e ganho um sorriso e um olhar ofendido.

—Me chame de Greg!

—E a mim de *linda*! — lhe empurro com o quadril — Onde está Benjamin? Eu estou louca para conhecer o homem que conquistou meu Gregory.

—Ben está lá. — acena discretamente com a taça, mas existem tantas pessoas e tantos homens que não faço ideia de quem pode ser.

—Qual deles?

—Ali, na área Vip. Terno preto, cabelo louro.

Volto a olhar para o grupo de homens que conversam na área reservada ao lado do bar. Eles estão rindo e, ocasionalmente, se dão palmadas nas costas. Eles são caras da cidade. Então vejo um homem corpulento. Se notam seus músculos, apesar do terno. Que surpresa. Não é nada como o tipo de cara que Gregory costuma sair, mas há muito tempo eu não conheço qualquer um dos seus parceiros.

—É... — tento encontrar as palavras certas para descrevê-lo. Forte. Musculoso... — Você vê que é forte.

—Ele adora praticar esportes.

Gregory sorri apenas olhando para Ben.

—Como você — adiciono.

Meu amigo tem um físico que pode se orgulhar, mas Ben... é gigantesco, apesar de não alcançar o ponto de ser repulsivo, mas bastante atraente.

—Sou um simples amador comparado com Ben. Falamos todos os dias, linda.

—Não vai cumprimentá-lo?

—Não, — quase solta uma gargalhada. — Não vou atrás dele, Livy.

— Mas vocês já estão saindo juntos. Te convidou para vir e ter colocou na lista.

—Sim, ele é quem virá atrás de mim.

—Você está se fazendo de difícil?

—Você tem que tratá-los mal, você sabe. — roça o dedo no fundo do meu copo — Agora já pode comer o morango.

Nem tinha notado. Agora, já quase bebi meu primeiro copo de champanhe. A inclino e finco os dentes na fruta.

—Delicioso. —"Como as que..."

—Outra?

Não espera minha resposta. Me pega pela mão e me leva para o bar, que é enorme e de vidro, em que estão expostas garrafas de champanhe, cobertas de gelo.

—Dois mais — diz ao garçom, que não demora em remover nossos copos vazios e nos servir outros dois cheios até o topo.

—Não tem que pagar?

—É a inauguração. É grátis, mas não se emocione.

—Você esqueceu.

—Ele nos viu — Gregory fica um pouco nervoso e olha para o outro lado do bar. Ben está vindo até nós com um sorriso deslumbrante. —Lembre-se que você tem que me chamar de Greg, linda.

—Ok — digo sem conseguir afastar o olhar do gigante se aproximando.

—Greg — saúda com formalidade quando chega junto a nós,—fico feliz que você foi capaz de vir.

Oferece a mão à Gregory e a aperta firmemente.

—Também estou feliz em vê-lo — responde meu amigo liberando a mão de Ben e colocando em seu bolso. – Esta é Livy.

Não posso evitar franzir a testa. Estou confusa.

—Olá.

—A famosa Livy. — Ben se abaixa um pouco para me dar um beijo na bochecha. —Obrigado por ter vindo.

Se afasta e finalmente posso vê-lo de perto sem me distrair com sua formalidade ou seus músculos. Ele é bonito, com um aspecto durão.

—Obrigado a você por ter me convidado.

—O prazer é todo meu. — dá a Gregory um tapinha no ombro. —Gostaria de ser capaz de ficar um tempo para conversar com vocês, mas tenho que falar com um milhão de pessoas. Nos vemos logo?

—Claro — assente meu amigo.

—Ótimo. — Ben sorri com carinho. —Foi um prazer conhecê-la, Livy.

—Digo o mesmo — respondo olhando de um homem para outro até que Ben desapareça na multidão.

— Não saiu do armário! —Exclamo então enquanto me viro para olhar Gregory no rosto. — Ninguém sabe que ele é gay!

—Abaixe a voz! Está esperando o momento certo.

Estou atordoada. Gregory carregava abertamente sua sexualidade desde que ele saiu do armário quando estávamos na escola e sempre se afastou daqueles que não são honestos com eles mesmos.

—As vezes que se encontraram não saíram de casa, certo?

Gregory não olha para mim, e começo a perceber que está nervoso. Posso ver que está muito

desconfortável.

—Não, — responde suavemente.

Meu coração se encolhe no peito por meu melhor amigo. Não é muito diferente de uma mulher que sai com um homem casado, que constantemente repete que ele vai deixar sua esposa por ela. De repente, eu tenho muito claro o papel que represento esta noite. Pequeno bastardo!

—Quantos anos tem? —pergunto.

—Vinte e sete.

— E desde quando sabe? — Repito, embora não esteja gostando do que ouço.

—Diz que desde sempre.

Com isso está tudo dito. Se sabe desde sempre e ainda não tornou pública sua condição sexual, o que faz Gregory pensar que vai fazer agora? No entanto, não digo nada porque, a julgar pelo rosto do meu amigo, ele já se fez a mesma pergunta. Gregory não tem plumas e não sente a necessidade de tornar evidente suas preferências sexuais, mas não tem vergonha de ser quem é. Eu só passei um minuto com Ben, mas para mim foi o suficiente para saber que este não é o seu caso. Quando o procuro do outro lado do bar e o encontro cumprimentado mais efusivamente do que o necessário uma mulher, minhas suspeitas são mais do que confirmadas.

Gregory também está vendo, e para tentar distraí-lo, movo o copo na frente de suas narinas com a intenção de me trazer outro.

—Outro?

—Está indo muito bem. — começo a entregar meu copo vazio quando me dou conta que me resta o morango. — Espere. — inclino a taça e pego a fruta. Então, lhe dou.

Enquanto Gregory vai pegar a bebida, ando através da galeria de vidro e observo os homens de aparência impecável e as mulheres bem vestidas que estão no piso térreo. Este lugar é muito elegante, um clube de luxo reservado apenas para a elite de Londres. Deveria me sentir muito desconfortável só de pensar nisso, mas não é assim. Fico feliz em ter vindo porque, como Ben evita Gregory em público, meu amigo teria passado a noite como um peixe fora d'água.

—Aqui está! — o copo alto aparece por cima do meu ombro. — O que você está olhando?

— Todas essas pessoas ricas — digo. Me viro e apoio o traseiro no corrimão de vidro. — É um clube privado?

Meu amigo ri.

—O que você acha?

Assinto.

— E Ben organizou a festa de abertura?

—Sim, é muito famoso em sua profissão. — apoia os cotovelos em uma mesa alta nas proximidades. — Já reparou?

Olho em volta.

—O quê?

—Que estão te olhando. — acena com a cabeça a um grupo de homens que não tiram os olhos de mim, nem tentam disfarçar seu interesse, mesmo que eu esteja acompanhada. Gregory poderia ser meu namorado.

Dou-lhes as costas, mas meu amigo continua olhando para eles, mas por motivos muito diferentes.

—Pare de babar — digo antes, de tomar mais um gole de champanhe.

—Sinto muito. — Concentra-se em mim, novamente. — Vamos explorar um pouco?

—Boa ideia.

—Vamos lá. — arruma as costas e coloca a mão na minha cintura para me guiar.

Enquanto subimos o primeiro lance de escadas olho para o andar de baixo e vejo que Ben se foi. Gostaria de saber se essa é a razão para a nossa viagem.

—Existe um terraço — diz Gregory.

— E por que estamos subindo?

—Porque é no telhado.

Me leva para a esquerda e em seguida subimos outro lance de escadas. Há uma parede de vidro e à distância, Londres à noite em toda sua glória.

—Uau! Olhe para isso!

—Impressionante?

Isso é um eufemismo.

—Você deixaria de ser meu amigo, se eu tirar fotos? —Estou pronta para dar-lhe meu copo e procurar meu telefone na bolsa de mão.

—Sim, te daria adeus. Você tem que fazer o que todo mundo faz: beber e desfrutar a vista.

Não me serve, quero tirar fotos, porque se minha memória falhar eu esquecerei algum detalhe do que eu estou vendo. Estou acostumada com a arquitetura e a grandeza de Londres, mas nunca a tinha visto assim.

—Como você conheceu Ben? — Pergunto afastando o olhar da vista fascinante.

Gregory acena ao redor, como se dizendo "o que você acha?" e, pela primeira vez, reparo no jardim que nos rodeia. Engulo a saliva.

—Você que fez isso?

—Sim. — infla o peito como um pavão. — Eu projetei, plantei e podei do começo ao fim. É meu melhor trabalho até agora.

—É incrível — contemplo tentando processar todos os detalhes pequenos, mas importantes, os toques delicados que enchem de vida.

As paredes são feitas de jardins, exuberantes, com pequenas folhas verdes intensas, refletindo as luzes azuis. As sebes são podadas em círculos perfeitos e tem luzes entrelaçadas entre os ramos.

—A grama é real? — digo, observando que meu salto não afunda.

—Não, é artificial, mas é tão bem gerenciado que ninguém notaria.

—É verdade. Eu amei os móveis.

—Sim. O tema foi o gelo, como você já deve ter notado. Não estava muito certo de como criar um espaço ao ar livre rico e funcional com este conceito, mas fiquei satisfeito.

—Como deve ser. —Fico na ponta dos pés e o beijo no rosto. — Está fantástico, igual a você.

—Pare agora! — ri. —Eu estou corando.

Rio com ele e depois volto a olhar ao redor para tentar memorizar tudo isso, mas meus olhos não chegam no exterior porque eles primeiro encontram com Ben. Está colado à boca de uma mulher. Eu faço uma careta e tento fazer alguma coisa, mas a única coisa que me ocorre é beber meu champanhe de uma vez só e colar o copo vazio no rosto de Gregory.

—Outro? — Pergunta incrédulo. — Vá com calma, Livy.

—Estou bem, — lhe asseguro, segurando—o pelo cotovelo, mas ele não se move e sei que é porque viu o que eu queria que não visse. — Greg?

Olha para mim lentamente e vejo tanta punição nos olhos dele que não faz sentido ser delicada, então o puxo até que se mova.

—Vamos pegar mais uma taça.

—Sim, vamos. —Custa-lhe pronunciar as palavras.

Remove o braço e me pega pela mão. Com decisão me leva ao bar e pede duas taças de champanhe. Nós não saímos há muito tempo, mas o ambiente se encheu bastante e as pessoas começaram a dançar com bebidas na mão. A música é mais elevada e o champanhe começa a tirar à discrição. E acima de tudo é gratuito. Daft Punk e Pharrell Williams retumbam nos alto-falantes.

—De um trago.

Desta vez não me dá uma bebida, mas um copinho. O olho surpresa.

—Por favor — suplica.

Minha relutância salta à vista. Já tomei uns copos de champanhe e estou bem, mas isso não significa que devo começar a enfiar doses pela garganta.

—Greg...

—Vamos, mulher. Não vai acontecer nada, Livy — me garante e, embora seja uma estupidez, eu aceito o copo, brindo com meu amigo e bebo o conteúdo de uma vez.

Minha garganta queima instantaneamente e me lembro de todas as vezes que bebi antes.

Deixo o copo firmemente em cima do bar, pego a taça e bebo o champanhe, que é muito mais agradável.

—Foi nojento.

—Foi a tequila, mas você se esqueceu de tomar sal e limão.

Me mostra um saleiro e uma fatia de limão e mostra-me como se faz. Primeiro lambe o dorso da mão, coloca um pouco de sal, lambe, bebe a tequila e finca os dentes no limão.

—Assim é muito melhor.

—Você deveria ter me avisado — reclamo sem saber como remover obsoleto gosto da boca.

—Não me deu tempo. — começa a rir. — Vamos para outro.

Ordena mais uma rodada e desta vez sigo o exemplo do Gregory.

Estremeço com a intensidade do sabor, mas então tremo ainda mais só de ouvir os acordes familiares da canção que começa a tocar. Olha para meu amigo extasiada.

—*Carte blanche* — sussurro para ele.

Me vêm a mente memórias de Gregory tentando recriar uma boate no meu quarto todas e cada uma das vezes que me recusei a sair à noite com ele.

—Muito apropriado — confirma, e um sorriso aparece em seu rosto — *Veracocha*! É nossa

música, boneca!

Viramos outra taça de champanhe. Me pega pela mão e me leva para a pista de dança. Não protesto, não ousaria. Gregory está sorrindo e, depois do que acabamos de ver, é a melhor coisa que poderia acontecer.

Nos abre caminho através da multidão até que estamos rodeados de pessoas dançando que apreciam o clássico tanto como nós. Caem raios azuis que cruzam os rostos das pessoas e intensificam meu bom humor. Nos entregamos a música com os braços no ar, os corpos em movimento, saltando, dançando e rindo sem parar. Isso é novo e eu adoro isso. Estou tendo um tempo sensacional.

Gregory me pressiona contra seu peito e coloca sua boca em meu ouvido, para que possa ouvi-lo por cima do ruído e dos gritos.

—Três minutos antes de um cara se aproximar de você.

—Estou dançando com um homem — rio — Teria que ser um arrogante convencido.

—Por favor! Se nota que nós não somos um casal.

Estou prestes a discordar, mas depois vejo que Ben está se aproximando por trás de Gregory, sorrindo e acenando para as pessoas pela pista de dança. Quero tirar meu amigo aqui, mas também quero ver como isso vai acabar. Ben não sabe que o vimos antes e eu me pergunto o que Gregory pensa em fazer a respeito. Me separo dele, mas continuo a sorrir para mantê-lo olhando para mim.

Ben se aproxima e explora o corpo do meu amigo com discrição, sem deixar de saudar as pessoas, sem deixar de sorrir. Quando passa ao lado dele, procura um contato físico, que não deixa espaço para dúvidas. Desliza a mão ao redor da cintura em um gesto sutil, que aparentemente é para dar um passo sem que nenhum deles caia mas que, pelo olhar de desejo de Ben e a brusca mudança na linguagem corporal de Gregory, que passou de relaxada e fluída a tensa e desconfortável, é outra coisa. O afastará, lhe lançará um olhar assassino?

Não. Relaxa quando vê que é Ben e retorna para dançar com confiança quando a canção diminui o ritmo antes da explosão final, que irá deliciar todos aqueles que ocupam a pista de dança. É uma loucura. Estamos em um triângulo. Por um lado, Ben e Gregory, dançam sorrindo, apesar do fato de que as faíscas que saltam entre ambos são palpáveis. Não se tocam, nem mesmo se olham, mas existem e são evidentes. Ben está jogando.

Gregory se aproxima de mim, todo sorrisos.

—Há um homem que está prestes a te abraçar.

—Sim?

Eu tento virar a cabeça para olhar, mas em seguida Gregory me pegar pelos ombros.

—Confie em mim. Deixe que ele te abrace.

Abana seu rosto, me solta e fico tensa da cabeça aos pés, me preparando para o que vai acontecer. Gregory tem muito bom gosto para homens, mas talvez eu tenha o direito de opinar sobre quem me abraça? Ou talvez, deveria deixar que aconteça sem perder o controle, mas deixar que me abrace?

A primeira coisa que noto são seus quadris contra o meu traseiro. Em seguida, a mão dele deslizando sobre minha barriga. Meus movimentos se encaixam perfeitamente com os seus e minha mão repousa sobre a dele em meu umbigo, sem pensar. Gregory sorri como um louco, mas não tenho vontade de virar e ver quem é meu parceiro de dança, porque, provavelmente por causa do

álcool, gosto de como que sinto. Me sinto bem, me sinto à vontade. É perfeito.

Fecho meus olhos e sinto seu hálito quente na orelha.

—Minha menina, você me deixou alucinado.

Capítulo Dezessete

Imediatamente estou consciente das faíscas saltando por todos os lados. Engulo saliva e abro os olhos. Tento virar mas não posso. Seu quadril está preso em minhas costas e me abraça firmemente, o mesmo "firme" que noto sob suas calças. Entrei em pânico e todos os sentimentos que provoca em mim me atacam por todos os quatro lados.

—Não tente escapar — sussurra— Desta vez eu não vou permitir.

—Me solte, Miller.

— Nem morto.

Recolhe meu cabelo para um lado e não leva um segundo para começar a beijar meu pescoço, como se estivesse injetando fogo na minha pele, direto na veia.

—Esse vestido é muito curto.

— E? —arquejo cravando as unhas no antebraço.

—Eu gosto. — sua mão desliza pelo meu quadril, até minha bunda e depois para o baixo do vestido. — Porque isso significa que eu posso fazer isso.

Ele beija meu pescoço, coloca a mão por baixo do vestido e um dedo atravessa minha calcinha. Pressiono meu traseiro para trás com um pequeno grito e me encontro com sua virilha. Morde meu pescoço.

—Você está encharcada.

—Pare — lhe suplico sentindo o raciocínio me abandonar.

—Não.

—Pare, pare, por favor. Pare, pare...

—Não, — move os quadris em círculos, com segurança. — Não, Livy.

Seu dedo me penetra e componho um sorriso de prazer e desespero. Meus músculos internos se apegam a ele. Inclino a cabeça, o deixo fazer. Minha mão agarra com força que ele tem sobre a minha barriga, muda sua postura para entrelaçar os dedos com os meus. Não vai me deixar ir. Sei que estou falhando e, apesar do desespero do meu desejo, procuro por Gregory para me ajudar. Desapareceu.

Assim como Ben.

Estou chateadíssima. Gregory tinha me prometido que não ia deixar acontecer nada e ele saiu de repente. Deixou que alguma coisa acontecesse e precisamente com o pior homem possível. Eu tento me livrar do abraço de Miller, me mexo até que não tenha outra solução se não me soltar ou me tirar do chão à força. Me viro com todo cabelo no rosto. Está tão organizado como sempre, só que não usa jaqueta e arregaçou a camisa, coisa que não é seu estilo habitual. É muito informal, embora use o colete fechado e esteja bem penteado. Seus olhos azuis penetrantes me perfuram a pele, me acusando.

—Eu disse que não — murmuro— Não quero que me toque, e não lhe darei quatro horas, não agora ou nunca.

—Veremos — responde confiante enquanto dá um passo em minha direção. — Você pode dizer tudo o que quiser, Olivia Taylor, mas o seu corpo...— com um dedo acaricia meu peito e o estômago, e tenho que puxar ar, para controlar os calafrios — Sempre me diz sim.

Minhas pernas começam a se mover antes que meu cérebro envie instruções, o que me leva à conclusão de que é um instinto natural. O de fugir. Tenho que fugir antes de perder a cabeça e minha integridade, e deixá-lo voltar a me jogar fora como uma bituca. Antes mesmo de me dar conta já estou no bar. Peço uma bebida e bebo em um trago assim que o garçom serve para mim.

Agora tenho Miller na minha frente. Sua mandíbula está apertada e cumprimenta o garçom, que está atrás de mim. Então, como que por magia, por cima do meu ombro aparece o copo que a mão de Miller estava esperando. Estou encantada de ver como seus lábios bebem lentamente. Não tira os olhos de mim, como se ele soubesse que efeito sua boca tem em mim. Me fascina. Me cativa. Então passa a língua pelos lábios e, sem saber o que fazer, sabendo que vou beijá-lo se não me mexer, começo a correr, desta vez escadas acima, em direção a galeria de vidro, em busca de Gregory. Eu preciso encontrá-lo mesmo que ele seja uma dor na bunda.

Eu estou tão ocupada olhando para baixo em busca do meu amigo que eu não sei onde ando e tropeço em alguém. O peito anguloso me parece muito familiar.

—Livy, o que você está fazendo? — me pergunta, cansado, como se eu estivesse travando uma batalha perdida. Temo que sim.

—Eu estou tentando ficar longe de você — digo calmamente. Aperta o queixo, irritado. —Se afaste, por favor.

—Não, Livy — pronuncia muito lentamente. Sabe que eu não posso tirar os olhos de seus lábios. — Quanto você bebeu esta noite?

—Não é o seu negócio.

—É, porque você está no meu clube.

Meu queixo chega no chão, mas ele permanece inabalado.

—Este bar é seu?

—Sim, e minha responsabilidade é ter certeza de que meus clientes não perdem a

compostura. — Se aproxima de mim. —Você está perdendo, Livy.

—Então me tire — o desafio. — Faça com que me acompanhem até a porta. Eu não me importo. — Me olha furioso.

—O único lugar que vão te acompanhar é para a minha cama.

Eu sou, quem se aproxima dele, tanto que acredito que vou beijá—lo. Eu tenho que fazer um esforço sobre-humano para me impedir, como se estivesse combatendo a atração de um ímã poderoso. Ele está pensando a mesma coisa. Tem os lábios entreabertos e seu olhar é puro desejo.

—Vá para o inferno — digo devagar e com calma, quase em um sussurro.

Estou surpresa com o quão fria mantenho a cabeça, ainda que não deixasse vê-lo. Olha para mim boquiaberto e lhe devolvo um olhar sereno. Eu não me afasto, mas sim dou um trago longo e lento em meu copo. Pega de mim instantaneamente.

—Acho que já é suficiente.

—Você está certo, é o suficiente: já não te suporto mais.

Dou meia volta e me afasto dele. Minha missão é encontrar o Gregory, resgatá-lo da confusão em que se meteu e escapar desta armadilha mortal.

—Livy! –O ouço gritar atrás de mim.

Ignoro e continuo andando. Desço a escada, viro em alguns cantos e acabo nos banheiros com Miller preso a meus saltos enquanto ando calmamente por seu clube.

—O que está fazendo? —grita acima da música — Livy?

O ignoro e penso se falta algum lugar em que não tenha procurado Gregory. Já procurei em todas as partes, exceto no...

Não penso duas vezes antes de abrir com força o banheiro para deficientes. Não até que ouço o som de abertura da porta de metal e vejo Gregory inclinado sobre a pia com o calça jeans pelos tornozelos. Ben, o têm preso pelos quadris, investindo para frente entre grunhidos. Ninguém parece ter tido conhecimento de minha presença, ou o volume da música. Eles estão entregues para a paixão que os une. Levo a mão à boca, atordoada, que volto por aonde vim, e dou de costas contra o peito do Miller, que volta a me colocar no banheiro e fecha a porta com um golpe, que tira Ben e Gregory de sua euforia privada. Bem, agora já não é e enquanto os dois recuperaram a compostura, medo, vergonha e o desconforto podem ser cortados com uma faca. Você tem que ver o quão rápido eles se vestiram.

Me viro para Miller.

—Temos de ir. —Coloco as mãos sobre o peito e o empurro.

No entanto, ele se afasta, mas não o olhar de Gregory e Ben. Franze o cenho e aperta a mandíbula.

—No meu escritório tenho um cheque para você pelo trabalho do terraço, Greg.

—Senhor Hart — assente Gregory, vermelho como um tomate.

— E outro para você. — Miller olha para Ben, que quer morrer no lugar.

Me sinto mal pelos dois e odeio Miller por fazê-los se sentir tão insignificantes.

—Os agradeceria se não usassem os banheiros do meu estabelecimento como um matadouro. É um clube seleto privado. Devem mostrar o mínimo de respeito.

Quase sufoco. Ele fala de respeito? Acaba de colocar a mão sob meu vestido no meio da pista de dança. Eu tenho que sair daqui antes que eu comece a falar a qualquer um dos três, porque aos três eu gostaria de dizer algumas coisas. Vou embora, atordoada por tudo o que aconteceu em tão pouco tempo. Estou um pouco tonta pelo álcool e a sensação de perda de controle começa a ser preocupante.

Oscilo pelo hall e um cara se aproxima. Seu olhar lascivo percorre meu corpo. Conheço esse olhar e não me agrada. Me roça ao passar e sorri.

—Eu estive te observando— sussurra com olhos brilhantes pelo desejo.

Tenho que continuar a andar, mas uma enxurrada de imagens agride minha mente e eu não posso me mover. Meu cérebro não está preparado para processá-los ou dar as instruções necessárias, para que eu saia correndo, então me faz ver coisas que eu tenho escondido no lugar mais remoto da minha memória por anos.

O cara rosna e me empurra contra a parede. Estou petrificada. Não posso fazer nada. Sua boca se lança contra a minha e as lembranças ruins estão se multiplicando, mas antes que tenha a oportunidade de reunir as forças físicas e mentais para me livrar dele, desaparece e eu fico colada a parede, respirando com dificuldade, notando como Miller mantêm o cara preso, que nunca para de lutar.

— Mas que inferno...? Tire as mãos de mim! —o cara grita.

Miller tira calmamente o celular do bolso e aperta um botão.

—Banheiro no primeiro andar.

O tipo ainda está brigando, mas Miller o domina com o mínimo de esforço. Me olha fixamente, impassível. Embora ele esteja furioso. Vejo o brilho de seus olhos azuis. Há raiva, ira quente e não me sinto nada confortável. Começo a andar hesitante em direção a uma extremidade do Hall, quando dois seguranças gigantescos vem como um estouro de elefantes. Olho para trás para avaliar a situação. Miller, lhes dá o tipo e alisa a camisa e colete. Me olha. Move a cabeça e vem em minha direção. Uma mecha rebelde cai em sua na testa. Sei que não irei longe, mas preciso ir para o bar. Preciso de outro drinque. Sou rápida, consigo pedir outra taça de champanhe e bebo até que a retiram vazia de minhas mãos. Com uma mão na minha nuca, me leva longe do bar. Tenho que andar às pressas para cair.

—Não vou te dar quatro horas! — Grito desesperadamente.

—Não as quero! — ele ruge enquanto continua a me empurrar bruscamente. É como sentir um milhão de facadas.

As pessoas assentem, sorriem e vão para Miller enquanto ele me empurra pelo clube, mas não para. Nem para falar com ninguém, nem mesmo diz olá. Não posso confirmar porque não vejo seu rosto, mas a maneira em que as pessoas que deixamos para trás olham diz tudo. Está me segurando com força pela nuca e não parece que vai me soltar, embora esteja ciente de que está me machucando. Ele me leva em direção à entrada do bar. Através do brilho azul portas de vidro, vejo pessoas esperando para entrar.

Então, algo me chama a atenção e volto a olhar. Ela é a sócia de Miller. Esta observando boquiaberta a maneira em que ele me trata. Com o copo nos lábios, à beira de beber, mas está hipnotizada com o que ela vê. Apesar do meu estado de embriaguez, pela primeira vez paro para pensar o que está dizendo Miller sobre mim.

—Livy! —É Gregory, e tento virar a cabeça, mas é impossível para mim.

—Caminhe! —ordena.

—Livy!

Miller, para e se vira, arrastando-me com ele.

—Você vem comigo.

—Não — Gregory nega, com a cabeça, se aproxima e olha para mim. Ele odeia seu café? — pergunta e assinto.

O rosto do meu amigo é a imagem da culpa. Me colocou na boca do lobo e saiu para se divertir com Ben.

—Miller — respondo confirmando as suspeitas de Gregory, mas querendo saber como é que não sabe se ele tem trabalhado para ele.

—Você pode ficar e tomar uma bebida — diz Miller com calma. — Ou eu posso chamar a segurança. A escolha é sua.

As palavras de Miller, embora pronunciadas em um tom conciliatório, são uma ameaça. Eu não duvido de que irá cumprir com isso.

—Se eu for, Livy vem comigo.

— Não — Miller responde no mesmo instante. — Seu amante vai lhe pedir para ser sensato e deixar que eu a leve.

Ben então aparece atrás de Gregory, pálido e nervoso.

—O que está fazendo? — pergunta a Miller.

—Isso depende de sua decisão. Eu vou com a Olivia para meu escritório e vocês dois vão voltar para o bar para uma bebida. Convido-os.

Gregory e Ben trocam um olhar e então olham para Miller e eu. Eles não sabem o que fazer. Sobra para eu falar.

—Eu estou bem. Vá tomar uma bebida.

— Não. — Gregory dá um passo em frente. — Não depois de tudo o que me contou, Livy.

—Estou bem — repito lentamente antes de olhar para Miller e fazer um gesto para irmos.

Ele afrouxa a mão um pouco. Sua raiva está passando. Seus dedos massagem meu pescoço.

Já quase não sinto.

—Miller?

Então olho para a esquerda e vejo a mulher. Nos seguiu e pela forma como morde os lábios vermelho cereja, sei que me reconhece apesar da mudança de imagem.

Miller olha para ela sem pestanejar. Isso é muito desconfortável. A tensão entre os cinco poderia ser cortada com uma faca. Me sinto como uma intrusa, mas isso não impede que permita a Miller me levar longe da companhia desagradável.

Permanece em silêncio enquanto descemos as escadas e passamos por um labirinto de salões. Finalmente chegamos a uma porta e amaldiçoa enquanto digita o código no teclado numérico. Espero que me solte enquanto fecha a porta, mas ao invés disso me leva a uma mesa branca e me vira. Apoia-me contra a mesa, separa minhas pernas e se lança contra mim. Agarra meu rosto entre suas mãos e cobre a minha boca com o sua. Sua língua não pede permissão e começa a acariciar-me o interior da boca. Gostaria de perguntar o que demônios está fazendo, mas sei que quero saborear este momento. O que não quero em absoluto é ter que ouvir o sermão que vai atirar assim que terminar o beijo. Que

dure. Eu aceito. Com este beijo aceito o que ele fez hoje à noite e antes desta noite, que brincou com meu coração, que me encheu para em seguida me deixar vazia novamente..., um simples músculo dolorido no meu peito.

Geme e minhas mãos sobem por suas costas até chegar a nuca. O aperto contra mim.

—Não vou me deixar fazer isso novamente — murmuro contra seus lábios. Sua boca não abandona a minha, e não tento impedi-lo, apesar de minhas palavras.

—Não acho que importa se você vai me deixar, ou não, Livy. — Aproxima a virilha entre minhas coxas e a fricção me enlouquece. Tremo e busco a força de vontade que eu preciso pará-lo. — Está acontecendo. —morde meu lábio, o chupa e olha para mim. Afasta meu cabelo do rosto. — Já aceitamos isso. Não há nenhuma maneira de pará-lo.

—Posso parar isso apenas como você fez muitas vezes — sussurro. — Deveria fazê-lo.

—Não, você não deveria. Não vou permitir que você faça isso, e eu não deveria ter parado nunca. — Seus olhos vagam meu rosto e me beija com ternura. — O que aconteceu com você, minha menina?

—Você — acuso — Você é o que me aconteceu.

Me tornei imprudente e insensata. Me faz sentir viva, mas também me suga essa vida na mesma velocidade. Estou brincando de advogada do diabo com esse homem disfarçado de cavalheiro, e me odeio por não ser mais forte, por não parar os pés. Quantas vezes eu posso fazer isso a mim mesma, e quantas vezes farei isso com ele?

—Não gosto disso — diz enquanto pega a mão que tenho em suas costas e olha o esmalte vermelho. — E isto, também — adiciona correndo um dedo pelos lábios sem deixar olhar para mim. — Eu quero minha Livy de sempre.

—*Sua Livy*?

O cérebro vai mil rotações por minuto e acelera meu pulso. Ele quer a Livy de sempre para deixá-la como uma bituca. Não é isso?

—Não sou sua — respondo.

—Você está errada. Você é toda minha. — Gruda em mim e agarra a minha mão com força até que me sento na mesa. — Vou deixar o escritório para dizer a seu amigo que você vem para casa comigo. Ele vai querer falar com você, então quando te ligar, atenda o telefone.

—Vou com você? — desço da mesa e imediatamente volta a me sentar nela.

—Não. Você vai entrar naquele banheiro lá e vai tirar toda essa merda do rosto.

Retrocedo, mas ele nem sequer vacila.

—Você vai sair e dizer a esta mulher que vou para casa com você? — digo puta e me observa cuidadosamente.

—Sim — responde apenas.

Só isso? Não tenho nada a acrescentar porque a embriaguez me impede de pensar com clareza e, quando termina de estudar minha cara de espanto, sai e fecha a porta ao sair. Ouço o clique do bloqueio. Desço da mesa, corro para a porta e puxo a maçaneta, ciente de que estou desperdiçando meu tempo. Me trancou com chave.

Não vou ao banheiro. Vou para a vitrine onde mantém as bebidas. Vejo uma garrafa de champanhe em um balde de gelo e duas taças num ângulo perfeito. Isso é obra de Miller. Por outro

lado, a marca carmim na borda de uma delas não é. Tremo de pura raiva, pego um copo, e encho de champanhe, bebo, voltar a enchê-lo e volto a beber, muito rápido. Estou bêbada e não preciso de mim tendo mais álcool, mas meu autocontrole esta desvanecendo.

Como Miller disse, o telefone começa a tocar na minha bolsa de mão. Está em cima da mesa. A pego e procuro o celular. Vejo o nome de Gregory na tela.

—Fala? — tento parecer calma e fria, mas o que eu quero é gritar e desabafar.

—Vai com ele?

—Estou bem. —Não há por que preocupá-lo mais, e em nenhuma maneira eu vou com Miller. — Você não sabia que era esse o nome?

—Não, — suspira. — Para mim era o bastardo esticado senhor Hart.

— Mas na pista de dança me disse para deixá-lo me abraçar.

—Porque era melhor que um pão!

— Ou porque você queria sair para se divertir com Ben.

—Foi uma dança, nada mais. Eu não deixaria que passasse disso.

— Mas você deixou!

—Não tenho desculpas — sussurra. — Estou bêbado, mas, mesmo assim, sou um caso perdido, certo? É o imbecil pomposo que odeia seu café e você está apaixonada.

—Não é, imbecil! — Não sei o que estou dizendo. Posso pensar em coisas muito piores do que chamar Miller, e é todos e cada um deles.

—Não gosto disso, Livy — resmunga Gregory.

—A mim tampouco o que teve que passar antes, Gregory.

Faz-se um momento de silêncio.

—Você é linda — me responde desanimado. — Por favor, lembre-se disso se você vai dar-lhe um minuto a mais do seu tempo, Livy.

—Vou fazer — o tranquilizo. — Estarei bem. Eu te ligarei. Como está o Ben?

—Ainda lívido. — ri e tudo parece melhor. — Mas vai sobreviver.

—Ok. Amanhã falamos.

—Não se esqueça. Tenha cuidado.

Respiro profundamente, desligo e me deixou cair na borda da mesa de Miller, que está livre de papéis, canetas, computador e equipamentos de escritório. Há apenas um telefone perfeitamente colocado. A cadeira está escondida debaixo da mesa, perfeitamente certa. A precisão com tudo está disposto é o que mais me surpreende. Igual em sua casa. Há um lugar para cada coisa.

Exceto para mim.

E tem um clube?

Volto à realidade, ao ouvir uma chave na fechadura. Ele volta e parece satisfeito até que vê minha cara.

—Te pedi que fizesse algo.

—Vai me obrigar se eu me recusar? — o desafio. É o álcool que me infunde valor. A questão parece confundi-lo.

—Nunca te forçaria a fazer nada que não quisesse fazer, Livy.

—Me obrigou a vir aqui — indico.

—Eu não te obriguei. Você poderia ter resistido, poderia ter se soltado se de verdade quisesse.

Passa a mão pelo cabelo, respira fundo, e se aproxima de mim, afasta minhas pernas e se coloca entre elas. Seus dedos acariciam meu queixo e aproxima meu rosto perto do dele, mas é um pouco turva. Pisco, frustrada por não estar em condições de admirar suas belas feições.

—Você está bêbada... —diz docemente.

—A culpa é sua — respondo, arrastando as palavras.

—Peço desculpas.

—Você falou pra sua namorada de mim?

—Não é minha namorada, Livy. Mas sim, falei de você.

Só o pensamento me mata, mas se sentiu a necessidade de falar de mim é porque eles são mais do que parceiros de negócios.

—É tua ex-namorada?

—Por Deus, não!

—Então por que teve de falar sobre mim? Porque sou assunto sujo?

—Você não é!

Já o deixei louco. Tanto faz. Eu adoraria ver algo mais do que sua cara séria e perfeita.

—Por que continua fazendo isso? — Pergunto afastando-o. — Você é terno, doce, carinhoso... em seguida, frio e cruel.

—Não sou ha...

—Sim, você é. — interrompo, e não me importo se me repreender pela minha falta de educação.

Não foi muito educado de sua parte me arrastar à força pelo clube e, assim mesmo, o fez. E tem razão: poderia ter protestado um pouco mais.

Mas não o fiz.

—Você vai me foder, finalmente? —pergunto insolente e calma. Ele recua com uma cara de nojo.

—Você está bêbada — atira. — Não vou te tocar em um fio de cabelo estando bêbada.

—Por quê?

Cola seu rosto no meu com o maxilar tenso.

—Porque nunca me contentaria com menos que te adorar. Por este motivo. — Olha para mim com determinação. —Nunca serei uma noite de bebedeira, Livy. Você vai se lembrar de cada uma das vezes que foi minha. Cada momento ficará gravado em sua mente para sempre. — Apoia o indicador em minha têmpora. — Cada beijo, cada toque, cada palavra.

Meu pulso se acelera. É tarde demais, mas digo do mesmo jeito.

—Não quero que seja assim.

Ele já tem residência permanente na minha cabeça.

—Azar o seu, porque é assim que vai ser.

—Não tem que ser!! — respondo, e imediatamente me pergunto de onde vieram essas palavras tão contundentes e se realmente sinto o que digo.

—Vai ser assim. Tem que ser.

—Por quê?

Eu começo a oscilar ligeiramente, e ele deve ter notado porque pega meu braço para que eu não caia.

—Estou bem! —Digo com insolência e arrastando as palavras. — E você não respondeu minha pergunta!

Fecha os olhos, os abre lentamente e me mata com dois raios azuis de sinceridade.

—Porque assim é como é para mim.

Engulo saliva e espero que meu estado de embriaguez não esteja me fazendo imaginar coisas. Não sei o que responder, agora não, talvez até mesmo enquanto sóbria.

—Me deseja. — mesmo bêbada, quero ouvi-lo proferir essas palavras. — Puxa o ar e leva seu tempo para queimar meus olhos com os seus.

—Te desejo — confirma lentamente, com clareza. — Me dê o que é meu.

Rodeio seu pescoço com os braços e o atraio para mim. Dou o que é seu. Um abraço.

O coração vai sair do meu peito.

Abraça-me por uma eternidade, acariciando minhas costas e o cabelo com os dedos. Vou acabar dormindo. Suspira várias vezes no meu pescoço, me beija sem parar me aperta entre os braços dele.

—Posso levá-la comigo para minha cama? —me pergunta em voz baixa.

—Quatro horas?

—Acho que você sabe que eu te quero comigo muito mais do que quatro horas, Olivia Taylor.

Em seguida, leva a mão ao meu traseiro para me levar em seus braços e me tira da mesa.

—Quem me dera que não tivesse lambuzado o rosto.

—É maquiagem. Não me lambuzei: acentuei minhas características.

—Minha menina, é uma beleza pura e natural. —Dá meia volta e começa andar até a porta, mas primeiro para junto ao armário de bebidas para ordenar as taças de champanhe. — E gostaria que continuasse sendo.

—Quer que eu seja tímida e piedosa.

Nega com a cabeça e abre a porta do escritório. Como de costume, põe a mão e minha nuca para que comece a andar.

—Não, o que não quero é que você se comporte de forma tão imprudente ou dê seus lábios para outro homem provar.

—Não fiz de propósito. — cambaleio e Miller pega meu braço para me estabilizar.

—Você deve ter mais cuidado... — me adverte.

Tem razão. Embora saiba quão bêbada, não deixo minha insolência de bêbada fazer seu ato de presença.

Percorremos o corredor e subimos a escada de volta para o clube. Começo a sentir realmente o consumo excessivo de álcool me pegar. Vejo as pessoas em dobro ou borrada, as pessoas se movem em câmera lenta, e a música alta faz sangrar meus ouvidos. Cambaleio sobre meus saltos e reparo que Miller me olha.

—Livy, você está bem?

Tento acenar, mas minha cabeça não faz exatamente o que digo, assim ao invés disso parece que tento me virar. Então me choco contra uma parede.

—Estou...

De repente minha boca se enche de saliva e meu estômago revira.

—Oh, não... Livy...

Me pega em seus braços e começa a correr de volta para o escritório dele, mas não rápido o suficiente. Vômito por todo o corredor... E por cima de Miller.

—Merda! —amaldiçoa.

Vomito um pouco mais enquanto me coloca em seu escritório.

—Estou um pouco enjoada — balbucio.

—Mas o que diabos você bebeu? — pergunta tentando me estabelecer na privada do seu banheiro.

—Tequila. — rio nervosa. — Mas eu não fiz tão bem, me esqueci de colocar sal e limão, então tivemos que repetir... Oops!

Escorrego da tampa da privada e pouso no chão.

—Ai!

—Por Deus, abençoado — resmunga me pegando no chão enquanto minha cabeça balança sobre meus ombros e ele tenta remover o colete e a camisa polvilhados com vômito.

—Livy, quantos tiros você tomou?

—Dois — respondo.

Minha bunda pousa de novo na tampa da privada.

— E me servi de champanhe — digo arrastando as palavras — Mas não usei a taça manchada de carmim. É tão estúpido que nem notou que quer fazer muito mais do que negócios com você.

—O que há com você?...

Minha cabeça pesa muito, mas a levanto e tento focar o que tenho na minha frente, que é uma obra-prima, um torso suave e nu.

—Você, Miller Hart. —levo as mãos a seus peitorais e levo meu tempo acariciando ele. Posso estar bêbada, mas sei apreciar o que tenho diante de mim e é muito agradável. — Você é o que acontece comigo. — Levanto o olhar, coisa que me custa, e vejo que ele está observando como o acaricio.

—Você se enfiou no meu sangue, e agora não consigo me livrar de você.

Se agacha em frente a mim e acaricia minha bochecha, a desliza até minha nuca e atrai meu rosto para o seu.

—Como eu gostaria que não estivesse tão bêbada.

—Eu também. — tenho que admitir, não poderia com ele estando tão embriagada como estou.

E eu gostaria de ser capaz de me lembrar. Eu gostaria de lembrar de todos os momentos íntimos, mesmo este. —Se me esquecer como está me olhando neste momento, ou o que me disse antes em seu escritório, me prometa que você vai me lembrar.

Ele sorri.

— E isso também! — me falta tempo para dizer. — Me prometa que vai me sorrir assim da próxima vez que ver você.

Seus sorrisos são raros e preciosos, e o odeio por me dar um precisamente agora, quando o mais provável é que me esqueça.

Solta um lamento e acho que fecha os olhos. Ou será que eu os fechei? Não tenho certeza.

—Olivia Taylor, quando você acordar de manhã, vou desfrutar o que está me privando de fazer essa noite.

—Você se privou sozinho — respondo — Mas me lembre primeiro — murmuro enquanto me atrai até ele, para me dar "o que mais gosta". —Me dê um sorriso.

—Olivia Taylor, se tenho você, estarei sorrindo pelo o resto da minha vida.

Capítulo Dezoito

O meu cérebro está distorcido, e na minha escuridão gostaria de saber que ano estamos. Se passou muito tempo, mas eu sei como vou me sentir assim que você abrir os olhos. Tenho a boca seca, o corpo de borracha e as batidas surdas na minha cabeça que vão se transformar em um martelamento incessante quando me levantar do travesseiro.

A melhor coisa que posso fazer é continuar a dormir. Me viro de lado em busca de um lugar fresco, afundo no travesseiro e suspiro de felicidade, estando o confortável nesta posição. Então eu ouço um zumbido suave, hipnótico e inconfundível.

Miller.

Não dou um salto porque meu corpo não me permite, mas abro os olhos e encontro um sorridente olhar azul. Franzo o cenho e olho para sua boca. Sim, ele está sorrindo e é como a luz do sol em um dia cinzento, dissipa as nuvens e faz tudo perfeito. Luminoso. Real. Mas por que ele está tão feliz e como eu vim parar aqui?

—O que eu fiz que é tão divertido? — digo com a voz rouca. Tenho a garganta de papel de

lixa.

—Você não fez nada divertido.

— Então por que você está sorrindo assim?

—Porque me fez prometer — diz me dando um beijo brincalhão na ponta do nariz. — Se te faço uma promessa, Livy, a cumpro.

Me aproxima do seu lado da cama e me dá "o que mais gosta". Me abraça com força e afunda o rosto no meu pescoço.

—Porque nunca me contentaria com menos do que te adorar. Sempre — sussurra—. Nunca serei uma noite de bebedeira, Livy. Você vai se lembrar de cada uma das vezes que você foi minha. Cada momento ficará gravado em sua mente para sempre.

Beija meu pescoço com doçura e me aperta um pouco mais forte.

—Cada beijo, cada toque, cada palavra. Porque é assim que é para mim.

Minha respiração fica presa na garganta. Suas palavras me enchem de pura felicidade que brilha apesar de como tonta estou. Mas franzo o cenho. É como o se o que disse fizesse parte de uma conversa secreta que eu perdi.

—Ainda bem que cumpro minhas promessas. —Emerge do meu pescoço e estuda meu rosto com determinação. — Ontem à noite você me decepcionou.

Seu tom acusatório ressuscita uma memória embaçada... e outro homem...e grandes quantidades de álcool.

—Foi sua culpa — respondo calmamente.

Agora é ele quem franze a testa, surpreso.

—Não me lembro de ter pedido à você, que deixasse outro homem te beijar.

—E não deixei, e não me lembro de ter concordado que me trouxesse aqui.

—Não espero que se lembre de muito. — morde meu nariz. — Vomitou em cima de mim, vomitou no meu novo clube e você caiu, mais de uma vez. Eu tive que parar o carro em duas ocasiões em que você poderia voltar e você ainda, escolheu para fazê-lo na minha Mercedes.

Ele beija meu nariz enquanto me concentro para compor um olhar de horror. Que vergonha.

—Então você decorou o átrio do edifício com mais vômito e também no chão da minha cozinha.

—Sinto muito — sussurro.

Tenho certeza que lhe deu um ataque, como maníaco por limpeza que é.

—Eu te perdoo.

Ele se senta e me coloca no colo dele.

—Minha menina doce e pura ontem à noite tornou-se a menina de *O Exorcista*.

Mais uma lembrança.

"Minha Livy".

—Sua culpa — repito porque sei que não tenho outra defesa, exceto admitir que a culpa foi minha, e em parte é.

—Você é quem está dizendo.

Ele se levanta e me coloca de pé, embora minhas pernas mesmo agora não respondam.

—Você prefere as boas ou as más notícias?

Tento me concentrar nele, irritada porque minha visão turva pós-bebedeira não me permite desfrutar dele.

—Não sei.

—Começamos com as más. — Recolhe meu cabelo e penteia nas costas. — Só usava um vestido e cobriu de vômito, então agora você não tem roupas.

Me olho e descubro que estou nua. Eu nem uso calcinha, e eu não acho que também vomitei nelas.

—Eram muito bonitas, mas eu te prefiro nua.

Me olha como se tive me entendido.

—Lavou minhas roupas, certo?

—Sim. Sua linda calcinha nova está na gaveta. No entanto, seu vestido estava muito sujo e tive que colocar de molho.

— E a boa notícia? —Pergunto envergonhada pelo que ele disse da minha lingerie nova e porque tem que me lembrar a vomitei ontem à noite.

—A boa notícia é que você não precisará de roupas, porque hoje somos brócolis.

—Perdão? Nós somos brócolis?

—Sim, como vegetais.

Eu sorrio divertida.

—Vamos vegetar como brócolis?

—Não, você não entendeu nada. — Nega com a cabeça. — Vamos nos escarranchar como brócolis.

—Somos vegetais?

—Sim — ele suspira exasperado. — Nós vamos vegetar todo o dia, então nós somos brócolis.

—Eu quero ser uma cenoura.

—Você não pode ser uma cenoura.

— Ou um nabo. Que tal um nabo?

—Livy — me adverte.

—Não, esqueça. Eu definitivamente quero ser uma couve de Bruxelas.

Nega com a cabeça em desaprovação.

—Vamos ter um dia preguiçoso.

—Eu quero vegetar. — Sorrio, mas não dede um milímetro. — Ok, me escarrancharei como o brócolis com você. —Me rendo — Eu serei o que você quiser.

—Que tal um pouco menos irritante?

Eu tenho uma ressaca de campeonato e continuo incerta sobre como cheguei aqui, mas ele sorriu para mim e me disse coisas bonitas e agora quer passar o dia comigo. Já não me importa se ele sorri ou não, nem que não siga a corrente quando brinco com ele. É muito sério e não vejo qualquer vestígio de senso de humor e, apesar de seu jeito de ser tão cortante, me resulta

extremamente cativante. Não consigo ficar sem ele. É fascinante e viciante e quando olha o relógio me lembro de outra coisa...

"Eu acho que você sabe que eu te quero comigo muito mais do que quatro horas."

Estou petrificada. Quanto mais? Voltará aos velhos tempos? Outra imagem emerge então, em minha mente confusa... Uma de lábios vermelhos cereja e uma cara horrorizada. É bonita, bem conservada e com classe. Tem tudo que precisa para atrair um homem como Miller.

—Você está bem? —Seu tom de preocupação me tira do meu egocentrismo.

Assinto.

—Sinto muito ter vomitado por toda parte. — digo de coração, e penso que uma mulher como a sócia de Miller não faria algo tão nojento.

—Já te perdoei. — me pega pela nuca e me leva ao banheiro. — A noite passada tentei escovar seus dentes, mas não havia nenhuma maneira que você ficasse quieta.

Coisa boa, que não me lembro da metade do que aconteceu ontem à noite. O pouco que me lembro não gosto de um cabelo, para começar, e o fato de ter pego Gregory e Ben...

—Tenho que ligar para Gregory.

—Não, — me passa uma escova de dente – Ele sabe onde você está e que você está bem.

—Confiou em você? —pergunto surpresa ao lembrar sua tensa troca de palavras.

—Não vejo por que tenho que dar explicações ao homem que a encorajou seu imprudente comportamento.

Coloca pasta de dente na minha escova de dente, e depois guarda em um armário de espelho gigante que fica sobre a pia.

— Mas as dei a sua avó.

—Você ligou para minha avó? — inquiro.

O que quer dizer com lhe deu explicações? Explicou a ela, porque é assim tão inconstante, que está brincando com meu coração e minha sanidade?

—Sim.

Pegue minha mão e a leva para a boca, para que escove meus dentes.

—Tivemos uma conversa muito agradável.

Coloco a escova na boca e a movo em círculos para não fazer mais perguntas sobre a conversa, mas é óbvio que meu rosto reflete que estou morrendo de curiosidade de saber do que falaram.

—Me perguntou se eu era casado.

Abrir alguns olhos como pratos.

— E, depois, para esclarecer esse ponto, ela me disse algumas coisas.

Deixo de mover a escova. O que haverá lhe contado minha avó?

—O que ela disse? — Essa pergunta, para qual preferia não receber resposta, conseguiu sair da minha boca cheia de pasta de dentes.

—Mencionou sua mãe e eu disse a ela que você já tinha me dito. — Me observa e fico tensa: sinto-me exposta. — Então me disse que desapareceu durante uma temporada.

O coração me bate no peito, nervoso e inquieto. Estou chateada. Minha avó não tem porque contar minha vida para ninguém e muito menos para um homem que só viu um par de vezes. É minha vida, cabe a eu falar sobre isso, e somente se eu quiser fazê-lo. E eu não quero. Essa parte não vou explicar a ninguém, nunca. Cuspo o creme dental e enxáguo a boca para tentar escapar de seu olhar curioso.

—Aonde vai? –pergunta, ao me ver sair do banheiro. —Livy, espere um minuto.

—Onde estão minhas roupas?

Não perco tempo esperando que me responda. Vou diretamente para as gavetas, me ajoelho e abro a partir de baixo, onde encontro minha bolsa de mão, minha calcinha e meus sapatos.

Me alcança e fecha a gaveta com o pé. Me levanta. Mantenho a cabeça baixa. O cabelo cobre meu rosto, é o esconderijo perfeito até que o afasta e levanta meu queixo. Aí está novamente aquele olhar curioso.

—Por que você se esconde de mim?

Não digo nada, porque eu não tenho resposta. Me olha preocupado e com pena e o odeio por isso. Ao mencionar minha mãe e meu desaparecimento, tudo o que aconteceu ontem à noite me veio à memória. Cada detalhe, cada copo, cada gesto... Tudo.

Quando entende que não vou responder, me pega em seus braços e me leva para a cama. Me deposita nela com gentileza e tira sua boxer.

—Nunca te forçaria a fazer nada que não quisesse fazer, Livy.

Beija meu quadril e o movimento lento de sua boca na minha pele repele todos meus arrependimentos.

—Você tem que entender. Não vou a qualquer lugar e você também não.

Está tentando me infundir segurança, mas já disse o suficiente.

Fecho meus olhos e deixo que me leve para aquele lugar maravilhoso onde a angústia, tortura e o passado não existem. O Reino de Miller.

Sinto seus lábios subirem por meu corpo, deixando para trás de um caminho ardente.

—Eu preciso tomar banho — imploro.

Não quero parar, mas eu não gosto a ideia de que adorar o meu corpo de ressaca.

—Te dei banho ontem á noite, Livy.

Chega a minha boca e dedica um momento a meus lábios antes de olhar para mim de novo.

—Te lavei, devolvi o seu rosto a beleza que eu amo e desfrutei de cada momento.

Me tira a respiração, ao ouvir "a beleza eu amo", e me dá muita raiva que tenha perdido. Ele cuidou de mim apesar de meu comportamento horrível ontem à noite.

Acaricia meu cabelo e vejo que as mechas lisas e sedosas desapareceram e meus cachos indomáveis voltaram para seu lugar. Leva meu cabelo ao rosto e respira profundo. Então pega minha mão e me mostra minhas unhas sem esmalte vermelho.

—Uma beleza pura, virginal.

—Você secou meu cabelo e tirou meu esmalte? Você tem removedor de esmalte em casa?

Ele sorri.

—Eu parei em uma farmácia vinte e quatro horas.

Ele fica de joelhos e se estica em direção a mesa de cabeceira para pegar um preservativo.

—Precisamos comprar mais destas.

O fato de pensar em Miller procurando removedor de esmalte nos corredores de uma loja me faz sorrir.

—Removedor de esmalte e preservativos?

No entanto, obviamente não acha tão engraçado como eu.

—Podemos? — pergunta ao rasgar o invólucro com os dentes.

—Por favor — suspiro, e não me importa que tenha soado como uma suplica. Não temos um limite de tempo, não há pressa, mas o quero desesperadamente.

Pega o membro duro com uma mão e coloca a camisinha com a outra. Logo me vira para baixo e cobre o meu corpo com o dele.

—Por trás — sussurra afastando minha perna e me abrindo para ele. — Você está confortável?

—Sim.

—Contente?

—Sim.

—Como te faço sentir, Livy?

Desce por minhas costas, me dá uma mordida no traseiro e o massageia, enquanto o lambe e o mordisca.

—Diga.

—Viva. —A palavra sai rapidamente e estico o pescoço quando ele volta a subir pelo meu corpo e se funde em mim sem fazer o menor ruído. Em seguida, grito: — Miller!

—Shhh, me deixe te saborear.

Cobre minha boca com beijos, sem mover o resto do corpo. Apoio a bochecha no travesseiro para capturar seus lábios com mais força do que o necessário.

—Saboreie, Livy. Sem pressa. —Reduz a velocidade e seu ritmo acalma minha boca frenética. — Vê isso? Lentamente.

—Te desejo. — Coloco a bunda no ar, impaciente. — Miller, por favor, eu quero você.

— E me terá. — se retira, investe e reprime um gemido contra minha boca. — Diga-me o que você quer, Livy. Seja o que for.

—Mais rápido. — mordo seu lábio.

Sei que é mais feroz do que parece. Ele sempre insiste em fazer tão devagar, mas eu quero sentir tudo o que ele tem para me dar. Eu quero ver suas mudanças de humor e arrogância quando me faz sua. Me empurra para a beira do abismo, louca de desejo e ele me mantém sempre a cabeça fria, não perde o controle.

—Eu já te disse. Gosto de tomar meu tempo com você.

—Por quê?

—Porque você merece se venerada.

Sai de mim, se senta sobre o calcanhar, pega meus quadris e me levanta.

—Gostaria de uma penetração mais profunda?

Estou de joelhos, mas de costas para ele.

—Vamos ver se podemos, assim, dar-lhe o gosto.

Viro a cabeça. Está ereto, olhando para baixo. Seus abdominais perfeitos e seu torso muscular me fazem suspirar.

—Levante-se e se aproxime assim como está.

Me pega pelo quadril e me guia na direção dele, de joelhos, montado no seu colo.

—Agora vá para baixo lentamente.

Fecho meus olhos e me afundo nele. Gemo de prazer quando me empala. Entra mais em mim e mais e mais com cada milímetro de minha descida, até tenho que me dobrar de joelhos para ser capaz de respirar.

—Muito fundo — ofego—. Está muito profundo.

—Dói?

Ele desliza as mãos na minha barriga e leva meus seios com elas.

—Um pouco.

—Tome seu tempo, Livy. Dê tempo ao seu corpo para que me aceite.

—Ele já te aceita — protesto.

"Todo o meu ser te aceita. Meu corpo, minha mente, meu coração..."

—Temos todo o tempo do mundo. Não tenha pressa.

Acaricia meus mamilos e me morde no ombro. Minhas pernas começam a tremer e meus músculos se recusam a manter a posição, então me dobro para frente um pouco mais. Contenho a respiração e minha cabeça cai para trás por cima do seu ombro. Uma de suas mãos deixa meu peito, fecha em minha garganta e me endireita.

—Como consegue ficar tão quieto? — consigo dizer em várias exalações.

Eu quero relaxar as pernas e que coloque até o fundo, mas me assusta que vá doer.

—Não quero te machucar.

Aproxima seu rosto de minha bochecha e a morde antes de beijá-la suavemente.

—Acho que não me custa. Um pouco mais?

Assinto e me deixo cair mais um pouco.

—Deus! —aperto os dentes.

A persistente dor pulsante anuvia minha mente. Escondo o rosto em seu pescoço.

—Se passarmos daqui, vamos chegar a um novo mundo de prazer.

—Por que dói tanto?

—Não quero parecer arrogante, mas... — arqueja e começa a tremer. — Porra, Livy.

—Miller! —Contenho a respiração e relaxo os músculos das pernas. Caio dobrada no seu colo com um grito de surpresa. — Merda!

—Você está bem? Por Deus, Livy, me diga que você está bem.

Estou suando e ainda estou tremendo enquanto estou relaxada. Não consigo controlar.

—Eu estou bem. — Me afundo um pouco mais em seu pescoço.

—Estou te machucando?

—Sim...não! —Tiro o rosto de seu pescoço e toco meu cabelo com desespero. — Me dê um momento.

—Quanto é um momento?

Aperto os dentes e me levanto ligeiramente, apenas alguns milímetros, antes de me deixar cair de uma forma menos controlada do que havia planejado. Ele ruge e eu grito.

—Miller, não posso!

Sinto-me completamente derrotada pela incrível combinação de dor e prazer. Eu quero tomar a plenitude da minha virilha e levá-la ao próximo nível, mas minhas pernas não têm a força necessária para me levar lá.

—Não posso fazer isso. — Me derrubo contra seu peito com os braços caídos. Fiquei sem fôlego, sem realmente ter feito nada.

—Shhhh', ele me acalma. —Quer que eu cuide disso?

—Por favor. — me sinto fraca, como uma inútil.

—Acho que não me esforcei o suficiente para se acostumar comigo, Olivia Taylor — diz e faz girar lentamente seu quadril, mas firmemente contra minha bunda. A penetração é ainda mais profunda, mas isso não causa as dores que anteriormente me causaram muito desconforto.

É delicioso.

—Melhor? —pergunta com as mãos na minha cintura.

Assinto com um suspiro e deixo que nos mantenha colados, conectados, enquanto move a pélvis em círculos repetidamente.

—E aí?

—Perfeito — suspiro.

—Você pode levantar um pouco?

Sem dizer nada, levanto alguns centímetros e sinto como desliza para dentro de mim.

—Você tem muita paciência comigo — sussurro me perguntando se foi igualmente atencioso com todas as mulheres que já dormiu.

—Você me faz apreciar o sexo, Livy.

Eu sinto que se levanta um pouco e suas mãos deslizam dos meus quadris para meus seios, depois pelos meus braços e ombros. Segura minhas mãos. Entrelaçamos os dedos, leva meus membros frouxos atrás de sua cabeça e os mantêm lá. Empurrando suavemente, ele me puxa de volta e retorna.

—Quero te saborear.

Viro o rosto e encontro seu olhar. Fazia tempo que não via aqueles olhos grandes.

—Obrigada. — Não sei por que disse isso, mas sinto a necessidade de expressar em voz alta minha gratidão.

—Porque você está me agradecendo?

Curiosidade ilumina seu rosto, enquanto mantêm o balanço rítmico de seu corpo dentro do meu. É divino. A ternura deu lugar a um prazer puro e bonito.

—Não sei — admito com sinceridade.

—Eu sei. — soa seguro de si mesmo e acompanha suas palavras com um beijo lento e constante, exigente, mas generoso. —Porque você nunca se sentiu tão bem.

Seus quadris afundam e giram em um ângulo exato e requintado e extrai do mais profundo do meu ser um gemido grave transbordando de prazer.

— E eu também não. —Beija-me brevemente. — Então agradeço a você também.

Começo a tremer.

—Ah, Deus! —pareço assustada, desesperada.

—Deixe suas mãos onde estão — comanda com ternura e permite que as suas descansem em meus seios. Os massageia e com os polegares traça círculos na ponta dos meus mamilos que me levam além do prazer.

Estou perdendo o controle dos meus músculos, meu corpo se rende entre os espasmos. Gemo, e vou até seu rosto para encontrar seus lábios.

—Quero saborear você. — Repito suas palavras e afundo a língua na boca dele. Acaricio, me retiro e volto para dentro, enquanto ele tortura meu corpo com seu ritmo delicado tão atencioso e meticuloso.

—Minha boca tem gosto tão bom quanto a sua? — pergunta.

—Melhor.

—Duvido — diz. — Preciso que se concentre, Livy.

Ele geme e separa nossas bocas. Tem o cabelo molhado de suor e caem gotas por seu rosto.

—Vou te baixar para que possamos terminar os dois, ok?

Assinto e me beija. Tira minhas mãos de seu pescoço e me empurra ligeiramente para baixo até que estou de quatro.

—Você está confortável?

—Sim.

Mudo os braços de postura. Não me sinto vulnerável ou desconfortável. Estou relaxada. Se reposiciona, separa as pernas e me pega pelos quadris. Minha mente, que se encontra nos céus, sobe um pouco mais pelas nuvens. Respiro fundo e ele se retira lentamente. Ele então retorna para dentro com decisão.

—Deus!

Uma mão deixa meu quadril e dedos percorrem ao longo da minha espinha em um ardente tamborilar.

—Foda-se, Livy, é a pura perfeição.

Minhas pernas já não têm de suportar o peso do meu corpo, mas agora me tremem os braços.

—Miller.

Me recuso a desmoronar e tento frear os espasmos incontroláveis.

Amaldiçoa e empurra, então me pega pelo estômago e procura até que seus dedos mergulham em minha carne latejante. Eu choro, eu caio de cabeça, e meu cabelo desenha um ventilador nos lençóis.

—Precisa de ajuda — diz com uma voz profunda, como a areia. — Deixe acontecer.

Deslize os dedos para cima e para baixo em meu clitóris enquanto seus quadris avançam e

recuam e a outra mão segura meu peito com firmeza e ternura. Tenho os sentidos oprimidos, impotente para o que meu corpo está se esforçando para alcançar.

Uma explosão.

A paz.

Venho muito rapidamente. Meu pescoço voa para trás com um grito abafado e meus braços cedem exaustos.

—Ah, Deus! — exclama tirando de mim e me penetrando até o fundo. Suspira e nos mantêm conectados enquanto os restos do nosso prazer se extinguem e sussurra palavras ininteligíveis.

Não acredito que terminou. Minha mente está em coma de prazer e eu não consigo pensar. Meu o corpo está completo. É de manhã. Não serei capaz de sobreviver o dia todo com a resistência que têm. Deixo que termine de mover-se dentro de mim, ofegante, e tento recuperar a respiração.

—Vem aqui, minha menina — sussurra abraçando-me ansiosamente.

—Não consigo me mexer — suspiro flácida.

—Sim, por mim você se moverá.

Não me deixa em paz. É ainda mais impaciente e levanta meu corpo e o vira para me ter de frente. Deixo que me levante e me escarranche sobre ele. Inclina a cabeça e atravessa meu corpo com o olhar. Acaricia meus lados.

—Durante a noite... quase morri para tocá-la.

—Você poderia ter colocado a mão.

—Não, — nega com cabeça. — Não me entendeu bem.

—Por? —Não perco a oportunidade de acariciar seu cabelo e torcer uma mecha entre meus dedos.

—Eu queria te acariciar, não esfregar. —Me olha e franzo a testa.

Não vejo a diferença.

—Quando te toco sinto um prazer indescritível, Livy. — Beija entre meus seios. —Mas quando te acaricio, acaricio sua alma. Isso vai muito além do prazer.

Pisca lentamente e me olha nos olhos novamente. Descubro que não faz de propósito.

Os movimentos lentos são parte deste homem vestido como um cavalheiro. É assim.

—É como se tivesse acontecido algo muito poderoso — sussurra. —E o prazer de fazer amor com você é um pequeno extra.

—Tenho medo — admito. E estou ainda mais assustada com as coisas que está me dizendo.

—Eu também tenho um pouco de medo.

Separa nossos peitos com a mão e desenha círculos quase imperceptíveis ao redor do meu mamilo.

Abaixo o olhar e observo seus movimentos.

—Não tenho medo de você, mas o que faz comigo.

—Te faço sentir como ninguém mais, assim como faz comigo. Te levo a lugares cheios de prazer que nenhum de nós poderia imaginar, em lugares que você me levou.

Pega um peito entre os dentes e esfrega a ponta do mamilo. Deixo a cabeça para trás e fico

sem ar.

—Isso é o que posso fazer para você, Olivia Taylor, e isso é o que você faz para mim.

—Você já fez. — Não reconheço minha voz, cheia de luxúria e desejo.

De repente, se move, me pega nos braços e me vira de barriga para baixo no colchão. Me cobre com seu corpo e meus braços rodeiam seu pescoço. Levanto a vista, mas há tanta coisa de maravilhosa nele que meus olhos não sabem onde pousar. O cabelo molhado cai sobre seu rosto, a sombra de barba cobre a mandíbula, mas é o brilho nos olhos dele que me cativa. Sempre que olha para mim, ele me hipnotiza, me deixa indefesa. Eu sou sua.

—Está linda na minha cama — diz. — Fez uma bagunça, mas é bom.

—Eu fiz uma bagunça? — Pergunto ferida, pensando que deveria ter me deixado tomar banho, como eu queria.

—Não, não me entendeu — franze o cenho frustrado porque já interpretei mal suas palavras, mas eu as ouvi perfeitamente. — Minha cama é o que está um desastre. Você está linda.

Meus lábios esboçam um sorriso enquanto compreendo sua contrariedade. Aposto que dorme como um morto, com os lençóis perfeitamente dobrados na altura da cintura. Me mexo muito durante a noite, sei disso por conta de como minha cama está pela manhã... Mais ou menos como a de Miller neste momento.

—Gostaria que eu arrumasse a cama? — quero saber, mas no fundo eu espero que me diga não.

Para ser sincero, me assusta só de pensar. Eu vi a precisão com que estica a colcha e coloca as almofadas de seda no centro. Acho que mantém uma régua na gaveta da mesa de cabeceira para certificar-se que os lençóis estão na mesma distância da cabeceira de ambos os lados da cama e dos travesseiros.

Sabe que eu disse isso brincando, apesar de ele não rir. Seu olhar pensativo me confirma.

—Como você preferir.

Ele beija a minha cara de surpresa e se levanta nu da cama. Continua de pé, em seguida, remove o preservativo antes de ir ao banheiro para jogá-lo.

Para que eu fui abrir a boca? Nunca vou fazer a cama como ele. Me sento na borda e observo os lençóis bagunçados. Onde eu começo? Pelos travesseiros. Deveria começar com as almofadas. Pego um dos retângulos fofos e o endireito com cuidado. Então coloco outro ao lado dele e os dois restantes em cima. Aliso os lençóis com a palma da mão. Satisfeita com o resultado, pego dois cantos da colcha, levanto os braços e consigo que voe pelos ares e aterrisse perfeitamente centrado na cama. Estou muito feliz com meu trabalho. Está correto, mas não sei se é perfeito o suficiente. Circulo a cama tiro dos cantos e aliso as rugas com as mãos. Em seguida, deposito as almofadas sobre a arca que está nos pés, tentando lembrar a posição exata em que elas estavam da última vez que eu estive aqui.

Quando termino, sorrio triunfante e dou um passo para trás para admirar meu trabalho. É impossível que ele coloque defeito. Ficou espetacular.

—Satisfeita?

Viro meu corpo nu. Lá está Miller, com os braços cruzados, inclinando-se sobre a moldura da porta do banheiro.

—Eu acredito que ficou muito bom.

Joga um olhar para a cama, se separa da moldura da porta e se aproxima lentamente, pensativo. Não parece que ficou tão bom, para ele. Quer começar do zero, e meu lado infantil está desejando que faça isso para tirar sarro dele.

—Você morre de vontade de desfazê-la e refazer novamente, não é? — Pergunto com os braços cruzados, imitando-o.

Ele dá de ombros sem dar importância e descaradamente, finge que não se importa.

—Não está ruim.

Sorrio.

—Está perfeita.

Ele sorri e sai. Fico admirando sua cama.

—Livy, está longe de estar perfeita.

Desaparece no closet e o sigo. Encontro Miller vestindo uma boxer preto. É difícil falar com essa vista.

—Por que tem que ter tudo em perfeito estado de organização? — Minha pergunta interrompe seus movimentos fluidos.

Não me olha, mas ajusta o elástico da boxer nos quadris.

—Valorizo o que eu possuo — responde cortante e relutantemente. Não vai me dizer nada mais a respeito. — Café da manhã?

—Não tenho nada para vestir — lembro.

Toma seu tempo para examinar minha nudez com os olhos brilhantes.

—Acho que você está muito bem.

—Estou nua.

Ele permanece impassível.

—Sim, e já te disse que acho que você está muito bem.

Em seguida, coloca um calção preto e uma camiseta cinza, e não sei o que acontece neste momento, mas me pergunto se Miller Hart alguma vez já saiu de casa com algo que não seja um terno de três peças.

—Eu me sentiria muito melhor se eu pudesse colocar alguma coisa — respondo em voz baixa, com raiva de mim pelo meu tom tímido e inseguro.

Suaviza sua camisa e me olha com atenção. Mudo de postura, desconfortável, porque ele está vestido e eu não.

—Como você preferir — resmunga, e corro para procurar algo para vestir.

Rebusco entre linhas de camisas e me impaciento porque só há camisas sociais.

Pego a manga de uma de cor azul e puxo de uma vez, exasperada.

—Livy, o que você está fazendo? — Murmura enquanto coloco os braços pelas mangas da camisa.

— Me vestindo — respondo, e diminuo a velocidade ao comprovar que me olha horrorizado. Expira, para se acalmar, se aproxima e tira minha camisa.

—Não com uma camisa de quinhentas libras.

Volto a estar nua, olhando como ele inspeciona a peça e tenta remover fiapos imaginários do peito. Tenta esconder o quanto isso o incomoda, não conseguir fazer desaparecer uma pequena ruga que fiz. Não posso rir. Está muito descontente, o que é preocupante.

Passa um bom tempo em que Miller batalha com a camisa e o observo atordoada. A sacode, lhe dá puxões, a abotoa e finalmente a leva para o cesto da roupa suja.

—Agora tenho que lavá-la — murmura indo até uma gaveta, abrindo bruscamente.

Tira um monte de t—shirts e as coloca no móvel que está no centro do closet. Em seguida, pega uma por uma e começa a formar uma pilha do lado. Quando termina, pega a última camisa e a entrega para mim. Ele então volta para guardar ordenadamente a pilha na gaveta.

Não poderia estar mais fascinada. Há algum tempo eu sei que não é simplesmente um cara muito arrumado. Miller Hart sofre de um transtorno obsessivo-compulsivo.

—Vai colocá-la ou o que? —pergunta irritado.

Não digo um pio. Não sei o que dizer. Coloco a camisa e cubro meu corpo com ela, pensando que vive sua vida com precisão militar e é possível que minha presença ali o tenha deslocado completamente. No entanto, continua me trazendo em sua casa, por isso não deveria me preocupar tanto.

—Você está bem? — Pergunto um pouco nervosa, desejando que me lance na cama novamente e volte a me venerar.

—Perfeitamente — resmunga em um tom que indica exatamente o oposto. —Vou preparar o café da manhã.

Sem mais, me pega pela mão e me leva fora do quarto com decisão. Não me escapa que Miller faz um esforço tremendo para ignorar a cama. Aperta a mandíbula quando olha pelo do canto do olho para cama. Eu acredito que me saí muito bem.

—Sente-se, por favor — ordena que quando chegamos na cozinha.

Sento meu traseiro nu na cadeira fria.

—O que você quer de café da manhã?

—O mesmo que você — digo com intenção que seja o mais fácil quanto possível para ele.

—Como fruta e um iogurte. Você gosta?

Abre a geladeira e pega vários recipientes de plástico que contém diferentes tipos de frutas descascadas e cortadas.

—Sim, por favor — respondo com um suspiro e rezando para que não voltemos a repetir o padrão regular de frieza e distanciamento. Começa a se parecer muito.

—Como você quiser — diz em tom cortante enquanto retira algumas taças do gabinete, colheres da gaveta e iogurte na geladeira.

O observo em silêncio. Coloca vários objetos na minha frente com precisão absoluta. Em um instante espreme laranjas para fazer suco, prepara o café e se senta à minha frente. Não toco nada. Não me atrevo. Ele preparou tudo de tal maneira que não me arrisco a colocá-lo de mau humor por mover um milímetro se quer.

—Vá em frente — diz apontando minha tigela com a cabeça.

Memorizo a localização da fonte de fruta para ser capaz de colocá-la depois exatamente da mesma maneira. Pego um pouco com uma colher e sirvo em minha tigela. Depois volto a deixar a

fonte de onde estava, com cuidado. Ainda não tenho minha colher quando se levanta para colocar a fonte um pouco mais para esquerda. Meu fascínio com Miller Hart vai aumentando, e embora essas manias são um pouco chatas são também adoráveis. Está claro, que eu sou a louca para este cavalheiro, eu e a minha incapacidade de fazer as coisas como ele gosta. Não é nada pessoal. Não acredito que há alguém em todo o mundo capaz de lhe agradar nesse aspecto.

O silêncio é muito desconfortável, e eu sei exatamente por que. Está comendo, mas sei que está lutando contra o desejo de levantar da mesa e fazer a cama ao seu gosto. Eu quero dizer que vá em frente, que faça, especialmente se assim for relaxar, o que significa que também poderei relaxar. No entanto, não me dá tempo. Fecha os olhos, respira fundo e deixa a colher na tigela.

—Se me der licença, tenho que ir ao banheiro.

Levanta-se e o sigo com o olhar até passar pela porta. Eu gostaria de ir com ele e vê-lo em ação, mas aproveito esta oportunidade para estudar os objetos que estão na mesa, para ver se sou capaz de discernir o que na sua disposição atual acalmará seus nervos. Não vejo nada.

Volta cinco minutos depois para cozinha e o vejo muito mais relaxado. Também relaxo. Terminei meu café da manhã e bebi meu suco para não ter que mudar alguma coisa de lugar, exceto por mim mesma, e me dou conta também que lhe acontece algo com a minha maneira de me mover e o lugar onde me encontro, como em sua cama.

Ele se senta à mesa, pega uma colher com morango e a leva para a boca. Eu não posso evitar ficar atordoada olhando como mastiga lentamente. Sua boca me hipnotiza, tanto quanto como me olha com seus olhos azuis, e sei que agora está me olhando, assim tenho uma pergunta existencial: olho para os seus olhos ou sua boca?

Ele decide por mim assim que começa a falar. Mal consigo ouvi-lo porque estou fascinado com seus lábios.

—Tenho que te pedir uma coisa — anuncia.

Demoro algum tempo para processar suas palavras, e quando consigo, o olho nos olhos. Eu tinha razão: está olhando para mim.

—O que você quer me pedir? —pergunto apreensiva.

—Não quero que saia com outros homens.

Me observa cuidadosamente para ver minha reação, mas com certeza minha cara não lhe diz nada porque não sei como reagir.

—Acho que, dado o seu comportamento ontem à noite, é um pedido muito razoável.

Agora sim mudo minha expressão, e sei que tenho uma atordoada.

—Você é responsável pelo meu comportamento de ontem à noite — respondo.

—É possível, mas não me sinto confortável sabendo que se expõe desta forma.

—Que me exponha em geral ou que me exponha aos outros homens?

—As duas coisas. Antes de me conhecer não sentia a necessidade de fazê-lo, então acho que não será difícil me agradar.

Leva outra colherada de fruta até a boca, mas agora não tenho vontade de olhar para ele. Estou atordoada e seus olhos não expressam nenhuma emoção.

É claro que acredita que é perfeitamente normal me pedir algo assim. Nem sei como reagir. Acaba de me adorar em sua cama, de dizer coisas que chegaram a minha alma, e agora parece que

está fechando um negócio.

—Toda essa tolice de sair com outros... — continua — também não pode se repetir.

Eu tenho que fazer um esforço incrível para não soltar uma gargalhada.

—Por que está me pedindo isso? — espeto. — Está me dizendo que quer que sejamos monogâmicos?

Ele dá de ombros.

—Nenhum homem vai fazer você se sentir viva, como eu, então, basicamente é por sua causa.

Me impressiono com sua arrogância. Tem razão, mas não vou massagear seu ego.

—Miller. — Coloco os cotovelos na mesa e apoio o queixo nas mãos. — Quer explicar exatamente o que você quer dizer?

Seu rosto perfeito mostra ligeiros sinais de preocupação.

—Não quero que mais ninguém te saboreie — diz sem remorso — É possível que não te pareça razoável, mas é o que eu quero e eu gostaria que me desse.

— E o que dizer de você? —pergunto num sussurro. — Sobre essa mulher.

—Já me encarreguei dela.

"Como? Como se encarregou dela? Por acaso tinha que cuidar dela?"

— E ela se conformou?

—Sim.

— Mas por que se importa tanto se é só uma parceira de negócios?

—Como te disse ontem à noite, não me importo, mas você faz, então eu disse a ela sobre você e terminou.

Olho para ele muito séria.

—Não sei nada de você.

—Você sabe que eu tenho um clube.

—Sim, mas só porque caí nele por pura casualidade. Poderia ter esperado sentada, você me falar sobre sua existência e tenho a certeza de que, por você, nunca teria estado nele.

—Você estava na lista de convidados, Livy. Se não quisesse que fosse, teria tirado você dela.

Fecho minha boca e revejo o que me lembro até o champanhe e tequila tomarem conta de mim.

—Você estava me olhando toda a noite?

—Sim.

—Estava com Gregory.

—Sim.

— E acreditou que estava saindo com ele.

—Sim.

— E não gostou.

—Não.

Da mesma forma que não gostou nenhum pouco de me ver com Luke.

—Ficou com ciúmes — digo.

Então me pergunto em momento se deu conta que Gregory é gay. Talvez tenha sido na pista de dança. Ou pode ter sido no banheiro. Ele esteve trabalhando no Ice, mas meu amigo não é afeminado. Ele é um homem muito bonito e as mulheres estão morrendo por seus ossos, assim como os gays.

—Muito — confirma.

Estava certa, e estou feliz, mas quero mais do que monossílabas.

— E o que eu ganho? —pergunto sabendo o que vai vou responder.

—Prazer.

Me inclino sobre a mesa. O prazer fornecido por Miller Hart é uma bolada... ou quase. Mas o que eu quero é me ame o tempo todo, como quando me tem na sua cama ou me dá "o que mais gosta".

—Está pedindo para que eu durma só com você?

—Sim.

Me parece bom, mas as circunstâncias que nos conduziram a esta conversa e o curso que está tomando, não sei se isso significa que Miller será exclusivamente meu.

—E você?

—Eu?

—Poderia me fazer um favor de juntar mais de duas palavras? — salto. Miller se inclina na mesa, por sua vez.

—Peço que me perdoe.

—Pede o que tem vontade — cuspo. Meu sangue ferve. —Mas não vou te dar nada.

—Discordo.

—Aí está de novo! —Empurro a tigela ao redor o mais distante que posso, ela atinge a fonte de frutas e a move de lugar. —Você já está pedindo outra vez!

Ele só tem olhos para os objetos que desloquei em sua mesa perfeita. Começa a tremer e a raiva acende em seu rosto. Me sento e observo.

Com mais calma do que sente, permanece um momento em silêncio, colocando tudo em seu lugar. Então se levanta, circula a mesa e continuo a olhar até que o perco de vista.

Está atrás de mim, e fico tensa quando me apoia as mãos sobre os meus ombros. É como se tivesse injetado fogo através do tecido da camisa e me queimasse a pele.

—Você vai pedir, minha menina, vai me implorar — diz, e então mordisca o lóbulo da minha orelha. —Vai ceder ao que estou te pedindo, porque nós dois sabemos que se pergunta constantemente, como vai viver sem minhas atenções.

Massageia meus ombros com os polegares. É uma delícia.

—Não finja que eu sou a única que tem necessidades. — Respiro tentando relaxar com suas carícias, mas sem entregar meu corpo ao prazer que ele anseia.

Desde o início, ele disse que não podia estar comigo, mas a realidade é que também não pode ficar sem mim.

Suas mãos se afastam em um instante e eu noto que me levanta da cadeira.

—Não finjo nada, Livy.

Começa a andar para frente e me obriga a retroceder até que estou contra a parede.

—Também se trata das minhas necessidades. Por isso te faço esta proposta, e por isso você vai aceitá-la.

Minha mente está cheia de luxúria e está impedindo o desejo de abrir caminho. Está lá, mas eu também quero respostas.

—Faz com que pareça uma transação de negócios.

—Trabalho muito. Acabo esgotado mentalmente e fisicamente. Quero ter você para te venerar e apreciar quando termino.

—Acho que isso é chamado um relacionamento — sussurro.

—Chame do que quiser. Quero você a minha disposição.

Estou horrorizada, encantado... e nada segura. Para um homem que geralmente se expressa tão bem, tem um modo muito curioso para escolher as palavras.

—Acredito que o chamarei *relacionamento* — adiciono só para saber aonde eu vou.

—Como você preferir.

—Se lança sobre minha boca, circula minha cintura com o braço, me levanta e me pressiona contra o peito. Mergulho no ritmo de sua língua, mas minha cabeça continua ruminando a conversa tão rara que acabamos de ter. Miller é o meu namorado? Eu sou sua garota?

—Pare de dar tantas voltas — murmura na minha boca, enquanto se vira e me tira da cozinha.

—Não estou.

—Você está fazendo isso.

—É que você me deixa uma bagunça. — circulo sua cintura com as pernas e o corpo com os braços.

—Aceite-me como eu sou, Livy. — Deixa minha boca e me aperta contra seu peito.

— Mas quem é você? — sussurro no pescoço e lhe devolvo o abraço.

—Sou um homem qualquer que conheceu uma garota doce e linda que me dá mais prazer do que acreditava que fosse possível experimentar.

Me deita delicadamente no sofá e se deita ao meu lado, com o rosto muito perto da meu. Acaricia lentamente o interior da minha coxa com a mão.

— E não me refiro a apenas sexo — sussurra, e engulo saliva. — Deixei claro minhas intenções.

Roça o cabelo na minha virilha e deslizando os dedos para dentro. Arqueio as costas.

—Sempre pronta para mim — murmura acariciando meu sexo molhado e incandescente. A sensação se espalha por toda minha pele. — Sempre se excita comigo.

Viro a cabeça e colo minha testa a sua.

— E aceite que você não pode evitar. Somos feitos um para o outro. Combinamos perfeitamente.

Minha respiração falha e minhas pernas se tencionam.

— Responde a mim de maneira inconsciente — continua e me afasta com a testa. — E sabe como me sinto quando me priva de ver seu rosto.

Me obrigo a abrir os olhos e não mexer a cabeça. Começo a levantar e baixar a pélvis involuntariamente no ritmo de suas carícias. Estou molhada e latejante. Está tomando seu tempo, observando como derreto entre seus dedos. Me agarrei a sua camisa de algodão com os dedos apertados, fazendo dano.

—Você vai vir — sussurra olhando para o lugar onde move sua mão.

Aperto as pernas para tentar controlar o ataque de pressão que se esforça para encontrar alívio. Então coloca um dedo e depois outro, quando grito e começo a tremer.

—Aí está, Livy.

Me rendo, não consigo manter os olhos abertos. Deixo a cabeça para trás e murmuro palavras sem sentido durante o clímax que destrói tudo.

—Quero ver seu rosto.

—Não posso — gemo.

—Você será capaz de por mim, Livy. Me deixe ver você.

Grito desesperada e levanto a cabeça.

—Não pode fazer isso comigo!

Me beija, mas muito delicadamente para o quão frenética estou.

—Eu posso, estou fazendo isso e sempre o farei. Grite meu nome.

Em seguida, aperta meu clitóris com seu polegar e desenha círculos firmes, enquanto observa como me esforço para lidar com o prazer que está me causando.

—Miller!

—Este é o único nome que você vai gritar em toda a sua vida, Olivia Taylor.

Ele paira sobre minha boca e me beija até eu venho, enquanto geme e aperta o seu torso contra o meu para que seu corpo absorva os tremores do meu.

—Eu prometo que sempre te farei se sentir assim especial.

Então, leve os dedos para minha boca e suavemente acaricia meus lábios.

—Ninguém vai provar a você, Livy, só eu.

Seu rosto está impassível, embora estou começando a ser capaz de distinguir as suas emoções pelas alterações em seus cativantes olhos azuis. Agora sente-se superior, satisfeito... vitorioso. Confirmei o efeito que tem sobre mim com meus gemidos roucos e da forma que respondo à suas carícias.

Miller Hart é o dono do meu corpo.

E começa a ser mais do que óbvio que ele também é o dono do meu coração.

Capítulo Dezenove

Estou com frio nas pernas e o corpo dormente. Miller não está no sofá, mas está perto, porque ouço os armários que abrem e fecham e o ruído de pratos. Já sei onde está e o que está fazendo. Me espreguiço com um grunhido feliz e sorrio ao olhar para o teto. Me sento para voltar a contemplar as obras de arte que adornam as paredes do apartamento. Após saltar de uma para outra com os olhos e repetir a turnê algumas vezes, me dou por vencida: sou incapaz de decidir qual mais gosto. Todas me encantam, mesmo que pareçam distorcidas ou quase feias.

Só o sonho nubla minha mente. Não há nenhum vestígio de álcool, e apesar de eu ter o corpo dolorido, me sinto fabulosa. Me levanto e vou procurar Miller. Está limpando a bancada com um spray antibacteriano.

—Olá.

Ele olha para cima e afasta o cabelo do rosto com as costas da mão.

—Livy. — Dobra o pano e o deixa ao lado da pia. — Você está bem?

—Muito bem, Miller.

Assente.

—Ótimo. Preparei a banheira. Você gostaria de tomar banho comigo?

Ele voltou a ser todo cavalheiro. Me faz rir.

—Adoraria tomar banho com você.

Inclina a cabeça, morto de curiosidade e se aproxima de mim.

—Eu disse algo engraçado? — Pergunta me tomando pela nuca.

—Suas maneiras são engraçadas.

Deixo que me conduza para o quarto e de lá para o banheiro, onde a banheira redonda gigante está cheia de água espumosa.

—Deveria ofender-me? — Pega a bainha da minha camisa e puxa para cima para removê-la. Então cuidadosamente a dobra e deixa no cesto da roupa suja.

Encolho os ombros.

—Não, você tem alguns costumes encantadores.

—Costumes?

—Sim, seus costumes.

Não digo mais nada. Ele sabe perfeitamente bem o que quero dizer e não apenas para as boas maneiras de um cavalheiro (quando decide mostrá-las).

—Meus hábitos... — sussurra, tirando sua camisa e dobrando com o mesmo cuidado que a minha. — Acho que realmente me ofende.

Desce as calças pelas coxas e também com cuidado, as coloca no cesto da roupa sujo.

—Você primeiro — diz apontando para a banheira. É tão perfeito quando está nu que fico tonta. — Precisa de ajuda?

Olho para ele e vejo a arrogância em seus olhos. Me estende a mão.

—Obrigado. — a pego e subo os degraus da banheira. Entro.

—Água, está ok? — pergunta seguindo meus passos, sentado do outro lado para que possamos ver nossos rostos. Tem as pernas dobradas e joelhos acima da superfície.

—Sim.

Recosto-me e deslizo as solas dos pés no chão da banheira até eu tê-los escondido debaixo de seu traseiro. Arqueia as sobrancelhas e eu coro.

—Desculpe-me, é que desliza.

—Não tem porque se desculpar. — Agarra meus pés e os apoia em seu peito. —Você tem os pés muito bonitos.

—Muito bonitos? —Tenho que conter o riso.

Eu nunca sei quais palavras vai utilizar nem em que tom, mas sempre me produzem algum efeito: me enraivecem, me fazem achar graça, despertam meu desejo ou me deixam em um mar de dúvidas.

—Sim, muito bonito. — beija meu mindinho — Eu quero te perguntar uma coisa.

Imediatamente a vontade de rir some. O que quer me perguntar agora?

—O quê? —Pergunto nervosa.

—Não me olhe apreensiva, Livy.

Para ele, é fácil de dizer.

—Não estou apreensiva. É que estou curiosa.

—Eu também.

Eu franzo a testa.

—Pelo que tem curiosidade?

—Para saber o que você acharia de eu estar dentro de você sem nenhuma barreira se interpondo entre nós.

—Ah. — respiro.

Ele chega até a água e localiza minha mão, puxando—me de joelhos e leva minha mão para ereção firme em sua virilha.

—Certamente você também está curiosa.

"Bastante, na verdade."

—Você fala como se fossemos ficar juntos um longo prazo... — titubeio e me preparo para sua resposta.

—Já te disse que quero muito mais do que as quatro horas que me deve, que, a propósito, acho que já expiraram.

Ele se posiciona a meu alcance em torno dele e coloca a mão por cima da minha, então começa a orientar-me a subir e descer lentamente debaixo da água. Todo o meu ser relaxa, a paz tomando conta de mim em resposta a suas palavras. O movimento de seu peito muda, subindo e

descendo cada vez mais rápido. É macio como o veludo, mas não posso ver o movimento de nossas mãos, porque estamos imersos em litros e litros de água. Só vejo a inchada ponta do pênis, assim que levanto o olhar e me delicio com a sua incrível boca ligeiramente entreaberta.

—Tenho curiosidade — confesso me aproximando mais, de joelhos. — Mas não uso contraceptivos.

— E está preparada para resolver isso para que ambos possamos satisfazer nossa curiosidade?

Assinto e o deixo definir o ritmo de minhas carícias. Ao toque, é sublime: macio, grande e duro.

A vista também é sublime. Infundo uma dose de confiança em mim mesma e flexiono minha mão até que Miller a solta com o cenho franzido e me deixa escarranchar sobre seu corpo.

—Livy, o que você está fazendo? — me pergunta desconfiado, mas não impede de encontrar o que eu quero e me acomodo em seu colo com sua ereção entre as pernas. Inclusive me ajuda.

—Quero sentir você.

O modo em que treme debaixo de mim, me injeta outra dose de confiança. Estou perdendo a cabeça e meu corpo age por conta própria.

Nega com a cabeça e me beija com adoração. É possível que o esteja tentando e atormentando, mas ele é quem tem o controle.

—Não pode ser, Livy.

—Por favor — peço afundando o rosto em seu cabelo. —Deixe-me fazê-lo.

—Oh, Deus, você está me deixando louco.

Interpreto suas palavras fracas como uma derrota e levo a mão para nós, sem deixar de beijá-lo.

—Eu sim, estou louca. — mordo sua língua com cuidado. — Você têm me deixado louca.

Minha mão encontra o que procura e me recoloco para colocá-lo justamente onde quero: à beira de entrar.

—Não estou te deixando louca, Livy.

Percebo sua mão em meu pulso, pronta para me impedir de cometer uma loucura.

—Despertei um desejo em você que só eu posso satisfazer. — afasta minha mão e aperta os lábios em sinal de aviso. — E, aparentemente, um dos dois deve manter a cabeça fria para não nos colocarmos em uma bagunça.

Estou estourando de desejo, mas está tão sério que volto rapidamente à realidade.

—Sua culpa — resmungo envergonhada. Sinto que me rejeitou sem motivo.

—Você é quem diz — diz ele com os olhos em branco. É um gesto de exasperação, uma amostra rara emoção.

Para tentar esquecer o quão insignificante me sinto e para distrair Miller e não me repreenda mais, começo a descer, ansiosa para prová-lo novamente. Não chego muito longe.

Me para, quase parece nervoso. Me levanta, me aperta contra o peito e se reclina na parede da banheira. Me acomoda como quer.

—Quero que me dê "o que mais gosto".

Apesar de estar confusa com sua rejeição, assinto feliz e desfruto de seu abraço firme. Sinto todo seu corpo, enquanto curto o som de sua respiração e da água que rodeia nossos corpos com cuidado.

—Eu também tenho algo para lhe perguntar — sussurro. Sinto-me confortável e valente pedindo isso.

—Espere. — Me beija na bochecha molhada. — Me deixe desfrutar de "o que mais gosto".

—Pode desfrutá-lo enquanto estou falando — respondo com um sorriso.

—É provável, mas eu gosto de ver seu rosto quando falamos.

—Acho que os abraços também começam a ser 'o que mais gosto' para mim.

O aperto um pouco mais forte e nossos corpos deslizam. Me rodeiam de paz e de tranquilidade, e em momentos como esse quero me grudar a ele com Loctite.(adesivo)

—Espero que só comigo.

—Só com você — suspiro. — Posso pedir já o que quero?

Relutantemente, me separa de seu peito e me senta em seu colo.

—Me diga o que você quer.

—Informação. —Minha coragem se esvai ao ver a boca torcida e o maxilar tenso, mas recolho o suficiente para continuar. — Sobre seus hábitos.

—Meus hábitos? —Arqueia as sobrancelhas, quase parece um aviso. Insisto com cuidado.

—Você é muito... — paro, eu preciso escolher bem palavras — Preciso.

—Você quer dizer *organizado.*

Ele vai além do organizado. É obsessivo, mas fiquei com a impressão de que se trata de uma questão delicada.

—Sim, organizado — concedo. — Você é muuuuito organizado.

—Me certifico de cuidar do que é meu. —Belisca meu mamilo e salto. —E agora você é minha, Olivia Taylor.

—Ah, sim? — pareço surpresa, mas por dentro estou em êxtase. Eu quero ser sua todas as horas, todos os dias.

—Sim — se limita a dizer. Agarra o meu pulso e puxa-me até que nossos peitos estão colados outra vez. — Você também é um hábito.

—Eu sou um hábito?

—Um hábito viciante. — beija meu nariz. — Um hábito que eu não vou deixar.

Não tenho qualquer hesitação em expressar minha opinião sobre isso:

—De acordo.

—Quem te disse que você tem uma escolha?

—Disse que não ia me forçar a fazer algo que não gostaria de fazer — recordo.

—Disse que nunca iria obrigar a fazer algo que sabia que você não queria fazer, e eu sei disso, você quer ser meu hábito. Portanto, essa conversa é inútil. Você não acha?

Olho para ele carrancuda, incapaz de dar uma resposta que merece.

—Você é um arrogante.

—E você está com problemas.

Volto para trás.

—O que você quer dizer? —inquiro. Isso foi um aviso?

—Vamos falar sobre ontem à noite — propõe como se fossemos falar sobre onde nós vamos sair para jantar.

Me coloco em guarda instantaneamente. Me aconchego contra ele e escondo o rosto em seu pescoço.

—Conversamos sobre isso.

—Não em detalhes. Não entendo por que você agiu de modo tão arriscado, Livy, e me incomodou muito. — Me tira do meu esconderijo para poder me olhar no rosto. — Olhe para mim quando estou falando.

Ainda estou com a cabeça para baixo.

—Não quero falar com você.

—Azar. — se move para ficar confortável. — Explique-se.

—Fiquei bêbada, isso é tudo — murmuro rangendo os dentes. Não faço isso de propósito. Levanto a vista e me encontro com olhos muito zangados. — E pare de falar comigo como se eu fosse uma delinquente juvenil.

—Então deixe de se comportar como se fosse. — diz isso muito sério. Estou atordoado.

—Quer saber? —O afasto para sair da banheira e ele não move um músculo para me impedir. Fica lá sentado, tão à vontade, sem dar a mínima para minha birra. — Você pode me fazer sentir incrível, me dizer algumas coisas preciosas, quando faz amor, mas quando você fica assim você é... você é...você é...

—Sou o que, Livy?

—Você é um babaca hipócrita! Eu cuspo desesperadamente. Continua imperturbável.

—Me conte porque desapareceu. Onde você foi?

O tom em que me exige respostas não faz nada, se não me enfurecer ainda mais. Me desespera.

—Você disse que nunca me faria fazer nada que eu não quisesse fazer.

—Que sabia que não queria fazer. Sinto que minha garota carrega um fardo pesado nos ombros. — pega minha mão.—Deixe que eu tire de você.

Olhos suas mãos uns instantes. Meu cérebro funciona em alta velocidade e só uma coisa me preocupa: vai me deixar novamente se eu contar.

—Não posso — cuspo. Dou meia volta com os pés descalços e vou embora.

Não aguento mais. Miller Hart é uma montanha russa, me leva do prazer absoluto a fúria total, me faz sentir segura, tímida, nervosa. Da felicidade à dor. É como se me atirasse em duas direções. Eu sei muito bem o mal que passei quando me abandonou, mas pelo menos sentia uma única emoção consistente. Sabia onde estava pisando. Desta vez, eu vou tomar a decisão.

Gelada e encharcada, abro a gaveta de sua cômoda e puxo minha calcinha, minha bolsa e meus sapatos. Rapidamente, entro no closet e pego a primeira camisa que acho. Coloco nos ombros e deixo cair os sapatos no chão. Coloco a calcinha e os saltos. Saio do quarto e corro até o átrio,

desesperada para me esconder de suas perguntas insistentes e seu tom de desaprovação. Eu sei que ontem eu fui uma irresponsável. Eu tenho cometido muitos erros, mas nenhum tão grande como o homem que deixei na banheira. Não sei o que estava pensando. Ele não entenderia nunca.

Voo em direção à porta de seu apartamento e relaxo quando toco a maçaneta. No entanto, não poço girá-la. A porta não está trancada, posso sair quando quiser, mas meus músculos ignoraram as ordens do meu cérebro. E tudo porque uma ordem mais poderosa os afoga e essa me diz que volte para cima e o faça entender.

Olho para minha mão e ordeno-lhe para abrir. Não o faz. Não vai fazer isso. Apoio à testa contra a porta preta brilhante e fecho meus olhos lutando com as conflitantes ordens e dando chutes no chão com seus saltos por causa da frustração. Eu não posso sair. Meu corpo e minha mente não estão preparados para atravessar a porta e deixar para trás o único homem que eu tenho me conectado. Não é que eu deixei acontecer, é que era impossível evita-lo.

Consigo dar meia volta até que estou de costas para a porta. Tenho Miller na minha frente.

Em pé, em silêncio, me observando, nu e pingando.

—Você não é capaz de ir embora.

—Não, — soluço.

Me dói o coração e minha pernas que tremem, se recusam a suportar o peso do meu corpo por mais tempo. Escorrego para baixo com as costas anexada à porta até que estou sentada no chão. Minha raiva se transforma em lágrimas e choro silenciosamente. Desaparecem meus últimos mecanismos de defesa. Deixo meu desespero despejar em minhas mãos e minhas barreiras estão desmoronando sob o olhar atento do enlouquecedor Miller Hart. Parece que fico assim uma eternidade, mas sei que foram apenas alguns segundos. Me pega em seus braços e me leva de volta para a cama dele. Não diz uma única palavra. Me senta na borda, remove meus sapatos e a calcinha e levanta a camisa pela cabeça. Me aproxima de seu peito e roça minha bochecha com os lábios.

—Não chore, minha menina — sussurra e joga a camisa no chão, o que não é típico dele. Me coloca delicadamente no colchão. — Não chore, por favor.

Sua súplica produz o efeito contrário e do meu interior flui um novo mar de lágrimas que molham seu rosto quando me aperta contra si e beijar o topo de minha cabeça, enquanto cantarola uma suave melodia. Funciona. Começo a me acalmar e meus soluços se tornam menos violento no calor do seu corpo.

—Eu não sou nenhuma menina — sussurro contra seu peito. – Você fica me chamando assim, mas não deveria.

Deixa de cantarolar e de beijar o topo da minha cabeça. Está pensando no que eu disse.

—Você é uma mulher muito doce e inocente, Livy.

— Não é a referência a "garota" tanto, sussurro. —É a parte doce que me incomoda mais.

Fica tenso um pouco antes de me afastar de seu peito. Estamos falando e quer poder me olhar nos olhos e, quando os encontra, seca minhas bochechas com os polegares e fica me olhando angustiado. Não quero que sinta pena de mim. Eu não mereço isso.

—Para mim é, minha menina doce e inocente.

—Você está errado.

—Não, você é minha, Livy — sentencia quase irritado.

—Não me refiro a isso. —Suspiro e baixo o olhar, mas tenho que levantar quando ele me

pega pelo queixo e obriga-me a levantar a cabeça de volta.

—Explique.

—Eu quero ser sua — sussurro e sorri.

É esse sorriso lindo que vejo tão poucas vezes, e meu coração faz um salto duplo mortal no peito de felicidade, mas depois me lembro do que estávamos falando.

—De verdade, quero ser sua — afirmo.

—Me alegro que tenha ficado claro — me beija com ternura. — Mas não é como se você tivesse uma escolha.

—Eu sei — concordo, ciente de que não é só porque ele diz. Tentei ir embora e não consegui. Eu realmente tentei.

—Escute — me diz se endireitando e me sentando no colo dele. — Não deveria ter te pressionado. Disse que não te obrigaria fazer qualquer coisa que sabia que você não queria fazer e mantenho isso, mas, por favor, quero que saiba que você está sofrendo em vão, se acha que há algo que possa me fazer mudar de opinião sobre minha garota.

— E se não for assim?

—Nunca saberemos a menos que você decida me dizer sobre isso, e se você preferir não fazê-lo, para mim tudo bem. Sim, eu preferiria que você confiasse em mim, mas não se você vai ficar triste, Livy. Não suporto te ver triste. Quero que confie em mim, e não vai mudar nada do que sinto por você. Eu só quero ajudar.

Meu queixo começa a tremer.

—Sua mãe... — disse em voz baixa.

Assinto.

—Livy, você não é sua mãe. Não deixe que as más escolhas dos outros afetem sua vida.

—Poderia ter acabado como ela — sussurro. A vergonha me consome e abaixo a cabeça.

Miller enfia minha cabeça contra seu peito, mas não abro os olhos porque não quero ver sua cara de desaprovação.

—Livy, estamos conversando.

—Eu disse que já chega.

—Não, você não disse isso. Olhe para mim.

Me obrigo a fazê-lo. Não há nenhum vestígio de desaprovação em seus olhos. Não há nada. Nem sequer em um momento como este.

—Queria saber onde tinha ido — digo.

Franze o cenho.

—Me perdi.

—Eu li seu diário. Eu li sobre os lugares que ia e com quem. Eu li sobre um homem, um homem chamado William. Seu cafetão.

Se limita a me observar. Sabe o que eu vou dizer.

—Me coloquei em seu mundo, Miller. Vivi a sua vida.

—Não, — nega com cabeça. — Não

—Sim, eu fiz isso. O que tinha naquela vida que ela preferiu de que ser minha mãe, que fez com que me abandonasse?

Me esforço para segurar as lágrimas que ameaçam voltar. Não quero derramar uma única lágrima mais por essa mulher.

—Encontrei o Gin da vovó e logo encontrei William. O enganei para que me aceitasse e me procurasse clientes. Os clientes da minha mãe. Estive com quase todos os homens que apareceram no seu diário.

—Pare — sussurra—. Não continue, por favor.

Esfrego as bochechas úmidas.

—A única coisa que encontrei foi a humilhação de deixar um homem fazer o que queria comigo.

Faz uma careta.

—Não diga isso, Tito Lívio.

—Não havia nada glamoroso ou sedutor em sexo sem sentimentos.

—Livy, por favor! —grita, me afastando, levantando-se e deixando-me sozinha e vulnerável na cama dele.

Começa a andar ao redor da sala, alterado, xingando.

—Não entendo. Você é tão linda e tão pura de coração... E eu adoro isso.

—O álcool ajudava. O único que participava era meu corpo. Mas eu não conseguia parar. Não conseguia parar de pensar que tinha de haver outra coisa que estava acontecendo, algo que estava negligenciando.

—Não continue! —grita. Se vira me esmaga com um olhar de raiva que me faz dar um salto para trás. — Teria que matar qualquer homem que tenha se conformado com menos do que te adorar!

Se agacha e leva as mãos atrás da cabeça.

—Foda-se!

Todo o meu ser relaxa; meu corpo, minha mente e meu coração. Agora, o meu passado está em meu presente e me obrigou a prestar contas. Olha para mim. Sinto como se me cravasse seus olhos azuis. Em seguida, os fecha e toma uma respiração profunda, mas não lhe dou tempo para me matar com o que pensa. Tenho muito claro o que vai dizer.

Estraguei a imagem que tinha de sua menina doce e inocente.

— Sinto muito — digo o mais sereno que posso, enquanto me arrasto pra fora da cama. — Peço desculpas por ter quebrado seu ideal.

Levanto a blusa do chão e começo a me vestir. A dor me revira o estômago com anos de dor de angústia e sofrimento. Coloco a calcinha e procuro minha bolsa e sapatos e saio de seu quarto sabendo que desta que vez serei capaz de ir embora. E eu faço. O desprezo evidente que sente me ajuda a abrir a porta com facilidade. Avanço pelo corredor em direção à escada, arrastando os pés descalços e com o coração partido.

—Não vá, por favor. Perdoe-me por ter gritado.

Sua voz aveludada para meus pés e arranca meu coração maltratado do peito.

—Não se sinta forçado, Miller.

—Forçado?

—Sim, forçado — digo enquanto começo a descer as escadas.

Miller se sente culpado por ter reagido de forma tão violenta, e essa é a última coisa que eu preciso. Tampouco preciso de sua compaixão. Não sei se há um meio termo entre ambos, mas a compreensão e o apoio seriam apreciados. É mais do que posso conceder a mim mesma.

—Livy!

Ouço seus pés descalços nas escadas, e quando o tenho na minha frente só estou ciente que a única coisa que usa é uma boxer preta.

—Não sei quantas vezes tenho que pedir — murmura. —Mas quero que olhe para mim, quando falamos.

Me ordena, porque não sabe o que dizer.

— E o que você vai me dizer se olhar para seu rosto? — Pergunto por que não preciso ver sua expressão de repulsa, culpa ou compaixão.

—Se você fizer, você vai saber.

Se abaixa para ocupar o meu campo de visão e eu levanto a cabeça. A falta de emoção em seu rosto bonito que normalmente acho muito frustrante, agora é um alívio.

Nem desprezo, nem nenhuma das emoções que não quero ver.

—Você ainda é meu hábito, Livy. Não me peça para deixá-la.

—Mas te dou asco — sussurro, me obrigando a manter um tom calmo de voz. Não quero começar a chorar outra vez na frente dele.

—Sinto nojo de mim mesmo — replica.

Duvidoso, coloca a mão em minha nuca e me observa buscando a minha resistência. Eu não vou resistir. Eu nunca poderia recusá-lo. Sei que a minha expressão deve ser tão difícil de interpretar como a sua, mas é porque não sei muito bem como me sinto. Uma parte de mim sente um grande alívio, mas há uma parte muito considerável ainda morrendo de vergonha e outra maior, que começa a perceber o que Miller Hart significa para mim.

Um refúgio.

Alguém com quem me sinto à vontade.

Amor.

Me apaixonei. Este homem tão lindo me faz sentir melhor e mais a salvo do que nunca me senti estando sozinha. Quando não está me chateando ou perguntando-me se me esqueci da minha educação, me enche de adoração. Mesmo as coisas que me irritam são reconfortantes de uma forma absurda. Eu estou tão apaixonada pelo falso cavalheiro e pelo o amante atencioso. Eu o amo. O amo assim como ele é.

Os cantos dos lábios tremem, mas são os nervos. Até ali chegou.

—Odeio pensar pelo que passou. Você nunca deveria ter estado em tal situação.

—Me coloquei sozinha nessa situação. Bebia para poder suportar, embora o álcool me deixasse desprezível. William me mandou para casa assim que ele soube quem eu era na realidade, mas estava envolvida em fazê-lo. Eu fui uma idiota.

Ele pisca lentamente, tentando absorver a bomba da minha realidade. A história da minha mãe.

E a minha.

—Por favor, volte para dentro.

Assinto fracamente e vejo que ele suspira de alívio. Passa um braço por meus ombros e me aperta contra o peito. Caminhamos devagar e em silêncio, de volta ao seu apartamento.

Me sento no sofá e deixo minha bolsa e sapatos debaixo da mesa. Ele vai para o bar e se serve de um líquido escuro em um copo liso. Vira de uma vez e em seguida serve outro. Agarra com força as bordas do móvel, com a cabeça caída entre os ombros. Está quieto demais. É desconfortável. Preciso saber o que passa por essa cabeça tão complexa.

Depois de um silêncio longo e difícil, pega sua bebida e se aproxima do meu ser insignificante. Senta-se na mesinha de vidro, sobre a qual deixa e reposiciona o copo. Depois de um tempo, suspira.

—Livy, não posso esconder que isto me pegou completamente de surpresa.

—É verdade, nota-se.

—Você é tão... tão adorável, tão pura no bom sentido. Eu adoro isso em você.

Franzo a testa.

—Por que assim pode me tratar como você quer?

—Não, é só que...

—O que Miller? É só que...?

—Você é diferente. Sua beleza começa aqui. — se inclina para mim e passa a palma da mão na minha bochecha. Me hipnotiza com seus olhos azuis intensos. Então desce pela minha garganta na direção do meu peito. — E sai por aqui. Muito. Ilumina esses olhos de safira, Olivia Taylor. Eu sei desde a primeira vez que te vi. — Tenho um nó de emoções na garganta. Ao dizer dos olhos cor de safira, meus olhos se inundam com memórias do meu avô. — Quero que se entregue por completo para mim, Livy. Eu quero ser seu. Você é a minha perfeição.

Isso me deixa petrificada, mas não digo nada. Miller, dizer que eu sou perfeição quando ele vive em um mundo absolutamente perfeito... isto é loucura.

Pegue minhas mãos e minhas juntas.

—Não me importa o que aconteceu anos atrás. —Enruga a testa e nega com cabeça. — Não, desculpe. Sim, eu me importo. Odeio o que você fez. Não entendo por que o fez.

—Eu estava perdida — sussurro. — Uma vez que minha mãe desapareceu, meu avô levou tudo com pinças. Ele lutou com a tristeza da minha avó por anos e disfarçou a pena que ele mesmo sentia. Então ele morreu. Durante esse tempo, mantive escondido o diário da minha mãe. — Tomo fôlego e continuo antes que começar a divagar ou que Miller perca a cabeça: — Minha mãe escreveu sobre todos esses homens que a cobriam com presentes e atenções. Pensei que talvez eu também poderia obtê-lo e, ao mesmo tempo, encontrá-la.

—Sua avó te queria.

—Minha avó não estava para nada nem para ninguém quando meu avô morreu. Ela passou horas chorando e rezando por respostas. Nem lembrava que eu existia, de tão mal que estava passando.

Miller fecha os olhos, mas continuo, apesar de achar que é difícil para ele ouvir.

—Fui embora e encontrei William. Estava louco por mim.

Miller aperta os dentes.

—Não demorou, para ligar os pontos e me mandar para casa, mas eu voltei. Nessa altura eu sabia como isso funcionava. Estava mais determinada do que nunca para tentar descobrir alguma coisa sobre a minha mãe. Nunca consegui. Senti vergonha quando deixava que algum daqueles homens me possuísse.

—Livy, por favor. — solta o ar lentamente, tentando se acalmar.

—William me levou para casa e encontrei vovó muito pior do que antes de ir embora.

Estava passando por um inferno. Senti-me muito culpada e percebi que deveria cuidar dela. Só tínhamos uma a outra. A avó nunca soube nem onde eu estava ou o que eu fiz, e não deve saber jamais.

Tenho os olhos cheios de lágrimas e através deles vejo enormes olhos azuis com expressão estoica. Eu disse isso. Não haverá volta.

Parece retornar à vida e fechar minhas mãos nas suas.

—Me prometa que nunca mais voltará a se degradar assim. Eu lhe imploro.

Não penso duas vezes.

—Prometo.

É a promessa mais fácil que já fiz. É só isso que ele tem a dizer? Não há nenhum nojo ou desprezo.

—Te prometo — repito — Eu prometo, prometo, prometo, pro...

E eu não posso dizer mais nada, porque ele me se lança pra cima de mim, me tomba de costas, e cobre minha boca com seus beijos até que, literalmente vejo estrelas. Geme em meu pescoço, me beija a bochecha e enfia a língua na boca. Não me solta.

—Prometo — gemo—. Prometo.

Ele luta com a camisa que uso e abre bruscamente para ter acesso ao meu corpo.

—Melhor — adverte seriamente deslizando os lábios em meu pescoço e meu peito.

Leva meu mamilo até a boca e suga duro. Arqueio as costas e minhas mãos entram em ação. Elas pousam em seus ombros fortes e cravo as unhas. Então sinto seus dedos entre minhas coxas, abre minhas pernas e sua cabeça desce. Leva-me ao delírio com uma lambida quente no lugar certo, sobe de novo pelo meu corpo e afunda a língua em minha boca.

—Sempre pronta — sussurra.

—Dentro. Te quero dentro de mim — peço, desesperada para que apague a última hora de confissões e angústia. — Por favor.

Ele rosna e beija-me com mais força.

—Preservativo.

—Coloque um.

—Merda! —ruge, ficando em pé.

Me pega em seus braços e me carrega por cima do ombro. Caminhando rápido em direção ao quarto e me deixa na cama. A boxer é removida, retira a camisinha e a coloca em alta velocidade.

Fico impaciente. Quero que ande logo antes que perca a pouca razão que tenho.

—Miller! —suspiro, acariciando seu abdômen.

Me vira de costas, coloca suas mãos nos lados da minha cabeça e desce até estar sobre mim. Está sem fôlego, com o cabelo desenfreado caindo sobre o rosto e olhos com fome.

—Tudo se resume a isso...

Move os quadris e se coloca em meu interior com um gemido abafado. Permanece profundamente em mim enquanto tenta normalizar o ritmo da sua respiração. Grito.

—O prazer...

Se retira e volta a entrar no tempo em que exala. Me arranca outro grito de satisfação.

—Essa sensação...

Sai outra vez de mim e volta a investir.

—Para nós...

Marca um ritmo meticuloso, estável, preciso e perfeito.

— E é assim que sempre será.

—Assim é como quero que seja — digo com um fio de voz enquanto o vai e vem de meus quadris recebe o seu corpo.

Seus olhos sorriem e, assim como o sol quando abre passagem entre as nuvens negras de tempestade em um dia nublado em Londres, a boca também desenha um sorriso de dentes brancos e perfeitamente alinhados. Seus olhos brilham. Me aceita. Me aceita como sou.

—Estou feliz de nós termos esclarecido isso. Ainda que não tivesse escolha.

—Não quero ter escolha.

—Sabe que tem razão.

Então se reclina sobre os antebraços, se aproxima e gruda testa a minha, nariz com nariz, mexendo os quadris uma e outra vez. Esse ritmo é uma delícia. Minhas mãos lentamente acariciam suas costas, e tenho os pés no alto, as pernas abertas e os joelhos flexionados. Sua camisa está úmida e se prende ao corpo.

—Tenho um hábito fascinante — diz Miller me encarando.

—Eu também.

—É a mulher mais bonita do mundo.

—O meu é difícil de entender — suspiro e levanto a cabeça para pegar seus lábios. — Está disfarçado.

—Disfarçado? — me pergunta com nossas línguas entrelaçadas.

—Está vestido como um cavalheiro.

Ele engasga surpreso.

—Se não estivesse desfrutando tanto, lhe daria o que merece pela ousadia. Eu sou um cavalheiro. — Ele se inclina para frente e morde meu lábio—. Foda-se!

—Os cavalheiros não dizem palavrões! — Exclamo circulando sua cintura com as pernas e apertando-o com força, meus pés contra seu traseiro duro como uma pedra.

—Foda-se!

—Deus, mais rápido!

Cravo as unhas em seu pescoço e o beijo com mais força.

— Saboreie — protesta— Vou apreciá-la lentamente.

É possível que esteja apreciando devagar, mas estou perdendo a cabeça rapidamente. Seu autocontrole escapa da minha compreensão. Como faz isso?

—Você também quer ir mais rápido — provoco afastando seus fios despenteados.

—Você está errada. — Afasta a cabeça e solto seu cabelo. —Não tinha pressa antes, tampouco tenho agora.

A lembrança repentina do que aconteceu antes deste momento perfeito põe fim a minha tática.

—Obrigado por continuar comigo— sussurro.

—Não me agradeça. Não poderia ser de outra forma.

Sai de repente e me vira. Coloca meus quadris para frente antes de escorregar de novo dentro de mim. Afundo o rosto no travesseiro e mordo o algodão enquanto ele continua com a tortura lenta, requintada, dentro e fora. Está destruindo meus sentidos e meu corpo começa a se preparar para o grande momento, um pouco mais perto com cada estocada.

Muda de posição novamente. Vira-me de barriga para cima coloca minhas pernas sobre os ombros. Está outra vez dentro, muito dentro de mim.

Está suando, e suas ondas são um emaranhado delicioso de umidade. Sua barba brilha.

—Adoro como seu corpo se move.

Me permito olhar um instante seu peito, cujos músculos se apertam com cada movimento. Estou prestes a explodir, mas tento me controlar para apreciar um pouco mais. Nossos olhos se encontram novamente e eu derreto quando sou abençoada com outro de seus sorrisos incríveis.

—Livy, te garanto que não tem um ponto de vista, que seja a metade do quão bonito é o meu.

—Na verdade, você está errado — ofego muito séria, enquanto o vou acariciando. É tão perfeito que quase me sangram os olhos de olhar para ele.

—Ainda bem que existe diversidade de opinião, minha menina. — Move os quadris, sabendo o que faz, e acho que é impossível discutir com ele. — Bem?

—Sim!

—Estou de acordo. — Deixa cair um ombro e minha perna desliza em seu braço para que possa inclinar o tronco — Ponha as mãos sobre a cabeça.

—Quero tocar você — protesto. Tenho as mãos muito esticadas e estão sendo um excesso de Miller.

—Ponha as mãos na cabeça, Livy. — Enfatiza sua ordem com um ataque poderoso que me obriga a jogar a cabeça e as mãos para trás.

Em seguida, se apoia nos cotovelos, com as palmas das suas mãos em meus braços e me acaricia no ritmo que marcam seus quadris, seu olhar azul selvagem de paixão.

—Você está bem, Livy?

Assinto, nego com a cabeça e depois volto a acenar.

—Miller!

Com um grunhido acelera o ritmo.

—Livy, eu vou te deixar louca de prazer todos os dias, então você já pode começar a aprender a se controlar.

Minha cabeça treme e meu corpo suporta um ataque implacável de prazer. Começa a ser demais.

—Por favor — imploro olhando em seus olhos triunfantes. Ele adora me ver enlouquecer. Vive para isso. —Você está fazendo de propósito.

Me solta a outra perna e prende-me com seu corpo. Não posso resistir, ou me mover, ou tremer. Não posso mais aguentar. Vou desmaiar.

—Claro — assente. —Se você visse a mesma coisa que eu, você também tentaria estendê-lo tanto quanto possível.

—Não me torture! — Gemo levantando os quadris.

Me beija.

—Não estou te torturando, Livy. Estou te ensinando como deve ser.

—Está me enlouquecendo — arquejo.

Não preciso que me ensine. Já me ensinou todas as vezes que me mostrou sua devoção.

—É a visão mais maravilhosa do mundo. —morde meu lábio. —Você quer gozar?

Assinto e o pego pelo ombro. Não me impede. Minhas mãos deslizam e o beijo até deixá-lo seco. Minha língua é insaciável e me leva mais e mais alto..., até que acontece. Se sacode com um grito e eu gemo enquanto meu corpo se arqueia violentamente. Nós dois começamos a tremer e estremecemos sem remédio. Estou completa, saciada e enquanto deixo de sentir espasmos tenho o corpo completamente relaxado. Não posso me mover. Não posso falar. Não vejo nada. Continua estremecendo comigo e com os quadris ainda se movendo em círculos firmes.

—Você prefere as boas ou as más notícias? — expira em meu pescoço, mas eu sou incapaz de responder a ele.

Estou sem fôlego. Não posso pensar e tento encolher de ombros, mas só recebo algo parecido como um espasmo.

—Começaremos com as más — diz quando é óbvio que ele não terá resposta. —A má notícia é que eu não posso me mover, Livy.

Se tivessem me sobrado forças, eu sorriria, mas não sou mais que um monte de terminações nervosas pulsantes. Então gemo em resposta e tento dar-lhe um pequeno empurrão. Muito fraco.

—A boa notícia é — suspira— que não temos que ir a qualquer lugar, assim, podemos ficar desta forma para sempre. Peso muito?

É pesado, mas não tenho forças ou vontade de dizer—lhe. Encontra-se em cima de mim, cobrindo cada parte do meu corpo. Nossas peles estão grudadas. Volto a gemer e meus olhos se fecham de cansaço.

—Livy? —Sussurra baixinho.

Gemo.

—Apesar do passado, você continua sendo minha menina. Nada vai mudar isso.

Abro os olhos e reúno forças para responder.

—Sou uma mulher, Miller.

Preciso que se dê conta que não sou uma menina. Sou uma mulher, tenho necessidades, e uma dessas necessidades — a maior de todas — é Miller Hart.

Capítulo Vinte

Era inevitável que me abandonasse. Suas ações, suas palavras e conforto foram também bons demais para ser verdade. Deveria saber pela culpa que inundou seu rosto quando me impediu de ir embora. Quem me dera que não tivesse vindo atrás de mim. Quem dera não tivesse deixado sua compaixão forçá-lo a me confortar. Agora tudo é muito mais difícil. O vácuo é constante, a agonia sem fim. Tudo dói: a cabeça de tanto pensar e o corpo de sentir falta de suas carícias. Até meus olhos doem de não vê-lo. Não sei quanto tempo se passou desde que me deixou. Dias. Semanas. Meses. Pode ser que mais.

Não me atrevo a deixar minha escuridão silenciosa. Não me atrevo a mostrar minha alma ferida ao mundo. Vivo ainda mais isolada do que antes de conhecer Miller Hart.

As lágrimas rolam por minha bochecha. O rosto de minha mãe se transforma no meu e viro o rosto ao receber um tapa de minha avó.

—Livy?

—Me deixe em paz — soluço dobrando meu corpo dormente e escondendo meu rosto banhado em lágrimas no travesseiro.

—Livy...

Mãos puxam meu corpo. Resisto, não quero ver ninguém. Não quero fazer nada.

—Livy, por favor.

—Deixe-me ir! —grito me mexendo como uma cobra.

—Livy!

Estou cravada no colchão, com as mãos em ambos os lados da cabeça.

—Livy, abra os olhos.

Todo meu corpo treme e fecho os olhos com força. Eu não estou pronta para fazer frente ao mundo. Ainda não. Pode ser que nunca. Meus braços estão mais uma vez livres, mas alguém segura minha cabeça. Logo noto a suavidade de lábios que me parecem familiares em minha boca, e ouço a respiração lenta que tanto amo.

Abro os olhos e tento me recompor. Estou atordoada, desorientada e transpirando. Tenho palpitações e não vejo nada, porque meu cabelo loiro e despenteado tapa o meu rosto.

—Miller?

Afasta o cabelo do meu rosto e consigo focar nele pouco a pouco. Seu lindo rosto é a imagem viva da preocupação.

—Estou aqui, Livy.

Finalmente, estou consciente e me lanço em seus braços com tanta força que o atiro de costas contra a cama. Estou louca, mas viva. Aterrorizada, mas tranquila.

Foi apenas um sonho.

Um sonho que me fez sentir em carne viva, de como seria perdê-lo.

—Me prometa que não vai me abandonar — murmuro. —Me prometa que você não vai para nenhuma parte.

—Ei, de onde veio isso?

—Me prometa isso.

Afundo o rosto em seu pescoço, não quero deixá-lo ir. Tive sonhos outras vezes. Tinha acordado me perguntando se realmente tinham acontecido, mas dessa vez foi diferente. Isto foi tão real que foi assustador. Ainda sinto o aperto no peito e o pânico que me afligia, e isso que está me sacudindo em seus braços.

Custa para ele, mas enfim consegue retirar minhas unhas das suas costas e me separar do seu corpo. Ele se senta e me acomoda entre as coxas dele. Acaricia meu pescoço, desenhando círculos com as palmas das mãos e inclina minha cabeça até que nossos olhos se encontram. Os meus estão banhados em lágrimas e os seus são um mar de ternura.

—Eu não sou sua mãe — diz muito seguro.

—Doía muito. — estou soluçando, tentando me convencer que foi só um pesadelo. Um maldito pesadelo.

Fica muito sério.

—Sua mãe te abandonou, Livy. Claro que te dói.

—Não. — nego com a cabeça entre suas mãos. — Isso já não me dói.

Este novo medo apagou qualquer sensação de abandono que tinha antes.

—Estou melhor sem ela.

Ele pisca e fecha os olhos ao ouvir minhas palavras duras. Eu não ligo.

—Eu estou falando de você — sussurro — Você me abandonava. — sei que pareço fraca e necessitada, mas o desespero é mais forte que eu. Em comparação com o que eu sinto agora, superar o abandono da minha mãe era como costurar e cantar. Miller tem me mostrado o que é estar à vontade com outra pessoa. Me aceitou. — Nunca nada tinha doido tanto.

—Livy...

—Não, — o corto. Tem que saber isso.

Me afasto de seu espaço pessoal e me sento do outro lado da cama, onde não pode me tocar.

—Livy, o que você está fazendo? — pergunta tentando me alcançar.— Venha aqui.

—Você tem que saber de uma coisa — sussurro nervosa. Me recuso a olhá-lo no rosto.

—Há mais?

Retira a mão, como se eu fosse mordê-lo. Está receoso, age com cautela. Não me inspira confiança. O surpreendi mais com meus segredos do que ele com as oscilações de humor (de dominante para passivo, de frio para carinhoso num piscar de olhos).

—Há mais uma coisa — confesso, e o ouço suspirar, se preparando para a próxima bomba.

Para ele, é possível que seja o mais terrível de todos.

—Me parece que isso é uma conversa, Livy — diz em um tom forte e intimidante, que faz com tire sarro dele ou me encolha como um inseto. Desta vez, me encolho.

—Continua me parecendo fascinante. — digo olhando para ele. — Todas as suas manias e seu perfeccionismo, o fato de que você está sempre arrumando as coisas que já estão mais que perfeitas e do jeito que você gosta de ter tudo preparado em uma determinada maneira.

Olha-me muito sério, com a testa franzida, e por um segundo sinto que vai negar tudo, mas não.

—Tem de me aceitar como sou, Livy.

—Me refiro a isso.

—Explique — exige bruscamente.

Me encolho ainda mais.

—Me dá ordens — digo feito um monte de nervos — E isso deveria me estarrecer ou talvez deveria me dar vontade de te mandar passear, mas...

—Acho que ontem você me disse que eu estava indo para o inferno.

—Culpa sua.

—Provavelmente — concede um grunhido e coloca aqueles olhos azuis tão divinos em branco. – Continue.

Sorrio para mim mesma. Ele está fazendo. Está sendo brusco e superior, mas é atraente até mesmo quando me dá nos nervos. Sinto-me segura com ele.

—Não sei se meu coração poderá sobreviver a você — digo em voz baixa observando sua reação— Mas vou aceitar você como você é.

Não deveria me surpreender que permanece impassível e não me surpreende, mas seus olhos me dão uma pista. Me dizem que já sabe como me sinto. Seria um idiota se não soubesse.

—Estou apaixonada.

Seus olhos azuis, acariciam minha alma. Tudo é compreensão.

—Por que está do outro lado da cama, Livy? — me pede com uma voz rouca e segura. Meus olhos percorrem a distância entre nossos corpos. Um bom pedaço de colchão nos separa. Talvez tenha me perdido um pouco ao dizer que precisava de distância, mas não queria sentir como seu corpo ficaria tenso ao me ouvir dizê-lo. Eu não disse isso, mas Miller é um homem inteligente. Mostrei minhas cartas e agora elas estão viradas para cima, para que todos vejam.

—Não, não foi...

—Por que está do outro lado da cama, Livy?

Nossos olhos se encontram. Olha para mim muito sério, como se lhe doesse meu distanciamento, mas continuo a ver entendimento em seus olhos.

—Eu não...

—Já fez com que eu me repetisse — me corta. — Não me obrigue a ter que repetir.

Demoro para reagir. Quando estou prestes a voltar para ele, decido não fazê-lo porque não sei o que estará passando nessa cabeça tão complicada.

—Você está pensando demais, Livy — me adverte. — Eu quero "o que mais gosto".

Me movo um centímetro, lentamente, mas não me recebe de braços abertos e também não vem

até mim. Observa-me impassível, em seguida meu olhar se aproxima dos seus olhos até que me aconchego em seu colo, e o circulo tão hesitante com braços. Sinto suas mãos nos meus quadris, acariciando minhas costas. Afunda o rosto no meu cabelo, e de repente somos como duas peças de um quebra-cabeça que se encaixam perfeitamente com o outro. Um abraço perfeito. "O que mais gosta" Miller começa a ser "o que eu mais gosto" também. Não há nada como o sentimento de paz e segurança que me dá com seus abraços. Suas carícias que me livram da ansiedade e desespero.

—Não sei se poderia viver sem você. Sinto que você se tornou parte de mim, que sem você não conseguiria nem respirar. — Não estou exagerando.

O pesadelo foi real demais, e quão ruim me senti é motivo suficiente para que seja honesto comigo. Mas ele está muito tranquilo, demais. Sinto as batidas do seu coração em meu peito, e bate a um ritmo tranquilo, nem surpreso, nem acelerado. Isso é tudo o que sinto. O que será que está pensando? Provavelmente que sou uma ingênua e tola. Eu nunca antes tinha me sentido assim, mas é um sentimento intenso e incontrolável. Não sei se tenho o que preciso ter, e duvido muito que Miller o tenha.

—Diga alguma coisa, por favor — imploro e saliento meu pedido com um pequeno empurrão – Qualquer coisa.

Me devolve o gesto e deixa o santuário do meu pescoço. Toma ar e libera lentamente entre os lábios. Também inspiro fundo, só que contenho a respiração.

Desliza as palmas das mãos por minhas costas até que elas atinjam o meu cabelo. O penteia com os dedos. Então, me olha nos olhos.

—Minha menina doce e bonita se apaixonou pelo lobo mau.

Franzo o cenho.

—Você não é o lobo mau — protesto. O outro não posso negar. Tem razão e não me envergonho: estou apaixonada por ele. — E acreditava que nós já tínhamos deixado claro que de doce não tenho nada.

Quero tocar seu cabelo e beijar seus lábios, mas ele parece desanimado, quase como se preocupasse sabendo que alguém o quer.

—Nada disso. Você é minha garota e é muito doce, e esta conversa acaba aqui.

—Ok. — sucumbo imediatamente e sem qualquer resistência. Odeio o tom cortante de sua voz, mas secretamente amo o que ele disse. Sou sua.

Suspira e me dá um beijo casto.

—Você deve estar com fome. Deixe que te prepare algo para comer.

Desembaraça nossos corpos e me coloca de pé. Examina-me com atenção. Ainda estou com sua camisa, desabotoada, aberta e está enrugada até não poder mais.

—Veja como você a deixou— murmura.

E, com isso, volta a ser Miller Hart preciso e perfeito, como se não tivesse acabado de confessar meu amor por ele.

—Deveria comprar camisas que não precisam passar — digo tentando esticá-la.

—Essas são feitas de tecido barato.

Afasta minhas mãos e começa a abotoar a camisa. Inclusive, arruma o colarinho. Então acena com aprovação e me pega pela nuca.

Está com os calções pretos. O que significa que, enquanto estava tendo um pesadelo, meu maníaco e lindíssimo Miller estava colocando a casa em ordem.

—Sente-se, por favor — diz quando chegamos a cozinha. Solta minha nuca. — O que gostaria de comer?

Descanso meu traseiro na cadeira. Está fria, e me lembro que não estou usando calcinha.

—O que você vai comer.

—Vou me preparar uma *bruschetta*. Você quer?

Tira um monte de caixas da geladeira e liga a grelha.

Ele está falando de tomates, não?

—Ok.

Apoio as mãos no meu colo assim pode arrumar a mesa. Deveria me oferecer para ajudar, mas sei que não gostaria nada. Mesmo assim, faço. Talvez consiga fazê-lo bem e Miller se surpreenda.

—Eu coloco a mesa— digo.

Me levanto e não me escapa o modo que seus ombros ficam tensos.

—Não, por favor. Deixe-me cuidar de você. — Está me enrolando com essa coisa de adoração, para que não acabe com sua perfeição.

—Não é incômodo.

Ignoro sua cara de preocupação e me dirijo para o gabinete onde ele guarda os pratos ao mesmo tempo em que ele começa a jogar azeite de oliva em algumas fatias de pão.

—Porque não me disse que tinha um clube? —pergunto para distraí-lo do medo que tem de que sua menina estrague a sua mesa perfeita.

Pego dois pratos do armário, volto para a mesa e os coloco cuidadosamente. Noto seu receio. Olha para os pratos, olha para mim e continua com o azeite de oliva.

—Como disse: não gosto de misturar negócios com prazer.

—Nunca vai falar sobre como trabalha, comigo? —Pergunto, enquanto vou para as gavetas.

—Não, é cansativo. — coloca uma bandeja cheia sob o pangrill e começa a limpar uma sujeira inexistente. —Quando estou com você só quero pensar em você.

Hesito ao pegar duas facas e dois garfos.

—Não parece ruim — sorrio.

—Como se você tivesse uma escolha.

Sorrio mais ainda.

—Não quero escolher.

—Então esta conversa não faz sentido, não acha?

—Tem razão.

—Estou feliz que nós esclarecemos isso — diz muito sério tirando o pão torrado da grelha. — Vinho para beber?

Hesito novamente. Claro que eu o ouvi bem. Depois de tudo o que lhe falei?

—Água para mim. —Volto para a mesa.

—Para acompanhar uma *bruschetta*? —diz revoltado. — Não, vai beber Chianti com a *bruschetta*. Há uma garrafa no bar e as taças estão no armário da esquerda. — Aponta para sala de estar com um gesto da cabeça enquanto mistura com uma colher cuidadosamente, torradas com tomate e as coloca em um prato branco.

Coloco as facas e garfos na mesa o melhor que posso e então me dirijo para o bar. Há um monte de garrafas de vinho dispostas em perfeita ordem, com as etiquetas para fora. Não ouso tocá-las. Leio o rótulo de cada garrafa, mas não vejo qualquer um que leve Chianti. Franzo a testa e volto a olhar todas. Estão ordenadas de acordo com o tipo de bebida contendo cada um. É quando vejo uma cesta com uma garrafa roliça no interior. Me aproximo. No rótulo diz Chianti.

—Bingo! — sorrio.

Pego a garrafa da cesta e abro o armário à esquerda para pegar dois copos. Eles brilham como espelhos sob a luz artificial do quarto, e admiro como isto se reflete no intrincado design do vidro cinzelado. Pego um par e volto para a cozinha.

—Chianti e duas taças — proclamo levantando as mãos, mas freio bruscamente para ver que perdi tempo ao pôr a mesa.

Miller está dobrando os guardanapos limpos em triângulos perfeitos e os colocando a esquerda dos talheres.

Franzo o cenho e ele franze o dele para mim. Não faço ideia do por que. Ele examina a garrafa, então as taças e incrivelmente, exasperado, retira de minhas mãos. Consternada, contemplo como retorna a colocar a garrafa na cesta e os copos no lugar. Eu li o rótulo. Dizia Chianti. E, pode ser que eu não seja uma especialista em vinho, mas as taças eram de vinho.

Enrugo mais a testa quando o vejo pegar duas taças do mesmo armário e, em seguida, pegar o vinho com o cesto e voltar para a cozinha.

—Não vai sentar? —Pergunta me empurrando para a mesa.

Me sento em resposta e vejo como coloca os copos no lado direito dos garfos. Em seguida, coloca a cesta de vinho entre os dois. Não está satisfeito com a disposição dos elementos, por isso arruma tudo e em seguida, me serve alguns dedos de vinho na minha taça.

—O que eu fiz de errado? — pergunto ainda com o cenho franzido.

—O Chianti se conserva nesta cesta, que se chama *fiasco*. — Serve para ele um pouco — E as taças que pegou eram para vinho branco.

Olho para as taças, que contêm um terço do vinho tinto, e eu franzo ainda mais a testa.

—Por acaso importa?

Me olha atordoado e boquiaberto.

—Sim, isso é importante. As taças de vinho tinto são mais largas porque o contato com o ar dá ao vinho mais profundidade e realça as nuances, para que se possa apreciá-los como um todo. — Toma um gole e o move de um lado a outro na boca durante alguns segundos. Acho que ele vai cuspir, mas isso não acontece. Ele engole e continua: — Uma superfície maior, maior exposição ao ar. Por isso importa o tamanho das taças.

Me deixou sem palavras. Me intimida. Me sinto uma ignorante.

—Já sabia isso— resmungo segurando minha taça. — Você é um sabichão.

Ele está lutando para conter o riso, eu sei. Quem dera se esquecesse por um momento de tanta sofisticação e seus bons modos (que se multiplicam por cem quando se senta à mesa) e me

presenteasse com aquele sorriso de parar o coração.

—Sou um nerd porque aprecio a beleza das coisas? —Ele arqueia as sobrancelhas perfeitas e levanta a taça que contém o vinho perfeito, então lentamente toma um gole perfeito com um movimento perfeito de seus lábios perfeitos.

—As aprecia ou se torna obcecado com elas? — digo por que se tem algo que tenho certeza sobre Miller Hart é que se torna obcecado com quase tudo que tem em sua vida. Espero ser uma dessas obsessões.

—Eu diria que as aprecio.

—Porque eu diria que você se torna obcecado.

Inclina a cabeça, acha graça.

—Você está falando em código, minha menina?

—Você é bom em decifrar códigos?

—Entre outras coisas — sussurra lentamente, lambendo os lábios. Me derreto. — Consegui decifrar você. — Acena para mim com a taça. — E também te conquistei.

Não posso negar, então pego uma *bruschetta*.

—Parece bom.

—Concordo — assente ao tempo que pega uma das torradas.

Mordo a minha com um ruído de satisfação. Me olha feio. Paro de mastigar e me pergunto o que fiz agora. Não vou demorar para saber. Pega a faca e o garfo, bem petulante, e me demonstra como se deve cortar a torrada, leva um pedaço a boca e depois deixa os talheres no prato. Mastiga e observa como ruborizo. Eu tenho que me aperfeiçoar.

—Eu te chateio? — pergunto deixando minha *bruschetta* no prato e cortando-a, como ele fez.

—Se me aborrece?

—Sim.

—Não, Livy. Exceto quando você age como uma descerebrada. — Me olha com desaprovação e decido fingir que eu não vi. — Me fascina.

—Apesar das minhas maneiras vulgares? — pergunto calmamente.

—Você não é vulgar.

—Não, nisso tem razão. Mas, você realmente é um esnobe. — Engasga, surpreso. — Às vezes — adiciono.

Meu homem bonito tende a ser um cavalheiro, exceto quando ele se comporta como um imbecil arrogante.

—Não acho que ter boas maneiras é o mesmo que ser esnobe.

—O seu vai além de boas maneiras, Miller. —Suspiro e resisto a colocar os cotovelos na mesa. Apesar de gostar, na verdade.

—Já te expliquei antes, Livy. Você precisa me aceitar como sou.

—Já aceitei.

—E eu a você.

Me retraio, esse comentário me machucou muito. Significa que me aceita apesar do meu

passado vergonhoso e minha falta de educação, que é o que quer dizer. Aceitei um cavalheiro de meio período com uma fascinante compulsão por ter tudo em perfeito estado, enquanto ele teve de aceitar uma boba sem cérebro que não distingue as taças de vinho branco das taças de vinho tinto. Embora tenha razão e me alegre que tenha me aceitado, não é necessário que me lembre novamente de meus defeitos.

—Está dando muitas voltas, Livy — opina me tirando dos minhas deliberações mentais.

—Desculpe-me, é que eu não entendo...

—Você está se comportando como uma boba.

—Não acho que...

—Já chega! — exclama mudando de lugar a taça de vinho que acaba de deixar em cima da mesa. — Aceite que vai ser, como te disse que seria.

Tremo na minha cadeira, em silêncio.

—Agora já expliquei que não é necessário entender nada. Vai ser assim, e nem eu ou você podemos ou devemos fazer algo sobre isso.

Pega de novo a taça, que havia colocado sobre a mesa, e toma um bom trago. Não um gole, não para saboreá-lo ou desfrutá-lo, mas engole.

Ele está muito zangado.

—Merda. — Deixa a taça sobre a mesa com muita força e leva as mãos para a cabeça. — Livy, eu... — suspira... e levanta de repente da cadeira. Estende os braços até mim. — Venha aqui, por favor.

Suspiro também, me levanto, balançando a cabeça com frustração e vou ao seu lado. Eu sento em seu colo e deixo que se desculpe me dando "o que mais gosta."

—Sinto muito — sussurra beijando meu cabelo —Me incomoda quando você fala assim, como se não tivesse valor. Sou quem realmente não te merece.

—Isso não é verdade — digo me afastando de seu peito para olhá-lo no rosto. É um rosto muito bom, e a sombra de barba do dia anterior realça o azul dos seus olhos.

Pego uma mecha de seu cabelo encaracolado e torço entre os dedos.

—Podemos não concordar em tudo — acrescenta.

Me beija e os movimentos de sua língua, são todas as desculpas que preciso. Tudo volta a estar bem no mundo, mas esse mau gênio que tinha falado comigo e que vai aparecendo ocasionalmente, começa a me preocupar um pouco. Sempre parece uma fúria por um momento, e vejo claramente como luta para dominá-la.

Após se desculpar profusamente me vira em seu colo e coloca um pedaço de *bruschetta* na boca. Então, come outro pedaço. Comemos em silêncio, satisfeitos, embora me surpreenda que sua boas maneiras à mesa lhe permitam comer comigo nos braços, mas, não permitem que a garrafa de vinho não esteja perfeitamente no lugar.

Tudo é paz e sossego, até toca seu iPhone.

—Com licença, diz ele, levantando-me do seu colo e vai pegar o telefone, que está nas prateleiras que estão ao lado da geladeira Eu definitivamente vejo um olhar de irritação quando ele olha para a tela antes de responder. 'Miller Hart'.

Sai da cozinha e me sento em minha cadeira.

—Sem problema — diz a quem quer que seja que está ligando. Suas costas desaparecem do

meu ponto de vista.

Aproveito esta oportunidade para estudar a disposição do que está em cima da mesa, tentando descobrir se há qualquer lógica na sua loucura. Levanto seu prato para ver se embaixo está alguma marca que indica sua posição. Não a encontro, mas em todo caso, levanto o meu também. Nada. Sorrio e chego à conclusão que deve ter marcas para tudo, mas Miller é o único que pode vê-las. Pego o copo de vinho tinto e cheiro antes de você dar um gole, cautelosamente.

Volta para a cozinha e deixa o telefone celular na prateleira.

—Era o gerente do Ice.

—O gerente?

—Sim, Tony. Ele cuida de tudo, quando não estou.

—Ah.

—Amanhã vão fazer uma entrevista comigo e queria confirmar a hora.

—Vai sair no jornal?

—Sim. É uma entrevista sobre a abertura de um novo clube para a elite de Londres. — Ele começa a carregar a máquina de lavar louça. — É amanhã às 06:00, gostaria de se juntar a mim?

Eu sou o auge da felicidade.

—Pensei que você não misturasse negócios com prazer. — Arqueio uma sobrancelha em sua direção e ele faz o mesmo. Este gesto me faz sorrir.

—Gostaria de se juntar a mim? — repete.

Sorrio de orelha a orelha.

—Onde vai ser?

—No Ice. Então vamos jantar. — Olho para ele de soslaio. — É indelicado rejeitar um convite para jantar com um cavalheiro — diz muito sério. — Pergunte a sua avó.

Começo a rir e recolho os pratos da mesa.

—Aceito sua oferta.

—Esplêndido, senhorita Taylor. — Está de bom humor e eu já não posso sorrir mais. —Posso sugerir que você ligue para sua avó?

—Claro. —Deixo os últimos pratos no balcão, e Miller os limpa e carrega na lava-louças. — Em que gaveta você colocou as minhas coisas?

—A segunda de baixo. E não demore. Eu tenho um hábito e eu preciso me perder com ele entre os lençóis.

Está sério, mas eu não dou a mínima.

Capítulo Vinte e Um

Mergulho no suave sussurrar de Miller no meu ouvido. Beija meu cabelo e me abraça como gosta. Sei que se levantou para pegar sua boxer e a camisa que tinha deixado caída no chão, mas retornou imediatamente e se aconchegou nas minhas costas.

Quando abro os olhos ele já está acordado, tomou banho, está vestido e fez seu lado cama. Fico deitada por um momento, pensando em como minha chegada pôs de pernas para cima seu mundo perfeito e organizado, mas imediatamente me ordena que me levante e me vista. Como não tenho outra coisa para colocar, me leva em casa com meu vestido recém-lavado. Vovó está encantada.

Depois de tomar banho, envio uma mensagem para Gregory para que saiba que eu estou viva e me arrumo para ir trabalhar, desço a escada a toda a velocidade, porque só tenho vinte minutos para plantar meu rabo feliz na cafeteria. Vovó está esperando por mim lá em baixo. Fico feliz em vê-la tão feliz, apesar de achar tão engraçado ver que carrega uma agenda na mão.

—Convide Miller para jantar — me ordena enquanto coloco a jaqueta jeans.

Passa as páginas da agenda e desliza um dedo enrugado por cada compromisso.

—Essa noite estou livre, mas não posso amanhã ou quarta-feira. Sei que esta noite é um pouco precipitado, mas me dá tempo para passar no Harrods. Ou talvez poderia vir sábado... Ah, não, não pode ser sábado. Fiquei de tomar chá e torta.

—Vão entrevistar Miller, hoje à noite.

Pisca, a surpresa refletida em seus olhos azuis escuros.

—Uma entrevista?

—Sim, a respeito do bar que acabou de abrir.

—Miller tem um bar? Caramba! —Fecha a agenda com um golpe. — Isso significa que sairá na imprensa?

—Sim — respondo enquanto penduro minha bolsa no meu ombro. Ele vai me pegar no trabalho, então não virei comer.

—Como é excitante! Então jantamos no sábado? Eu posso mudar meus planos.

Espanta-me que minha avó tem uma vida social mais intensa do que a minha... Pelo menos, até recentemente.

—Eu vou perguntar — digo para que fique tranquila e em seguida, abra a porta.

—Pergunte agora.

Me viro com a testa franzida.

—Mas vou vê-lo esta noite.

—Não, não. — aponta minha bolsa com dedo. — Devo saber o quanto antes. Tenho que comprar e ligar para o centro social para a mudar a data do lanche de chá e bolos. Não posso passar

minha vida atrás de vocês.

Me acabo de rir por dentro.

—Melhor semana que vem — sugiro. Problema resolvido.

Torce os lábios, velhos e finos.

—Ligue agora! — insiste, e imediatamente começa a procurar o celular na minha bolsa.

Não posso lhe negar o capricho, agora que finalmente Miller e eu esclarecemos as coisas.

—Ok — a acalmo e marco o número sob seu olhar atento.

Ele atende na hora.

—Miller Hart — diz com a formalidade de um homem de negócios.

Franzo a testa.

—Não tem meu número salvo?

—Claro que sim.

—E por que responde como se você não soubesse quem está ligando?

—Costume.

Nego com a cabeça e vejo que minha avó está fazendo a mesma coisa.

—Você está livre no sábado à noite? —pergunto.

Vovó está me observando e me sinto muito estranha. Em situações como esta, onde se mostra cortante e reservado, quando não tem nada a ver com o homem terno que está sob esses ternos e que surge quando estamos sozinhos.

—Está me pedindo um encontro? —Aparentemente, acha muito divertido.

—Eu não, minha avó. Ela gostaria que você voltasse para vir jantar.

Sinto-me como uma adolescente.

—Será um prazer — diz — Vou levar meus *biscoitinhos*.

Não posso evitar soltar uma risada, e vovó parece ofendida.

—Minha avó vai ficar feliz.

— E quem não ficaria? — pergunta com arrogância. — Vejo você quando sair do trabalho, minha menina.

Desligo, e saio de casa com um salto e deixo vovó no corredor.

— E? —pergunta começando a correr atrás de mim.

—Você tem um encontro.

—O que te fez achar tanta graça?

—Miller vai trazer seus *biscoitinhos*! —respondo.

— Mas ia preparar a minha Tarte tatin de abacaxi!

Não consigo parar de rir até chegar no trabalho.

—Livy, preciso de você no sábado — Del me diz quase no final do meu turno. — Posso contar com você? É um grande evento, e preciso de toda ajuda que conseguir.

—Claro.

—Sylvie? — pergunta olhando para minha colega de enquanto ela passa o rodo na cafeteria.

Se vira em suas botas de motoqueira e sorri com doçura excessiva:

—Não.

Nosso chefe resmunga baixo alguma coisa sobre como é difícil de encontrar um bom serviço nesses tempos, enquanto Paul se acaba de rir e eu reprimo a vontade de fazê-lo.

—Bom — começa ela quando Paul já se despediu de todos. — Espero que seu bom humor se deva a quão bom foi seu encontro com Don Olhos Grandes.

Eu faço uma careta.

—Era um bom rapaz.

—Isso é tudo? —pergunta incrédula.

—Sim.

—Vamos lá, Livy. Se você vai fisgar um cara decente, é melhor mostrar um pouco mais de entusiasmo.

Me olha fixamente e faço o possível para não olhar para ela.

—Então, por que está tão feliz?

—Acho que você já sabe. — continuo sem olhá-la, mas sei que tenta não rolar os olhos.

Suspira preocupada.

—Miller vai vir me buscar — prossigo e olho na direção da rua. — Chegará logo.

—Certo — diz ela cortante. — Não tenho certeza que...

—Sylvie. — me viro e coloco a mão em seu ombro. — Agradeço que se preocupe comigo, mas por favor, não tente me impedir de sair com ele.

—É só que...

—Que uma boa garota como eu...?

Ele sorri com ternura.

—Você é boa demais. Isso é o que me preocupa.

—É o que eu preciso, Sylvie. Não consigo escapar. Se você tivesse levado a vida que levei me entenderia.

Fica pensativa, tentando entender o que eu disse.

—O que você precisa?

—A oportunidade de me sentir viva — confesso. — Ele me permite viver e sentir.

Acena lentamente e me dá um beijo na bochecha e, em logo seguida passa os braços em torno de mim.

—Conte comigo — se limita a dizer. — Espero que este homem seja tudo que você precisa.

—Eu sei que é. — respiro profundamente e me libero do abraço de Sylvie. — Já está aqui.

Deixo minha amiga e corro para o Mercedes preta. Entro e me despeço de Sylvie do assento. Ela despede-se de mim com a mão e se vira.

—Boa tarde, Olivia Taylor.

—Boa tarde, Miller Hart — respondo afivelando meu cinto de segurança e sorrio quando

ouço que toca *Gipsy Woman* de Crystal Waters. — Teve um bom dia?

Se junta ao tráfego com suavidade.

—Não parei um minuto. E você?

—Não parei um minuto.

—Está com fome? —Se vira para olhar para mim, impassível.

—Um pouco.

Estou ficando gelada por causa do ar condicionado. Olho para o painel de controle, com muitos controles e botões. Existem duas indicações de temperatura e um botão ao lado de cada um deles. Os dois marcam 16 graus.

—Por que este carro tem dois indicadores de temperatura?

—Uma para o banco do condutor e outra para o passageiro — responde com o olhar fixado na estrada.

—Assim você pode colocar duas temperaturas diferentes.

—Sim.

— E meu lado pode ser 20 graus e o seu 16?

—Sim.

Pequena idiotice fina. Subo a temperatura do meu lado para vinte graus.

—O que você está fazendo? — me pergunta começando a se mexer em seu assento.

—Estou congelando.

Volta a temperatura do meu assento a 16 graus.

O assisto e continuo com o tópico.

—Mas, isso não é a razão para colocar duas temperaturas diferentes? E assim, tanto o motorista como o passageiro podem estar confortáveis?

—Neste carro os dois tem que marcar o mesmo.

— E se eu subir os dois a vinte graus?

—Então ficaria muito quente — responde rápido enquanto volta a pegar o volante com as duas mãos. — A temperatura está bem como está.

—Mas, bem que você gosta que os dois marquem os mesmo — medito para mim mesma enquanto me afundo no meu assento.

Acho que é impossível imaginar como deve ser estressante estar vivendo em um mundo onde o desejo de ter sempre tudo de uma certa maneira é tão persistente e poderoso. No final acaba dominando sua vida. Sorrio para mim mesma. Na verdade, posso imaginar porque este cavalheiro trapaceiro e encrenqueiro não só pôs meu mundo de cabeça para baixo, mas também seus costumes singulares começam a ter um estranho efeito sobre mim. Estou começando a perceber como devem ser as coisas, mas ainda não sei como conseguir que sejam assim. Vou aprender e ajudar Miller para que sua vida não seja tão estressante.

O clube não parece o mesmo à luz do dia. As luzes azuis que o iluminam à noite se foram, e tudo ao redor é vidro fosco. A sala está vazia, exceto por um par de garçons aqui e ali que repõem as bebidas ou limpam as hastes de vidro. Está muito mais tranquilo e só se ouve Lana del Rey no fundo interpretando *Vídeo Games*. Não tem nada a ver com os sucessos de discoteca do sábado à

noite.

Um homem corpulento, bem vestido e calçado, nos espera do outro lado da pista de dança, sentado ao lado do bar em um banquinho de metacrilato e bebendo uma garrafa de cerveja. Ao nos aproximarmos levanta sua cabeça careca da papelada que tem entre mãos e faz um gesto para o garçom, que imediatamente lhe serve uma bebida para Miller e a deixa na superfície de vidro do balcão justo quando chegamos.

—Miller. — O homem se levanta e lhe oferece a mão.

Ele me solta e a aperta como fazem os homens antes de indicar que me sente, coisa que faço sem demora.

—Tony, te apresento a Olivia. Olivia, ele é o Tony.

Miller pega sua taça e toma um gole. Pede outra.

—Prazer em conhecê-la, Olivia? — Pronuncia meu nome em tom interrogativo, está claro que, ele não sabe qual versão usar.

—Livy — informo, aceito sua mão e o deixo agitá-la enquanto me inspeciona conscientemente.

—Quer tomar alguma coisa? — pergunta Miller pegando a segunda taça que o garçom serviu.

—Não, obrigado.

—Como você preferir — diz e então se vira para Tony.

—Cassie vai chegar logo — declara o gerente e olha para mim, sem saber muito bem o que fazer.

Imediatamente desperta o meu interesse: sou toda ouvidos.

—Não se incomode — Miller responde sem olhar para mim. — Disse que não precisava vir.

Tony ri.

— E desde quando ela ouve o que diz, filho?

Miller retorna seu olhar de aço para o Tony, mas ignora a pergunta dele, deixando-me perguntando quem é Cassie, e por que ela nunca ouve Miller. Agora é bastante óbvio que não é o tempo para perguntar, mas pelo olhar de Tony e a resposta do Miller, acho que já sei quem Cassie é. Por que ela vem aqui? Ela nunca o ouve? O que não ouve? Tudo? O que é tudo? Eu gritei mentalmente para mim mesma na tentativa de controlar meus pensamentos errantes até que seja um tempo oportuno para pressionar sobre ele, levo na decoração de vanguarda do clube.

Faz frio quando não está cheio de pessoas no escuridão. Há luzes e vidro por toda parte, e me sinto como se estivesse dentro de um cubo gigante de gelo.

Assisto Miller ler os papéis que Tony lhe entrega, e me pergunto como seriam as coisas se no lugar do terno de três peças usasse jeans e camiseta. A camisa azul que veste dá a seus olhos uma cor elétrica, mas como de costume se esconde por trás da máscara que põe sempre que lhe convém, o que é 99% do tempo.

—Vá para meu escritório.

A voz de Miller obriga meus olhos a esquecer a camisa que está usando e me concentrar em seus olhos azuis intensos.

—Desculpe?

—Vá ao meu escritório. — me pega suavemente para que eu desça do banco e me aponta o lugar onde devo ir. — Sabe como chegar lá?

—Acho que sim.

Lembro-me que me levou para frente do clube e em seguida descemos uma escadaria, mas eu estava à beira do coma alcoólico.

—Daqui a pouco te vejo.

Olho para trás quando eu ando para longe de Miller, que permanece no bar com Tony. Não escondem que eles estão esperando eu sair para falar de suas coisas. Miller permanece impassível e Tony parece pensativo. O gerente me dá um olhar muito estranho e chego a conclusão que ou estão falando sobre questões de negócios que não são apropriadas para meus ouvidos, ou, eles estão falando de mim. Eu acho que é o segundo, a julgar por quão estranha me sinto e como Tony parece desconfortável. Quando chego do outro lado do clube e dobro a esquina, vejo que Tony está dizendo algo ao mesmo tempo em que acena com as mãos na frente do rosto de Miller, o que confirma as minhas suspeitas. Paro e vejo pela escadaria de vidro. O gerente volta a se sentar e leva as mãos para o rosto, num gesto de desespero. Então Miller está com raiva, e coisa rara, demonstra isso. É esse mau gênio que já ouvi. Golpeia e amaldiçoa, e então começa a caminhar na minha direção. Desço a escada a toda velocidade e vago pelos corredores até encontrar o teclado que só lembro de ver Miller introduzir um código.

Depois de alguns segundos o tenho atrás de mim, com raiva e passando a mão pelo cabelo. Coloca para trás o cabelo que insiste em cair na testa e me alcança com dois passos determinados, visivelmente ofendido. Digita o código com fúria e abre a porta com mais força do que o necessário. A maçaneta bate contra a parede.

Dou um salto ao ouvir o golpe e Miller inclina a cabeça.

—Merda — amaldiçoa em voz alta sem sair do lugar. Não parece ter a intenção de querer entrar no escritório dele.

—Você está bem? — pergunto mantendo distância. Eu adoro quando expressa sua emoções, mas estas não me agradam nem um pouco.

—Peço desculpas — murmura sem levantar o olhar do chão.

Está ignorando sua regra, de olhar para as pessoas na cara quando elas falam com você. Não o lembro. É claro que ele esteve falando com seu gerente de mim. E agora está irritado.

—Livy?

Minha coluna se estica e me obriga a me colocar reta.

—Sim?

Deixa escapar um suspiro profundo e seus ombros sobem e descem.

—Me dê "o que mais gosto". — Seu olhar azul é um apelo. — Por favor.

Meu coração afunda. Nunca tinha visto Miller Hart assim. Quer que eu o conforte. Levo as mãos em suas costas amplas e fico na ponta dos pés para afundar o rosto em seu pescoço.

—Obrigado — sussurra no momento em que me pega e me levanta do chão.

A força do seu abraço me oprime as costelas. Mal consigo respirar, mas não vou lhe dizer nada. Envolvo sua cintura com as pernas. Miller entra no escritório comigo em seus braços, fecha a porta e caminha em direção a sua mesa vazia. Se apoia na borda para que possamos permanecer abraçados e não mostra nenhum sinal de querer me deixar ir. Estou surpresa. Vou deixar

seu terno amassado e ele ainda tem pendente a entrevista.

—Estou amassando sua roupa — digo em voz baixa.

—Eu tenho um ferro — replica e me aperta com mais força.

—Eu imaginei. — Me afasto de seu pescoço para poder olhá-lo nos olhos. Não diz nada. Já não parece estar tão zangado, e seu rosto é tão impassível como sempre. — Por que se irritou tanto?

—A vida... — diz sem hesitação — As pessoas que dão muitas voltas nas coisas e que se metem onde não foram chamadas.

—Em que se metem? — Pergunto, mesmo acreditando que já sei.

—Em tudo — ele suspira.

—Quem é Cassie? — Acho que eu também já sei.

Ele se levanta, me deixa no chão e me pega pelas bochechas.

—A mulher que você pensou que era minha namorada — responde e me dá um beijo longo e molhado.

Que enjoo.

—Por que ela vai vir? —Pergunto com a boca colada à sua. Não coloca fim ao beijo.

—Porque é como uma dor na bunda. — Mordisca minha orelha. — E porque acha que ser uma acionista do clube tem direito de mandar nele.

Engulo saliva e me afasto.

—Então é verdade que ela é sua sócia?

Quase me repreende antes de voltar a me apertar contra seu peito.

—Sim. Quantas vezes terei que te dizer? Confie em mim.

O fato de saber, não me faz sentir melhor. Eu não sou uma idiota completa, vi como ela olha para Miller. E também como olha para mim.

—Eu tive um dia horrível. — Me beija na bochecha e me distrai com a suavidade de seus lábios. – Mas, você vai tirar todo o stress assim que chegarmos em casa.

Deixo que me pegue pela mão e me leve para o outro lado da mesa.

—O que estamos fazendo?

Me senta em sua cadeira e me coloca olhando para a mesa. Pega um controle remoto da primeira gaveta e se agacha a meu lado, com o cotovelo no braço da cadeira.

—Quero te ensinar algo.

—O quê? — Pergunto, e vejo que a mesa de Miller está tão vazia quanto a última vez que a vi. Um telefone é a única coisa ali.

—Isto.

Pressiona um botão e pulo como uma mola ao ver que a mesa começa a se mover sozinha.

—Mas o que...?

Fiquei sem palavras e de boca aberta como uma idiota. Cinco telas planas emergem a partir da mesa.

— Minha nossa!

—Impressionada?

Estou um pouco confusa, mas ainda sim, não me escapa como está orgulhoso.

— E você senta aqui para assistir TV?

—Não, Livy — ele suspira, no momento em que pressiona outro botão que faz telas ganharem vida. Todas elas são imagens de seu clube.

—Há câmeras de segurança? — Pergunto olhando as telas. Cada uma está dividida em seis, exceto a do centro que apenas exibe uma imagem.

E lá estou eu.

Me aproximo e me vejo na noite de abertura do Ice, bebendo com Gregory. Em seguida, a imagem muda, estamos subindo a escada e eu olho tudo, impressionada. A seguir, estou na pista de dança, com Miller, pairando em volta de mim. Vejo Gregory sussurrar em meu ouvido, e eu prestes a virar a cabeça, e Miller se aproximando, olhando para mim de cima para baixo antes de colocar suas mãos em cima de mim. As imagens são muito nítidas, mas, aumentam mais ainda de tamanho quando Miller toca o centro da tela, e seu olhar me leva a cem instantaneamente. Sinto cócegas lá embaixo. Então me pergunto o que diabos estou fazendo olhando fixamente para uma tela quando do meu lado tenho Miller em carne e osso.

Me viro para olhar para ele.

—Estava aqui sentado me espiando. — pergunto por que é mais do que evidente. Não imaginava que o clube estava cheio de câmeras de segurança.

Me olha fixamente e inclina a cabeça.

—Minha menina, minha linda, você está excitada?

Não quero, mas me retorço em sua enorme cadeira de escritório e fico corada até as orelhas.

—Você está na minha frente. Claro que estou com tesão.

Devo tentar ter tanta segurança como ele. *Tentar* é a palavra chave. Nunca poderei ter a mesma intensidade, nem poderei ser tão malcriada, nem poderei ser tão sexy ou ser tão boa. Mas posso ser igualmente descarada.

Vira a cadeira para ter-me cara a cara. O controle remoto está perfeitamente colocado em cima da mesa. Desliza as mãos para baixo das minhas coxas e me aproxime dele até que apenas alguns centímetros separam nossos rostos.

—Quando vi você no sábado à noite — sussurra—, também fiquei com tesão.

A imagem de Miller recostado em sua cadeira com um uísque na mão, olhando como eu bebia, conversava e vagava por seu clube inunda minha mente febril. O calor desce do meu rosto para minha virilha. Estou saturada, e ele sabe disso.

— E agora, está com tesão? — me aproximo até que roço a ponta do seu nariz com a minha.

—Porque não comprova você mesma?

Toma minha boca e se endireita. Tenho que levantar o queixo e jogar a cabeça para trás para receber seu beijo. Suas mãos estão descansando sobre os apoios dos braços da cadeira. Me têm presa, e o gemido de satisfação que lhe escapa contra meus lábios é a coisa mais linda que já ouvi.

Não perco tempo e lhe meto a mão. Solto o fecho do cinto enquanto nos comemos com a boca freneticamente. Não há nenhum vestígio do rolo delicado. Parece atormentado, mas vou aliviar o seu sofrimento, se puder.

—Só com a mão — resmunga com desespero.

Abro a braguilha e introduzo a mão nas calças. Está duro.

O tiro de seu confinamento, Miller engole saliva e eu tenho que olhar para ele. Seus olhos são de um azul ofuscante quando o acaricio gentilmente e sua boca ligeiramente aberta lança seu hálito quente em meu rosto.

—Você fez isso enquanto me espiava? — pergunto em voz baixa, animada pelo desejo que tenho por ele, que me infunde confiança.

—Nunca faço isso.

Sua resposta me surpreende e perco a concentração.

—Nunca?

—Nunca.

Empurra os quadris para frente, para me lembrar de não parar.

—Por que não? —Estou sem palavras e, ainda que pareça incrível, acredito.

—Não importa.

Se lança sobre meus lábios e coloca um fim no interrogatório. Concentro-me em acariciá-lo com suavidade, mas sua boca é muito mais voraz do que o habitual e parece afetar minhas mãos, que cada vez se movem mais rápido e lhe arrancam gemidos sem parar.

—Diminua o ritmo. —Está quase implorando.

Sigo as instruções dele até manter um vai-e-vem constante, para cima e para baixo.

—Deus. — fica tenso, como se tivesse medo, mas está gostando. O sinto pulsar em minha mão, cada vez mais quente. Ele luta para respirar.

Manter nosso beijo profundo é fácil. Impedir minha mão para acelerar é outra questão. Estou ciente de que está prestes a vir, e dói minha mão de tanto me conter para não acariciar seu pênis mais rápido.

Morde meu lábio e se afasta para me dar uma vista maravilhosa de seu rosto perfeito enquanto continuo tocando-o. Mexe os quadris em uma cadência que acompanha o movimento da minha mão. Seus braços ficam tensos e ele se apega à cadeira, mas continua com cara de pôquer.

—Bem? — pergunto. Quero algo mais do que as reações do seu corpo. Quero as palavras que também ocorrem em momentos como este.

—Você nunca saberá.

Abaixa um pouco a cabeça e de seus lábios brotam suspiros espasmódicos. Com minha mão livre estou procurando embaixo de sua camisa, a afasto e acaricio a barriga, sentindo as contrações de seus abdominais.

—Merda! —amaldiçoa.

O acaricio com mais força, mas nesse mesmo momento batem na porta e dou um salto. O solto e me encolho na cadeira.

Bufa.

—Porra, Livy!

—Sinto muito! — Exclamo sem saber se eu deveria voltar para colocar a mão ou me esconder debaixo da mesa.

Vejo em sua expressão o pouco que ele gosta de ter que se afastar da cadeira e recuperar o retomar do controle.

—Que oportuno, não acha?

Aperto os lábios e vejo como enfia a camisa dentro da calça e a abotoa em um instante

— Sinto muito — repito sem saber o que mais posso dizer.

Continua duro como uma pedra, e a tenda é visível através das calças.

—Como deveria ser — rosna e não posso segurar o riso por mais tempo.

—Veja — aponta sua virilha e arqueia uma sobrancelha a me ver achar graça. — Eu tenho um pequeno problema.

—É verdade.

Não posso estar mais de acordo, e em uma das telas vejo que há duas pessoas esperando atrás da porta do escritório. Voltam a bater.

—Isto vai ser uma tortura. — diz enquanto se reposiciona com um grunhido. — Vá em frente.

Me levanto e deixo Miller ocupar sua cadeira. A única maneira de controlar o minha própria ebulição é me distrair com o seu desconforto.

A porta se abre e mostra uma mulher muito bonita quem me dá uma boa olhada e franze a testa.

— E você é...? — diz fazendo um gesto com a mão a um homem que está atrás dela e que carrega uma câmera.

Me afasto para deixá-los entrar antes que me passem por cima.

—Livy. — falo sozinha, porque já fui deixada para trás e está quase ao lado da mesa, toda sorridente e efusiva.

Me encanta ver que Miller coloca a máscara de volta. Retorna o homem frio de negócios, nada a ver com o qual eu tinha derretido entre mãos e prestes a vir há um instante.

—Olá! —exclama toda sorridente no momento em que se lança por cima da mesa para se aproximar dele tanto quanto possível — Diana Low. — oferece sua mão, mas eu sei que morre por beijá-lo — Uau, este lugar é incrível.

—Obrigado. — Miller é tão formal como sempre e aperta sua mão antes de apontar uma cadeira em frente à sua mesa e recolocar disfarçadamente os tesouros de sua virilha. — Você gostaria de beber alguma coisa?

Ela estaciona seu traseiro apertado na cadeira e deixa um caderno sobre a mesa. Capto de imediato as desconfortáveis vibrações emitidas por Miller ao ver o bloco de notas.

—Em teoria, não devia beber enquanto eu trabalho, mas este é meu último compromisso do dia. Eu vou tomar um Martini com gelo.

O fotógrafo passa por mim. É evidente que ele está cansado.

De repente me pergunto por que Miller quer que eu esteja presente, então olho para ele e faço um gesto na direção da porta, mas ele nega com a cabeça e me indica que sente no sofá, enquanto pega o caderno da senhorita Low e o deposita na mão. Quer que eu fique. Fecho a porta e vejo como o fotógrafo senta próximo à mulher e deixa cair a câmera no seu colo.

—Você quer beber algo? — Miller está olhando para o homem, mas vejo que este nega com a

cabeça.

—Não, estou bem assim.

—Vou pegar as bebidas — anuncio abrindo a porta novamente. — Um Martini e um uísque escocês?

—Com gelo! —exclama a mulher virando-se e me dando uma outra conferida. — Não se esqueça do gelo.

—Com gelo — confirmo olhando para Miller, que assente em sinal de gratidão. — Volto logo — digo agradecendo por não ter que aguentar a voz esganiçada de Diana Low por um tempo.

Eles baixaram a luz e acenderam os holofotes azuis. O bar volta a ter o brilho que me lembrava. Existem vários bares abertos para escolher, e no final me dirijo ao mesmo bar em que Miller se encontrou antes com Tony. Há um jovem rapaz de cócoras, repondo a geladeira.

—Olá — saúdo para chamar sua atenção. — Pode me fazer um Martini com gelo e um uísque escocês?

—Para o senhor Hart?

Assinto e ele se coloca em ação. Pega um vidro liso e dá uma esfoliação extra antes de derramar nele uns dedos de uísque e me deslizar através do bar.

—E um Martini?

—Sim, por favor.

Enquanto o garçom prepara a bebida fico de pé, desconfortável como se mil olhos me olhassem. Sei que Tony tem curiosidade. Olho para ele e me dedica um pequeno sorriso que não faz com que me sinta melhor. Seu rosto redondo parece pensativo.

—Como está indo lá embaixo? —pergunta rompendo o silêncio desconfortável.

—Acabo de deixá-los, iam começar — respondo com educação pegando o Martini.

—Miller não gosta de fazer uma grande aparição nem ser o centro das atenções.

Tento descobrir se disse isso com duplo sentido.

—Eu sei — respondo, porque desconfio que tenta me dizer que não tenho ideia.

—É feliz em seu pequeno e ordenado mundo.

—Eu sei — repito sem tentar ser hostil, mas não me agrada a direção desta conversa.

—Não está disponível emocionalmente.

De repente, me viro em direção a ele. Antes de falar, observo alguns instantes seu rosto pensativo.

—Aonde você quer chegar? — Pergunto olhando para ele de frente. Estou tão irritada que se nota que perdi a compostura.

Miller me disse exatamente a mesma coisa, mas parece repleto de emoções. Pode ser que não de um modo típico, mas existem.

Tony sorri e é um sorriso sincero, sugerindo ao mesmo tempo de que eu sou um ingênua, que estou cega e que me meti em uma camisa de força.

—Uma menina tão doce como você não deve ser colocada em um mundo como este.

—O que te faz pensar que eu sou tão doce? —Estou começando a perder a paciência.

E o que significa isso de "um mundo como este"?

A noite? Bebida? Nega com a cabeça e volta a se concentrar em seus papéis sem me responder.

—Tony, o que você quis dizer?

—Eu quero dizer... — faz uma pausa, suspira e levanta a vista. — Você é uma distração que ele não precisa.

—Uma distração?

—Sim, deve se concentrar.

—Em quê?

Levanta seu corpo atarracado do banco, reúne seus papéis, coloca a caneta atrás da orelha, pega sua garrafa de cerveja e acrescenta:

—Neste mundo. — Então ele vira e sai.

Fico de pé observando como a distância entre nós dois está aumentando; Estou atordoada. Talvez uma distração é precisamente o que Miller precisa. Ele trabalha duro, está estressado e precisa se livrar do estresse no fim do dia. Quero fazer isso. Eu quero ajudá-lo.

Olho para os dois copos que tenho nas mãos. O calor que emana da palma da minha mão derreteu um pouco o gelo Martini, mas passo. Diana Low terá que beber o Martini com cubos meio derretidos. Volto para o escritório do Miller.

Ele está observando a porta quando entro, enquanto Diana caminha através do escritório. O faz com muita arrogância. O fotógrafo se aborrece muito e permanece jogado em seu assento.

Estendo o uísque a Miller. Não o deixo na mesa, porque não sei onde costuma colocá-lo.

—Obrigado — disse quase com um suspiro e me indica que me sente em seu colo.

Estou bastante surpresa que se comporte com tanta familiaridade em uma reunião de negócios, mas não protesto. Sento-me em seus joelhos e um grande momento em assistir em silêncio a reação de Diana Low; não posso evitar em desfrutar a sensação de poder. E tampouco ofereço seu Martini, mas é ela que deve se aproximar para buscá-lo.

Enquanto pega o copo, Miller rodeia minha cintura com o braço e me aperta contra seu peito.

A jornalista finge sorrir enquanto recupera sua compostura.

—Acho que vou ter que alterar o título do meu artigo.

—Qual era, senhorita Low? — pergunta Miller calmamente.

— “O solteiro de ouro de Londres abre um clube para a elite."

Miller fica tenso abaixo de mim.

—Sim. — bebe o restante do seu uísque e deixa o copo em cima da mesa com precisão. — Você terá que alterá-lo.

Vejo que a mulher está com os nervos atacados enquanto se recosta na cadeira para ficar em frente a ele. "O solteiro de ouro de Londres"? Miller confirmou, mas ainda é bom ouvir alguém mais dizer que está solteiro... Ou estava.

Ela franze as sobrancelhas e deixa seu copo sobre a mesa de Miller, que fica tenso e, como resultado, fico tensa, também.

—Se importa? — me inclino para frente, pego o copo e o coloco novamente em sua mão. —

Não há nenhum porta-copos, e esta mesa é muito cara.

Pisca confusa na direção do copo vazio de Miller, que repousa sobre a mesa sem porta-copos...mas, no lugar certo.

—Desculpe — responde pegando-o.

—Sem problemas. — sorrio com uma expressão tão falsa como a dela.

Miller, me dá um aperto agradecido.

—Bom, para terminar — ela diz lutando com o copo ao tentar tomar notas no caderno. — Quais são os requisitos necessários para ser um membro do clube?

—Que efetuem os pagamentos — responde Miller cortante e cansado. Me faz sorrir.

—E o que fazer para solicitar a adesão?

—Não tem que fazer nada.

Ela levanta o olhar confusa.

—Então, como se consegue ser um membro?

—Você deve ser convidado por alguém que já é.

—Isso não limita sua clientela?

—Em absoluto. Eu já tenho mais de 2.000 membros e abrimos há menos de uma semana. Agora temos uma lista de espera.

—Ah. — Ela parece decepcionada, mas depois, lhe dedica um sorriso sugestivo enquanto cruza as pernas muito devagar. — E o que tem de ser feito para pular essa lista de espera?

Faço uma careta de nojo. É sem vergonha, a cadela.

—Sim, o que deve ser feito, Miller? —Pergunto olhando para ele e fazendo beicinho.

Seus olhos brilham e os cantos de seus lábios se levantam ligeiramente enquanto se dirige o olhar a Diana Low.

—Você conhece algum membro, senhorita Low?

Seu rosto se ilumina.

—Conheço você!

Deve me conter para não me sufocar de surpresa. Por acaso não me vê?

—Não me conhece, senhorita Low — replica Miller alto e claro. — Quase ninguém me conhece.

O fotógrafo se vira desconfortável em seu assento e Diana ruboriza envergonhada. Imagino que não lhe dão esses cortes muito frequentemente, e pergunto-me se Miller faz bem em ser tão hostil, tendo em conta que esta mulher vai escrever um artigo sobre ele e o seu novo clube. Para mim o que disse não me afetam porque eu o conheço.

—Foto! —exclama Diana saltando de sua cadeira e outra vez, deixando a bebida em cima da mesa. Aparentemente com problemas, esqueceu o que lhe pedi.

O pego antes de Miller ter um ataque, e fico em um canto, para que o fotógrafo possa enquadrar bem a imagem. Miller se endireita para alisar o terno e estica para remover as rugas. É minha culpa. Eu o distrai e não foi capaz de obter o ferro para devolver a perfeição à sua indumentária, embora não precise. Está sempre impecável.

Me lança um olhar acusatório e move os lábios:

—Culpa sua.

Sorrio, encolho os ombros e sussurro:

—Sinto muito.

—Não sinta — responde em voz alta. — Eu não me arrependo.

Me pisca um olho e quase caio de bunda.

Volta a se sentar em sua cadeira e desabotoa a jaqueta. Em seguida, assente em direção ao fotógrafo.

—Quando você quiser.

—Ótimo.

O homem prepara a câmera e dá uns passos para trás.

—Vamos deixar os monitores a vista. Acho que precisaremos de mais coisas em cima da mesa.

—Como o que? — questiona Miller horrorizado com a ideia de que alguém estrague a superfície lisa e perfeita.

—Papéis — responde o fotógrafo pegando o caderno de Diana, e colocando a esquerda de Miller — Perfeito.

Tenho a sensação de que o homem passa uma eternidade, concentrando-se e tirar fotos de meu pobre Miller, que parece estar prestes a explodir por causa do stress. Está mudando de posição segundo o indicam. O fotógrafo rodeia a mesa e tira um instantâneo dos monitores com Miller assistindo imagens de vídeo como se ele não estivesse, então ele pede que se sente na borda da mesa com naturalidade, cruze os braços e as pernas. O está matando e quando lhe pede para sorrir, é a gota que enche o copo.

Me olha como se não pudesse acreditar, como se dizendo "Como se atreve a me pedir tal coisa?"

—Terminamos — replica então cortante ao tempo que abotoa o casaco e recolhe o caderno que deixaram em cima de sua mesa por tempo demais. — Obrigado por seu tempo.

Entrega o caderno a Diana Low e se planta na porta em duas passadas. Abre e, com um gesto, indica que eles saiam.

Nenhum deles o faz se repetir. Se apressam para passar ao lado de Miller e atravessar a porta do escritório.

—Obrigado — diz Diana, a poucos passos da porta enquanto levanta o olhar para Miller — Espero que voltemos a nos ver.

Estou impressionada e me pergunto se é um comportamento normal. Esta garota é incorrigível.

—Adeus — sentencia Miller, e a envia a seguir com o seu. Mas então entra outra mulher no escritório.

A sócia de Miller.

Cassie.

Parece que vem com pressa e sem fôlego, mas recupera o temperamento enquanto coloca os

olhos em Diana Low, que está muito perto de Miller. Lhe lança um olhar assassino.

—Pensei que tivesse dito que você não poderia entrevistá-lo.

—Eu sei. — Diana nem sequer se abala ante a hostilidade emanando de Cassie, que está vestida de marca da cabeça aos pés — Mas você estava errada porque, depois de um par de ligações, consegui. — Vira para Miller e sorri sedutora — Até logo. — Se despede com a mão e devolve o olhar assassino a Cassie, e requebra para fora do escritório.

Cassie está em um humor de cães e, assim que a jornalista desaparece, eu sei que vai me pegar.

Se vira e parece notar minha presença pela primeira vez.

—O que faz ela aqui? — Cospe olhando Miller em busca de respostas. Me afasto perplexa, como ele.

—Não se meta onde não te chamam — Miller responde calmamente, pegando-a pelo braço e conduzindo ela de volta para a porta.

—Me preocupo com você — discute sem resistir. Suas palavras confirmam minhas suspeitas.

—Não perca tempo, Cassie.

A empurra para que saia e fecha bruscamente. Dou um pulo de susto.

Me disse para confiar nele e deveria fazê-lo. Na verdade a mandou passear. Em seguida, se vira para mim com cara de estar esgotado e oprimido.

—Estou estressado — diz com um latido que confirma o óbvio, e me faz dar outro pulo sobre o carpete.

—Trago-lhe outra bebida? — Pergunto, e pela primeira vez me vem a mente que talvez Miller beba demais. Ou é só desde que nós nos conhecemos?

—Não preciso de uma bebida, Livy. —Sua voz fica rouca e seu olhar me eletrifica. — Acho que você sabe do que eu preciso.

O sangue arde em minhas veias sob esse olhar de desejo, todo o meu ser está ciente de como me olha e torna-se receptivo. Deus me ajude quando colocar as mãos em mim.

—Se desestressar... — sussurro sem ver mais nada quando se aproxima lentamente de mim.

—Você é minha terapia. — me pega em seus braços e me beija com determinação, com decisão, gemendo e sussurrando na minha boca enquanto sua língua me leva para o céu. Meu raciocínio se desvanece. — Adoro beijar você.

Estamos no escritório dele. Não quero estar no seu escritório, quero estar na sua cama.

—Leve-me para casa.

—É muito longe. Preciso me desestressar agora.

—Por favor. — Apoio as mãos sobre seus ombros e me afasto. — Me sinto oprimida quando você está tão tenso.

Ele suspira profundamente e baixa a cabeça. A onda rebelde vai para baixo em sua testa. Tenta-me, querendo que o coloque em seu lugar novamente, e faço isso. Aproveito esta oportunidade para passar a mão pelo cabelo. É todo um privilégio que esse homem tão complicado tenha me atribuído o papel de ser eu quem o desestresse, e sempre gostarei de fazê-lo, onde quer que seja, quando quer que seja, mas existem maneiras em que ele pode fazer isso sozinho.

—Me desculpe — sussurra. — Tomo nota do seu pedido.

—Agradeço-lhe. Leve-me para a cama.

—Como você preferir. — Olha para o terno e franze o cenho ao ver umas poucas rugas que se esforça para alisar. Ela suspira e inclina a cabeça.

Me pega sorrindo.

—O que é que é tão engraçado? —inquire.

—Nada — digo encolhendo os ombros.

Em seguida, corrijo minhas roupas em um gesto sarcástico, mas quando levanto a vista vejo que Miller tirou a tábua de passar de um armário secreto e está preparando tudo para passar. Meu sorriso se apaga do rosto.

—Não vai...

Ele faz uma pausa e olha meus olhos surpresos.

—O quê?

—Não vai passar seu terno agora, não é?...

—Está muito enrugado. — Se revolta que tenha ficado surpresa ao ver a tábua de passar. — Antes alguém me distraiu, e por isso eu vou sair na imprensa todo amassado.

— E o que dizer da sua cama? —Suspiro ao pensar sobre o tempo que eu vou ficar esperando Miller deixar perfeito o que já é.

—Assim que terminar — replica. Se vira e pega o ferro.

—Miller... — me detenho ao ver seus ombros apertarem um pouco.

A curiosidade me pega. Me aproximo e topo com o maior sorriso safado e feliz que jamais tive o prazer de ver. Minha mandíbula chega ao chão. Estou tão confusa que nem me lembro do que ia dizer.

—Que cara! — cai na gargalhada dobrando a tábua de passar e guardando em seu lugar. Miller Hart, Dom Circunspecto, meu homem confuso e complexo... estava zombando de mim? Estava me pregando uma peça? Acho que vou desmaiar.

—Não tem graça — medito fechando bruscamente a porta do armário secreto da tábua, como uma menina carrancuda que não sabe perder.

—Eu discordo — diz entre risos, enquanto ele se endireita e me deixa fora de combate de novo com aquele sorriso maroto. Nunca vi nada parecido.

—Discorde o quanto quiser — respondo, e grito quando me pega nos braços e começa a girar. — Miller!

—Eu não vou passar meu terno, porque o mais importante agora é levá-la para minha cama.

—Mais importante que devolver o engomado perfeito ao seu terno? — pergunto emaranhando meus dedos entre seus cachos — Mais importante que arrumar seu cabelo?

—Muito mais. —me deixa no chão. — Pronta?

—Tinha a ilusão de que me convidou para jantar.

—Jantar ou cama? — zomba—. Você diz para importunar.

Eu sorrio.

— E o que se faz para pular a lista de espera?

Seus olhos se iluminam, os estreita e fica muito sério. Está tentando não rir.

—Conhece algum membro, senhorita?

—Eu conheço o dono — digo com segurança, embora rapidamente, me lembre da resposta que ele deu para Diana Low. Vai me dizer o mesmo? Conheço Miller, mas ele pensa o mesmo?

Assente pensativo e vai para sua mesa. Abre a gaveta e pega algo. O que quer que seja, o passa pelos monitores e escaneia com um sinal sonoro até que eles desapareçam na profundezas do quadro branco.

—Aqui está! — me oferece um cartão de plástico duro e transparente com uma palavra gravado no centro: ICE

Lhe dou a volta e vejo uma faixa prateada, mas isso é tudo. Não há nada mais. Os dados do clube ou do proprietário do cartão. Olho para ele receosa:

—Não é falso, certo?

Ri em voz alta e me leva fora do escritório, volta para a área dos bares, mas não me pega pela nuca como de costume, ao invés disso, passa seu braço musculoso pelos meus ombros e me aperta contra si.

—É o mais autêntico, Olivia.

Capítulo Vinte e Dois

Depois de me levar nos braços pela escadaria que leva ao apartamento dele e abrir a porta, corre para nos preparar um banho. Tira a roupa de ambos antes de me ajudar a subir os degraus e me colocar na água quente e espumosa. Não é sua cama, mas não vou discutir. Estou em seus braços, que é onde estou mais feliz. Melhor impossível.

Suspiro, mais feliz do que uma perdiz, enquanto ele dedica nossa hora do banho, para me abraçar, para me acariciar e me dar abraços. Ele está cantarolando uma melodia lenta. Começa a me dar muito sono. Sei quando vai apanhar ar e quando ocorrem as mudanças de tom e sei quando vai fazer uma pequena pausa, quando tem certeza de aproveitar o breve silêncio para beijar o topo da

minha cabeça.

Apoio a bochecha contra seu peito molhado e acaricio lentamente o mamilo com a ponta dos dedos, olhando sobre a vasta extensão da pele de seu torso. *Relaxada e calma*, são dois adjetivos que são muito curtos quando se trata de expressar como me sinto. É em momentos como este que eu penso que estou com o verdadeiro Miller Hart, não com o homem que está por trás de um rosto impassível e caros ternos de três peças. O Miller Hart sério, o homem vestido como um cavalheiro, esconde sua beleza interna do mundo, que só mostra uma máscara comprometida em repelir todo gesto de bondade que encontra, ou em confundir as pessoas com suas maneiras impecáveis, que são sempre tão distantes que não me deixa ver que se trata de uma pessoa verdadeiramente educada.

—Me conte sobre sua família — digo quebrando o silêncio, quase tendo certeza que vai ignorar minha pergunta.

—Não tenho família — sussurra e beija o topo da minha cabeça, quando eu franzo o cenho em seu peito.

—Não tem ninguém? — não quero que pareça que não acredito, mas me escapa um tom incrédulo. Eu não tenho família, exceto minha avó, mas o valor dessa família é... incalculável.

—Sou eu e ninguém mais — confirma.

Me calo. Sinto compaixão por ele. Deve se sentir muito solitário e deve ter custado admiti-lo.

—Só você?

—Diga como você disser, Livy, ainda sou eu e mais ninguém.

—Não tem nenhum parente?

Ele suspira, e meu corpo segue a ascensão e a queda do peito dele.

—Agora são três vezes. Diremos uma quarta? —pergunta delicadamente. Não mostra impaciência ou irritação, embora, saiba que irá parecer se eu for para a quarta.

Não deve ser tão difícil de acreditar, pois eu também tenho uma família reduzida, mas pelo menos tenho alguém. Também estão Gregory e George, apesar de eu ter apenas um parente de sangue. Um é mais do que nenhum, e é também um pedaço da história.

—Não tem ninguém no mundo? — torço o rosto tão logo digo isso pela quarta vez, e me apresso a pedir perdão imediatamente: — Sinto muito.

—Não tem porque se desculpar.

—Nem um?

—E já vão cinco. — diz sarcasticamente, e espero pegá-lo sorrindo, ainda que seja um pouco. Me afasto de seu peito para olhar, mas só o que encontro é sua beleza impassível.

—Me desculpe — sorrio.

—Desculpas aceitas.

Me pega e me leva para o outro lado da banheira. Me vira para cima. Estou esparramada, com ele entre meus joelhos. Agarra uma perna e a levanta até que a tenho a sola do pé contra seu peito. Meu pequeno pé trinta e cinco perdido na imensidão do seu peito, e ainda se vê menor quando ele começa a acariciá-lo com a mão enquanto me observa pensativo.

—O quê? — minha voz foi reduzida a pouco mais de um sussurro sob a intensidade de seus olhos azuis.

Miller Hart exala paixão por cada poro de seu corpo perfeito, e mais ainda por seus olhos

azuis incríveis. Desejo que seja especial e somente para mim, mas eu sei que não é assim. Talvez Miller Hart só expresse suas emoções e remove a máscara quando está com uma mulher.

—Só estava pensando como você está bonita na minha banheira — sussurra.

Em seguida, leva meu pé até a boca e lentamente, tão lentamente que isso me machuca, lambe os dedos e o peito do pé, segue pela panturrilha, sobe para o joelho e para... minha... coxa...

Formam-se ondas na água por causa dos meus tremores, e espirra fora da banheira ao me agarrar as bordas da porcelana reluzente com as mãos. Tenho a pele quente pelo contato com a água e o vapor do banheiro, mas o calor de sua língua me queima por onde passa. Estou queimando. Ofegando em silêncio. Fecho os olhos e me preparo para que me venere, e então é quando ele chega ao ponto onde minha coxa está submersa na água. Desliza o antebraço sob minha pélvis e levanta sem esforço para me levar à boca. Preciso me agarrar a algo ou vou mergulhar inteira debaixo d'água. Encontro novamente a borda da banheira e me agarro à ela o melhor que posso enquanto me dirijo ao seu reino de deleite e prazer, um lugar em que a agonia da paixão é intensa e entro cada vez mais no mundo curioso de Miller Hart.

As pequenas mordidas que dá em meu clitóris são difíceis de resistir. As lambidas de sua língua que acompanham cada mordida são uma tortura. Quando introduz muito lentamente, dois dedos em meu sexo e começa a entrar e sair ao mesmo tempo em que seus dentes e a língua seguem eles, perco a esperança de manter o silêncio que nos rodeia.

Gemo e arqueio as costas, os músculos dos braços que me seguram começam a doer, e minha barriga aperta tentando controlar o latejar incessante entre as pernas. Meu desespero aumenta e o incentiva. Seus dedos mantêm o ritmo que tanto gosta, mas, eles estão se tornando cada vez mais firmes, mais precisos.

—Não sei como me faz o que faz — resmungo na escuridão. Minha cabeça vai de um lado para o outro.

—O que faço para você? —Sussurra soprando, como um fluxo de ar fresco no mais íntimo do meu ser. Seu hálito fresco contra minha pele ardente me faz tremer.

— Isso — arquejo segurando, quase inconsciente na borda da banheira e gritando quando me castiga com uma enxurrada de pequenas mordidas, rotações de sua língua e penetrações firmes de seus dedos. — E isso!

Os espasmos que se apoderam do meu corpo são tão fortes que tento permanecer ainda na água.

Abro os olhos e preciso de alguns momentos para me centrar claramente. Logo, volto a ver embaçado novamente. É pelo que acabo de ver: a perfeição personificada, uma pureza em seu olhar que só vejo quando me venera. Seu cabelo preto está prestes a ser muito longo, e os cachos brilhantes se enroscam atrás das orelhas.

Apesar de meu estado de controle febril, ele permanece quieto, calmo, concentrado enquanto retorna meu olhar sem deixar de me torturar durante um único segundo. É um prazer infinito.

—Quer dizer que se continuarmos assim para sempre — resmunga — você seria feliz com isso?

Assinto, esperando que concorde comigo e que não esteja só verbalizando meus pensamentos.

Não me esclarece nada, mas volta a se focar nas terminações nervosas que clamam gritando entre minhas coxas. Tem a cabeça enterrada lá, me olha e é a coisa mais sensual que vou ver na vida. Ainda assim, não posso deixar de fechar os olhos enquanto me preparo para a pressão selvagem que

me fará enlouquecer.

—Não pare — suspiro implorando por mais insanidade, mais prazer incessante.

De repente se move, a água espirra por todas as partes enquanto ele se levanta por meu peito e sela nossas bocas. A língua dele me acaricia ao ritmo de seus dedos perversos e seu polegar traça círculos em meu clitóris latejante.

Agarro-me aos seus ombros molhados como se minha vida dependesse disso. Sua força é a única coisa que me impede de deslizar e mergulhar debaixo d'água. Estou febril, mas Miller mantém tudo sob controle, apesar de meus gemidos de desespero.

E então acontece.

A explosão.

Saltam um milhão de faíscas, que me obrigam a pôr um fim ao nosso beijo e esconder meu rosto em seu pescoço, enquanto lido com o bombardeio de prazer. Permanece em silêncio enquanto ajuda meu corpo trêmulo a se acalmar. A única coisa que se move são os dedos, que descrevem círculos mais profundos e seu polegar que descansa no meu aglomerado de terminações nervosas à flor da pele, para acalmar as pontadas agudas e persistentes.

—Eu pensei que era eu que tinha que desestressar você — suspiro sem querer soltá-lo. Não quero soltá-lo nunca.

— E você fez, Livy.

—Você se livrou do stress me venerando?

—Em parte, sim, mas mais do que qualquer coisa, por estar com você. — se senta e me leva junto com ele. Me coloca sobre seu colo. O emaranhado de cabelos molhados me pesa e as palmas das suas mãos me sustentam pelos ombros. — Você é tão bonita...

A pele das minhas bochechas queima, e baixo os olhos embaraçada.

—É um elogio, Livy — sussurra para que olhe para ele.

—Obrigada.

Sorri ligeiramente e leva as mãos na minha cintura, enquanto seus olhos percorrem todo meu corpo. O observo atentamente, enquanto seus lábios beijam meus seios com ternura e depois começa a me acariciar inteira com um dedo, tão delicadamente que às vezes nem o sinto. Respira profundamente pensativo e inclina a cabeça um pouco, o que o faz parecer ainda mais pensativo.

—Sempre que toco você, sinto que devo fazer isso com um cuidado requintado — sussurra.

—Por quê? — Pergunto um pouco surpresa.

Toma uma respiração profunda novamente e olha pra mim, piscando lentamente.

—Porque temo que você se torne pó.

A confissão dele me deixa sem palavras.

—Eu não me tornarei um pó.

— Pode ser que sim — acrescenta — E o que será de mim, então?

Seu olhar examina meu rosto e estou surpresa em vê-lo tão sério, até percebo um ligeiro medo.

A culpa me diz que não deveria, mas não posso deixar de me sentir feliz em ouvir isso. Ele também está se apegando, tanto quanto eu. Abraço sua incerteza e o embalo em meu peito. O rodeio

com os braços e pernas, como se tentasse fazê-lo se sentir mais seguro na base de abraços.

—Só desaparecerei se você quiser — digo, porque acredito que é a isso que se refere. É impossível que me transforme em pó.

—Eu gostaria de compartilhar algo com você.

—O quê? —Pergunto sem me movimentar, com o rosto em seu pescoço.

—Vamos terminar o banho e eu te mostro.

Se livra do meu abraço e me obriga a sair do meu lugar favorito.

—Você vai ser a primeira.

—A primeira?

—A primeira pessoa que o vê.

Me vira em seus braços, de modo que, não pode ver minha cara de curiosidade.

—Ver o que?

Apoia o queixo no meu ombro.

—Adoro sua curiosidade.

—Você me faz ser curiosa — o acuso aproximando a bochecha de seus lábios. — O que você vai me mostrar?

—Você já vai ver — me coça enquanto me solta.

Me viro para vê-lo e está debaixo de água, lavando o cabelo com xampu. Ele se enxágua e passa condicionador.

Me acomodo do outro lado da banheira e o vejo massagear seus cachos com o condicionador.

—Você usa condicionador?

Fica quieto por um momento, e me estuda com atenção por um momento antes de responder.

—Eu tenho um cabelo muito rebelde.

—Eu também.

—Então, é claro, que me entende.

Vai novamente sob a água e enxágua os cachos rebeldes enquanto sorrio como uma idiota. Isso o envergonha.

Quando vem à superfície continuo sorrindo como uma idiota. Põe os olhos em branco e se endireita enquanto meus olhos o acompanham, absorvendo toda a sua perfeição encharcada.

—Vou te deixar para que lave seu emaranhado rebelde. — Não sorri, mas sei que você morre de vontade de fazê-lo.

—Obrigado, meu bom senhor — respondo admirando sua nudez, enquanto ele deixa o banheiro. Suas nádegas se apertam e incham e estão para comê-las. — Belos biscoitinhos — digo enquanto mergulho nas bolhas.

Se vira muito lentamente e inclina a cabeça.

—Eu te peço que não adote a terminologia de sua avó.

Fico vermelha como um tomate e, na ausência de uma forma para melhor esconder minha vergonha, desapareço debaixo d'água.

Quando termino de domar meus cachos rebeldes com condicionador, saio de má vontade da serenidade da colossal banheira de Miller Hart e me seco. Me certifico de esvaziar a banheira e enxaguar bem e arrumo o banheiro ao terminar. Me dirijo para o quarto e encontro uma boxer preta e camiseta cinza dispostas ordenadamente na cama. Sorrio enquanto me visto. A boxer pende em meus quadris e a camisa fica enorme, mas ambas roupas cheiram a Miller, então não importa se tenho que segurar minhas cuecas com a mão, quando vou atrás dele.

Está na cozinha, arrebatador com uma boxer preta e uma camiseta combinando com a que escolheu para mim. Ver Miller sem um terno perfeito que decora seu corpo lindo é um fato excepcional, mas o toque que lhe dão as roupas caseiras é sempre bem vindo. Estou começando a pegar antipatia de seus ternos, eles são a máscara, onde ele se esconde por trás.

—Estamos combinando — digo levantando a boxer.

—Estamos combinando — assente.

Se aproxima de mim e penteia com os dedos meus cachos úmidos. Os leva ao nariz e mergulha em seu perfume.

—Deveria ligar para minha avó — sugiro fechando os olhos e absorvendo sua proximidade, seu cheiro, seu calor, todo o seu ser. — Não quero que se preocupe comigo.

Me solta e arruma meu cabelo enquanto me olha pensativo.

—Você está bem? —pergunto.

—Sim, desculpe — responde saindo de seu devaneio. —Só estava pensando que você está... adorável em minhas roupas.

—Ficam um pouco grande — aponto o olhando o tecido que sobra.

—Está perfeito em você. Ligue para sua avó.

Quando acabo de falar com ela, Miller me pega pela nuca e me leva para a prateleira onde guarda seu iphone. Pressiona um par de botões e me tira da cozinha sem uma palavra. *Angels* de XX começa ao fundo, lenta e hipnótica, escorregando pelos alto falantes de música ambiente. Passamos o quarto e viramos à esquerda. Então, ele abre uma porta e entra em um quarto enorme.

—Uau! —Exclamo ao cruzar o limiar. Quase caio no chão.

—Vem. — me incentiva a entrar e aperta um interruptor que começa a encher o quarto de uma poderosa luz artificial.

Tenho que cobrir meus olhos até que eles se acostumem. Quando paro de piscar, afasto a mão do rosto e com a outra seguro a boxer. Olho ao meu redor sem palavras. É impressionante. Estou no céu... Isto é incrível.

Me viro para com ele.

—Isso é seu?

Parece quase envergonhado e encolhe os ombros.

—É a minha casa, então imagino que sim.

Me concentro no que me alucina tanto, e tento assimilar. As paredes estão cobertas. O chão está cheio. Eles estão empilhados em prateleiras de metal. Existem dezenas, talvez centenas e são todos da minha amada Londres, são de arquitetura ou paisagens.

—Sabe pintar? — inquiro.

Está colado à minhas costas, com as mãos nos meus ombros.

—Você acha que você poderia fazer algo que não soe como uma pergunta?

Morde minha orelha, coisa que normalmente tira meu fôlego, mas neste momento estou muito atordoada para processá-lo. Isto não pode ser.

—Você pintou todos eles?

Gesticulo em direção ao estúdio e, volto a examiná-las.

—Outra pergunta. — Desta vez me morde no pescoço. —Este era meu hábito antes de conhecer você.

—Isto não é um hábito, é um hobby.

Volto a admirar os quadros da parede pensando que um prodígio semelhante não deve ser classificado como passatempo. Elas devem ser penduradas em uma galeria de arte.

—Bem, agora você é meu hobby — reformula.

Tenho uma epifania e começo a andar. Me livro do abraço de Miller, saio do estúdio e me dirijo para a sala. Estou diante de uma das pinturas que decoram a parede. É a roda-gigante da London Eye, turva mas clara ao mesmo tempo.

—Também foi você quem pintou? — outra pergunta — Sinto muito.

Se aproxima de mim pela esquerda e fica ao meu lado, observando sua criação.

—Sim.

—E aquela outra? —Aponto a parede oposta, onde fica a ponte de Londres. Continuo segurando a abençoada boxer com a mão.

—Sim.

Começo a andar novamente, agora para seu estúdio e desta vez me atrevo a ir um pouco mais, rodeada pelos quadros de Miller.

Existem cinco cavaletes, todos com sua correspondentes telas semi acabadas. A gigantesca mesa de madeira que está fixada na parede está cheia de potes com pincéis, tintas de todas as cores do universo, e fotos espalhadas. Algumas estão penduradas em placas de cortiça na parede, entre os quadros. Há um sofá velho e caindo aos pedaços junto a uma grande janela, com vista para fora, para que quando se sentar possa contemplar as vistas da cidade, que são quase comparáveis aos magníficos retratos que me rodeiam. É o típico estúdio de um artista... E desafia completamente tudo que Miller Hart representa.

É expressivo, mas o que ainda mais me surpreende é que é terrivelmente desordenado. Estou em transe, como Alice no país das maravilhas, e estou morrendo de curiosidade. Começo a examiná-lo cuidadosamente tentando discernir se os elementos estão organizados de acordo com qualquer método ou sistema. Parece que não. Tudo é aleatório, no seu próprio ritmo, mas para me certificar me aproximo da mesa, pego um pote de pincéis e dou várias voltas entre as mãos. Em seguida, o deixo na mesa outra vez e me viro para Miller, para ver como reage.

Não fica nervoso, não faz qualquer careta, não olha o pote de pincéis como se fosse mordê-lo e não se aproxima para arrumar. Apenas me observa com interesse e depois de me banhar com seu olhar, começo a rir. Minha surpresa tornou-se curiosidade, porque o que tenho diante de mim nessa sala é outro homem.

Quase faz dele humano. Antes de me conhecer, se expressava e se livrava do stress pintando, e não importa se tem que ser mais preciso com o resto da sua vida porque aqui é caótico.

—Eu amo — digo admirando o quarto novamente; Nem a beleza de Miller é capaz de me distrair. — Não poderia ter gostado mais.

—Eu sabia que você gostaria.

De repente está escuro novamente, exceto pelas luzes de Londres à noite que entram pela janela. Miller está lentamente se aproximando de mim e pega minha mão. Em seguida, me guia para o velho sofá em frente à janela. Se senta e me senta ao lado dele.

—Eu durmo aqui quase todas as noites — diz com melancolia. — É hipnótico, não acha?

—É incrível.

Na verdade, o que me tem alucinada é tudo o que vejo por trás.

—Pinta desde sempre?

—Vai da temporada.

—Apenas paisagens e edifícios?

—Em geral.

—Você tem muito talento — comento calmamente me sentando em cima de um pé. — Você deveria expor.

Ele ri e olho para ele; me dá raiva que sempre ri quando não posso ver. Já não ri mais, mas está sorrindo para mim. Para mim, tudo bem.

—Livy, eu sou apenas um amador. Já tenho muito estresse na minha vida. Converter um passatempo em algo mais, seria muito estressante.

Franzo a testa porque sua lógica me escapa, e espero que o que disse não se aplique também a mim. Eu sou um hobby.

—Era um elogio — digo, arqueando as sobrancelhas com ousadia e volto a fazê-lo sorrir. Até seus olhos brilham.

—Ah, foi isso. Peço desculpas. — Me beija ternamente enquanto passa de novo o braço pelos meus ombros, me apertado contra seu lado. — Obrigado.

—De nada — respondo deixando que meu corpo se encaixe na firmeza do seu, e coloco a mão por baixo de sua camiseta.

Este é o Miller Hart que eu adoro: descontraído, despreocupado e expressivo. Estou muito à vontade. Desfruto dos beijos que me dá no topo da cabeça e as carícias suaves que distribui pelo meu braço. Mas ele começa a se mover, a se deitar para que eu esteja deitada em seu colo. Afasta o cabelo do meu rosto e me olha por alguns momentos. Suspira e deixa cair minha cabeça em suas coxas. Continua a me acariciar e olha para o teto em silêncio enquanto os sons da melodia melancólica de fundo nos envolvem na paz. É maravilhoso e relaxo; Não estou ciente da passagem do tempo, somente das preguiçosas carícias de Miller em minha bochecha. Mas então, seu iPhone toca na cozinha e estraga o momento.

—Com licença...

Ele muda-me e sai da sala, deixando-me o sentimento amargo e agora ressentida com a vista, então me levanto e o sigo.

Quando vou para a cozinha, ele está pegando o telefone do dock station da estante e removendo a canção.

—Miller Hart — saúda por telefone, enquanto deixa a cozinha.

Não quero ir atrás dele enquanto fala pelo celular porque, com certeza considera muita falta de educação. Assim, me sento a mesa vazia e brinco com o meu anel, desejando que estivéssemos no estúdio.

Quando Miller retorna, continua no telefone. Caminha decisivamente para algumas gavetas e abre a de cima. Puxa para fora uma agenda de couro e passa as páginas.

—Sim, é um pouco precipitado, mas como já disse, não é um problema.

Retira uma caneta de gaveta e escreve algo na página.

—Vai ser fantástico. — diz.

Depois desliga, fecha a agenda e a coloca na gaveta. Não me dá a impressão de que nada lhe pareça fantástico.

Demora um minuto antes de olhar para mim, mas quando ele faz, vejo que não está satisfeito, apesar de ter retornado a sua cara de pôquer.

—Vou te levar para casa.

Me recosto no meu lugar.

—Agora? —inquiro. Me irrita sua falta de consideração.

—Sim, te peço desculpas — diz e sai da cozinha com quatro passadas. — Surgiu uma reunião de última hora no clube — murmura.

E desaparece.

Brava, chateada e magoada, olho para a mesa vazia, mas então a curiosidade me vence e antes de perceber, estou ao lado das gavetas. Abro a de cima, procuro a agenda de couro que está guardada no fundo da gaveta a direita — me pedindo a gritos que a abra — , estudo sua posição exata, olho em volta para verificar que não vejo ninguém, e a pego. Não deveria fazer isso.

Estou espiando e não tenho o direito de fazê-lo... Mas não consigo evitar. Maldita curiosidade. E maldito seja Miller Hart por despertá-la.

Viro as páginas e vejo várias anotações, mas estou ciente de que Miller poderia me pegar em flagrante a qualquer hora, me apresso a procurar a reunião de hoje. Uma caligrafia perfeita diz:

Quaglino’s, 21.00 h.

C.

Camisa e gravata preta.

Franzo a testa e salto ao ouvir uma porta que se fecha. Entro em pânico e sinto que meu coração sairá do meu peito. Tento voltar a colocar a agenda em sua posição correta, mas não tenho tempo. Corro para a mesa, me sento onde estava e tiro forças da fraqueza para aparentar normalidade.

"C" de Cassie?

—Suas roupas estão na cama.

Me viro e vejo Miller em sua cueca, mas tenho minha cabeça em outra coisa e não consigo parar para desfrutar da vista.

—Obrigada.

—De nada — me diz antes de sair novamente. — Se apresse.

Algo não está indo bem. Mais uma vez voltou a ser o cavalheiro mascarado. Cortante e

formal. É um insulto, depois do que passamos juntos, especialmente durante estes dias. Temos compartilhado algo muito íntimo e especial e agora volta a me tratar como se fosse uma questão de negócios. Ou uma prostituta. Franzo o rosto e me dou um tapa na testa. O que é Quaglino's? E por que mentiu para mim? A incerteza e a desconfiança tomam conta de mim e fracasso ao tentar que minha mente vá onde não convém.

Procuro meu telefone e rezo para que ainda tenha bateria. Me restam duas barras e tenho duas chamadas não atendidas do Luke. Me ligou? Para quê? Ele não respondeu à mensagem de texto que lhe enviei há dias. Não tenho tempo para pensar nisso. Entro no Google e digito "Quaglino's" de volta na cozinha. Quando a minha conexão de internet decide finalmente me dar a informações que quero, não gosto do que acho: é um restaurante de luxo em Mayfair, com bar e tudo. Minha sensação ruim aumenta ainda mais, quando Miller entra vestindo uma camisa e gravata preta.

—Livy, tenho que ir — diz sem rodeios, enquanto arruma a gravata na frente do espelho, ainda que esteja perfeita.

O deixo aperfeiçoando a perfeição e me apresso para ir para seu quarto. Coloco os jeans e os Converse. Tenho suspeitas, e nunca antes tinha suspeitado de nada porque nunca havia tido motivos para suspeitar. Eu não gosto.

—Está pronta?

Olho para ele e com amargura, registro quão espetacular está. Sempre dá gosto de olhá-lo, mas um três peças preto para uma reunião no clube?

—Genial — resmungo.

—Você está bem? — Me pega pela nuca como de costume e me tira do quarto.

—Vou com você — digo com um tom repleto de entusiasmo.

—Olivia, você dormiria de tédio — replica impassível com meu pedido.

—Não vou me aborrecer.

—Acredite em mim, você faria isso. — se inclina para a frente e me dá um beijo na testa. Estarei esgotado quando terminar. Precisarei de você então, para me abraçar. Vou te buscar e você vai passar a noite comigo.

—Se for isso, prefiro esperar por você aqui.

—Não, vá para casa, pegue algumas roupas e então amanhã, te levarei diretamente ao trabalho.

Grunho para mim mesma.

—A que horas vai acabar?

—Não sei. Eu te ligarei.

Desisto e deixo que me tire do apartamento, pela escadaria infinita, até que chega em seu carro no parque de estacionamento subterrâneo. Mantemos um silêncio sepulcral durante a viagem, e quando ele estaciona em frente à casa da vovó, tira o cinto de segurança e se vira para olhar para mim.

—Está com raiva — diz acariciando minha bochecha com o polegar. — Eu tenho que trabalhar, Livy.

—Não estou zangada — respondo, mas óbvio que estou, ainda que não seja pelo que Miller acredita.

—Eu discordo.

—Depois falamos.

—Não tenha dúvidas — diz e me lembra do que vou perder durante as próximas horas.

Isso não me ajuda a colocar um humor melhor.

Saio e caminho até em casa com a mente a cem por hora. Abro a porta, entro e a fecho. Como imaginei, vovó está ao pé da escada, com o maior sorriso do mundo no rosto.

—Foi tudo bem? —pergunta ela. — Com Miller, quero dizer.

—Ótimo. — tento devolver o sorriso, mas a desconfiança e a incerteza me impedem.

Se é só uma reunião de trabalho, porque na terra, tem que se encontrar com ela em um restaurante de luxo?

—Pensei que você ia passar a noite fora.

—Vou voltar a sair — as palavras escapam de minha boca, como se meu subconsciente decidisse por mim.

—Com Miller? —pergunta esperançosa.

—Sim — respondo.

Sua felicidade ao ouvir a notícia é como se cravasse um punhal em meu coração ferido.

Capítulo Vinte e Três

Saio do táxi com toda a elegância que posso, tal como Gregory me ensinou a fazer. Não sabia como deveria me vestir, mas depois de ter olhado no Google eu vi que os Converses não eram os mais apropriados para o Quaglino. Aparecer sem reservas tampouco, mas eu não tenho intenção de comer qualquer coisa. Meu destino é o bar.

O porteiro me cumprimenta com uma inclinação da cabeça e em seguida, abre a porta de vidro, puxando um gigante «Q».

—Boa noite.

—Olá — digo enquanto me coloco muito reta e passo ao lado dele.

Aliso o vestido azul claro de seda que Gregory me fez comprar. A outra vez, Miller não gostou de meu cabelo, nem maquiagem, mas lembrei que gostou do vestido preto que usava. Levo os

cachos dourados de sempre e uma maquiagem natural, então eles devem agradá-lo. Se está com uma mulher, espero que me veja e engasgue.

Franzo a testa e subo a escada em direção ao Maitre. Meus novos saltos de cor carne prejudicam meus dedos dos pés. Ele sorri.

—Boa noite, senhorita.

—Olá — digo com uma confiança não sinto e finjo que sou o tipo de pessoa que frequenta esse tipo de lugar elegante.

—Em nome de quem é a reserva? —pergunta olhando para a lista.

—Eu gostaria de tomar uma bebida no bar, enquanto o meu acompanhante não chega. —A facilidade com que profiro a sentença surpreende até a mim.

—Claro. Venha comigo, por favor.

Faz um gesto na direção do bar e me leva para lá. Para chegar, nós temos que dobrar um canto e tenho que me segurar para não abrir a boca até o chão.

Vejo uma enorme escadaria de mármore com o corrimão reluzente ouro e "Q" preto entrelaçados para formar a balaustrada em ambos os lados. Eles levam a um restaurante gigante, luminoso e arejado. O teto é uma cúpula de vidro no centro da sala. Está cheio, há muitas pessoas para uma noite de segunda-feira, que conversam em grupos felizes e despreocupados em cada mesa. É um alívio ver que o bar é neste piso. Desta forma, posso ver o restaurante através de painéis de vidro. Meus olhos vão de um lado para outro examinando cada canto, mas não consigo encontrá-lo. Eu cometi um erro enorme?

—Permita—me recomendar o Bellini de cereja e laranja? — diz o Maitre apontando um banquinho ao lado do bar.

Rejeito o banco que me oferece e me sento quase no final do bar e poder olhar abaixo.

—Obrigado. É possível que eu o prove — sorrio, e me pergunto se me deixarão tomar apenas uma copo de água neste lugar tão elegante com um vestido tão elegante.

A mulher assente e me deixa com o garçom, que com um sorriso me entrega uma carta de coquetéis.

—O Martini com lichias e lavanda está muito bom.

—Obrigado — digo retornando o sorriso.

Estou muito mais confortável e relaxada... agora que um banco suporta o peso do meu corpo.

Cruzo as pernas, mantenho as costas em linha reta e estudo a carta. A recomendação do garçom traz London Gin, então ela é excluída. Sorrio lembrando do meu avô, que costumava lutar com minha avó por seu hábito de beber de Gin. Ele dizia que, se você queria seduzir uma mulher, só tinha que dar-lhe Gin. Meu sorriso se apaga ao lembrar a última vez que tomei Gin.

O Bellini com cereja e laranja leva champanhe. Ganha de goleada. Olho para o garçom.

—Obrigado, mas acho que vou tomar o Bellini.

—Tinha que tentar. — pisca para mim e começa a preparar o coquetel enquanto eu me viro no tamborete e esquadrinho o piso inferior outra vez.

Não vejo nada, então começo a olhar para todas as mesas e estudar as faces dos clientes. É um absurdo, porque seria capaz de distinguir Miller entre centenas de milhares de pessoas em Trafalgar Square. Ele não está aqui.

—Senhorita?

O garçom exige minha atenção e me serve uma taça de champanhe com um guarda-sol e uma cereja.

—Obrigado. — Pego o copo com cuidado e dou um igualmente delicado gole sob o atento olhar do garçom. — Delicioso — sorrio, e ele me pisca um olho antes de ir atender um casal que está no outro extremo.

Sento-me de costas para o bar e vou dando pequenos goles em meu delicioso cocktail, enquanto penso no que diabos fazer. São nove e meia nove. A reunião era às 9:00 horas. Já deveriam estar aqui, não é? E, como se meu celular lesse meus pensamento, começa tocar na minha bolsa. Alarmada, deixo a taça e o procuro na pequena bolsa de mão. Cerro os dentes ao ver seu nome de tela. Encolho os ombros, até que toquem minhas orelhas e aperto todos os músculos do corpo quando eu aceito a chamada.

—Diga?

—Vou terminar em breve. Pego você dentro de uma hora.

Derreto de alívio. Minha imaginação fértil e meu corpo vestido para um casamento podem ir para casa antes de uma hora. Sinto-me segura e um pouco estúpida.

—Ok — suspiro segurando minha taça e dando-lhe um gole que me fazia bastante falta. Errei de dia ao olhar sua agenda? Estava frenética e apressada, portanto, é possível.

—Ouço muito barulho, onde você está?

—É a televisão — solto. — A avó está mal dos ouvidos.

—Noto — diz afiado. — Está pronta para me desestressar, minha menina?

Sorrio.

—Preparadíssima.

—Estou feliz de nós termos esclarecido isso. Pego você dentro de uma hora. — Desliga e suspiro.

Estou na lua, sonhando acordada e apaixonada no bar. Eu bebo o que sobrou do meu Bellini.

Então chamo o garçom.

—Quanto lhe devo?

—Só o Bellini? —pergunta acenando com a cabeça para meu copo vazio.

—Tenho um encontro.

—Que pena — sussurra se aproximando com uma pequena placa preta com a conta. Passo-lhe uma nota de 20 libras com um sorriso.

—Tenha uma boa noite, senhorita.

—Obrigado.

Me levanto com elegância do banquinho e me dirijo até a saída. Espero encontrar táxi logo.

No entanto, só dei dois passos quando eu paro abruptamente. Meu estômago embrulha e o sangue congela em minha veias. Minha pele vira pedra fria, enviando todos os cabelos finos na minha posição vertical do corpo. Ele está aqui. E ele está com ela. Ela está apenas fixando-se em seu lugar à mesa, mas eu posso ver o rosto do Miller bem e em linha reta, como de costume, ainda posso ver a planície de tédio é claro. Cassie está animada, jogando a mão gestos em todos os lados, joga a

cabeça para trás quando ri e para beber champanhe. O cabelo dela está enrolado em um coque apertado na sua nuca e ela está usando cetim preto. Não é a roupa que se usa normalmente para uma reunião de negócios. Existem ostras na mesa. E ela continua a esticar o braço para tocá-lo.

—Decidiu tomar outra? —o garçom me pergunta, mas não respondo.

Continuo olhando para Miller e volto para trás até que meu traseiro se depara com o banquinho.

Me sento de volta nele.

—Sim, por favor — murmuro deixando a bolsa sobre o bar.

Não sei como não vi antes. Sua mesa está logo abaixo, a vejo perfeitamente daqui. É possível que estivesse muito empenhada em procurá-lo, muito ocupada planejando meu próximo passo. Ah, meu Deus, estou começando a notar que me ferve o sangue de raiva.

Aceito o Bellini, procuro no telefone, marco seu número, e levo o telefone ao ouvido. Começa a tocar. Noto como se mexe na cadeira e como levanta um dedo para indicar a Cassie que o desculpe um momento. Quando olha para a tela não dá qualquer sinal de emoção nem se surpreende ao ver meu nome. Volta a guardá-lo em seu bolso e abana a cabeça. É um movimento que indica que a chamada não tinha nenhuma importância. Estou magoada mas, mais do que isso, estou muito chateada.

Guardo o telefone na bolsa e me viro para o garçom.

—Eu preciso ir para o…

—Está abaixo. Vigio sua bebida.

—Obrigado.

Levo uma grande lufada de ar que levanta minha moral e me dirijo em direção as escadas. Me agarro com força ao corrimão e rezo aos deuses para não cair de bunda e acabar como uma imbecil. Estou tremendo como uma folha, mas eu preciso manter a calma e a compostura. Como demônios me coloquei em tudo isso?

Porque eu me joguei de cabeça, para isso.

Meus passos são exatos e precisos e meu corpo balança sedutor. Acaba sendo fácil demais. Os homens me olham. Descer as escadas é como o vai e vem das ondas do mar. Estou sozinha e chamando a atenção de propósito. Apesar de não olhar para ninguém em particular, exceto para o inimigo do meu coração. Quero que levante a vista e me veja. Ele está escutando Cassie, acenando e adicionando uma ou duas palavras aqui e ali. Mas o que mais faz é dar tragos lentos em seu uísque. Não aguento mais. Não suporto aquela outra mulher observando como seus lábios acariciam o copo.

Rapidamente baixo a vista quando me olha até a escada. Me viu, tenho certeza. Sinto seus olhos frios como o gelo na minha pele, mas me recuso a parar e só levanto a vista quando chego ao banheiro. Ele está vindo me buscar. Eu queria que engasgasse e eu acho que consegui isso. O rosto dele reflete muitas emoções: raiva, surpresa..., preocupação.

Fujo para o interior do banheiro feminino e estudo-me no espelho. Eu não posso negar, pareço chateada e nervosa. Esfrego as bochechas com as palmas das mãos para tentar devolver a vida à elas. Estou em um território desconhecido. Não sei como lidar com a situação, mas o instinto parece que me leva na direção certa. Sabe que eu estou aqui. Sabe que eu sei que mentiu... O que tem que me dizer?

Decido que quero saber. Lavo as minhas mãos, arrumo meu vestido, e me preparo para lidar

com isso. Estou uma pilha de nervos quando eu abro a porta para sair do banheiro, mas me acalmo um pouco ao vê-lo encostado na parede, com raiva, me esperando na porta. Agora sou eu quem está furiosa.

Lhe devolvo o olhar assassino.

—Que tal as ostras? — pergunto calmamente.

—Salgadas — ele responde com a mandíbula tensa.

—Que pena. Embora eu não me preocuparia. Seu encontro está tão bêbado que eu tenho certeza que nem notou você.

Estreita os olhos e se aproxima de mim.

—Não é meu encontro.

—Então o que é?

—Negócios.

Começo a rir. Ele está sendo rude e condescendente, mas não dou a mínima. Não se celebram reuniões de negócios em uma noite de segunda-feira no Quaglino. E não usam vestidos de cetim pretos.

—Você mentiu para mim.

—Você está me espionando.

Não posso negar, e não faço. A emoção me oprime, noto como toma controle do meu corpo e corre em minhas veias, para compensar a frieza de Miller.

—São apenas negócios — repete.

Dá outro passo até mim e tento voltar para manter distância, mas meus calcanhares se recusam a mover-se e meus músculos não obedecem ordens.

—Não acredito.

—Pois deveria.

—Você não me deu nenhuma razão, Miller. —Venço meus membros inúteis e me afasto dele. — Aproveite a noite.

—Vou fazer quando puder me desestressar — responde com doçura, me pegando pela nuca para que não possa escapar. O fogo de sua pele me tranquiliza instantaneamente e uma onda abrasadora me invade... por toda a parte. — Vá para casa, Livy. Irei te buscar logo. Conversaremos antes que comece a me desestressar.

Enquanto luto enojada para me soltar da sua mão, dou a volta e olho com fúria diretamente para seu rosto impassível.

—Não vai voltar a saber de mim.

—Eu discordo.

Sua arrogância e segurança me deixam atordoada. Nunca bati em um homem em toda minha vida. Nunca bati em qualquer um.

Até agora.

A força da minha pequena mão atravessando seu rosto produz um som mais estridente que já ouvi, o tapa ecoa acima do ruído que nos rodeia. Minha mão queima, então a julgar pela marca vermelha que aparece instantaneamente na bochecha bronzeada de Miller, o rosto dele arde. O que

acabo de fazer me enche de espanto, e a prova é que fiquei...petrificada.

Esfrega o queixo, como se estivesse colocando a mandíbula em seu lugar. Miller Hart não expressa grande coisa, mas é inegável que foi pego de surpresa.

—Você tem um belo gancho de direita, minha garota.

—Eu não sou sua garota — cuspo com toda a bile que posso, e o deixo tentando fazer o sangue fluir pelo rosto dele novamente.

Em vez de virar para a saída, vou ao andar de cima, porque meu Bellini me chama no bar e não posso resistir. O bebo a toda velocidade. Engulo saliva e deixo o copo com um golpe, sobre o bar, coisa que atrai a atenção do garçom.

—Outro? — pergunta e se coloca em ação, assim que assinto.

—Livy — Miller sussurra em meu ouvido, e dou um salto que quase toco o teto. — Por favor, vá para casa e espere lá por mim.

—Não.

—Livy, estou te pedindo por bem. — há um ponto de desespero em sua voz que me faz virar no banco para poder ver o rosto dele. Está sério, mas o seu olhar é uma suplica. — Vamos consertar.

Esta me pedindo, o que confirma que há algo para consertar.

—Consertar o que? —pergunto.

—O que é nosso. — pronuncia as palavras em voz baixa. — Porque nem você nem eu existimos sem o outro, Livy. Agora só existe o nosso.

—Então, por que mentiu para mim? Se você não tem nada a esconder, por que mente para mim?

Fecha os olhos. É óbvio que ele está tentando manter a calma. Os abre, muito lentamente.

—São negócios, acredite em mim.

Há tanta sinceridade em seus olhos e em sua voz... E então ele se inclina para baixo para me beijar nos lábios com delicadeza.

—Não me faça passar a noite sem você. Eu preciso de você em meus braços.

—Espero você aqui.

—Trabalho e lazer, Olivia. Você conhece as minhas regras. — me desce do banquinho.

—Nunca misturou negócios com prazer com Cassie?

Franze o cenho.

—Não.

Agora eu também franzo o cenho.

—Então porque jantar em um restaurante chique? E as ostras? E o que dizer das mãos em cima da mesa?

Nossos cenhos franzidos vão a jogo, mas antes de Miller pode esclarecer alguma coisa, Cassie entra em jogo.

Pelo menos, a mulher que eu tinha tomado por Cassie. Essa mulher é impressionante e por trás tem um corpo lindo, mas é mais velha do que Cassie. Em pelo menos quinze anos. É óbvio que é rica e exuberante.

—Miller, querido! —cantarola. Está bêbada e está quase como sua taça de champanhe.

—Crystal — diz ele. Noto que de repente está nervoso e se pressiona contra minhas costas. — Me dê licença por um momento, por favor.

—Claro — responde a mulher e planta seu traseiro no banquinho que acabei de desocupar. — Peço mais uma bebida?

—Não — responde Miller empurrando-me para a saída.

"C"? Crystal? Estou uma bagunça, mas meu cérebro sofre uma sobrecarga de curto-circuito de informações e sou incapaz de perguntar alguma coisa em voz alta.

—Não é necessário que sua amiga vá embora— ela ronrona, e olho para trás. Está sorrindo para mim. Não, não, está sorrindo para mim, é uma expressão de superioridade. — Quanto mais, melhor.

Franzo a testa e olho para Miller. Parece que ele vai ter um ataque. Ele abre a boca para falar mas tem o maxilar tão tenso que o que ele diz soa como uma ameaça:

—Disse que só íamos jantar.

—Sim, sim — responde ela. Em seguida, coloca os olhos em branco em um gesto teatral e sobe o resto do champanhe. — E não será esta linda jovenzinha a causa de nossa mudança de rótulos?

—Isso não é assunto seu. — Miller tenta tirar-me do bar, mas estou tensa como um corda e não respondo aos seus empurrões.

—Do que está falando? —pergunto com mais calma do que sinto.

—De nada. Vamos.

—Não! —Me libero de seu aperto e olho de frente para a mulher.

Ela parece não perceber a tensão entre Miller e eu e pede mais champanhe para o garçom.

Então ele me dá um cartão.

—Leve. Não acho que vou precisar novamente. Mantenha-o em um lugar seguro.

Pego o cartão de negócios bege e olho para ele sem pensar. Nome, telefone e e—mail de Miller que estão escritos em relevo.

—O quê é isso?

Ele tenta arrebatá-lo, mas minhas mãos são mais rápidas e o coloco fora de seu alcance.

—Não é nada, Livy. Me dê, por favor.

A mulher libera uma explosão de riso.

—Coloque-o na discagem rápida, céu.

—Crystal! — grita Miller, e a mulher se cala instantaneamente. — É hora de ir.

Suas pupilas se dilatam e se vira em minha direção lentamente.

—Bem, bem... — ela diz que me dando uma boa olhada com cara de cretina. — Não me diga que o acompanhante mais famoso de Londres está apaixonado?

Suas palavras me roubam o ar dos pulmões e noto que meus joelhos estão ameaçando ceder. Tenho que segurar o casaco de Miller para não cair no chão. Acompanhante?... Viro o cartão. Nela diz "Serviços Hart" em um tipo de letra elegante.

—Cale-se Crystal! —ruge ele apertando minha mão.

—Por acaso ela não sabe? —ri um pouco mais e me olha como se sentisse pena de mim. — E eu que pensei que ela era uma cliente de pagamento como todas as outras.

Bebe a nova taça de champanhe enquanto eu tenho que lutar contra a bile que me sobe pela garganta.

—Você tem sorte, céu. Uma noite com Miller Hart custa milhares de libras.

—Pare — sussurro negando com a cabeça — Pare, por favor...

Quero sair correndo, mas meu coração bate tão rápido que não permite que as ordens do meu cérebro cheguem às minhas pernas. Voltam para trás para minha cabeça e me deixam tonta e me confundem.

—Livy...— Miller aparece sob os meus olhos para baixo. Seu rosto não transmite a beleza inexpressiva a que estou me acostumando em tão pouco tempo. — Ela está bêbada. Não dê ouvidos a ela, por favor.

—Aceita dinheiro em troca de sexo..— minhas próprias palavras me acertam como punhais. — Me deixou dizer tudo sobre minha mãe, sobre mim. Você colocou uma cara de surpresa quando parece que você é igual a ela. Eu...

—Não. — sacode a cabeça com veemência.

—Sim — reafirmo. Meu corpo inerte retorna à vida e começo a tremer. — Você se coloca à venda.

—Não, Livy.

Em minha visão periférica posso assistir Crystal descendo do banco.

—Eu amo o drama, mas eu tenho um marido gordo, careca e safado que eu vou ter que me conformar esta noite.

Miller se vira violentamente contra ela.

—Melhor não contar a ninguém!

Crystal, sorri e acaricia o braço dele.

—Eu não sou uma fofoqueira, Miller.

Ele bufa, ela ri e sai se pavoneando do bar. Pelo caminho recolhe o casaco de pele com o encarregado do guarda-roupa.

Miller pega então a carteira do bolso e joga um punhado de notas por cima do bar. Em seguida, apanha minha nuca.

—Vamos.

Eu não resisto. Estou em choque. Eu quero vomitar e minha cabeça dói. Nem mesmo posso pensar com clareza e entender o que está acontecendo. Sinto que minhas pernas estão se movendo, embora parece-me que não vou a lugar nenhum. O coração zumbe em meus ouvidos não posso respirar. Eu tenho os olhos bem abertos, mas a única coisa que vejo é minha mãe.

—Livy?

Olho para ele confusa. Vejo um rosto angustiado, triste e atormentado.

—Me diga que isso é um sonho ruim. — murmuro.

É o pior pesadelo da minha vida, mas enquanto não é real, dá no mesmo. Eu quero acordar.

Torce a testa como um sinal de derrota e para bruscamente. Ficamos parados ao lado das

portas de vidro enorme. Parece completamente desanimado.

—Olivia, quem me dera poder te dizer que é.

Me abraça com força contra seu peito, com desespero, mas não posso dar "o que mais gosta". Estou atordoada. Insensível.

—Vamos para casa — diz.

Passa o braço pelos meus ombros, me coloca a seu lado e saímos para a rua. Nós andamos um tempo em silêncio. Não digo nada porque estou fisicamente incapaz, e Miller não diz nada porque não sabe o que dizer. A surpresa me deixou feito um amontoado, mas meu cérebro funciona melhor do que antes e me faz reviver memórias que já gastei muito tempo ultimamente. Minha mãe. Eu. E agora Miller.

Miller me coloca no carro com muito cuidado, como se achasse que vou quebrar. É possível, se é que eu já não estou quebrada. Eu gostaria de rebobinar a noite, mudar muitas coisas, mas o que ganharia com isso? Continuar na escuridão, ignorante da verdade?

—Gostaria que eu te levasse para casa? — pergunta se acomodando no assento do motorista.

Me viro para ele como um autômato. As mesas viraram. Agora é ele quem carrega tudo escrito no rosto, não eu.

—Onde, se não, iria querer que me levasse?

Baixa o olhar e coloca o motor em marcha. Me leva para casa com um tema de Snow Patrol soando ao fundo que me lembra de abrir os olhos.

O caminho parece longo e lento, como se ele tentasse que não chegássemos nunca, e quando para o carro na casa da vovó, abro porta aberta para sair imediatamente.

—Livy —diz e parece desesperado.

Me pega pelo braço e me impede de continuar, mas não diz mais nada. Não tenho certeza se há algo para dizer, e é evidente que ele tampouco.

—O quê? — inquiro, esperando acordar a qualquer momento e encontrar-me envolta em "o que ele mais gosta", segura na sua cama, longe da realidade dura e crua que descobri. Uma realidade que é muito familiar para mim.

Mas então o telefone de Miller rompe o silêncio. Amaldiçoa e pressiona o botão de "Rejeitar". Ele volta a tocar.

—Foda-se! — exclama, atirando-o contra o painel de controle.

Depois de um momento, ele soa novamente.

—É melhor você atender — cuspo libertando-me de sua mão. — Imagino que elas morrem por pagar milhares de libras para passar uma noite com o acompanhante mais famoso de Londres. Então você pode obter dinheiro extra enquanto fode alguém. Tenho certeza que te devo uma fortuna.

Ignoro seu gesto de dor e o deixo no carro, decidida a investir minha energia em esquecer da segunda pessoa envolvida na prostituição que conheci na minha curta vida. Exceto que este me aceitava e me consolava. Esse vai me custar a esquecer. Já sinto a fria e triste solidão que me espera.

Capítulo Vinte e Quatro

Continuo olhando o meu quarto quando amanhece. Isso não tem solução. Se eu durmo, tenho pesadelos. Se permaneço acordada, os sofro ao vivo. No entanto, eu não escolhi nada disto. Eu não consigo dormir. Meu pobre cérebro não pode parar e recebe um bombardeio constante de imagens do passado. Eu não sou capaz de enfrentar o mundo. Como eu temia, eu estou mais isolada e reclusa do que era antes de Miller Hart.

Meu celular toca na mesa de cabeceira. O pego que sabendo que podem ser apenas duas pessoas, mas, a julgar pela expressão de derrota de Miller ontem à noite, acho que vai ser Gregory. Vai querer saber tudo sobre meu fim de semana com o cara que odiava o meu café. Bingo. Rejeito a chamada e não me sinto culpada. Que deixe uma mensagem na secretária eletrônica. Não tenho mais forças para falar. Vou enviar-lhe um sms.

Cheguei tarde do trabalho. Te ligo depois. Espero que esteja bem. BSS.

Ele pode vir mais tarde, não tenho certeza, mas não importa porque eu não vou a qualquer lugar, vou ficar debaixo do edredom, onde é escuro e silencioso. Eu ouço o ranger do piso e a voz da minha avó. Isso faz com que se encham de lágrimas meus olhos novamente, mas as enxugo quando ela entra no meu quarto e me olha com olhos azuis escuros, mais feliz que as perdizes.

—Bom dia! — diz o mar de felicidade pronta para abrir as cortinas.

A luz da manhã me faz danos aos olhos.

—Vovó! Feche as cortinas.

Enterro-me de baixo do edredom para escapar da luz mas, acima de tudo, para escapar da cara de felicidade da minha avó. Isso está me matando por dentro.

—Você vai se atrasar.

—Hoje não tenho que ir para trabalhar — digo no piloto automático. Preciso de uma desculpa para continuar na cama e, esperançosamente, me livrar da vovó. — Eu tenho que trabalhar na sexta-feira à noite, então Del me deu o dia de folga. Eu vou tentar dormir um pouco.

Ainda estou me escondendo debaixo do edredom, e embora eu não posso vê-la, sei que a avó está sorrindo.

—Miller não te deixou descansar neste fim de semana? — Diz tão, tão feliz que me mata.

—Não.

Não pode ser bom discutir coisas assim com a minha avó, mas eu sei que é a única maneira que ficará quieta e me deixe em paz...pelo menos por agora. Nem sequer tenho forças para me sentir culpada por ter mentido para ela desta forma.

—Bom! — exclama. — Eu vou sair e comprar com o George.

Noto que esfrega-me por cima do edredom um momento antes de sair e fechar cuidadosamente a porta do meu quarto.

Terei que esperar para encontrar uma razão plausível que justifique ter rompido com Miller, antes de juntar a força para dizer a minha avó. Não vai ficar satisfeita a menos que lhe dê uma explicação razoável. Não é que goste de Miller Hart, o que gosta é da ideia de me ver feliz e numa relação estável. Mas e se eu estiver errada e ela goste de Miller? Poderia consertar isso facilmente, mas não vou fazê-lo. A única coisa que iria receber, com a minha recente descoberta, seria despertar também alguns velhos fantasmas do passado da vovó. Tem coragem, mas continua a ser uma senhora.

Esse problema eu vou passar sozinha.

Relaxo na cama e tento dormir de novo. Espero não ter mais pesadelos.

Minha alegria dura pouco. Meu sonho foi agitado. Me via andar, suar, sem fôlego, com raiva. Me rendo ao cair da noite. Me forço a tomar banho e caio enrolada na toalha em cima da cama, tentando não pensar em Miller Hart, procurando desesperada por algo para me entreter. Qualquer coisa que não seja ele.

Deveria me arrumar uma academia. Salto da cama. Já me inscrevi para uma academia.

—Foda-se!

Pego o celular e vejo que tenho quarenta minutos para chegar à prova. Posso fazê-lo, e vai ser a distração perfeita. Dizem que o exercício alivia o stress e promove a secreção de endorfinas que lhe fazem se sentir bem. É só o que eu preciso. Eu sou um turbilhão de atividade. Coloco algumas malhas, uma t—shirt gigante e meu Converse branco em uma mochila. Isso mostra que eu sou um aficionada de terceira, porque eu não tenho nenhuma roupa esportiva de verdade, mas por agora, terá que ser suficiente. Sairei às compras. Prendo o cabelo com um elástico, saio do meu quarto e começo a descer quando o telefone diz que eu tenho uma mensagem de texto. Leio enquanto desço as escadas e o coração… se fecha em um punho ao ver que é ele.

Eu vou estar na cervejaria, Langan, em Stratton Street, às 20,00 h. Quero minhas quatro horas.

Caio de bunda no meio da escada e eu estou olhando para a mensagem. Já teve mais de quatro horas. O que está tentando provar? Ele se esforça para me fazer cumprir um acordo que tivemos há semanas e que muitos encontros e muitos sentimentos cancelaram. Ele mesmo disse que era um negócio ridículo. Era. E continua a ser.

Ele não tem o direito de me pedir qualquer coisa, e isso me deixa louca. Eu vou explodir. Lutei contra anos de tortura. Me matei tentando entender o que tinha encontrado minha mãe, que fosse mais importante do que eu e meus avós. Eu vi os danos que causou a meus avós e eu mesmo já cheguei na beira do abismo, a ponto de causar um dano ainda maior. Mas ainda poderia causar danos a vovó se descobrisse onde estive realmente durante meu desaparecimento. Abri meu coração a ele, ele me deu toda a sua compaixão, e acontece que ele é o rei de toda degradação. Leio sua mensagem de novo. Acredita que voltando a ser um idiota arrogante, mandão e presunçoso vou cair rendida aos seus pés? A verdade é que não vejo nada além da raiva que estou sentindo, nem sequer as perguntas que gostaria de fazer ou as respostas que preciso encontrar. Não vou para a academia para baixar minha dor na fita ou no saco de boxe. A reservo para Miller.

Corro de volta para o quarto e retiro de uma vez o terceiro e último vestido de minha viagem de compras com Gregory. O inspeciono e rapidamente chegou à conclusão de que vai desmoronar quando me ver. Porra, é letal. Não sei como deixei meu amigo me convencer a comprá-lo, mas estou feliz que fez. É vermelho, com as costas descobertas, é curto e muito ousado.

Tomo meu tempo para tomar banho novamente, passo a navalha em todos os lugares e me encho creme da cabeça aos pés. Entro no vestido. O design não permite que eu use sutiã, mas que não é um problema porque não tenho um peito muito generoso. Coloco a cabeça para baixo e a subo com energia para que meus cachos loiros caiam a vontade. Me maquio um pouco, de um jeito natural, como ele gosta. Coloco os saltos pretos novos, pego uma bolsa de mão e decido que uma jaqueta estragaria o efeito. Desço a escada mais rapidamente do que deveria.

A porta se abre e aparecem George e a avó. Deixam de falar quando me veem correndo até eles.

—Caramba! —exclama George. Então pede desculpas profusamente ao receber um olhar assassino de minha avó. — Desculpe, é que não o que esperava isso, isso é tudo.

—Vai se encontrar com Miller? — pergunta minha avó, como se ela só tivesse ganhado na loteria.

—Sim. — me apresso a sair.

—Jesus, Maria e José! — cantarola. — Como você fica bem de vermelho, não é George?

Não ouço a resposta de George, mas a julgar pela reação dele, claro que é um 'Sim' ressonante.

Eu começo a suar na metade da rua, então decido andar mais devagar. A coisa certa a fazer de minha parte é chegar um pouco tarde, fazê-lo esperar. Paro na esquina alguns minutos. É irônico, me sinto como uma qualquer. Consigo parar um táxi e dizer onde estou indo.

Retoco minha maquiagem no espelho retrovisor, aliso meu cabelo e aliso meu vestido. Não quero estar enrugada. Vou ser tão perfeccionista como Miller, mas aposto que ele não sente borboletas no estômago. Me amaldiçoo por ter todo um jardim botânico pairando pelo meu.

Quando o táxi gira em Piccadilly em direção a Stratton Street, lanço um olhar para o relógio do painel. São oito e cinco. Não estou muito atrasada, e preciso de um caixa eletrônico.

—Aqui está bom — digo cavando na minha bolsa e entregando-lhe as únicas vinte libras que levo. —Obrigado.

Saio com toda a elegância que posso e caminho até Piccadilly. Estou ridícula para um dia de semana. Sou muito consciente da minha aparência, mas me lembro o que me disse Gregory e me esforço para parecer segura de mim, como se eu me vestisse assim diariamente. Encontro um caixa eletrônico, saco dinheiro e dobro a esquina para entrar no Stratton Street. São o oito e quinze. Chego apenas um quarto de hora mais tarde. Perfeito. Abro a porta e respiro fundo. Entro fingindo segurança e confiança em mim mesma, mesmo que por dentro me pergunto, que diabos estou fazendo.

—Vai se encontrar com alguém? —pergunta o maitre, me checando.

Parece impressionado, mas detecto uma ligeira desaprovação. Dou um puxão para a baixo no meu vestido e imediatamente me dou uma bronca mental com raiva por ter feito.

—Com Miller Hart — informo com segurança, assim compenso o puxar para baixo.

—Ah, com o senhor Hart — diz.

É evidente que o conhece, que não me faz qualquer graça. Sabe o que ele faz? Acha que eu sou uma cliente? A raiva consome meus nervos. Ele sorri e me diz para segui-lo. Eu tento não olhar ao redor em busca de Miller.

Passamos ao lado de mesas dispostas aleatoriamente e começo a sentir que a pele está me queimando, como faz somente quando o inimigo do meu coração está me olhando. Não sei onde está, mas sei que me viu. Levanto a vista e também o vejo. Não posso fazer nada para impedir que meu pulso acelere ou que minha respiração se altere. Pode ser o equivalente a uma prostituta de luxo, mas Miller ainda é impressionante e continua sendo...perfeito. Ele se levanta e tira o casaco. A sombra da barba realça seu lindo rosto e seus olhos azuis brilham quando me aproximo. Não hesito. O olho com a mesma segurança, sei o que me espera. Tem aquele ar de determinação que eu já conheço. Ele vai tentar me seduzir de novo. Me parece bom, mas desta vez não vai ter sua menina.

Assente na direção do maitre para que saiba que agora ele está no comando. Então, rodeia a

mesa e me afasta a cadeira, para que me sente.

—Por favor — diz gesticulando em direção da cadeira.

—Obrigado.

Me sento e deixo a minha bolsa em cima da mesa. Quase relaxo até que Miller põe a mão no meu ombro e fecha sua boca no meu ouvido.

—Você está tão linda, que acho que estou sonhando.

Em seguida recolhe meu cabelo, afasta do ombro e roça atrás da minha orelha com os lábios. Não pode me ver, então não importa se fecho meus olhos, mas quando inclino o pescoço na direção oposta para deixá-lo fazer, fica muito claro o efeito que tem sobre mim.

—Requintado — murmura e dá arrepios.

Me libera de sua carícia e aparece novamente diante dos meus olhos. Ele tira o casaco e se senta. Olha seu relógio caro e arqueia as sobrancelhas para dar a entender sem palavras que cheguei tarde.

—Tomei a liberdade de pedir para você.

Também arqueio uma sobrancelha.

—Estava muito seguro que eu viria.

—E você veio, não é?

Pega a garrafa de vinho branco que está em um balde de gelo de pé que fica ao lado da mesa e serve a ambos. Os copos são menores do que os de vinho tinto que usamos ontem, e eu gostaria de saber o que faz Miller não enlouquecer com a maneira que os talheres estão dispostos sobre a mesa de um restaurante. Nada está como ele tem em casa, mas não parece incomodá-lo. Não está nervoso, e isso me deixa nervosa. Quase me faz querer voltar a colocar o vinho na garrafa, que é onde deveria estar.

Obrigo minha mente a retornar ao homem que tenho diante de mim. Observo sua postura. Em seguida falo:

—Por que você me pediu para vir?

Levanta a taça e balança lentamente o vinho antes de levá-lo para esses lábios arrebatadores e beber muito lentamente, certificando—se de que eu não perca um único detalhe. Sabe o que está fazendo.

—Não me lembro de ter pedido.

Quase perco a compostura.

—Não queria que eu viesse? –Pergunto mais chula que tudo.

—Se me lembro bem, eu mandei uma mensagem que em que dizia que estaria aqui às oito. Também manifestei meu interesse por algo, mas não te pedi nada. — Bebe lentamente outro gole. — No entanto, já que está aqui, imagino que você gostaria de me dar o que eu quero.

Sua arrogância está de volta em toda sua glória. Me faz mais descarada e agora sei que Miller está afastando minha ousadia. Gosta que eu seja sua menina. Pego minha bolsa de mão e pego o dinheiro que retirei do caixa. Atiro-o sobre o prato que tem em frente a ele e relaxo na minha cadeira, ousada mas calma.

—Quero que me entretenha durante quatro horas.

A taça de vinho flutua entre os lábios e a mesa enquanto olha para o monte de dinheiro. Eu fiz um diabólico uso da minha conta poupança para obtê-lo. Nessa conta está até o último centavo que minha mãe me deixou, e eu nunca o toquei por princípios. É irônico que agora gaste parte do dinheiro para que...me entretenham. Consegui uma reação, que é justo o que eu queria e as palavras que disse uma vez, voltam a minha mente e me impulsionam a agir: "Me prometa que nunca mais voltará a se degradar assim."

Quem, eu? E o que dizer dele?

Está mudo. Olha fixamente o dinheiro e vejo que a mão que sustenta a taça começa a tremer. A superfície do vinho se ondula para demonstrar.

—O que é isso? —pergunta tenso, deixando o copo sobre a mesa.

Não me surpreende que nada vê quando reposiciona a taça, antes de atirar em mim com seus olhos azuis furiosos.

—Mil libras — respondo sem me intimidar com sua ira. —Sei que o famoso Miller Hart costuma pedir mais, mas são só quatro horas, e você sabe o que você vai ganhar com este acordo, então imagino que mil libras é um preço justo.

Pego meu copo e bebo lentamente. Engulo e lambo os lábios exagerando um pouco. As pupilas de seus olhos azuis estão mais dilatadas do que o habitual. É provável que ninguém mais vai perceber que está atordoado, mas conheço aqueles olhos, e eu sei que quase todas suas mostras de emoção vêm deles.

Respira fundo e lentamente retira dinheiro do prato. Ordenando-lhe em uma pilha, pega minha bolsa e o coloca novamente na mesma.

—Não me insulte, Olivia.

—Você acha que é um insulto? — começo a rir com vontade. — Quanto dinheiro já ganhou se entregando a essas mulheres?

Ele se inclina para mim, mandíbula tensa. Estou fazendo com que suas emoções saiam.

—O suficiente para comprar um clube de luxo — diz friamente — E eu não me rendo às mulheres, Olivia. Lhes dou meu corpo e nada mais.

Coloco uma cara de nojo e eu sei que já havia visto, mas confesso que ouvi-lo dizer também me revira o estômago.

—Para mim não deu muito mais. — digo, embora eu saiba que não é justo. Tem me dado mais que seu corpo, e quando ele se inclina um pouco atrás, sei que ele também sabe disso. Lhe magoei. — Compre uma gravata nova.

Recupero o dinheiro e jogo-o em seu lado da mesa. Me surpreende minha ousadia, mas é sua maneira de reagir que me faz continuar, que alimenta a minha necessidade de irracional de mostrar-lhe algo, não sei muito bem o que vou receber com minha frieza. No entanto, não posso parar. Eu coloquei o piloto automático.

Suas bochechas palpitam.

—E como é diferente do que você estava fazendo? —diz entre os dentes. Tento esconder meu espanto.

—Entrei para esse mundo por uma razão – cuspo — Não desfrutava dos luxos nem me gabava da vida me vendendo.

Fecha a boca e abaixa a cabeça. Então fica de pé e fecha a jaqueta.

—O que aconteceu com você?

—Já te disse, Miller Hart. O que me aconteceu é ter conhecido você.

—Não gosta assim. Eu gosto da garota que...

—Pois tivesse me deixado em paz — digo em alto e bom som, arrancando mais emoções desse homem impassível. Mal pode contê-las. Não sei se está prestes a gritar, ou chorar.

O garçom nos interrompe para nos servir um prato com gelo e ostras. Não faz qualquer comentário ou pergunta se queremos algo mais. Desaparece enquanto pode, ciente da tensão. Estou olhando para o prato sem conseguir acreditar.

—Ostras.

—Sim, aprecie. Eu vou embora — diz dando-me as costas.

—Sou uma cliente — lembro, tirando uma das conchas e retirando a carne com uma faca.

Ele se vira para olhar para mim.

—Me faz sentir insignificante.

"Assim eu gosto", penso. Os ternos caros e uma vida de luxo não o fazem aceitável.

—E outras mulheres não? — pergunto. — Talvez deveria ter dado um Rolex?

Levo a ostra lentamente para os lábios e deixo deslizar pela minha garganta. Limpo a boca com as costas da mão sem deixar de segurar o olhar dele e depois lambo os lábios, sedutora.

—Não exagere, Livy.

—Foda-me — respondo me inclinando em direção a ele na cadeira.

Sinto uma corrida de adrenalina para vê-lo duvidar porque não sabe o que fazer comigo. Não esperava isto quando ele me enviou a mensagem. Estou virando a mesa.

Toma um momento para pensar antes de se inclinar sobre a mesa e trazer o seu rosto para o meu.

—Quer que eu foda você? — pergunta esquecendo seus modos de cavalheiro, apesar da proximidade dos outros clientes.

Eu me viro para controlar o desejo que tenho de relaxar ante o retorno de sua postura, mas não digo nada.

Se aproxima um pouco mais. Está muito sério. A dor, a raiva e a surpresa parecem ter desaparecido.

—Te fiz uma pergunta, e sabe o quão pouco que eu gosto de me repetir.

Por razões que nunca entendi, eu não duvido por um momento.

—Sim — digo. Minha voz é quase um sussurro e, enquanto resisto com todas as minhas forças, meu corpo responde.

Seu olhar ardente me atravessa.

—Levante-se — me ordena.

Capítulo Vinte e Cinco

Me coloco imediatamente de pé e espero que circule a mesa e me pegue. Me agarra firmemente pela nuca e me tira do restaurante rapidamente. Quando saímos para o frio da noite, cruzamos a rua na direção do hotel em que eu imagino que ele estacionou o carro. Só que não vamos para o estacionamento. O porteiro abre a porta de vidro do grandioso e elegante estabelecimento. Miller me empurra para dentro e de repente estou cercada por uma decoração excepcional. Existe uma fonte no centro do átrio e sofás de couro em todos os lugares. Tem muita personalidade. É do estilo mansão clássica, como se a rainha da Inglaterra fosse aparecer a qualquer momento.

Me solta.

—Espere — é tudo o que diz.

Se aproxima da recepção e fala com a mulher que está atrás da enorme mesa curvada por alguns momentos. Logo pega uma chave e lhe entrega. Vira-se e faz um gesto com a cabeça na direção da escada, mas como me leva pela nuca sinto como se fosse cair.

—Livy — resmunga, e sua impaciência me coloca em movimento.

Tampouco me pega enquanto subimos a escada, mas há tanta tensão entre nós que é quase insuportável, não sei se é tensão nervosa ou sexual.

Ou ambos.

Estou muito nervosa, mas Miller exala desejo sexual. Olha para a frente sem expressão, sem revelar qualquer emoção, o que não é nada fora do normal, mas agora só me faz sentir muito desconfortável. Se fechou em si mesmo e, embora eu queime de desejo, também estou um pouco apreensiva.

Agarra minha nuca quando chegamos ao quarto andar e me conduz pelo extravagante Hall até que paramos em uma porta. Ele insere o cartão na fechadura e me empurra para dentro da sala. Eu deveria me sentir impressionada pela cama de dossel gigante e o luxo em abundância, mas estou muito ocupada tentando não perder a cabeça. Estou no centro da sala, me sinto exposta e vulnerável, enquanto Miller parece satisfeito e poderoso.

Leva a mão à gravata e desata o nó lentamente.

—Vamos ver o que pode te dar o famoso Miller Hart por mil libras — diz. Seu tom é frio e distante. — Tire a roupa, minha menina — adiciona, usando o apelido com todo o sarcasmo do mundo.

Procuro por minha ousadia de antes em todos os lugares, mas não a encontro.

—Você hesita, Livy. As mulheres que eu fodo... não perdem tempo quando me têm por perto.

Suas palavras me quebram um pouco o coração, embora também me deem um pouco de força e me irritem. Não posso permitir que me veja vacilar. Eu comecei isso, mas já me esqueci o por que. Com movimentos determinados tiro meu vestido e o deixo cair no chão. O tecido vermelho circula meus pés.

—Não está usando sutiã — sussurra tirando o casaco e desabotoando o colete. Arrasta o olhar vagarosamente por meu corpo, como se para memorizá—lo.

—Tire sua calcinha — diz no tom imperativo que eu conhecia tão bem, mas sem um único rastro de doçura.

Não quero que me excite, não quero que se intensifiquem aquelas palpitações entre minhas pernas. Não quero que este bastardo arrogante se torne atraente para mim. No entanto, não posso evitar que meu corpo responda.

Abaixo a calcinha lentamente pela coxas e panturrilhas. Primeiro um pé, em seguida, o outro. Também removo os sapatos. Estou nua, e quando olho para Miller, vejo que ele também está nu da cintura para cima. Digo adeus a qualquer relutância, a beleza de seu torso me cega completamente. Não tenho palavras para descrevê-lo, mas quando remove lentamente a calça e as boxers encontro a palavra exata.

—Caralho… — suspiro entreabrindo a boca para tentar apanhar ar.

Coloca a roupa para o lado, sem o menor cuidado e me olha através de seus cílios negros enquanto coloca um preservativo.

—Impressionada?

Não sei por que ele pergunta. Não é nada que eu já não tenha visto antes, mas melhora sempre que o tenho em minha frente. O pau perfeito de Miller, seu corpo perfeito e seu rosto perfeito. É um perigo ambulante. Já era antes, e sabia disso. Agora tenho certeza.

—Vou ter que perguntar outra vez? — Olho em seu rosto e consigo falar.

—Não vale mil libras. — Minha petulância surpreende inclusive a mim.

Aperta a mandíbula e se aproxima muito lentamente. Continua andando, mesmo quando está colado ao meu peito. Joga sua respiração em meu rosto.

—Vamos ver o que podemos fazer para consertá-lo.

Não me dá tempo para responder. Me empurra até que minhas coxas colidem com a borda da cama e eu não posso ir mais longe. Estou desesperada para senti-lo. Levanto o braço e enrosco os dedos no cabelo dele, despenteando as ondas escuras com movimentos circulares.

— Tire suas mãos de mim,' ele rosna. Não posso esconder meu choque em sua ordem severa, minhas mãos instantaneamente, caindo da sua cabeça para os meus lados. —Não é permitido me tocar, Livy.

Esmaga um mamilo firmemente entre o dedo polegar e o indicador.

Grito de dor, mas sinto uma pontada de prazer na virilha. Dor e prazer. É um coquetel de sensações que sobe a cabeça e não tenho ideia de como reagir.

—Vou te fazer enlouquecer — proclama tirando um cinto de não sei onde.

Arregalo os olhos de susto e olho para seu rosto. Hesita um pouco. Não tem certeza, posso ver.

—Você vai me bater? — Os possíveis usos do cinto me fazem tremer de medo.

—Não bato em mulheres, Olivia. Levante as mãos para a barra.

Olho para cima e vejo uma barra de madeira vai de um poste a outro no dossel. É um alívio saber que ele não tem intenção de fazer-me o que eu tinha imaginado. As levanto, mas não alcanço.

—Não alcanço…

—Suba pela cama — diz abruptamente, impaciente.

O colchão é muito mole e não é fácil me mover nele, contudo consigo me estabilizar e vou até a barra sem oferecer resistência. Vai me amarrar, me imobilizar, e embora pareça melhor do que deixar que me açoite, a ideia não me emociona. Pensei que ia me foder. Não esperava que fosse me amarrar nem que me proibiria de tocá-lo.

Sua estatura lhe permite chegar a barra com facilidade. Entrelaça o couro entre meu pulsos e em torno do bastão sem esforço, sabe o que está fazendo. Já fez isso antes.

—Não tente se soltar — me avisa quando começo a me mexer. O couro corta a circulação em meus pulsos.

—Miller, é que...

—Vai desistir? — arqueia as sobrancelhas e a vitória brilha em seus olhos azuis. Acha que vou voltar atrás. Acha que vou pedir para ele parar.

Está enganado.

—Não — digo levantando meu queixo segura de mim mesma. Me fortaleço ainda mais, quando noto que seu olhar presunçoso se apaga.

—Como você preferir.

Puxa minhas pernas para tirá-las da cama e fico suspensa na barra de madeira. Instantaneamente, o couro crava em meus ossos e noto que vai cortar meus pulsos.

—Segure na barra para que te machuque menos.

Consigo obedecer e seguro a madeira com os dedos. Isso alivia a pressão sobre a correia na minha pele e estou um pouco mais confortável. No entanto, não me agrada nada o tom severo de Miller, nem olhar tão duro que me lança. Para mim, sempre me fez amor. Sempre me venerou. Agora vejo claramente que posso ir esquecendo essas coisas.

Passa seu olhar em meu corpo nu e suspenso pela barra, tentando decidir por onde começar. Fica olhando um instante minha virilha. Acaricia minhas coxas e sobe lentamente até roçar meu clitóris. Puxo o ar e prendo a respiração. É um gesto muito terno, mas não tenho ilusões: sei que não vai me adorar.

—Eu tenho minhas regras — diz lentamente, colocando os dedos em mim e me deixando sem fôlego. —Não pode me tocar.

Os retira e esfrega contra meu lábio inferior, espalhando meus próprios sucos pelo queixo antes de aproximar o rosto tanto quanto é humanamente possível.

— E tampouco beijo.

Assimilo seu olhar de aço e suas palavras duras. Tenho as mãos atadas e isso me impede de acariciá-lo, mas sua boca está tão perto que eu tento capturá-la. Se afasta e nega com sua cabeça. Crava os dedos, nos quadris e os agarra com força para levantar meu corpo. Como um louco, entra em mim com um rosnado gutural. Me empala viva, sem me dar tempo para me acostumar, sem doces palavras que acompanham a sua entrada. Grito por como foi bruto. Minhas pernas estão inertes em torno de seus quadris. Não me dá tempo para assimilar.

Levanta meu corpo e volta a me deixar cair sobre ele novamente. Não tem nenhuma piedade. Entra em um transe brutal e impiedoso, me ataca de novo e de novo, sem parar, gritando e rosnando com cada ataque terrível.

Minha mente fica nublada, grito a plenos pulmões sem deixar meu espanto. Dói, mas depois

de algumas investidas o mal estar começa a dar lugar a um prazer que abre seu caminho e que lança minha mente delirante a um estado de desespero absoluto.

—Miller! —choro lutando com o cinto, quero me soltar. Preciso tocá-lo, mas ele me ignora. Me agarro com mais força e me agride implacavelmente com quadris. — Miller!

—Cale a boca, Livy! — grita e acompanha sua ordem com uma poderosa investida contra meu corpo.

Obrigo os músculos inúteis do meu pescoço a segurar a cabeça. A levanto e encontro olhos azuis determinados. Está enlouquecido, está longe de mim, como se nem seu corpo ou sua mente estivessem presentes. Como se agisse por instinto. Não há nada nesse olhar. Não gosto disso.

—Beije-me! — grito. Quero fazer com que saiam, para fora, os sentimentos que sei que estão lá. Isto é insuportável e não pela forma incansável na qual me penetra, mas porque a conexão que normalmente existe entre nós brilha por sua ausência. Desapareceu e preciso dela, especialmente quando me faz sua tão agressivamente. —Me beije! — Estou gritando em seu rosto, no entanto, ele se limita a cavar os dedos em meu quadris com mais força e a me empalar com tudo o que tem, o rosto pingando de suor.

Não sinto nenhum prazer. Então não vou conseguir nada. Só sinto a dor do princípio, só que agora é uma dor física e emocional. Me soltei da barra e o couro corta minha pele. Segura meus quadris com tal força que está me machucando, mas o que mais me dói é o coração. Não estou feliz, não me sinto confortável, não é o de sempre e não me deixar beijá-lo está me matando. Sabe exatamente o que eu fez e eu pedi que ele fizesse.

Fecho meus olhos e deixo cair a cabeça. Já não quero nem ver seu rosto. Não o reconheço. Esse não é o homem que eu caí no amor, mas não coloco fim a isto, porque, por mais retorcido que seja, vai me ajudar a esquecer Miller Hart. O fato de que não me censura por não olhar para ele faz com que me sinta ainda mais mal. De repente só consigo pensar sobre as razões que me fizeram decidir que queria fazer isso. Fico em branco e aceito sua brutalidade.

Me lembro de todas as palavras de amor que me disse, todas as ternas carícias que me deu.

"Nunca me conformaria com menos do que te adorar. Nunca serei uma noite de bebedeira, Livy. Você vai se lembrar de cada uma das vezes que você foi minha. Cada momento ficará gravado em sua mente para sempre. Cada beijo, cada toque, cada palavra."

O rugido ensurdecedor de Miller me trás de novo a realidade deste quarto frio e nada aconchegante, apesar do calor e o luxo que nos rodeia. Então algo estranho, algo que escapa do meu controle. Viro pedra ao ver que meu corpo tem vida própria e esta respondendo suas investidas violentas. Eu venho. Mas isso acontece, sem que sinta o menor prazer. Me ataca com uma última enxurrada de golpes, me levanta um pouco mais para me colocar onde quer e termina com um rugido que destrói meus tímpanos e que ressoa no quarto. Fica um momento dentro de mim e joga a cabeça para trás. Seu peito sobe e desce enlouquecido e gotas de suor caem por seu pescoço. Estou atordoada, sem resposta. Não me sinto o cinto em meus pulsos ou a angústia do meu coração.

"Teria que atirar em qualquer homem que tenha se conformado com menos que te adorar!"

Separa minhas pernas, de seus quadris e sai de mim a toda a velocidade, mas não me desamarra.

Amaldiçoa, me deixa onde estou e vai ao banheiro. Fecha a porta com uma batida.

Compenso toda emoção que faltou em nosso encontro, quando eu começo a soluçar. Eu não posso manter a cabeça erguida um segundo a mais, meu queixo toca meu peito. Nem sequer tenho

forças para subir na cama e tentar aliviar a dor que eu sinto nos pulsos. Eu sou um corpo sem vida que torce entre soluços.

Despedaçada.

Vazia.

Ouço como a porta se abre, mas mantenho a cabeça baixa. Não posso vê-lo e não posso deixar que veja que isso me abalou. Causei isso, empurrei-me para isso. Ele havia me escondido deste homem. Ele tem lutado este tempo todo para não tomar o controle.

—Merda! —ruge e levanto a cabeça, que me pesa horrores, para vê-lo.

Ele está olhando para o teto. Seu rosto está deformado em um gesto convulsivo. Ele deixa sair outro rugido ensurdecedor, se vira e afunda o punho contra a porta do banheiro. Lascas de madeira caem ao chão.

Um soluço me escapa e volto a deixar o queixo cair contra o peito.

—Livy? —Sua voz é mais doce agora, mas não me faz sentir melhor, mesmo quando noto que suas mãos massageiam meus pulsos.

Circula minha barriga com um braço enquanto desata o cinto e grito de dor quando meus braços caem sem vida aos meus lados.

—Soltou a maldita barra, Livy!

Me senta na borda da cama, se ajoelha no chão na minha frente e afasta meu cabelo do rosto para me ver. Levanto os olhos e encontro os seus. Tenho as bochechas encharcadas de lágrimas e Miller não é mais do que um borrão.

—Meu Deus...

Pega meus pulso e leva minhas mãos aos lábios. Beija meus dedos sem parar, mas dou um salto de dor, a carne viva me queima apesar de suas carícias. Seu olhar torna-se mais triste. Solta minhas mãos e me pega nos antebraços. Estudando os vergões em silêncio, até que me afasto me coloco de pé sobre minhas pernas trêmulas.

—Livy?

Ignoro a preocupação em seu tom, pego minha calcinha e as coloco tão rápido quanto permitem minhas pernas dormentes.

—Livy, o que você está fazendo? — pergunta se colocando diante de mim. É a única coisa que vejo. Só vejo pânico e incerteza.

—Vou embora.

—Não. — nega a cabeça e me pega pela cintura.

—Não me toque! — grito, dando um salto para trás para escapar dele. Não posso suportar.

—Não, meu Deus, não!

Pega meu vestido do chão e esconde atrás das costas.

—Você não pode ir.

Ele está enganado. Pela primeira vez, será muito fácil me afastar dele.

—Dê o meu vestido?

—Não!

Ele joga-o no extremo oposto da sala e volta a me pegar pela cintura.

—Livy, aquele homem não sou eu!

—Me solte! — Afasto suas mãos com um golpe e me dirijo para o canto onde caiu meu vestido, mas ele chega antes de mim. — Por favor, me dê o meu vestido.

—Não, Livy. Não vou deixar você ir.

—Não quero voltar a te ver nunca mais! — grito em seu rosto. Faz um gesto de dor.

—Não diga isso, por favor — me suplica, e tento pegar meu vestido. — Livy, eu não vou deixar que essa seja a última coisa que você se lembre de mim.

Arrebato o vestido de suas mãos, pego minha bolsa e saltos e saio correndo seminua do quarto enquanto ele tenta colocar a boxer. Minha cabeça dá voltas e tremo como uma folha. Vou para o elevador e acerto um soco para o primeiro botão que encontro. Não tenho tempo para olhar em que andar vou.

—Livy! —Seus passos ressoam no corredor quando ele vem correndo me encontrar.

Eu estou pressionando botões como uma louca.

—Venha! —grito para o elevador. — Feche as portas já!

—Livy, por favor!

Me deixo cair contra a parede de trás, enquanto as portas começam a fechar, mas não fecha tudo. O braço de Miller aparece através das portas e as abre à força.

—Não! —grito em seguida buscando refúgio no canto do elevador.

Ele está ofegante, suado. Em seu rosto perfeito, normalmente impassível, só há pânico.

—Olivia, por favor, saia do elevador.

Espero que entre e me pegue, mas não faz. Fica me esperando lá fora, xingando e abrindo as portas cada vez que elas tentam fechar.

—Saia Livy.

—Não — respondo balançando a cabeça enquanto aperto meus pertences contra meu peito. Tenta me pegar, mas há pelo menos meio metro entre mim e o seu braço estendido.

—Me dê a sua mão.

Por que não entra para me pegar? É como se ele estivesse com medo, e começo a entender que não é só porque estou fugindo dele. Há outra coisa que lhe dá medo. E, de repente, minha mente frenética e horrorizada junta todas as peças ao lembrar as inúmeras vezes que me carregou nos braços pela escada. O elevador lhe dá medo.

Estuda cuidadosamente as paredes da cabine e então olha pra mim.

—Livy, eu te imploro, me dê sua mão, por favor.

Estende o braço novamente, mas neste momento que estou muito chocada para aceitá-lo. Fiquei petrificada de verdade.

—Livy!

—Não — digo calmamente e volto a pressionar os botões. — Não penso em sair.

Meus olhos começam a liberar a torrente de lágrimas que se acumularam e rolam por minhas bochechas.

—Merda! —Libera as portas e leva as mãos a selva de cachos pretos. Em seguida, as portas começam a fechar.

E ele não faz nada para detê-las.

Nos olhamos fixamente os segundos que demoram para se reunirem no centro e a última imagem que vejo de Miller Hart é uma a qual estou acostumada. Uma cara séria. Não me dá uma única pista do que passa por sua cabeça.

No entanto, agora não preciso que suas expressões faciais me digam o que sente.

Fico observando a porta silenciosamente, com um turbilhão de coisas, girando em minha cabeça. Soa a campainha do elevador e dou um salto ao ver que as portas estão começando a abrir. Naquele momento me dou conta de que só tenho minha calcinha e siga apertando meu vestido, carteira e sapatos contra o peito.

Apresso-me a me vestir, e quando vejo o Hall, sinto um grande alívio ao confirmar que não há ninguém esperando lá fora. Paro em todo os andares até as portas abertas e estou no átrio.

Meu coração bate a toda a velocidade e retumba contra meu esterno quando saio a toda pressa do elevador, desesperada para sair do hotel. A única coisa que me passa pela cabeça é a ideia de Miller acompanhado de centenas de mulheres neste mesmo lugar. A mulher da recepção me vê sair do lobby, onde tudo é esplendoroso. Conhece Miller, e sabe o que faz, deu-lhe as chaves sem uma única pergunta, sem que tivesse que pagar nada, e agora, está me olhando e imaginando o que aconteceu. Não posso suportar.

Tropeço, deixo cair a bolsa, aterrisso de joelhos e eu dou de cara contra uma carteira de couro que voa pelo chão de mármore. A dor ascende no braço quando a palma da minha mão bate no mármore, para tentar me impedir de bater a cabeça contra a superfície dura. Não consigo controlar as lágrimas. Soluço sem parar com a vista fixa no chão de mármore e cabeça baixa. Silêncio absoluto. Todo mundo está me olhando.

—Está bem, senhorita?

Uma mão grande e forte aparece de repente diante dos meus olhos. A profunda e áspera voz me faz levantar os olhos para ver o homem que está agachado diante de mim. Ele é um homem de meia-idade, vestido em um terno muito caro.

Engulo saliva.

Ele se inclina para trás.

Tento me levantar e caio novamente. Desta vez, de bunda. Meu coração perdeu o controle. Ambos nos olhamos fixamente.

—Olivia?

Pego minha bolsa e estou com dificuldade. Não sei se vou sobreviver a tantas emoções. Se passaram sete anos, mas suas costeletas pontilhadas de cinza agora estão completamente branca, como o resto do seu cabelo. Ele também se surpreende a voltar a me ver, mas seu rosto ainda é doce e seu olhos cinza estão cheios de vida.

—William. — pronuncio seu nome como uma exalação.

Se coloca de pé e estuda meu rosto.

—O que você está fazendo aqui?

—Estou...

—Olivia!

Me viro e vejo Miller, que voa pelas escadas enquanto termina de colocar a jaqueta. Está

despenteado e fez uma bagunça, nada a ver com o elegante e impecável Miller, que eu conheço. No átrio, não se ouve uma mosca, todo mundo está olhando para a menina que acaba de cair de bruços e agora o homem descendo a escada meio vestido. Desce o último degrau e bate nos freios. Olha para além de meus ombros, e seus olhos se arregalam. Me viro muito devagar e encontro William olhando fixamente Miller. Eles têm olhos cravados sobre o outro, e eu estou no meio.

Eles se conhecem.

Meu pequeno mundo não só está de cabeça para baixo, sinto que acaba de explodir sobre a cabeça. Tenho que sair daqui. Minhas pernas entram em ação e deixo para trás os únicos homens que eu amei.

William é um fantasma do passado, e é lá onde deveria ficar. Mas Miller é o coração que bate em meu peito.

A cada passo que dou uma memória dele me invade. Cada vez que pego ar para respirar, ouço a voz dele. Cada batida do meu coração sente falta de suas carícias. Mas o pior é que seu lindo rosto permaneceu gravado em minha retina.

Eu fujo.

Eu fujo dele.

Tenho que me esconder dele.

Tenho que me proteger dele.

Não há dúvida que é o que eu tenho que fazer. Tudo, a minha cabeça, meu corpo me diz que é o correto, isso é o que uma pessoa inteligente faria.

Tudo.

Tudo exceto o meu coração.